



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

HERBENIO DE SOUZA BEZERRA

**CULTURA E MEMÓRIA DO POVO DE ARROJADO -
LAVRAS DA MANGABEIRA, CEARÁ**

FORTALEZA

2024

HERBENIO DE SOUZA BEZERRA

CULTURA E MEMÓRIA DO POVO DE ARROJADO -
LAVRAS DA MANGABEIRA, CEARÁ

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação. Área de concentração: Representação e Mediação da Informação e do Conhecimento.

Orientador: Prof. Dr. Jefferson Veras Nunes.
Coorientador: Prof. Dr. Antônio Wagner Chacon Silva.

FORTALEZA

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- B469c Bezerra, Herbenio de Souza.
Cultura e memória do povo de Arrojado - Lavras da Mangabeira, Ceará / Herbenio de Souza Bezerra. –
2024.
194 f. : il. color.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-
Graduação em Ciência da Informação, Fortaleza, 2024.
Orientação: Prof. Dr. Jefferson Veras Nunes.
Coorientação: Prof. Dr. Antônio Wagner Chacon Silva.
1. Arrojado - Lavras da Mangabeira (CE). 2. Cultura. 3. Memória. 4. Cotidiano. I. Título.
CDD 020
-

HERBENIO DE SOUZA BEZERRA

CULTURA E MEMÓRIA DO POVO DE ARROJADO -
LAVRAS DA MANGABEIRA, CEARÁ

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação. Área de concentração: Representação e Mediação da Informação e do Conhecimento.

Aprovada em: 19/08/2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Jefferson Veras Nunes (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Antônio Wagner Chacon Silva (Coorientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Luiz Tadeu Feitosa
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Oswaldo Francisco de Almeida Júnior
Universidade Estadual de Londrina (UEL)

À memória de vovó Jacira.

Ao povo do Arrojado: início, meio e fim desta
pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Nesta seção, eu quero que cada pessoa se sinta abraçada ao ler seu nome escrito. Para isso, tentarei ser o menos formal possível, como se estivesse de frente para cada uma.

Não tem como direcionar meus primeiros agradecimentos a outra pessoa que não meu orientador, Professor Dr. Jefferson Veras Nunes. Jefferson, nenhum gesto de gratidão será proporcional a toda a paciência, sabedoria, flexibilidade e leveza com que você me conduziu neste desafio. Obrigado por tentar me motivar nos meus dias de desânimo (e foram muitos). Obrigado por tirar o projeto desta pesquisa de um lugar que já era muito bonito e conduzi-lo para outro lugar ainda mais especial, o que me deixou bastante orgulhoso!

Professor Dr. Antônio Wagner Chacon Silva, muito obrigado por sua coorientação e pelas contribuições no processo de amadurecimento do projeto. Já faz quase uma década desde que fui apresentado a você e a seus modos de perturbar (positivamente) as mentes de seus alunos. Michel de Certeau é uma das testemunhas desse processo.

Professor Dr. Luiz Tadeu Feitosa, também é de longa data o nosso contato. Lá da disciplina de Cultura e Mídia, na graduação, passando pela disciplina de Metodologia Científica do mestrado, na qual uma das atividades realizadas em sala me deu, finalmente, segurança para compreender o passo a passo de uma pesquisa. Muito obrigado pelos ensinamentos em todos os momentos e por ter aceitado embarcar nesta pesquisa.

Professor Dr. Oswaldo Francisco de Almeida Júnior, seus ensinamentos e reflexões me acompanham desde o primeiro semestre do curso de Biblioteconomia. Obrigado por inspirar pessoas a dar mais leveza ao fazer científico, sem perder de vista sua seriedade. Foi uma honra contar com sua presença na banca examinadora desta pesquisa.

Professor Dr. Jonathas Luiz Carvalho Silva, minha admiração por você vem desde que eu era graduando em Biblioteconomia. Apesar de nunca ter sido seu aluno, seus livros e palestras sempre foram momentos de luz para minha vida acadêmica. Inclusive, foi uma de suas falas que me conduziu na escrita da metodologia do projeto desta pesquisa. Obrigado por tudo isso e por engrandecer a banca examinadora durante a qualificação.

Professores Dra. Gabriela Belmont e Dr. Mário Martins Viana Júnior, obrigado pelo tempo e interesse investidos em participar da banca examinadora desta pesquisa.

Professora Dra. Giovanna Guedes Farias, suas disciplinas durante o mestrado foram magníficas! Não poderia ser diferente, pois mesmo as da graduação já se mostravam enriquecedoras. Depois de um semestre aprendendo sobre redação científica, meus parágrafos nunca mais foram os mesmos. Muito obrigado por iluminar a docência!

Veruska, muito obrigado por toda presteza e paciência destinadas a nós, discentes, desde os primeiros dias de nossa entrada no PPGCI até o momento final.

Muito obrigado aos meus colegas de curso por todas as trocas, risadas, dores e aprendizados compartilhados. Em ordem alfabética: Allison, Aryadna, Beatriz, Brena, Katiuscia, Lidya, Luciano, Mariana, Necilma, Nicolle (honorária) e Wanessa.

Aryadna, Beatriz, Brena e Nicolle, obrigado por terem me adotado em seu grupo, por nossos passeios semestrais pela cidade (intervalo de tempo muito grande), pelo grupo de *Whatsapp* e pelos momentos que ainda virão!

Allison, obrigado por sua amizade e pelas caronas na minha época de deslocamento entre o Pici e o Benfica. Você me ajudou a economizar no Uber e, não bastasse isso, me presenteou com sua companhia inspiradora.

Katiuscia, você é uma inspiração! Obrigado pelas trocas!

Luciano, obrigado pelas caipirinhas e pelas conversas sobre a vida!

Obrigado, Ítalo Teixeira Chaves, meu quase colega de mestrado, por toda a força que você me deu desde a elaboração do projeto de pesquisa (quando éramos concorrentes), dando preciosas sugestões e motivando meu ingresso e permanência na pós-graduação. Acompanho sempre com sorrisos a construção de sua trajetória vitoriosa.

Nos agradecimentos da minha monografia de graduação, eu quis ser aquele que segue a ABNT à risca quando ela diz que nesta seção devem figurar apenas aqueles que prestaram contribuições relevantes para o desenvolvimento da pesquisa. Eu olhava para os agradecimentos dos trabalhos de outras pessoas e achava que elas estavam desobedecendo à norma ao colocarem agradecimentos pessoais que, para mim, caberiam apenas na dedicatória. Ou seja: um verdadeiro chato.

Hoje, após conhecer, durante o percurso da pós-graduação, as crises de ansiedade e o que elas causam à mente e ao corpo, eu devo dizer que todas as pessoas que estão em nossas vidas pessoais prestam, sim, contribuições para a pesquisa, ao nos ajudarem com sua amizade, afeto e parceria para que nos mantenhamos de pé e sigamos em frente. Para além dos colegas de curso que seguirão em minha vida pessoal, outros amigos precisam ser citados.

Jesse, obrigado por sua amizade, que segue presente diariamente, mesmo à (curta) distância. Obrigado por todos os “Vai escrever teu artigo!” e “Vai escrever tua pesquisa!”, ouvidos nas horas em que eu estava distraído, estressado ou iludido.

Érika, minha amiga de graduação, muito obrigado por tudo nesses quase dez anos de amizade! Você foi um dos maiores presentes que eu recebi quando vim morar em Fortaleza!

Felipe Andrade, obrigado pela proximidade que cultivamos neste ano e que tem

feito diferença no meu dia a dia. Espero não enjoarmos um do outro!

Wellison, meu amigo, conhecido há pouco tempo, mas por quem tenho um carinho imenso, você é incrível e inspirador! Que venham muitos Fortais, Carnatais e outros *tais*!

Gabriel, meu amigo e quase vizinho, obrigado por sua amizade e por ter sido a pessoa a quem eu mais disse “nãos” durante esse percurso.

Ris (Rislaine) e Luan Kaio, obrigado por lembrarem de mim quase que diariamente e por manterem nosso contato vivo, mesmo que nos vejamos raramente.

Eu sou uma pessoa privilegiada em muitos aspectos e um deles é o meu local de trabalho, que permite a conciliação com meus estudos como nenhum outro lugar jamais permitiria. Por isso, agradeço a Daniele Nascimento, coordenadora da Biblioteca César Cals de Oliveira, aos meus colegas de biblioteca, da Escola Superior do Parlamento Cearense (Unipace) e da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará (Alece). Obrigado, mesmo!

Obrigado à minha psicóloga, Erica, também da Alece, por todo o apoio prestado nesse período de acompanhamento. Agradeço pela paciência nas incontáveis seções em que esta pesquisa e este mestrado foram o tema principal. Agora poderemos focar em outras áreas.

Obrigado à Biblioteconomia, que entrou em minha vida desde que eu era adolescente, ficou me paquerando por muitos anos e, depois, tornou-se meu propósito, meu meio de vida e a responsável por pagar minhas contas e viagens para ver a Beyoncé, a Joelma e tantas outras figuras com quem eu sonhava em meus dias no Arrojado.

Também sou privilegiado por minha família.

Obrigado aos tios e tias, especialmente Madrinha Hilma e tia De Lourdes.

Obrigado aos primos do grupo de *Whatsapp*, especialmente Carla, Camila e Carolaine.

Obrigado aos meus irmãos: Emídio, Hermano, Edilberto, Fatinha e Flávia.

Obrigado ao meu pai, Vicente Bezerra, por ter me dado o privilégio (e só há pouco tempo percebi a grandeza do gesto) de ter sido estudante profissional durante minha infância e adolescência. Uma das lembranças mais distantes que eu tenho é de falar para o senhor e para mãe: “Eu nunca vou pra roça!”. E, não sendo obrigado a cumprir meu desejo, o senhor acatou, talvez por perceber que eu não teria o menor talento para essa atividade de onde o senhor sempre tirou o sustento da família (inabilidade que se confirmou em uma tentativa fracassada, muitos anos depois). O que quero dizer é que tive um privilégio que não é dado aos filhos da classe trabalhadora (meus irmãos mais velhos que o digam) e que o senhor contribuiu muito para que eu passasse meus dias em meio aos livros e amasse fazer isso. Obrigado, pai!

Obrigado, Maria Lúcia, minha mãe, por não ter desistido nunca e por me mostrar o

caminho para conquistar todas as coisas por meio dos estudos. Obrigado por ter lutado para que seus seis filhos melhorassem de vida a partir daquilo que ninguém pode tirar de nós. O parágrafo da senhora é menor, mas meu amor não. Te amo!

Obrigado a Deus, força que rege o universo, por me dar muito mais do que eu mereço!

Obrigado, Maria Lima e Ana Rafaela, por todo apoio e motivação para coletar os dados desta pesquisa durante os dias em que estive no Arrojado.

Obrigado as oito mulheres que me receberam tão afetosamente em suas casas para que construíssemos, juntos, esse registro sobre a cultura e a memória do Arrojado.

Obrigado ao povo do Arrojado, distrito de Lavras da Mangabeira, Ceará.

Sou filho de Arrojado
de Lavras da Mangabeira
Terra de Chico Salina
Pinheiro e Quinco Limeira
que foram grandes poetas
e eu da mesma maneira.

Gonçalves Primo (Joca do Arrojado) (2015).

RESUMO

Este estudo partiu da seguinte questão de pesquisa: quais são os elementos que fazem parte da cultura e da memória coletiva do povo de Arrojado - Lavras da Mangabeira, Ceará? Para respondê-la, foi estabelecido como objetivo principal revelar os elementos que fazem parte da cultura e da memória das pessoas do Arrojado, que ajudam a conhecer sua identidade. Para atingir essa finalidade, a pesquisa desmembrou-se nos seguintes objetivos específicos: a) conhecer o cotidiano atual dos moradores do Arrojado; b) investigar os aspectos identitários comuns aos habitantes do Distrito; c) registrar parte da memória coletiva das pessoas da localidade, a partir da identificação de suas memórias individuais. O referencial teórico apoia-se nas ideias que formam os conceitos de cultura e memória. Na primeira, tracei um breve percurso da evolução do conceito de cultura nas Ciências Sociais, mostrando sua relação com as formas simbólicas e com a construção da identidade. Em relação à segunda ideia, recorri a três diferentes concepções de memória: a capacidade de lembrar, o conhecimento materializado, e a sua operação a partir de uma óptica social. O percurso metodológico foi fundamentado na etnografia, caminho utilizado para conduzir a pesquisa, que se caracteriza como exploratória, qualitativa e descritiva. Os dados foram coletados por meio da aplicação de entrevistas semiestruturadas com mulheres acima de 60 anos que residem no Arrojado. Aos seus relatos, somaram-se observações simples e participantes realizadas em campo. Para a análise dos dados, foi utilizada a técnica de análise de conteúdo, a partir de Bardin, processo que resultou no estabelecimento de três categorias conceituais: Espaços, Pessoas e Objetos. Além de descreverem o cotidiano dos habitantes do Arrojado em meio aos espaços dos quais se apropriam, os resultados também apontaram as relações construídas entre os moradores em meio a seus hábitos, costumes e crenças, e revelaram a presença de artefatos que remetem ao passado e de outros que modificam o presente ao mesmo tempo em que despertam inquietações sobre o futuro. A pesquisa concluiu que, em meio ao cotidiano tranquilo do Arrojado, seus moradores fazem uso de diversas táticas de resistência frente às imposições sociais e culturais; ademais, também foi possível constatar que os habitantes do Distrito atualizam suas tradições em meio à realidade do mundo contemporâneo. Como reflexão final, o estudo apontou para a necessidade de desenvolver iniciativas que preservem a cultura e a memória do povo de Arrojado, evitando que seus elementos se percam com o passar do tempo.

Palavras-chave: Arrojado - Lavras da Mangabeira (CE); cultura; memória; cotidiano.

ABSTRACT

This work was based on the following research question: What are the elements that are part of the culture and collective memory of the people of Arrojado - Lavras da Mangabeira, Ceará? To answer this, the main objective was to reveal the elements that are part of the culture and memory of the people of Arrojado and that contribute to understanding their identity. To achieve this aim, the research was broken down into the following specific objectives: a) to get to know the current daily life of the residents of Arrojado; b) to investigate the identity aspects common to the inhabitants of the district; c) to record part of the collective memory of the local people by identifying their individual memories. The theoretical framework is based on two ideas that form the concepts of culture and memory. In the first one, I traced a brief history of the evolution of the concept of culture in the social sciences, showing its symbolic forms and the construction of identity. With regard to the second idea, I used three different conceptions of memory: as the capacity to remember, as materialized knowledge, and from a social perspective. The methodological approach was based on ethnography, a path used to conduct the research, which is characterized as exploratory, qualitative, and descriptive. The data were collected through semi-structured interviews with women over 60 who live in Arrojado. In addition to their accounts, observations were made in the field. Bardin's content analysis technique was used to analyze the data, which resulted in the establishment of three conceptual categories: Spaces, People, and Objects. In addition to describing the daily life of the inhabitants of Arrojado amidst the spaces they appropriate, the results also pointed to the relationships built between residents amid their habits, customs and beliefs, and revealed the presence of artifacts that refer to the past and others that change the present while arousing concerns about the future. The research concluded that, in the midst of Arrojado's peaceful daily life, its residents make use of various tactics of resistance in the face of social and cultural impositions; moreover, it was also possible to observe that the district's inhabitants update their traditions in the context of the contemporary world. As a final reflection, it pointed to the need to develop initiatives that preserve the culture and memory of the people of Arrojado, preventing its elements from being lost over time.

Keywords: Arrojado - Lavras da Mangabeira (CE); culture; memory; everyday life.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Obras em que o Arrojado é mencionado	18
Figura 2 – <i>Posts</i> da página @umlugararrojado	19
Figura 3 – Relações conceituais entre informação e memória	52
Figura 4 – Vista de satélite do Arrojado	59
Quadro 1 – Movimento de categorização dos dados	63
Figura 5 – Igreja do Sagrado Coração de Jesus	67
Figura 6 – Área externa da igreja e sua praça construída	69
Figura 7 – Ladeira percorrida para chegar à igreja	70
Figura 8 – Participantes do Apostolado da Oração	73
Figura 9 – Vista lateral da Escola Manoel Gonçalves da Silva	76
Figura 10 – Interior da Escola Manoel Gonçalves da Silva	77
Figura 11 – Frente da Escola com o nome de seu homenageado	78
Figura 12 – Jacira Ventura de Souza	82
Figura 13 – Fachada do Ceará Parayba Hotel	85
Figura 14 – Salão de eventos da igreja	87
Figura 15 – Estação do Arrojado nos dias atuais	89
Figura 16 – Estação do Arrojado no passado	90
Figura 17 – Quadro com fachada da fábrica de algodão	98
Figura 18 – Casas da Rua Nelson Lemos	101
Figura 19 – A plaquinha	106
Figura 20 – Moradores ao redor do pé de algaroba.....	107
Figura 21 – Pé de algaroba: lugar de encontros	108
Figura 22 – Vicente Roberto de Souza	111
Figura 23 – Folheto contendo história da igreja	114
Figura 24 – Fachada da Igreja da Paz	121
Figura 25 – Igreja Assembleia de Deus	124
Figura 26 – Nova Assembleia de Deus, Ministério Madureira	125
Figura 27 – A Quadra do Arrojado	133
Figura 28 – Os Três do Sertão	135
Figura 29 – O baú que previa o tempo	138
Figura 30 – O boneco Fofão	141

Figura 31 – As crianças da Escolinha de Mariinha	143
Figura 32 – Sindicato, um dos prédios da Escolinha de Mariinha.....	144
Figura 33 – Leonir Souza	146
Figura 34 – A coluna da TV e seu entorno	151
Figura 35 – Retirada da coluna da TV	152
Figura 36 – Telefone fixo	159
Figura 37 – Orelhão do Posto de Saúde	161
Figura 38 – Objetos da casa de Rute	171

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	CULTURA: UM COMPLEXO PROCESSO	22
2.1	O conceito de cultura nas Ciências Sociais	23
2.2	As formas simbólicas	32
2.3	A questão da identidade	34
3	MEMÓRIA: UM CONCEITO EM TRÊS CONCEPÇÕES	39
3.1	A memória como capacidade de lembrar	40
3.2	A memória como conhecimento materializado e armazenado	45
3.3	A memória sob a óptica social	49
4	CHEGANDO AO ARROJADO: TRILHAS DE UM PERCURSO METODOLÓGICO	54
4.1	A pesquisa e seus fins	54
4.2	A pesquisa e seus meios	55
4.2.1	<i>Um lugar Arrojado: apresentando o campo de pesquisa</i>	55
4.3	Um olhar sobre o Arrojado: a abordagem de pesquisa aplicada	56
4.4	Uma caminhada etnográfica	57
4.5	Os protagonistas da pesquisa e a coleta de dados	58
4.6	Técnica de análise dos dados	61
4.6.1	<i>Pré-análise</i>	62
4.6.2	<i>Exploração do material</i>	62
4.6.3	<i>Tratamento dos resultados</i>	64
5	PELAS RUAS DO ARROJADO: ENTRE ESPAÇOS, PESSOAS E OBJETOS	65
5.1	Espaços do Arrojado: ambientes de trocas	66
5.1.1	<i>A Igreja do Sagrado Coração de Jesus</i>	67
5.1.2	<i>Entre espaços</i>	75
5.1.3	<i>A Escola de Ensino Infantil e Fundamental Manoel Gonçalves da Silva</i>	76
5.1.4	<i>Entre espaços</i>	84
5.1.5	<i>Ceará Parahyba Hotel</i>	85
5.1.6	<i>Estação ferroviária do Arrojado</i>	89
5.1.7	<i>A fábrica de algodão</i>	95

5.2	As pessoas do Arrojado: hábitos, costumes e crenças	100
5.2.1	<i>A proximidade entre as pessoas: de suas casas a outros espaços</i>	100
5.2.2	<i>Os idosos e sua memória</i>	109
5.2.3	<i>Do Arrojado para o mundo: dos filhos que ficam aos que se vão</i>	115
5.2.4	<i>Católicos e evangélicos: a importância da religião para os arrojadenses</i>	120
5.2.5	<i>Pessoas que fazem festas e bingos e dramas...</i>	127
5.3	Objetos que contam histórias	137
5.3.1	<i>O baú que previa o tempo</i>	138
5.3.2	<i>Fofão: o boneco da escolinha de Mariinha</i>	140
5.3.3	<i>As cartas que nós escrevíamos</i>	144
5.3.4	<i>Televisão: do passado ao presente</i>	147
5.3.5	<i>Do telégrafo ao telefone celular</i>	155
5.3.5.1	<i>O telégrafo da estação</i>	155
5.3.5.2	<i>O telefone e seu lugar fixo: do posto telefônico às casas</i>	158
5.3.5.3	<i>O mundo na palma da mão: os telefones celulares no Arrojado</i>	163
5.3.6	<i>Herança de outros tempos e de outras pessoas</i>	169
6	CONCLUSÃO	173
	REFERÊNCIAS	176
	APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA	183
	APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO	185
	APÊNDICE C – ARROJADO EM IMAGENS	187

1 INTRODUÇÃO

Existe em muita gente, penso eu, um desejo semelhante de não ter de começar, um desejo de se encontrar, logo de entrada, do outro lado do discurso, sem ter de considerar do exterior o que ele poderia ter de singular, de terrível, de maléfico. A essa aspiração tão comum, a instituição responde de modo irônico; pois que torna os começos solenes, cerca-os de um círculo de atenção e de silêncio, e lhes impõe formas ritualizadas, como para sinalizá-los à distância (Foucault, 1996, p. 7).

A trajetória do homem sobre a Terra é marcada, desde o início, por tentativas de apreensão do mundo ao seu redor, resultando na produção de significados que tentam dar conta de suas impressões sobre os diferentes contextos nos quais ele está inserido. Sobre a realidade que o cerca, o homem atua não só como receptor, mas como ser ativo, fazendo uso de suas habilidades para interferir nos espaços que ocupa. Esse processo de criação e transformação é realizado em contato direto com seus semelhantes e constitui o fenômeno da cultura.

A cultura atua como entidade de mediação entre o ser humano e os cenários em que ele é autor e ator, revelando, em qualquer época e lugar, como as pessoas agem, pensam e vivem em comunidades, independentemente de seu tamanho, posição geográfica ou poderio socioeconômico. Cada um desses agrupamentos está assentado em formas de vida consideradas ideais e adequadas, nas quais os indivíduos adentram no momento de sua chegada ao mundo, conduzidos pelos membros já estabelecidos. Ao longo da vida, o aprendiz torna-se mestre e repassa, natural ou intencionalmente, os elementos da consciência comunitária para aqueles que o sucedem, em um movimento contínuo que busca perpetuar a identidade coletiva.

Conhecer a cultura de um povo é conhecer sua história, seus hábitos, crenças e valores. Investigá-la permite compreender como espaços vazios foram dotados de significado; como o “nada” foi substituído pelo “algo” (Feitosa, 2011). Esse “algo” se manifesta nas palavras utilizadas no dia a dia, nas procissões que conduzem imagens sacras e nos eventos que acompanham o calendário anual. Assim, onde há incompletude, onde se manifesta o inacabamento inerente ao animal homem, a cultura surge completando e acabando, de modo que se torna pouco provável imaginar a existência de um sem o outro (Geertz, 1989).

Intrínseca à noção de cultura está a ideia de diversidade, presente nas relações entre diferentes grupos, e também no interior de um mesmo grupo cuja unidade é, na verdade, alicerçada em múltiplos aspectos. As noções de unidade e diversidade foram fundamentais para a construção do conceito de cultura. Ao longo da história, diferentes estudiosos e suas teorias tentaram dar conta do fenômeno cultural, de acordo com o pensamento vigente de cada época, com o intuito de estabelecer as bases para explicar os símbolos eleitos pelo homem.

Os símbolos representam a corporificação dos significados atribuídos à realidade, estando presentes em todas as comunidades humanas. Como componentes da cultura, carregam sua marca de pluralidade e dependem, diretamente, do contexto em que estão inseridos. É assim que um símbolo que não representa nada para um povo pode ser cultuado por outro. As formas que os símbolos assumem tornam-se meios aos quais o homem recorre para tentar controlar a natureza, para dar respostas concretas às suas inquietações, sobretudo no que diz respeito ao que é incerto e desconhecido em seu cotidiano.

Os objetos que abrigam os símbolos não são dados por acaso, mas resultado direto das representações feitas pelos grupos, constituindo-se, desse modo, elementos reveladores de sua essência e identidade. Reflexo das diferentes formas de organização humana, eles estão imbricados nas relações de poder e desigualdade presentes na estrutura social e, muitas vezes, são utilizados como linha divisória entre o “nós” e o “eles”. Assim, os símbolos possuem caráter gregário, mas também carregam o potencial de dividir as pessoas.

A identidade, ao mesmo tempo em que revela a essência de cada um, pois traz à luz aquilo que torna o ser humano único, também aponta para traços compartilhados com os semelhantes. Isso porque ela é o produto das interações realizadas em cada um dos grupos nos quais o indivíduo se engaja e onde ele tem contato com maneiras de ser diversas e que concorrem para moldar a sua própria existência. Esse processo de construção coletiva é inacabado, renova-se cotidianamente em cada um dos contatos estabelecidos entre as pessoas e está sujeito às movimentações sociais de cada época e lugar.

Se, durante muito tempo da história, a identidade foi percebida como sólida e centralizada, desde o período da Modernidade os estudiosos têm percebido um movimento de deslocamento (Hall, 2006). Na atualidade, os efeitos dessa movimentação se fazem sentir como nunca, em virtude da globalização e da disseminação das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC). Ambas têm ressignificado o conceito de identidade, na medida em que: colocam as pessoas em contato com uma miríade de identidades disponíveis para *performance*; ampliam exponencialmente os lugares de realização dessas apresentações e criam um repositório infinito para guardar os registros e memórias que as expressam.

Sobre a memória, diferentes concepções norteiam o conceito. Ela pode ser interpretada como consequência da atividade cerebral humana e sua capacidade de lembrar ideias, fatos e pessoas; como possibilidade concreta de armazenamento, com a emulação da capacidade cerebral humana por dispositivos físicos; como rede de significados compartilhados coletivamente, constituindo a identidade de grupos inteiros a partir de suas memórias ditas individuais (Silva; Cavalcante; Nunes, 2018).

Estudar a cultura e a memória é ter à disposição um canal facilitador do entendimento da trajetória das pessoas e de seus grupos. As frestas que esses estudos abrem possibilitam a conexão entre pessoas diferentes; entre as pessoas e suas lembranças; entre estas e os lugares em que estão registradas, os quais, muitas vezes, encontram-se dispersos. Mais do que conexão entre pontos, a cultura e a memória proporcionam criação: interferem na realidade, lidam com uma diversidade de conhecimentos existentes e podem dar protagonismo a sujeitos a quem foram negados a tinta e o papel que contam a história oficial dos povos.

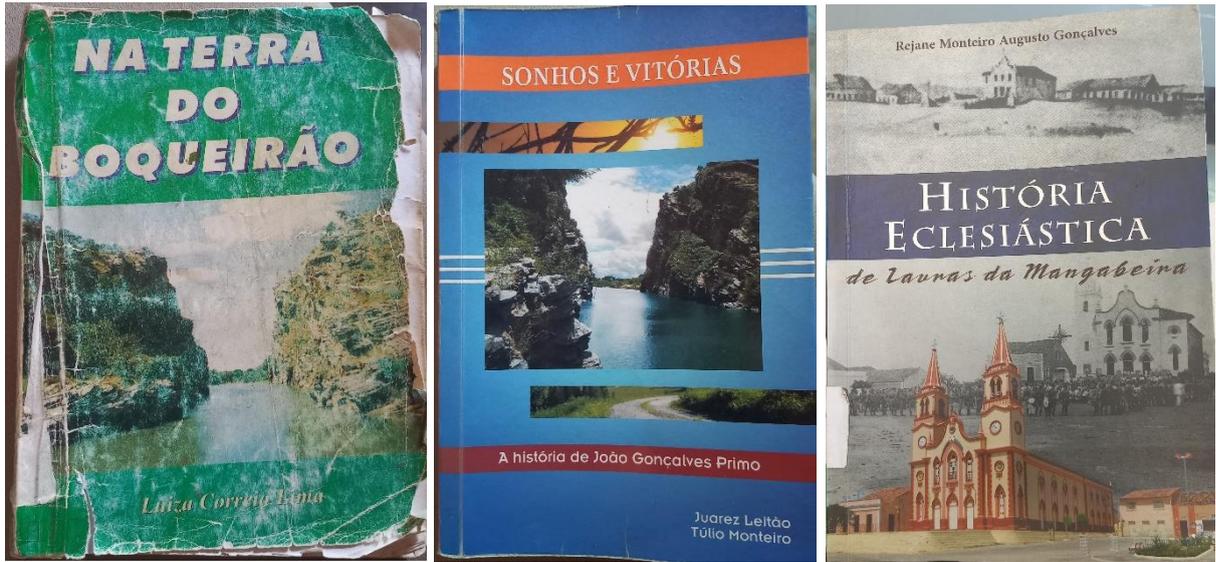
Investigações acerca do conhecimento humano mostram que as ações para escolher quais culturas e memórias são dignas de registro, preservação e compartilhamento não se faz de forma neutra, pelo contrário, reflete interesses de pessoas e grupos específicos, geralmente, os pertencentes às classes dominantes de cada época e lugar. Até mesmo uma das vertentes do conceito de cultura é reflexo dessa visão de mundo dos grupos hegemônicos e ainda povoa o imaginário coletivo. Refiro-me à fusão entre os termos “cultura” e “erudição”, que faz com que vivências e trajetórias de grupos periféricos sejam considerados de segunda categoria ou sequer tomados como cultura em si. Há quem defenda que cultura “não é para todos”.

Na rota dos excluídos dos registros da memória e da cultura entram, pois, os modos de ser e de agir de indivíduos e grupos pertencentes a localidades sem influência econômica, geográfica e social. Assim, comunidades inteiras, suas vivências cotidianas e aspectos identitários ainda se encontram sem o devido conhecimento dependendo, quase que exclusivamente, da capacidade de lembrar dos seus integrantes e de ações empreendidas por eles. Quando se tenta abrir frestas para conhecer esses grupos, o que encontramos são lacunas. É o que acontece com a comunidade do distrito de Arrojado.

Localizado no interior do estado do Ceará, na cidade de Lavras da Mangabeira, a cerca de 420 quilômetros da capital, Fortaleza (Lavras da Mangabeira, 2024), o distrito de Arrojado vivenciou tempos áureos em meados do século XX, quando era uma das rotas cortadas pela estrada de ferro. Os registros oficiais existentes sobre o Distrito, porém, são poucos e esparsos. Nas fontes encontradas, as páginas dedicadas ao Arrojado servem de complemento para obras cujo foco principal é o município de Lavras da Mangabeira ou a história da ferrovia cearense, da qual o Distrito foi parte. Há ainda uma ou outra biografia sobre personalidades do lugar, porém nenhuma das obras traz o povo do Arrojado como protagonista em si. Durante os quase 19 anos em que vivi na localidade, desde a infância, ouvi rumores de obras que contariam a história local, mas cuja realização não se efetivou.

A imagem abaixo (Figura 1) apresenta algumas das obras nas quais o Arrojado aparece, brevemente, como coadjuvante ou como pano de fundo da narrativa principal.

Figura 1 – Obras em que o Arrojado é mencionado



Fonte: Elaborada pelo autor.

A primeira das obras que a Figura 1 exhibe, intitulada “Na terra do boqueirão”, conta a história de Lavras da Mangabeira, dedicando algumas páginas ao Arrojado. Foi essa obra o único registro oficial sobre o Arrojado que conheci durante meus anos de residência no Distrito. A imagem ao centro da Figura 1 exhibe a biografia de João Gonçalves Primo, personalidade ilustre do lugar e que dá nome à sua praça. A terceira obra debruça-se sobre a história eclesiástica de Lavras da Mangabeira e conta a origem da igreja católica do Arrojado.

Se pouco se sabe sobre a história oficial do Distrito, o mesmo se aplica à sua cultura e memória, temas dos quais os estudiosos nem sempre se ocupam, uma vez que, quanto mais periférico é o grupo, menores são as chances de despertar interesse. A preservação de tais temas depende, portanto, de cada morador e de suas atitudes individuais e conjuntas, para tentar dar continuidade a tradições locais como os momentos festivos e os ritos de calendário. A vida cotidiana dessas pessoas ainda não foi devidamente revelada, registrada e compartilhada, e são essas as ações que podem contribuir para que sua cultura e memória não se percam completamente no tempo.

Acreditando na necessidade de dar voz e protagonismo às pessoas do Arrojado, compartilhando suas vivências cotidianas do presente e do passado, parti da seguinte questão de pesquisa: **quais são os elementos que fazem parte da cultura e da memória coletiva do povo de Arrojado – Lavras da Mangabeira, Ceará?**

A ideia que originou esta pesquisa surgiu a partir de um dos principais lugares de produção de memórias da atualidade, o ciberespaço, no ano de 2020, período de ascensão e estabelecimento de um dos principais aplicativos de produção de conteúdo digital: o *TikTok*.

Por meio do recurso de tela verde presente no aplicativo, o qual permite que vários cenários virtuais sejam gerados, usuários da rede passaram a criar vídeos em que as imagens de fundo apresentavam ruas, monumentos e pontos turísticos de suas cidades de origem ou residência, enquanto narravam hábitos, costumes e curiosidades de cada localidade. Os vídeos viralizaram (termo associado ao sucesso nas redes) e se tornaram tendência (*trend*), sendo adaptados por milhares de usuários e estendidos para outras redes sociais como o *Instagram*.

Munido de meu telefone celular e desejando participar da *trend*, aproveitei o momento para apresentar meu local de origem: o distrito de Arrojado. O primeiro vídeo foi postado em minha página pessoal nas redes *Instagram* e *Facebook* e obtive boa aceitação entre os moradores do Distrito, que me incentivaram a produzir novos conteúdos. Assim, criei e compartilhei novos vídeos abordando outros espaços geográficos do Arrojado, além de datas comemorativas e memórias marcantes, narrados em tom ágil e bem-humorado.

Inspirado pelas possibilidades do conteúdo produzido, decidi criar uma página destinada, especificamente, ao resgate da cultura e da memória da localidade. Assim, surgiu, nas redes sociais *Instagram* e *Facebook*, o perfil @umlugararrojado e novas postagens foram produzidas: fotografias digitalizadas sobre momentos históricos do lugar; conteúdo sobre a história registrada do Distrito, com a indicação das devidas fontes; série intitulada “Dicionário Arrojado”, em que palavras e expressões típicas do lugar têm seu significado analisado. Para a última, recorri a sugestões e explicações dos próprios moradores, destacando seus nomes e fazendo uso do potencial colaborativo da internet. Na Figura 2, são apresentadas algumas das postagens já publicadas no perfil da página no *Instagram* e no *Facebook*.

Figura 2 – Posts da página @umlugararrojado



Fonte: Um lugar Arrojado (2024).

A principal motivação para a criação da página e, posteriormente, elaboração do projeto desta pesquisa foi minha percepção sobre as poucas fontes de informação oficiais disponíveis sobre o Arrojado. Se os registros físicos são poucos, o mesmo acontece com as fontes de informação digitais. Uma rápida pesquisa em mecanismos de busca *on-line* mostra que há poucos recursos informacionais que permitam o conhecimento pormenorizado das origens e da história do povo de Arrojado. Assim, com a atividade nas redes sociais aliada ao desenvolvimento deste estudo, intento fornecer aos arrojadenses um material no qual possam se enxergar enquanto um povo que também é importante e digno de registro.

Nesse sentido, a justificativa pessoal para a realização deste trabalho está nos laços pessoais com minha comunidade de origem e no desejo de colocar sua memória e cultura em foco, por meio da observação e do registro de suas vivências. Assim, pretendo que esta pesquisa se transforme em uma fonte de informação oficial que ajude outras pessoas a conhecerem o distrito de Arrojado, apresentando seus moradores, suas relações, seu olhar sobre o passado e os planos para o futuro, a partir de seus próprios relatos sobre o lugar.

No sentido profissional, como bibliotecário, vejo nesta pesquisa uma oportunidade para colocar em prática uma das missões de minha formação: o fomento à cultura e à preservação da memória. Ao dar voz a um povo sobre o qual não se sabe muito, focalizando seus costumes, vejo uma oportunidade para interseccionar o conhecimento acadêmico e profissional aos saberes de origem popular, artísticos e religiosos (Cruz; Ribeiro, 2004), marcas da comunidade e que, muitas vezes, são preteridos nos estudos sobre cultura.

O objeto de estudo da Biblioteconomia, a informação registrada, é essencialmente social. Embora a parte técnica da profissão seja a mais conhecida, o profissional lida com o principal motor da sociedade contemporânea, a informação, e, para estudá-la, não pode desprezar os aspectos sociais de seu fazer. Os bibliotecários são, hoje, convidados a expandirem, cada vez mais, os limites de sua atuação para além das paredes das bibliotecas e de outras unidades de informação, olhando para os problemas sociais e dando voz aos historicamente excluídos. Acredito que este trabalho é uma manifestação de aceite desse convite feito aos profissionais e, por tais razões, justifica, profissionalmente, sua realização.

A ressignificação do papel do bibliotecário acontece por múltiplos fatores, estando entre os principais as influências da Ciência da Informação (CI), área do saber surgida no contexto posterior à Segunda Guerra Mundial e que elegeu os problemas e fluxos informacionais como objeto de suas preocupações. A CI tomou de empréstimo muitas das questões com as quais os bibliotecários lidavam diariamente, atribuindo novos aspectos e expandindo sua atuação. Parte considerável dos profissionais, atualmente, se envolve em

investigações para o entendimento das questões informacionais que perpassam a sociedade.

Acredito que esta pesquisa é uma oportunidade para contribuir, de modo profícuo, com os estudos sobre o caráter cultural da mediação da informação, constituindo-se como exemplo de aplicação da temática dentro da CI e ajudando esta a consolidar seu paradigma social. Justifica-se, assim, do ponto de vista acadêmico e social, a realização deste trabalho.

A questão problema desta investigação suscitou o estabelecimento de objetivos que permitissem encontrar as devidas respostas. Nesse sentido, estabeleceu-se como **objetivo geral** desta pesquisa: **revelar os elementos que fazem parte da cultura e da memória das pessoas do Arrojado e que ajudam a conhecer sua identidade**. Tal objetivo desmembrou-se em empreendimentos menores, os quais, unidos, possibilitaram a consecução do percurso investigativo. Desse modo, foram eleitos os seguintes **objetivos específicos**:

- a) conhecer o cotidiano atual dos moradores do Arrojado;**
- b) investigar os aspectos identitários comuns aos habitantes do Distrito;**
- c) registrar parte da memória coletiva das pessoas da localidade, a partir da identificação de suas memórias individuais.**

Para chegar às respostas para a questão aqui levantada, bem como para cumprir os objetivos almejados, esta pesquisa foi estruturada nas seguintes partes: as seções 2 e 3 ocupam-se da fundamentação teórica que norteou a investigação; a seção 4 aponta os caminhos metodológicos que deram sustentação à pesquisa; a seção 5 ocupa-se da apresentação dos dados e de sua análise; a seção final apresenta a conclusão.

No aporte teórico presente na seção 2, apresento o surgimento e a evolução do conceito de cultura nas Ciências Sociais, sua manifestação por meio dos símbolos e reflexões acerca da construção da identidade. A seção 3 finaliza a fundamentação apresentando os diferentes conceitos sobre a memória e sua relação com o desenvolvimento da sociedade.

O percurso metodológico é descrito na seção 4, caracterizando a pesquisa quanto aos seus fins e meios. Nessa seção também apresento os participantes da pesquisa, os processos empreendidos para coletar os dados e os meios empregados para sua análise.

Na seção 5 exponho os dados coletados em campo e sua interpretação à luz dos conceitos de cultura e memória, conforme abordados pelos teóricos. Apresento elementos que compõem a cultura e a memória da população do Arrojado a partir de três categorias surgidas quando apliquei a técnica de análise de conteúdo de Bardin: Espaços, Pessoas e Objetos.

Na seção final, apresento a conclusão da pesquisa e demonstro o alcance dos objetivos e a resposta à questão problema. Também aponto caminhos para que os registros sobre a população do Arrojado continuem a ser produzidos.

2 CULTURA: UM COMPLEXO PROCESSO

“A cultura de um povo é um conjunto de textos, eles mesmos conjuntos, que o antropólogo tenta ler por sobre os ombros daqueles a quem eles pertencem” (Geertz, 1989, p. 212).

A relação do homem com o mundo ao seu redor e com as outras pessoas que nele habitam constrói teias de significados nas quais estão presentes seus modos de ser, de interpretar e de modificar esse mundo. Tal processo de tessitura de sentidos, realizado cotidianamente, constitui sua cultura e possui características complexas (Feitosa, 2011; Geertz, 1989). Essas características resultam da complexidade do próprio homem, cujos sentidos criam múltiplas possibilidades para perceber e explicar a realidade.

Considerada “[...] a principal característica humana [...]” (Laraia, 2009, p. 66), a cultura revela-se nos hábitos, crenças e valores que os indivíduos produzem e recebem, consciente ou inconscientemente. Ela se mostra em suas práticas diárias ou “maneiras de fazer”, termo utilizado pelo autor Michel de Certeau (1998) para caracterizar o conjunto de atividades nas quais sujeitos comuns se envolvem enquanto criadores do mundo, não somente receptores passivos diante de uma realidade social e cultural que é imposta. Essas maneiras de fazer são construídas em conjunto com aqueles com quem dividimos nossos espaços. Repassadas de uma geração para a outra, algumas delas são substituídas, outras atualizadas, em um movimento constante no qual tradição e novidade se entrecruzam.

Foi olhando para o homem e seu cotidiano que diversos estudiosos, muito antes de Certeau, esforçaram-se para definir a palavra “cultura”, que nem sempre foi utilizada do modo como a conhecemos. A origem e evolução do termo estão ligadas a diferentes áreas do saber e a disputas travadas por grupos localizados em várias camadas da sociedade, em diferentes lugares ao redor do mundo. Quando estudamos essa trajetória e suas disputas, estudamos, por consequência, o processo de construção das identidades do ser humano e, também, os símbolos escolhidos para representar os significados que ele atribui à realidade.

Refletir sobre a cultura é uma tarefa que exige de quem o faz um recorte, uma escolha, por conta da multiplicidade de áreas do conhecimento que a utilizam como objeto de estudo. Assim, para os propósitos desta pesquisa, interessa a noção de cultura nas Ciências Sociais, área dedicada ao estudo do homem em sua relação com o meio social que habita. Nesse sentido, as reflexões que o leitor acompanhará foram fundamentadas no trabalho de autores provenientes desse campo do saber como Certeau, Cucho e Laraia.

2.1 O conceito de cultura nas Ciências Sociais

Para compreender o significado de cultura como o conhecemos hoje, é fundamental, inicialmente, voltar as atenções para a França, da Idade Média até o século XIX, especialmente o século XVIII, momento de ascensão do Iluminismo. De acordo com Cuche (1999), foi nesse país e em seu idioma que a semântica efetiva da palavra começou a se estabelecer sendo, depois, exportada para o cenário inglês e alemão. Esse movimento de exportação mostra que a origem e evolução do conceito estão marcadas por uma das principais características do fenômeno que ele define: as trocas culturais ocorridas entre diferentes grupos, um conjunto de relações que não ocorre de modo idêntico quando comparados entre si (Santos, 1996).

A palavra cultura, derivada do latim, já era, entretanto, utilizada pelos franceses antes do Iluminismo. No século XIII, eles a evocavam para nomear partes da terra cultivada e, depois, para se referir ao próprio ato de cultivar (Cuche, 1999). Assim, “O termo ‘cultura’ foi concebido no interior de uma família de conceitos que incluía expressões como ‘cultivo’, ‘lavoura’, ‘criação’ - todos significando aperfeiçoamento, seja na prevenção de um prejuízo ou na interrupção e reversão da deterioração” (Bauman, 2007, p. 72). Na atualidade, essa noção ainda é aplicada quando nos referimos ao cultivo de gêneros alimentícios, entretanto, não mais como um termo geral para explicar o fenômeno da cultura, mas como uma aplicação específica relacionada à agricultura. Assim, falamos na cultura do feijão, por exemplo, ou na cultura do milho, para denotar o que, agora, é parte de um conceito maior que ajuda a explicá-lo, porém que não mais corresponde a ele em sua totalidade.

O sentido conotativo de cultura surgiu apenas no século XVI, associado ao desenvolvimento de habilidades específicas e aos esforços para aplicá-las, noção com pouco reconhecimento acadêmico até o século XVII. A evolução do conceito, até então, ocorria atrelada, fundamentalmente, ao campo linguístico, guardando pouca relação com o exercício do pensamento, da criatividade e da novidade, bem como com as relações do homem e seu contexto (Cuche, 1999). Cultura encontrava-se, portanto, distante da maneira como é empregada na atualidade, em que a utilizamos para fazer referência à criação e a interferências no mundo. Esse entendimento começaria a se formar aos poucos nas mentes dos pensadores, sendo formalizado somente no Século das Luzes (Laraia, 2009).

Foi a partir do século XVIII que o sentido de cultura passou a ganhar contornos menos literais, embora a palavra não aparecesse sozinha, mas como parte de um conjunto de termos referentes a diferentes campos do saber. Foram esses campos que, agora, passaram a ser cultivados, conforme nos mostra Cuche:

O termo “cultura” no sentido figurado começa a se impor no século XVIII. Ele faz sua entrada com este sentido no *Dicionário da Academia Francesa* (edição de 1718) e é então quase sempre seguido de um complemento: fala-se da “cultura das artes”, da “cultura das letras”, da cultura das ciências”, como se fosse preciso que a coisa cultivada estivesse explicitada (Cuche, 1999, p. 20).

Ainda no mesmo século a palavra se libertou de seus complementos e passou a figurar sozinha, refletindo os preceitos filosóficos do momento, a saber: o universalismo e o humanismo. O termo “[...] se inscreve então plenamente na ideologia do Iluminismo: a palavra é associada às idéias de progresso, de evolução, de educação, de razão que estão no centro do pensamento da época” (Cuche, 1999, p. 21). A ideia de cultura foi, aos poucos, recebendo as luzes do século XVIII, com novos significados atribuídos ao conceito, o que mostra sua relação com o pensamento vigente de cada época. Algumas dessas ideias constituíram teorias como a do determinismo biológico e a do determinismo geográfico, as quais atribuíam a aspectos da constituição física ou dos lugares ocupados pelos homens, respectivamente, a causa de comportamentos e habilidades humanos. Tais teorias mostraram-se, posteriormente, falhas, mas o âmago de seus fundamentos ainda reverbera nos dias atuais (Laraia, 2009).

O despertar da nova visão de cultura fez com que o termo se aproximasse de uma segunda palavra, cuja aceitação na língua francesa alcançou maior sucesso do que a primeira: civilização. Enquanto “cultura” era utilizada para fazer referência aos progressos individuais, a palavra “civilização” era empregada para demarcar as conquistas e as evoluções realizadas de modo coletivo. “Civilização” abrigava o ideal de mundo que se libertava do que não era racional, que marchava para uma nova forma de organização social (Cuche, 1999).

Implícita à noção de civilização estava a ideia de estágios de desenvolvimento dos povos, sendo ela própria empregada como sinônimo de etapas mais avançadas, caracterizando populações mais à frente em relação a outras. Nesse movimento de relações desiguais, caberia aos grupos mais “civilizados” oferecer ajuda aos povos menos privilegiados, já que a civilização era vista como um atributo que estava ao alcance de todos (Cuche, 1999). O processo civilizatório era, portanto, uma marca que distinguia, que classificava e que tentava homogeneizar o homem, elegendo um modo de vida ideal em detrimento das diferentes realidades e identidades que constituíam cada cultura. Assim, o conceito de cultura relacionava-se à ideia de gerenciamento, conforme observado por Bauman, que acrescenta:

No cerne do conceito de “cultura” encontra-se a premonição ou aceitação tácita de uma relação social desigual e assimétrica - a divisão entre os atores e os receptores, ou objetos da ação, entre agir e sofrer o impacto da ação; entre os gerentes e os gerenciados, os instruídos e os ignorantes, os refinados e os grosseiros. (Bauman, 2007, p. 73).

Para entender como o conceito de cultura continuou se desenvolvendo, é necessário cruzar a fronteira francesa em direção a um país vizinho: a Alemanha. Em terras germânicas, foi adotado um termo como forma de oposição à “civilização” escolhida pelos franceses: *Kultur*. Essa diferenciação, escolhida pela classe burguesa alemã, não aconteceu por acaso, mas para demarcar uma oposição frente à então classe dominante: a aristocracia alemã, cujo modo de vida era inspirado nos ideais franceses (Cuche, 1999). Tal como ocorria com a “civilização” e suas fronteiras demarcadas entre os povos, *Kultur* também era utilizada como traço distintivo, tanto no sentido literal, ao figurar como alternativa à “civilização”, como no plano da representação, ao corporificar a luta entre classes sociais.

Na visão de mundo da burguesia alemã, tudo o que era autêntico e remetia às formas de crescimento intelectual do indivíduo, inscrevia-se na palavra *Kultur*, ao passo que a insensatez, as aparências e a superficialidade eram sinônimos de civilização (Cuche, 1999; Thompson, 2011). Vê-se, portanto, um grupo que queria explicar o mundo a partir de seus próprios modos de ser, fazer e perceber a realidade. O modo de ser do outro não satisfazia suas necessidades, opondo-se aos seus ideais e tornando necessária a adoção de uma palavra que refletisse sua própria organização social, considerada a ideal para o povo de seu país.

A ascensão da classe burguesa alemã estendeu o conceito de *Kultur* para todo o país, fazendo com que ele passasse a representar a própria identidade da Alemanha, em um movimento de exaltação de sua nacionalidade frente aos países vizinhos. Estes, vivenciando um momento político e econômico otimista, passaram a ser identificados diretamente pelo termo civilização, assim como outras potências ocidentais (Cuche, 1999). As transformações ocorridas no conceito de cultura estão, como se vê, diretamente atreladas aos movimentos políticos, econômicos e sociais dos lugares e épocas em que o conceito se desenvolveu, denotando a importância da análise do contexto para sua compreensão.

No decorrer do século XIX, os alemães estabeleceram um novo sentido para a oposição cultura *versus* civilização. A primeira passou a expressar a essência da alma da população e o espírito coletivo, enquanto a segunda estava associada às evoluções materiais, econômicas e tecnológicas (Laraia, 2009). Desse modo, “civilização” ganhou, para os alemães, contornos positivos, com um significado que adentrou o pensamento germânico para além da dicotomia social e política anterior. Já na França, cultura e civilização eram utilizados como termos equivalentes, sendo a primeira entendida como algo que se movimentava do indivíduo em direção à coletividade (Cuche, 1999). Percebe-se que, mesmo com a evolução do termo em ambos os países, as diferenças permaneciam, demarcando distintas visões de mundo.

Em suma, o conceito de cultura na Alemanha adquiriu um caráter essencialista e

particularista, baseado na demarcação e na solidificação da diversidade nacional, expresso em obras como as de Johann Gottfried Herder, vanguardista do conceito de relativismo cultural. Já a essência do conceito de cultura na França era universalista, com a unidade se sobrepondo à diversidade, reflexo de um momento político que refletia a unidade do país, já alcançada (Cuche, 1999). Essas duas concepções deram o tom dos debates sobre cultura ao longo dos séculos seguintes, o que justifica a digressão histórica realizada até aqui.

A questão da unidade *versus* diversidade passou a conduzir as preocupações dos estudiosos, fazendo com que o conceito de cultura adquirisse novos desdobramentos. Nesse aspecto, foram fundamentais os estudos conduzidos em áreas do conhecimento como a Sociologia e a Etnologia, que surgiram como disciplinas científicas. Os teóricos se esforçaram para atribuir um caráter descritivo ao conceito de cultura, em um movimento de superação do caráter normativo vigente (Cuche, 1999). Somando-se aos trabalhos dos sociólogos e etnólogos, a antropologia e seus representantes ajudaram a construir a ideia de cultura da forma como é mais conhecida atualmente e que norteará as discussões desta pesquisa.

Coube ao antropólogo britânico Edward Burnett Tylor apresentar a primeira definição etnológica de cultura: “*Cultura e civilização*, tomadas em seu sentido etnológico ou mais vasto são um conjunto complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, o direito, os costumes e as outras capacidades ou hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro da sociedade” (Tylor, 1871, p. 1 *apud* Cuche, 1999, p. 35). Assim, persiste a associação entre cultura e civilização decorrente do contexto da época, mas é a primeira que Tylor privilegia, adotando o vocábulo inglês *culture* para se referir às realizações gerais do homem. Enquanto isso, civilização está imbuída da ideia de realizações concretas como cidades erguidas, invenções realizadas e domínio de técnicas, etapas ainda não alcançadas por grupos considerados primitivos (Cuche, 1999; Laraia, 2009).

Tylor foi o primeiro a sistematizar os fatos culturais, dando a eles um aspecto geral, além de preocupar-se com as diferentes culturas, de diferentes povos. Segundo ele, para estudar uma cultura específica era necessário realizar a comparação desta com outras existentes, pensamento manifestado no método comparativo (Cuche, 1999). Percebe-se a influência do evolucionismo da época, situando as culturas em estágios de desenvolvimento de uma escala, evidenciando que a linha de pensamento de Tylor, embora considerasse e exaltasse a diversidade, continuava voltada para a ideia de unidade humana.

O método comparativo de Tylor recebeu críticas de outro teórico, considerado o inventor da etnografia, por ter sido o primeiro pesquisador a realizar observações diretas nos locais habitados pelos povos primitivos. Trata-se de Franz Boas, cuja obra pode ser sintetizada

em uma palavra: diferença, sendo essa de ordem cultural entre os povos, e não racial. Para Boas, cultura é um fenômeno escrito no plural e a organização de cada povo contém elementos originais que o identificam frente aos demais (Cuche, 1999).

O pensamento de Boas em relação ao método comparativo pode ser visto no trecho abaixo, extraído de uma de suas obras:

O método comparativo, não obstante a tudo o que se vem escrevendo e dizendo em seu louvor, tem sido notavelmente estéril com relação a resultados definitivos. Acredito que ele não produzirá frutos enquanto não renunciarmos ao vão propósito de construir uma história sistemática uniforme da evolução da cultura, e enquanto não começarmos a fazer nossas comparações sobre bases mais amplas e sólidas, que me aventurei a esboçar. Até agora temos nos divertido demais com devaneios mais ou menos engenhosos (Boas, 2023, p. 47).

A essência do trabalho de Boas era a defesa da diversidade cultural. Sendo a cultura um processo de criação imanente a todas as comunidades humanas, comparar esses grupos e classificá-los segundo uma hierarquia torna-se infrutífero, o que não significa que a recepção e a criação culturais aconteçam da mesma forma para todos.

A marca da pluralidade, presente no cerne da cultura e essencial para sua compreensão, também foi percebida e defendida por Feitosa (2011, p. 1): “Quando falamos de cultura é ao plural que nos referimos. A cultura no singular é sempre plural”. A afirmação do autor é reflexo da diversidade presente no próprio homem, ser que é único, mas que é muitos ao mesmo tempo, no mesmo corpo. Suas contradições e multiplicidades são carregadas para o interior dos grupos que ele constitui, produzindo significações igualmente plurais.

A defesa da pluralidade presente no fenômeno cultural também está presente no pensamento de Certeau. O autor criticava a “cultura no singular”, que, em sua visão, era refletida como “o singular de um meio” (Certeau, 2008). Foi ele quem elencou os diversos significados que a cultura encerra e que podem ser vistos logo abaixo:

- a. os traços do homem “culto”, isto é, segundo o modelo elaborado nas sociedades estratificadas por uma categoria que introduziu suas normas onde ele impôs seu poder.
- b. um patrimônio das “obras” que devem ser preservadas, difundidas ou com relação ao qual se situar (por exemplo, a cultura clássica, humanista, italiana ou inglesa etc.). [...]
- c. a imagem, a percepção ou a compreensão do mundo próprio a um meio (rural, urbano, nativo, etc.) ou a uma época (medieval, contemporânea, etc.) [...].
- d. comportamentos, posições, ideologias e mitos que compõem quadros de referência e cujo conjunto, coerente ou não, caracteriza uma sociedade como diferente das outras. [...]
- e. a aquisição, enquanto distinta do inato. A cultura diz respeito aqui à criação, ao artifício, à ação, em uma dialética que a opõe e a associa à natureza.

f. um sistema de comunicação, concebido segundo os modelos elaborados pelas teorias da linguagem verbal. Enfatizam-se sobretudo as regras que organizam entre si os significados [...] (Certeau, 2008, p. 193-194).

Os aspectos da cultura revelam as características do próprio homem, que a constrói ao mesmo tempo em que é construído por ela. Uma relação fundamentada nos processos de criação de significados que se manifestam, por exemplo, em horários definidos para executar atividades individuais e coletivas, em superstições transmitidas como alertas entre os membros de um grupo e em inúmeras outras práticas da vida cotidiana. De modo abstrato ou concreto, a cultura dota o homem de impressões digitais de segunda ordem cuja verificação revela que a identidade, aqui, não é exclusiva do indivíduo, mas compartilhada com seus pares.

Cada grupo possui sua própria lógica interna, a qual, para ser compreendida, deve ser relacionada ao contexto de produção (Santos, 1996). As regras que compõem essa lógica podem estar presentes em diferentes meios, desde os intangíveis, como a memória das pessoas do grupo, até os concretos, como os códigos escritos. Seja de modo explícito ou implícito tais regras constituem uma herança usufruída desde o nascimento do indivíduo, a ele aplicadas muito antes de sua consciência a seu respeito e cujos impactos serão sentidos por toda sua trajetória de vida, informando quem ele é, de onde ele vem e para onde poderá seguir.

Nesse sentido, o elo entre o que “já foi”, o que “é” e o que “vem a ser” forma as bases para a compreensão de uma cultura. Os atuais modos de organização e de interferência na realidade não se originaram por acaso; pelo contrário, fazem parte de um longo processo de evolução percorrido pelo grupo. Essa reflexão coaduna-se ao pensamento de Santos, ao definir cultura como “[...] uma preocupação em entender os muitos caminhos que conduziram os grupos humanos às suas relações presentes e suas perspectivas de futuro” (Santos, 1996, p. 7). Estabelece-se, assim, uma via de mão dupla entre as noções de cultura e tempo.

Para Certeau (2008, p. 38) “Uma sociedade resulta [...] da resposta que cada um dá à pergunta sobre sua relação com uma verdade e sobre sua relação com os outros”. Os graus de semelhança e diferença manifestados pelos indivíduos nessas respostas vão, pois, configurando marcas culturais específicas de um e outro grupo. Essas marcas podem se interseccionar ou se distanciar revelando, em ambos os casos, o quanto a relação entre grupos distintos também é essencial para se compreender o que é a cultura.

Nessa seara, conforme observa Santos, (1996, p. 12), “Cada cultura é o resultado de uma história particular, e isso inclui também sua relação com outras culturas, as quais podem ter características bem diferentes”. Ao olhar para a origem de muitos povos, vemos que parte dos elementos de sua identidade foi forjada por outros grupos, por meio de processos como os

de colonização. Logo, a relação com outras culturas está imbricada nos processos de dominação.

Em um sentido mais otimista, as trocas culturais entre diferentes sociedades podem colaborar para a ressignificação das características identitárias de uma e de outra. Assim, uma pequena comunidade rural de um país em desenvolvimento, cuja história oficial foi pouco contada pode, por exemplo, utilizar da tecnologia produzida em um país distante para registrar aspectos de sua cultura, criando uma espécie de repositório da sua memória coletiva e reunindo os membros do grupo, dispersos geograficamente, em comunidades digitais. O exemplo ilustra apenas uma das possibilidades advindas dos intercâmbios culturais, para além dos aspectos negativos envolvidos quando diferentes culturas estabelecem contato, como os processos de dominação, já mencionados, e as tentativas de hierarquização cultural.

O uso da cultura na tentativa de traçar linhas divisórias entre grupos não é novidade, conforme visto no debate entre franceses e alemães em torno do conceito. Ao analisar os costumes dos trabalhadores nos séculos XVIII e XIX, Thompson (1998) verificou os esforços travados pelas classes superiores para tentar suplantam os costumes do povo, que eram considerados ultrapassados, devendo, portanto, que fossem reformulados. Essa visão de superioridade da cultura de um grupo sobre outro permanece, parcialmente, em nossos dias, por exemplo, quando utilizamos o adjetivo “culto” para caracterizar indivíduos cuja cultura aproxima-se da erudição e de saberes aos quais poucos têm acesso.

Ao investigar o surgimento do folclore, Thompson observou como ele se originou em condições marcadas por pensamentos de divisão. Segundo o autor, “Desde a sua origem, o estudo do folclore teve este sentido de distância implicando superioridade, de subordinação [...] vendo os costumes como remanescentes do passado” (Thompson, 1998, p. 14). Uma visão que ignora o fato de que, embora as inovações sejam um caminho natural da trajetória humana, seu passado não pode ser desvalorizado, uma vez que nele encontram-se os caminhos que levaram à constituição dos modos atuais de organização social.

Ainda no século XIX, presenciou-se uma tentativa de hierarquizar as diferentes culturas conhecidas no mundo, tendo a Europa como modelo ideal de civilização e organização social, caracterizando os países distantes desse modelo como inferiores (Santos, 1996). Esses tipos de hierarquizações equivocadas ainda encontram reflexo na atualidade. Basta verificar a influência do imperialismo dos Estados Unidos da América, por exemplo, com seus filmes, músicas e séries consumidos no mundo inteiro, e que vendem um estilo de vida e uma cultura por muitos considerada a ideal, a despeito das ricas manifestações culturais presentes em cada localidade do globo.

Sendo a cultura uma das lentes pelas quais o homem enxerga o mundo, toda a

herança recebida de seus antepassados e compartilhada por seus contemporâneos pode induzi-lo a considerar o seu modo de existir como o mais correto (Laraia, 2009). Tal concepção enseja problemáticas como o preconceito, o desprezo pelo que é diferente e o julgamento de outras culturas como inferiores. Assim, embora todas as comunidades humanas criem cultura diariamente, não é a todas que é dada a oportunidade de fazer conhecer seus valores e suas tradições, relegando grupos inteiros ao esquecimento.

Nessa óptica, Laraia reflete sobre uma questão recorrente nas diferentes tentativas históricas de dividir culturas e povos, quando aponta:

É comum assim a crença no povo eleito, predestinado por seres sobrenaturais para ser superior aos demais. [...] A dicotomia "nós e os outros" expressa em níveis diferentes essa tendência. Dentro de uma mesma sociedade, a divisão ocorre sob a forma de parentes e não-parentes. Os primeiros são melhores por definição e recebem um tratamento diferenciado (Laraia, 2009, p. 74).

Quaisquer tentativas de hierarquização cultural mostram-se contrárias a uma das principais marcas da própria cultura, que é a pluralidade, conforme já mencionado e defendido por vários autores. Entretanto, não há como desconsiderar que, embora o princípio seja equivocado, ele tem sido aplicado ao longo da história da humanidade, pois o poder hegemônico de diversos grupos se impõe, fazendo com que surjam desigualdades na economia, na educação, no desenvolvimento das comunidades e, por consequência, na própria cultura (Santos, 1996).

Investigações que pretendam se lançar sobre a cultura de um povo precisam cercar-se de alguns cuidados, pois se o objeto que move a curiosidade é complexo, o caminho para seu entendimento também o é. Tal tarefa enseja o distanciamento de máximas equivocadas, tais como “cultura não é para todos”, onde se supõem fazeres culturais superiores a outros.

A criação e a recepção culturais não são fenômenos experimentados individualmente, mas em constante interação com o outro, pois, para que teias de significados sejam formadas, são necessários pontos de ligação. Assim, a linguagem que nos ensinam quando crianças, os comportamentos que adaptamos a cada espaço frequentado, os alimentos que consideramos próprios para consumo, são apreendidos e aprendidos a partir do outro. A empatia e o espírito gregário mostram-se, portanto, características intrínsecas ao fenômeno cultural (Feitosa, 2011) e tais conceitos, sobretudo o primeiro, calcado na alteridade, são fundamentais a qualquer pesquisador que deseje investigar a cultura de um grupo.

O estudo e o registro dos aspectos de uma cultura não são, por conseguinte, atividades realizadas arbitrariamente ou marcadas pela neutralidade, visto que interesses e motivações conduzem todo o processo. A posição do grupo narrado na sociedade e seu poderio econômico são alguns dos critérios empregados com frequência para definir quais modos de

existir merecem atenção, podendo relegar ao esquecimento indivíduos e grupos inteiros. O poder informacional dominante possui o controle sobre a sociedade e suas diversas esferas, dentre elas a memória coletiva, sobre a qual podem ser feitas interferências, conforme observaram Lazzarin, Azevedo Netto e Sousa (2015).

Ao pesquisador que se lança no estudo dos aspectos culturais cabe, pois, a reflexão crítica sobre as problemáticas que envolvem a cultura, de modo que o grupo analisado seja tomado como integrante de uma realidade que sofre interferências dentro de um sistema que é desigual por natureza. Trata-se, portanto, de reconhecer as implicações causadas pelas diferenças culturais, construídas historicamente e cujas consequências são e serão sentidas por muito tempo. Tal reconhecimento é, no entanto, diferente de iniciativas voltadas para justificar a superioridade cultural de um povo em relação a outro.

Como exemplo de aplicação de pesquisas genuinamente interessadas no cotidiano e na cultura de grupos historicamente à margem da sociedade, temos os Estudos Culturais, surgidos na década de 1960 e desenvolvidos em diferentes contextos ao redor do mundo. Para melhor compreender seus propósitos, apresento a definição trazida por Martins:

Em síntese, os Cultural Studies significam uma deslocação do estudo tradicional da cultura no sentido antropológico e sociológico, o que traduz uma especial atenção prestada ao cotidiano das classes populares, à recepção e ao consumo dos mídia, aos estilos de vida e à mudança social, tomando como principais unidades de análise dos actores sociais a categoria sócio-profissional, a idade, a escolaridade, o género e a etnia. Nesta deslocação acabou por ter também um papel decisivo a consideração das circunstâncias pós-coloniais de um mundo mobilizado nas suas práticas pelas mais variadas tecnologias, sobretudo por dispositivos tecnológicos de comunicação, informação e lazer (Internet, iPod, iPad, telemóveis, etc.) (Martins, 2011, p. 33).

Entre as áreas de interesse dos pesquisadores alinhados aos Estudos Culturais estão, por exemplo, a influência das telenovelas e das séries de televisão americanas no cotidiano de países da América Latina (Martins, 2011). As investigações realizadas por tais estudiosos possibilitam, dessa maneira, uma reparação histórica a comunidades e povos cujas trajetórias pouco importam aos países desenvolvidos. Assim, culturas e memórias de grupos pertencentes ao Sul Global tornam-se objeto de interesse e registro para a posteridade.

Até aqui, percorri a trajetória do conceito de cultura nas Ciências Sociais e apresentei os diferentes significados que o fenômeno, plural em sua essência, pode assumir. Essa multidimensionalidade caracteriza também os elementos que se encontram no interior do universo cultural, dentre os quais estão os símbolos produzidos pelo homem e que assumem formas simbólicas. E é sobre esse assunto que discorrerei a seguir.

2.2 As formas simbólicas

De tempos distantes ao presente aquilo que é desconhecido e incerto vem ao encontro do homem, instigando-o a desvendá-lo e, quando necessário, a dominá-lo. As soluções para tal tarefa nem sempre se apresentam e, nesse momento, ele recorre aos símbolos como forma de interferência na realidade, de forma concreta, criativa ou imaginativa (Feitosa, 2011). Os símbolos constituem-se, portanto, um modo de mediação entre o mundo e o homem que, ao utilizá-los, busca criar marcas às quais possa recorrer para traduzir e corporificar sentimentos, ideologias, convicções e outras entidades de caráter intangível.

Como signo que é, o símbolo carrega seus dois elementos constituintes: significante e significado. O primeiro refere-se a uma entidade concreta utilizada para corporificar e representar algo que existe de modo abstrato na realidade. O segundo representa os sentidos atribuídos ao símbolo, com as interpretações e usos resultantes dessas atribuições, sejam elas realizadas de forma individual ou coletiva, associadas a elementos dados pela natureza ou fabricados pelas mãos humanas.

Os símbolos podem se manifestar sob diferentes formas: nas maneiras de falar, na linguagem corporal, nos modos de executar uma tarefa, na criação artística, entre outras. As formas simbólicas e seus processos de produção, recepção e circulação constituem uma das bases da vida em grupo e estão presentes em diferentes contextos sociais, históricos e temporais (Thompson, 2011). Analisar o contexto em que uma forma simbólica foi criada é fundamental para entender sua origem e os usos destinados a ela.

Uma forma simbólica pode adquirir diferentes conotações, seja pelo decurso do tempo, por sua exportação para outras culturas ou por polarizações traçadas entre grupos. A suástica, por exemplo, originalmente concebida como símbolo da felicidade e da boa sorte, foi convertida na representação máxima de um movimento totalitarista e desumano como o nazismo. No Brasil, símbolos nacionais como a bandeira e suas cores, que até tempos recentes representavam a unidade da nação, foram adotados por um grupo político de direita de tal maneira que a associação entre ambos tornou-se fortemente identitária, informando, desde a primeira vista, o posicionamento dos pertencentes ao grupo.

Uma das principais características do símbolo e das formas simbólicas que ele assume é a acessibilidade presente em sua produção, recepção e uso. Qualquer indivíduo tem à sua disposição a possibilidade de atribuir significados a um objeto e de compartilhar o sentido atribuído com seus pares. Essa característica, entretanto, não pode ser tomada isoladamente, pois os diferentes níveis de acesso à cultura que cada indivíduo possui dentro de um grupo vão

determinando quais elementos da realidade concreta estão à disposição da sua faculdade de significação, e quais significados encontrarão concordância ou resistência.

As formas simbólicas estão imbricadas no que Thompson (2011) chama de processos de valorização por parte dos indivíduos. O autor destaca dois processos principais, sendo o primeiro ligado à valorização simbólica e o segundo à valorização econômica:

Valor simbólico é aquele que os objetos têm em virtude dos modos pelos quais, e na extensão em que, são *estimados* pelos indivíduos que os produzem e recebem – isto é, por eles aprovados ou condenados, apreciados ou desprezados. A atribuição de valor simbólico pode ser distinguida do que podemos chamar de “valorização econômica” [...] processo através do qual é atribuído às formas simbólicas um determinado valor econômico, isto é, um valor pelo qual elas poderiam ser trocadas em um mercado (Thompson, 2011, p. 203).

As diferenças nos dois graus de valorização definidos pelo autor podem conduzir ao que Thompson (2011) chama de conflito de valorização simbólica. Nele, a mesma forma simbólica pode adquirir significados positivos ou negativos, dependendo daquilo que represente para o indivíduo ou grupo ao qual pertence. Esse conflito acontece em todas as classes sociais, em todos os sotaques e línguas, de tempos distantes à contemporaneidade.

Voltemos à resistência da classe burguesa alemã do século XVIII em adotar o termo “civilização”, utilizado pelos franceses e por uma aristocracia alemã que se inspirava nesses últimos. A língua francesa falada pela aristocracia representava um símbolo de seu status, prestígio e dominação, em um sistema no qual os burgueses não ocupavam o topo da pirâmide social. O rechaçamento à forma simbólica “civilização” mostrava o descontentamento com símbolos importados de outra cultura e a busca por formas simbólicas que representassem adequadamente os ideais alemães, o que foi manifestado na adoção do termo *Kultur*.

Avançando, novamente, para a realidade brasileira, na década passada testemunhamos um conflito de valorização simbólica que ganhou a atenção dos grandes veículos de comunicação de massa. Estreitamente ligado aos aspectos econômicos e sociais que permeiam a cultura, os “rolezinhos”, termo adotado por jovens e visto com preconceito entre as classes, suscitaram um debate nacional sobre formas de expressão. Tratavam-se de encontros entre jovens da periferia, marcados em espaços como *shopping centers* e que tiveram grande repercussão nos anos de 2013 e 2014. Um dos incômodos gerados pelos jovens eram as roupas que vestiam, identificadas com logotipos de marcas famosas, destinadas a um público pertencente a classes superiores que se sentiram incomodadas com a associação aos pobres (Neuman, 2014).

O vestuário entra, nesse caso, no que Thompson (2011) chama de bens simbólicos, em virtude do valor econômico para sua compra e venda. Esse valor econômico carrega as

marcas das relações de dominação e de desigualdade social, estando associado não só ao dinheiro que pode ser adquirido para compra ou necessário para a venda, mas ao sentimento de exclusividade a ele associado. Para que eu me sinta único, especial, é necessário que o outro não tenha acesso aos mesmos recursos dos quais eu disponho; é necessário, também, que a marca simbolize meu pertencimento a uma classe social que está acima das demais e que, por essa posição, não possa se identificar com os que estão localizados fora dela.

Nesse sentido, percebe-se que a produção de sentidos e significados não é algo realizado isolada e casualmente, mas dentro de uma cadeia de relações, de indivíduo para indivíduo e depois deste para com o mundo. É dentro desse contexto que “[...] se pode descrever e interpretar os símbolos pelos quais se orientam os indivíduos para definirem cotidianamente suas ações e comportamentos” (Nunes, 2014, p. 72). Portanto, diferentes contextos levam a diferentes ações e comportamentos, constituindo também diferentes estratos da sociedade.

Por meio da criação, uso e compartilhamento das formas simbólicas, o homem tenta colocar ordem onde há caos, de modo a tornar os espaços em que habita mais confortáveis para sua existência. Tal capacidade de ordenamento simbólico, tal como a cultura que constitui, é um dos principais aspectos que diferencia o homem dos demais seres vivos. Em uma realidade hipotética na qual esse ordenamento simbólico estivesse ausente, o homem estaria desconstituído de sua essência e movido por incertezas. É o que Geertz atesta quando diz:

Não dirigido por padrões culturais – sistemas organizados de símbolos significantes – o comportamento do homem seria virtualmente ingovernável, um simples caos de atos sem sentido e de explosões emocionais, e sua experiência não teria praticamente qualquer forma. A cultura, a totalidade acumulada de tais padrões, não é apenas um ornamento da existência humana, mas uma condição essencial para ela – a principal base de sua especificidade (Geertz, 1989, p. 33).

A totalidade dos padrões apontada por Geertz é construída diariamente, nas diferentes áreas da vida cotidiana. Diz respeito não só às ações de caráter mais prático e tangível, a exemplo dos modos de executar uma tarefa, mas também aos sentimentos e às sensações. Para cada situação que se apresenta para o homem, surge uma série de comandos que tentam dar conta de sua condução. Essas maneiras de ser e de fazer (Certeau, 1998) aliam a liberdade individual e as imposições dadas pelas comunidades que se integra, uma simbiose que faz com que cada identidade se molde e se mostre para o outro. E é sobre o fenômeno da construção da identidade que discorrerei na seção a seguir.

2.3 A questão da identidade

Uma das marcas do ser humano sobre a Terra é a constante busca por respostas que expliquem e justifiquem a existência do mundo ao seu redor e, conseqüentemente, a sua própria existência. Se limites geográficos, classes sociais e idiomas distintos separam os grupos humanos, diferenciando-os, a busca por respostas que satisfaçam suas inquietudes é uma característica que os une. Assim, lançamos mão de diferentes recursos para construir raciocínios que tornem plausíveis os aspectos concretos e abstratos da realidade.

Se a busca por explicações para os fenômenos exteriores são uma constante, indagações de ordem interior também acompanham nossa trajetória. Saber de onde viemos, para onde vamos, quais são nossas funções e responsabilidades nos diferentes papéis que desempenhamos, são alguns exemplos das perguntas que lançamos a nós e aos outros. As respostas que se apresentam pelo caminho apontam para os elementos constituintes da(s) nossa(s) identidade(s) e fornecem indícios dos graus de pertencimento aos grupos que integramos, sejam as comunidades de vida ou de destino (Bauman, 2005).

Indagações sobre a identidade têm se tornado objeto de análise, cada vez mais crescente, dos estudiosos que se ocupam das relações humanas. Bauman (2005) refere-se ao assunto como “papo do momento”, destacando sua ascensão no centro do debate sociológico; Cuche (1999), anos antes, observou uma profusão de trabalhos voltados para os aspectos identitários na década de 1980, com estreita associação ao conceito de cultura. Tamanho interesse não é por acaso, mas reflexo das incertezas presentes no mundo contemporâneo, cuja instabilidade crescente renova o interesse para a compreensão do “eu” e do “nós”.

Atento às transformações desse mundo veloz e dos impactos que conceitos outrora bem estabelecidos vêm sofrendo, Hall observa:

Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento - descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma “crise de identidade para o indivíduo” (Hall, 2006, p. 9).

O deslocamento das identidades é reflexo imediato dos deslocamentos presentes nos contextos em que elas estão inseridas, acentuados na sociedade contemporânea e que não apresentam sinais de esgotamento. A liquidez dos tempos atuais (Bauman, 2004) torna as identidades fluidas, flexíveis e negociáveis, tanto nas *performances* realizadas no mundo concreto como, principalmente, nos personagens que vestimos nos espaços virtuais.

Antes de tentar buscar pistas sobre esse novo lugar para onde a identidade está indo, é necessário olhar para trás e acompanhar seu percurso até aqui. Hall (2006) apresenta três

concepções para a identidade, as quais ajudam a compreender como o conceito foi definido em diferentes épocas. A primeira delas está associada ao sujeito do Iluminismo; a segunda ao sujeito sociológico; a terceira e última diz respeito ao sujeito pós-moderno.

A identidade do sujeito iluminista estava estabelecida em bases sólidas, aliás, em uma base sólida, no singular, podendo ser comparada a uma célula cujo núcleo encerrava as características que definiam a pessoa. Embora transformações no sujeito fossem inevitáveis ao longo da vida, o âmago permaneceria o mesmo, sendo este centro aquilo que constitui a identidade do indivíduo (Hall, 2006). A noção de unidade presente aqui era semelhante à ideia de unidade que, durante muito tempo, permeou o conceito de cultura, dando pouca importância ao contexto e desatenta à diversidade interna que constitui o homem.

Ainda no que concerne à identidade como vista na época das luzes, Hall (2006) chama a atenção para duas de suas características: seu caráter individualista e o foco no homem, usado, aqui, não como sinônimo de ser humano, mas voltado unicamente ao gênero masculino. O individualismo presente na definição de identidade do sujeito iluminista desconsiderava um dos principais alicerces de sua construção: o pertencimento a uma comunidade, uma vez que todos carregamos características de nossos grupos. O foco no indivíduo masculino, por sua vez, refletia o pensamento de uma época em que as mulheres eram alijadas dos lugares de poder, incluindo os conceitos intelectuais, o que tornava a construção do sujeito iluminista limitada, desconsiderando, novamente, a diversidade.

A complexidade do mundo moderno justificou um novo conceito de identidade, derivado da noção de que o indivíduo se forma na relação com os outros, não sendo autossuficiente: é a era do sujeito sociológico (Hall, 2006). A ideia de núcleo central permaneceu, porém, este sujeito não era mais formado somente pelo indivíduo, mas pela rede de contatos que ele estabelecia, diariamente, com os outros, sobretudo aqueles a quem dava importância. Ocorre, portanto, um avanço na construção do conceito de identidade, com a superação da ideia de unidade deslocada do contexto pela noção de pertencimento aos grupos no interior dos quais se compartilham ideias, ações e emoções.

A caracterização do sujeito sociológico constituiu uma concepção interativa da identidade e do “eu”, calcada no diálogo cotidiano e infinito com o semelhante, que se apresentava como mediador dos elementos constituintes da cultura: as crenças, os símbolos, as práticas e valores da vida em comum (Hall, 2006). Os mundos culturais exteriores que se apresentavam eram constituídos de uma série de identidades que se mostravam para o sujeito sociológico e com as quais seu núcleo interior passou a se identificar. Essa construção abandonou, parcialmente, as bases sólidas sobre as quais o sujeito iluminista considerava estar

assentado e foi o princípio das mudanças que resultaram na terceira noção de identidade.

Nesse sentido, chega-se ao sujeito pós-moderno, inserido em um contexto de transformações tão intensas no mundo, que acabam por abalar completamente as noções de identidade. Se, anteriormente, ocorria a projeção destas para o mundo exterior, agora, esse processo de alinhamento “[...] tornou-se mais variável, provisório e problemático”. (Hall, 2006, p. 12). A identidade passa a ser entendida como fruto de seu momento histórico, ampliando o leque de indivíduos e grupos cujas identidades passam a merecer atenção, superando o caráter excludente e, por que não dizer, preconceituoso de outrora.

A diversidade passa a dar o tom dos objetos de estudo, destacando as distintas identidades disponíveis para um mesmo indivíduo. O desempenho de diferentes papéis não nasce aqui, mas o número de *performances* identitárias disponíveis para escolha e as possibilidades advindas quando delas se emprega são ressignificadas e o “eu” unificado de outros tempos dá lugar a um “não núcleo” (Hall, 2006). O próprio processo de identificação adquire um caráter cada vez mais temporário, sendo possível despir-se de uma identidade para vestir outra, adotando um senso ambivalente que é constante porque não cessa, e inconstante porque está sempre sendo trocado por outro.

Bauman também dedicou suas reflexões à percepção sobre os deslocamentos da identidade no mundo contemporâneo, que ele chama de “líquido” em várias de suas obras. Ao relacionar identidade ao sentimento de pertencimento, o autor aponta os desafios que se impõem a todos nós na atualidade:

Tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não tem a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorrem, a maneira como age enfim - e a determinação de se manter firme a tudo isso e - são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade” (Bauman, 2005, p. 17).

O mundo líquido e seus elementos constituintes mostram, a todo instante, que nunca foi tão fácil escolher entre diferentes identidades à disposição e delas desfazer-se sempre que se julga necessário. Basta olhar para um dos principais ambientes dos novos tempos, o ciberespaço, essa rede que conecta milhões de computadores e indivíduos por trás de suas telas (Lévy, 2010). Quando se adentra em uma rede social digital, por exemplo, cada indivíduo passa a identificar-se por um “@”, uma extensão do seu “eu” e, em alguns casos, um “eu” completamente diferente daquele que se apresenta fora do mundo virtual.

Em uma rede social digital também se intensificam as comunidades que Bauman (2005) chama de “comunidades guarda-roupa”, cuja duração é proporcional ao tempo do

espetáculo que elas propiciam. O autor utiliza como exemplo as partidas de futebol, mas podemos acrescentar as publicações e as páginas da internet nas quais milhares de perfis se aglomeram, interagindo e participando como pretensos especialistas do assunto do momento.

Quando se pensa em identidade, uma das primeiras ideias é a de unicidade manifestada, por exemplo, nas impressões digitais, que não se referem a ninguém que não nós. Ao mesmo tempo, a ideia de identidade também remete à semelhança, na medida em que está relacionada àquilo que é idêntico ou parecido, que guarda características compartilhadas por pessoas ou grupos de pessoas. Assim, o sotaque falado em uma região do interior do Ceará, os cânticos proferidos em celebrações religiosas e outros elementos de uma determinada cultura fornecem pistas para a compreensão das identidades individuais e coletivas. Esse elo entre indivíduo e comunidade é apontado por Ewald e Soares:

[...] o processo de interiorização de idéias passa também por um elo afetivo, elo este que cria laços de união entre os indivíduos e nossa “comunidade de destino” - aquela que elegemos como sendo nosso lugar de pertencimento, e à qual estamos integrados e nos dedicamos. Desta forma, as ações que realizamos cotidianamente têm seu ponto de referência na visão de mundo do grupo de pertencimento, e os horizontes dessa visão são definidos por esse mesmo grupo. À medida que uma idéia se dissemina pela sua eficiência e toma conta das consciências, pensar fora dela demanda muito esforço emocional, posicionamento crítico e a coragem de ter que nadar contra a corrente, solitariamente (Ewald; Soares, 2007, p. 28).

Paradoxalmente, a ideia de identidade também é permeada pelas diferenças entre as pessoas, as quais têm sido alvo de debates cada vez mais acentuados na sociedade contemporânea globalizada. É o que observam Ewald e Soares (2007), ao analisarem os atentados ocorridos às Torres Gêmeas, em 11 de setembro de 2001, e suas consequências para o mundo, que mergulhou em um debate sobre as diferenças. Os autores destacam que as diferenças nos padrões de comportamento e interação da era atual, chamada também de era de incertezas, decorrentes de rápidas transformações, principalmente tecnológicas, teriam acentuado as distintas posições ocupadas pelas pessoas nos âmbitos da sociedade.

Como demonstrei até aqui, cultura, formas simbólicas e identidade são fenômenos complexos, impossíveis de serem estudados sob um único prisma e que se encontram em transformação constante. Em um mundo de impermanências, outro fenômeno igualmente complexo e plural, estreitamente ligado aos já debatidos até aqui, é ressignificado a todo instante. Trata-se da memória, cujas definições podem colaborar para que a cultura e a identidade de pessoas e seus grupos não se percam. Apresentarei essas definições e algumas reflexões sobre elas na seção a seguir.

3 MEMÓRIA: UM CONCEITO EM TRÊS CONCEPÇÕES

“A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar *identidade*, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia” (Le Goff, 1990, p. 476).

O desenvolvimento do homem, seja em suas características intrínsecas, seja naquelas adquiridas, depende diretamente do exercício de suas faculdades mentais e de sua criatividade. Suas habilidades carregam o potencial de transformar a realidade ao redor por meio, por exemplo, da criação de canais de comunicação com o outro e até mesmo com as várias versões de si, interligadas entre passado, presente e futuro. É assim que atua a memória, capacidade que, se não exclusiva da mente humana, nela encontra as condições para sua aplicação máxima, em processos decorrentes das conexões cerebrais. Mas a memória pode ser entendida também para além de um processo cognitivo, seja estendendo-se para os registros do conhecimento, seja constituindo um lugar intangível no qual se acumulam o capital simbólico e social construído pelo homem dentro de suas comunidades.

Assim como a cultura, a memória é um fenômeno também marcado pela pluralidade e tem atraído, desde os primeiros estudos dos quais foi objeto, a atenção de pesquisadores oriundos de diferentes campos do saber, característica que a aproxima de outro fenômeno: a informação. Silva, Cavalcante e Nunes (2018), em trabalho de revisão de literatura, apontam aproximações conceituais entre os fenômenos informacionais e de memória dentro da Ciência da Informação, a partir das definições e das teorias em torno dos dois fenômenos, de forma a compreender a natureza dessa proximidade e de seu desenvolvimento.

A CI, desde seu surgimento na década de 1960, debruça-se sobre a compreensão do fenômeno informacional, buscando verificar suas ocorrências desde o momento em que ele surge até o contato que estabelece com os usuários dos recursos em que se manifesta (Borko, 1968). Durante o desenvolvimento do campo, diferentes níveis de preocupação sobre essa relação foram estabelecidos, privilegiando ora os recursos informacionais ora os indivíduos, de acordo com a visão predominante de ciência em cada período e também com as diferentes influências que a CI recebeu de outras áreas do conhecimento.

Nesse sentido, Capurro (2003) identificou três paradigmas que nortearam as

transformações na Ciência da Informação: um primeiro, de caráter físico; um segundo, de natureza cognitiva e um terceiro, de dimensões sociais.

O primeiro paradigma está atrelado ao momento de origem do campo, o qual, buscando se estabelecer, estruturou-se sobre as bases do positivismo vigente, importando algumas de suas características como a objetividade e a experimentação (Siman, 1999). Assim, as pesquisas iniciais da CI compreendiam a informação como um conjunto de sinais transmitidos de um ponto a outro, desconsiderando o contexto de transmissão. Um dos principais reflexos do paradigma físico foi a Teoria da Informação e da Comunicação desenvolvida pelos engenheiros Shannon e Weaver (1975).

O segundo paradigma definido por Capurro tem viés cognitivista. Influenciada pelos conhecimentos advindos da Psicologia e da Ciência da Computação, a CI passou a estudar a relação informação/usuário privilegiando a mente deste último, a qual era comparada a uma máquina computadorizada que processa informações. Segundo Araújo (2017, p. 225), "A base conceitual se situa, neste caso, em torno da noção de processo entre a necessidade e o uso, passando pela busca, e de uma dimensão cognitiva que determina todo o processo".

O terceiro dos paradigmas defendidos por Capurro coloca a Ciência da Informação e os seus estudos de usuários em uma perspectiva social, considerando o sujeito como ser criativo, que interfere nos contextos que habita, para além de um mero receptor/processador de informações. Assim, interessam não só as necessidades de informação de grupos acadêmicos ou profissionais (priorizados no apogeu do paradigma físico), mas, principalmente, as pessoas em seu cotidiano e a maneira como buscam informações para solucionar seus problemas. O paradigma social, ainda em consolidação, convida os pesquisadores em CI ao adentramento em comunidades cujas práticas e questões são pouco conhecidas.

A partir dos conceitos introduzidos acima, esta seção e suas subdivisões ocupam-se da apresentação dos diferentes conceitos de memória, ao mesmo tempo em que mostram seus enlaces com a CI, tendo como guia as reflexões realizadas por Silva, Cavalcante e Nunes (2018). A proximidade entre memória e Ciência da Informação é abordada, principalmente, a partir dos paradigmas de Capurro. Tal empreendimento é fundamental para mostrar como a memória atua diretamente na construção da identidade das pessoas e de suas comunidades, manifestando-se, junto à cultura, em sua vida cotidiana.

3.1 A memória como capacidade de lembrar

A existência humana é marcada, diariamente, por uma diversidade de sensações, estímulos e apreensões face ao ambiente que o cerca e às relações que se constroem com os seres, dos vivos aos inanimados. Para além daquilo que é apreendido pelos sentidos, também se lida com as regras da vida social, com os costumes estabelecidos coletivamente e com hábitos cuja ciência e repetição competem para construir o pertencimento aos diferentes grupos. Esse rito de integração perpassa pela capacidade de aprendizado, a qual é dependente direta da memória, vista aqui como a capacidade de lembrar.

Quando se pensa em memória, o sentido mais comum atribuído ao termo refere-se ao exercício da mente humana empregada para acessar aquilo que já passou, como datas importantes, pessoas conhecidas em determinada época ou eventos que demarcaram a transição de um estado físico, emocional ou social para outro (Silva; Cavalcante; Nunes, 2018). Esse exercício é empregado em diversos momentos do cotidiano, de modo explícito ou implícito. As imagens do presente são acumuladas e dão repertório para as identidades individuais e coletivas tornando-se, em segundos, memórias, acessadas de acordo com diferentes necessidades e armazenadas segundo níveis de importância distintos.

Por sua onipresença, o uso da memória se incorpora de tal maneira às práticas humanas diárias que, em determinados momentos, ela é utilizada de modo inconsciente. Quando se conversa com alguém, por exemplo, faz-se uso das palavras, fixadas na memória no momento de seu aprendizado e que empregam a capacidade de lembrar de maneira menos perceptível. O processo mais explícito ocorre quando se é convidado a rememorar um acontecimento específico, seus detalhes e possíveis desdobramentos, momento em que a utilização da memória será acionada de modo direto e consciente. De uma forma ou de outra “[...] a memória permite ao sujeito significar e atualizar suas impressões da realidade, ressaltando os laços de identidade que o vinculam à sociedade” (Carvalho, 2019, p. 16).

Os conceitos que apresentei até aqui vão ao encontro do exposto por Le Goff, quando enuncia que “A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (Le Goff, 1990, p. 423). Nesse sentido, a memória é um dispositivo fundamental para que a pessoa se situe no presente e para que entenda todos os caminhos, os seus e os de outros, percorridos no passado, e que poderão conduzir sua trajetória no futuro.

A faculdade de lembrar está diretamente relacionada à construção da identidade humana e quaisquer abalos em seu exercício comprometem a autopercepção e as relações com os outros. Basta verificar os efeitos de doenças como o Alzheimer, por exemplo, que afeta

diretamente o cérebro e atua para desconstruir, gradativamente, as memórias construídas ao longo do tempo. Esse esfacelamento de lembranças, a incapacidade de reconhecer a si e ao outro, é um desmonte gradual da identidade do sujeito.

Nesse sentido, cabe destacar que alterações no funcionamento do cérebro humano e em sua capacidade de lembrar representam um risco tanto no sentido físico como no sentido social. É o que atesta Le Goff ao discorrer sobre as implicações da amnésia:

Ainda é mais evidente que as perturbações da memória, que, ao lado da amnésia, se podem manifestar também no nível da linguagem na afasia, devem em numerosos casos esclarecer-se se também à luz das ciências sociais. Por outro lado, num nível metafórico, mas significativo, a amnésia é não só uma perturbação no indivíduo, que envolve perturbações mais ou menos graves da presença da personalidade, mas também a falta ou a perda, voluntária ou involuntária, da memória coletiva nos povos e nas nações que pode determinar perturbações graves da identidade coletiva (Le Goff, 1990, p. 425).

Assim, o debate sobre lembranças está intrinsecamente relacionado ao debate sobre esquecimento, pois é “[...] nesta dialética entre lembrança e esquecimento, que se ergue a memória, colocada, assim, como uma dimensão que dialoga e percorre essas duas dimensões [...]” (Carvalho, 2019, p. 14). Tais dimensões ultrapassam a esfera das possibilidades da mente humana e podem se constituir em instrumentos de disputa e poder, manifestando-se em questões como o direito e o dever de esquecer ou lembrar, imbricados tanto nas relações socio-históricas quanto nos sistemas econômicos vigentes.

A ideia capitalista de progresso contínuo, que associa o desenvolvimento das sociedades às novidades e transformações, especialmente as derivadas da tecnologia, costuma colocar em risco a memória. É assim que monumentos são demolidos para abrir espaço para novas vias, e projetos arquitetônicos e artísticos, reveladores dos aspectos culturais de outrora, são modificados e ganham a forma de edificações sem identidade. Tais tentativas de apagamento, por vezes, colocam em disputa as próprias pessoas sobre quem as histórias são contadas por meio desses símbolos do passado: de um lado os que resistem para preservar suas memórias, priorizando o valor simbólico do bem material; de outro, os cooptados pela visão de valor atrelada exclusivamente à valorização econômica.

Fatos históricos também são alvo de conflitos relacionados à memória e ao esquecimento, como acontece, por exemplo, com os eventos relacionados ao período da ditadura militar mais recente da história do Brasil, iniciado nos anos 60 e finalizado 20 anos depois. O regime opressor gerou desdobramentos que se estendem até os dias atuais, levando à instalação de uma Comissão da Verdade, criada a partir da Lei nº 12.528, de 2011, com o intuito de investigar os crimes pouco esclarecidos na época e honrar a memória das vítimas, muitas

ainda desaparecidas (Weimer; Oliveira; Anunciação, 2019). Esse empreendimento também foi alvo de uma disputa de narrativas: as primeiras reconhecendo a importância do resgate da história como forma de dirimir as injustiças do passado; a segunda atrelando a criação da Comissão unicamente a embates político-partidários.

A disputa entre memória e esquecimento interessa a todos os que exercem formas de poder, especialmente o hegemônico. No caso do poder exercido pelos governos constituídos, a batalha se mostra presente tanto na arena dos que defendem ideais democráticos como nos que atuam de forma opressora, conforme pontuam Araújo e Santos:

Como instrumentos de poder, memória e esquecimento têm sido utilizados por governos diversos, sejam eles totalitários ou democráticos, que têm o objetivo de alcançar controle político sobre forças antagônicas. O esquecimento, portanto, também tem sido uma estratégia política utilizada por governos democráticos em determinados períodos. Esses exemplos são importantes porque eles nos mostram que as associações entre memória, autonomia e liberdade, por um lado, e esquecimento e autoritarismo, por outro, não podem ser generalizadas (Araújo; Santos, 2007, p. 100).

A hegemonia, no que compete à memória, também se faz presente nos registros do conhecimento aos quais temos acesso, os quais privilegiam a história de determinado povo em detrimento de outro. A história mundial, por exemplo, é oficialmente contada a partir do ponto de vista dos países dominantes, especialmente os europeus e os da América do Norte; a história do Brasil privilegia a participação da região sudeste, relegando a segundo plano as contribuições de estados de outras regiões. Assim, vai-se preservando a memória de determinados grupos, enquanto outros contam apenas com a capacidade de lembrar de seus próprios membros, os quais, excluídos, recorrem a mecanismos como a oralidade como meio para repassar e preservar seus costumes, ritos e tradições às gerações seguintes.

A oralidade é o recurso primeiro do qual o homem se vale para expressar suas histórias, compartilhando-as com seus pares e repetindo-as de modo a fixá-las na memória, atos fundamentais para tentar garantir a perenidade dos saberes construídos coletivamente. Tal tarefa depende diretamente da iniciativa das pessoas presentes no interior das comunidades que, para além de repetir seus conhecimentos, modificam-nos, em uma ação de interferência na realidade e de construção da própria história (Alberti, 2005). Para Carvalho (2019, p. 16): “Esta ação de socialização das lembranças se constrói através do discurso presente nas narrativas orais. As narrativas orais são, portanto, responsáveis por integrar ao cotidiano, por externar ao outro, a experiência existencial de um sujeito”.

A oralidade, como instrumento de mediação entre o homem e o mundo, é um dos principais meios que recorrem à memória enquanto capacidade de lembrar e, como tal, mostra-se fundamental na constituição da cultura dos povos, pois é “[...] um patrimônio que o grupo

detém e que é uma parte importante de sua identidade” (Alberti, 2005, p. 24). Mais acessível do que a escrita, por exigir apenas as capacidades de falar e de se expressar, a oralidade está presente nas práticas cotidianas como, por exemplo, nos ditados e saberes populares, em “causos” contados nas conversas entre vizinhos e nas instruções não registradas sobre modos de fazer e agir. Democrática por natureza, é uma faculdade disponível a quase todos os indivíduos, independentemente de origem, classe social ou espaço geográfico habitado.

A oralidade, especialmente entre grupos pequenos e/ou marginalizados, foi uma das primeiras tentativas do homem de perpetuação dos seus modos de vida. Apoiada na sabedoria popular e no conhecimento das pessoas com mais experiência no interior de cada comunidade, ela foi fundamental em tempos em que as tecnologias necessárias para o registro do conhecimento ainda não haviam sido descobertas.

Ao discorrer sobre as sociedades sem escrita, nas quais a oralidade constituía-se como principal, senão único, instrumento de preservação da memória, Le Goff destaca que elas “[...] atribuem à memória mais liberdade e mais possibilidades criativas” (Le Goff, 1990, p. 430). Assim, se uma história de conhecimento comum fosse contada por pessoas diferentes, ela ganharia contornos distintos, moldando-se à identidade de seu orador. Além disso, para casos em que o mesmo indivíduo narrasse uma única história diversas vezes, surgiriam novas versões, mais ou menos diferentes, porém jamais inteiramente iguais às anteriores.

Nesse sentido, percebe-se que uma das características fundamentais da oralidade é dispersar o texto que ela condensa (Bortolin, 2010), tornando difíceis a aplicação de mecanismos de controle para a preservação das memórias que ela manifesta. Tentativas de registrar o conhecimento oral em suportes do conhecimento poderão se deparar com várias versões para a mesma situação. É o que ocorre na narrativa do filme *Narradores de Javé*, obra cinematográfica com importantes reflexões sobre a preservação da memória. Na história, os personagens de uma cidade ameaçada pela construção de uma represa e que não tem sua história registrada, apresentam diferentes versões de sua origem, cada uma com nuances que aproximam os mitos de origem da identidade de quem os conta (Narradores [...], 2004).

A memória enquanto capacidade de lembrar mostra-se, conforme apresentei, essencial para o estabelecimento da identidade dos indivíduos e de seus grupos. Ela entrelaça diferentes espaços e tempos na mente das pessoas, permitindo que se construam referências para modos de ser e agir. Sem o auxílio de tais referências, o homem caminharia sem propósito, visto que, por não ter ponto de partida, não saberia aonde quer chegar.

Por suas características e pela forma como é estudada, privilegiando a mente humana e as conexões cerebrais, a memória enquanto capacidade de lembrar aproxima-se,

conforme observado por Silva, Cavalcante e Nunes (2018) do paradigma cognitivo da Ciência da Informação (Capurro, 2003). Em um e em outro há a focalização nos processos e nas conexões ocorridos no interior da mente das pessoas, ativados diante de situações de necessidades e ausências para as quais o homem busca respostas que o satisfaçam.

As limitações na capacidade de lembrar, como a dependência das lembranças de pessoas específicas do grupo, e a exposição a alterações no funcionamento da mente, que já mencionei, podem colocar em risco a preservação da memória coletiva de grupos que se apoiem apenas em cada indivíduo para repassar adiante seus costumes, hábitos e tradições.

Nesse sentido, surge uma outra faceta da memória como possibilidade para, aliada às narrativas orais, tentar perpetuar a memória coletiva de um grupo e sua identidade. E é sobre essa faceta que tratará a seção a seguir.

3.2 A memória como conhecimento materializado e armazenado

Se o equipamento cognitivo dos indivíduos possibilita a produção e a recuperação de memórias no interior de suas mentes, a capacidade imaginativa e empreendedora do homem permitiu que suas memórias se transformassem em registros do conhecimento. Assim, rompendo as fronteiras do cérebro humano, as lembranças são estendidas para suportes que permitem que pensamentos, reflexões e histórias carregadas por cada indivíduo e por seus grupos possam ser fixados e, posteriormente, recuperados.

A ideia de memória como materialização e armazenamento de informações é, assim como a concepção associada à capacidade de lembrar, bastante usual no cotidiano (Silva; Cavalcante; Nunes, 2018), popularidade que pode ser explicada pelos meios democráticos e acessíveis disponíveis para realizar tal tarefa. Mesmo alguém que não domine a escrita baseada em um alfabeto, um dos principais meios de materialização das memórias, pode expressar suas ideias por meio de símbolos, desenhos e outras manifestações artísticas, como o faziam os homens primitivos em suas cavernas. Pode, ainda, recorrer a um recurso tecnológico para gravar sua voz, como é feito, na atualidade, por meio dos aparelhos de telefone.

Os registros do conhecimento são o meio pelo qual os modos de vida construídos pelo homem se materializam em um canal direto com as gerações seguintes, abrindo frestas, no tempo e no espaço, e ampliando as possibilidades trazidas pela oralidade. “Toda fala escrita ou oral tem a sua especificidade. A escrita, por exemplo, congela um texto e a oralidade dispersa” (Bortolin, 2010, p. 37). Registradas em diferentes suportes, as memórias podem ser organizadas, sistematizadas e compreendidas em investigações futuras.

As paredes das cavernas foram os primeiros suportes dos quais o homem se valeu para expressar seus pensamentos, localizados em uma forma de organização social rudimentar. Por meio de pictogramas ele representava, por exemplo, mamíferos constituintes do espaço que habitava, criando manifestações rupestres localizadas milhares de anos depois em vários lugares do mundo, graças ao trabalho arqueológico (Lyons, 2011). Essas descobertas ilustram a possibilidade trazida pela memória, enquanto informação registrada e armazenada, de conectar diferentes períodos da história, entrecruzando tempos e espaços, além de proporcionar o conhecimento sobre formas de vida precedentes às do presente.

A escrita, do ponto de vista de um conjunto organizado de símbolos, apareceu somente milhares de anos depois, permitindo que os textos oralizados fossem reunidos de maneira fixa, o que representou um salto na forma como as memórias eram armazenadas e, posteriormente, recuperadas (Bortolin, 2010; Lyons, 2011). Tal tarefa recorreu a novos suportes para registrar informações, os quais variavam de acordo com a cultura presente em cada localidade e com os diferentes estágios da evolução humana.

O armazenamento de memórias viu nos livros um de seus principais modos de manifestação. Esse meio de comunicação utilizado para encerrar histórias de povos, grandes revoluções e figuras da humanidade evoluiu tanto em sua composição física como na forma de organizar os textos em suas páginas. Assim, das tábuas de argila passou-se para os códices estruturados em materiais como o papiro e o pergaminho e, posteriormente, para a utilização do papel, material cujo êxito perdura até os dias atuais, mas lidando com o advento dos dispositivos tecnológicos digitais, que têm reduzido gradativamente sua utilização.

Desde sua origem as memórias e os conhecimentos registrados nos livros não escaparam ilesas às relações de dominação entre os diferentes grupos humanos, sendo a Idade Média um dos períodos da história que melhor exemplifica a forma como esse objeto representava a extensão do poder social e religioso. A produção de manuscritos era uma das principais ocupações dos membros da Igreja Católica, que os armazenavam nas bibliotecas dos mosteiros, limitando sua circulação. O acesso às memórias registradas nos livros também era privilégio da elite econômica, que dispunha dos meios necessários para tal feito: dinheiro e alfabetização (Lyons, 2011). Nesse contexto, o direito à memória era condicionado aos critérios estabelecidos pelo clero e pela nobreza, alijando da história da humanidade os costumes, hábitos e crenças daqueles que não pertenciam aos seus círculos.

Revolução fundamental para o registro e armazenamento de memórias por meio da escrita foi a invenção da imprensa de tipos móveis por Gutenberg, no século XV, a qual ressignificou a forma de produção e acesso aos registros do conhecimento, causando grande

impacto na cultura ocidental. Os tipos móveis já eram conhecidos no Oriente, porém utilizados em menor escala e servindo a classes dominantes, tendo a xilografia servido muito mais à democratização da escrita nessa outra parte do mundo. Os tipos móveis de Gutenberg conviveram, por muito tempo, com a forma manuscrita de produção de livros, tomando de empréstimo muitas de suas características (Chartier, 1994, 1999).

A popularização da escrita, sobretudo por meio dos livros, permitiu que mais histórias fossem contadas e, conseqüentemente, que memórias de diferentes pessoas fossem registradas, senão escapando completamente às relações de dominação e poder, pelo menos atenuando seus efeitos. Para Halbwachs (1990, p. 67) “[...] ao lado de uma história escrita há uma história viva que se perpetua ou se renova através do tempo e onde é possível encontrar um grande número dessas correntes antigas que haviam desaparecido somente na aparência”.

A memória encarada a partir dessa concepção artificial (Le Goff, 2003) tem nas imagens capturadas e transportadas para seus suportes um meio de conexão visual entre passado e presente. Fotografias e pinturas constituem-se, assim, representações de pessoas, lugares e momentos considerados importantes para registro que, acessados posteriormente, permitem vislumbrar com mais exatidão formas de vida de outras épocas. Para Carvalho (2019, p. 100) “A fotografia proporcionou e proporciona ao homem o autoconhecimento, a possibilidade de recordação, a criação artística e o poder de testemunho”. Tais possibilidades foram expandidas pela popularização das câmeras fotográficas presentes nos dispositivos de comunicação móveis, tornando a captura de memórias uma das atividades mais corriqueiras de nossos dias, quer por imagens estáticas quer por imagens em movimento.

A sociedade contemporânea presencia uma revolução no modo de produzir, armazenar e recuperar memórias, propiciada pelo avanço da tecnologia e pela conseqüente popularização de seus produtos, que se renovam em velocidade crescente. O acesso facilitado às câmeras fotográficas digitais alçou-as à posição de protagonismo no registro de memórias, tornando-as objeto de desejo de milhares de pessoas. Em pouco tempo, esse protagonismo foi ressignificado para uma das principais funções dos *smartphones*, aparelhos de telefonia com diversas aplicações. Tal salto representou uma revolução na cultura, permeando o cotidiano com constantes capturas de imagens, pelas pessoas, de momentos das suas vidas: das reuniões de trabalho às horas de lazer; dos estudos em sala de aula aos conflitos de trânsito; nada escapa às lentes das câmeras apontadas para todas as direções.

A tecnologia e a internet transpuseram as redes de contato do mundo concreto para o ciberespaço, fenômeno cujo sucesso pode ser verificado pelo surgimento das redes sociais digitais e pela adesão dos indivíduos a estas. Assim, a cada segundo, mais e mais memórias são

armazenadas nesse suporte, atribuindo novos significados ao papel das pessoas diante dos meios de comunicação: a recepção coletiva predominante de outrora abriu espaço para a criação em massa dos “prossumidores” (Silva, 2009). Se as primeiras memórias produzidas e armazenadas foram expressas, inicialmente, por meio da escrita, as novas aplicações possibilitaram transitar para a produção de imagens estáticas e, posteriormente, para as imagens em movimento. Estas, na atualidade, são disseminadas abundantemente por meio de aplicativos destinados à produção de vídeos, como o *TikTok*, o *Kwai* e a função *Reels* do *Instagram*.

No contexto da sociedade contemporânea e da forma como esta se colocou em dependência direta da tecnologia e das redes sociais, falar em memória como capacidade para registrar, armazenar e recuperar informações é um debate explicitamente relacionado ao capitalismo. Para realizar o registro de suas memórias, os indivíduos buscam incessantemente as melhores versões de dispositivos tecnológicos, que são atualizados diariamente com preços diretamente proporcionais a funções mais aprimoradas. Assim, dispositivos com maior capacidade de armazenamento tornam-se mais cobiçados e, conseqüentemente, têm preços mais elevados. A memória torna-se, assim, um objeto de consumo na atualidade, diretamente relacionada à forma como os indivíduos se enxergam e querem se posicionar em uma sociedade em que “Para usar plenamente o seu potencial, você precisa de uma grande quantidade de informações constantemente atualizadas e de antenas permanentemente ligadas à conta bancária e aos cartões de crédito” (Bauman, 2007, p. 113).

A memória associada à capacidade de armazenamento e aos registros do conhecimento aproxima-se do paradigma físico da Ciência da Informação (Silva; Cavalcante; Nunes, 2018). O primeiro dos paradigmas definidos por Capurro focaliza os suportes informacionais, as estatísticas de sua utilização por grupos bem definidos (cientistas e acadêmicos) e as iniciativas necessárias para sua preservação. Também se intersecciona com a ideia de informação como coisa, relacionada aos aspectos tangíveis do fenômeno, expressos em dados e documentos que se podem tocar e manipular (Buckland, 1991).

Percebe-se que a memória, do ponto de vista de sua produção e armazenamento em suportes físicos ou digitais, acompanha os progressos materiais e tecnológicos realizados pelo homem e está intrinsecamente relacionada aos moldes de sua(s) cultura(s) e identidade(s). Nesse sentido, o fenômeno da memória também pode ser compreendido a partir de uma terceira perspectiva, estudada do ponto de vista de sua relação com as características individuais e coletivas dos grupos humanos. Tal prisma será abordado na seção a seguir.

3.3 A memória sob a óptica social

O homem é um ser social por natureza e tal característica é um dos fatores que o diferenciam dos demais seres vivos. Desde os primórdios, é pelo contato com seu semelhante que a sua identidade gradualmente toma forma, por meio da teia de relações que vai estabelecendo seu vínculo com os diferentes grupos nos quais está inserido. Assim, as memórias que constrói, registra e acessa também são dependentes dessa cadeia e tornam-se constituintes de uma memória coletiva que carrega a trajetória desses grupos.

Halbwachs defende que mesmo as memórias que se julgam individuais são, na verdade, compartilhadas com o outro, pois “[...] em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem” (Halbwachs, 1990, p. 26). Essas pessoas constituem o referencial humano ao longo de sua vida, ajudando-o a fundamentar suas decisões e a lidar com seus sentimentos e ações.

A memória, tomada no sentido social e coletivo, afasta-se da ideia de quadro em branco a ser preenchido de maneira passiva, e se caracteriza como um espaço em movimento que ressignifica a identidade (Carvalho, 2019). Uma percepção cotidiana do senso comum associada à memória é a máxima de que alguém “esqueceu de onde veio”, geralmente utilizada para indicar um indivíduo cujo comportamento se distanciou de suas origens. Tal imperativo popular é uma das demonstrações da força da memória para a construção do homem, elo que se desenha desde os primeiros anos de vida, conforme aponta Halbwachs:

É difícil encontrar lembranças que nos levem a um momento em que nossas sensações fossem apenas o reflexo dos objetos exteriores, no qual não misturávamos nenhuma das imagens, nenhum dos pensamentos que nos prendiam aos homens e aos grupos que nos rodeavam. Se não nos recordamos de nossa primeira infância é, com efeito, porque nossas impressões não se podem relacionar com esteio nenhum, enquanto não somos ainda um ente social (Halbwachs, 1990, p. 38).

Assim, para que uma descrição dos primeiros anos de existência de uma pessoa seja possível, será necessário recorrer àqueles a quem a capacidade de lembrar já estava consolidada à época. Com tais cenários traçados por meio de relatos, textos ou fotografias, apenas uma memória aproximada da vivência poderá se constituir.

Os hábitos, crenças, costumes e valores de um grupo constituem parte fundamental de sua memória coletiva. Tais elementos são vivenciados por todas as pessoas no interior do grupo, ainda que com níveis de acesso divergentes, tornando a memória coletiva uma possibilidade para contar uma história com características diferentes da história oficial

registrada, uma vez que cada indivíduo é parte ativa na construção do repertório compartilhado. Para Le Goff (1990, p. 29) “[...] há pelo menos duas histórias [...]: a da memória coletiva e a dos historiadores. A primeira é essencialmente mítica, deformada, anacrônica, mas constitui o vivido desta relação nunca acabada entre o presente e o passado”.

A memória coletiva tem como um de seus pilares as tradições fincadas pelos indivíduos já estabelecidos no grupo, que as repassam com todas as características dos fatos sociais que são: exteriores, gerais e coercitivas (Durkheim, 2007). Na relação entre passado e presente, há um campo de forças travado, ainda que inconscientemente, entre as gerações que se sucedem ao redor dessas tradições. Sua perpetuação é defendida pelos mais velhos como forma para manter a identidade do grupo e convive, cotidianamente, com a miríade de transformações presentes no mundo. Nesse jogo, há uma exaltação do passado, lugar estável a ser referenciado e, por vezes, reverenciado, conforme observa Le Goff:

Nesta devoção pelo passado há, no entanto, fendas através das quais se insinuam a inovação e a mudança. Qual a parte de inovação que as sociedades admitem na sua ligação com o passado? Só algumas seitas conseguem isolar-se e resistir totalmente à mudança. As sociedades ditas tradicionais, especialmente as camponesas, não são tão estáticas como se julga. [...] A inovação aparece em uma sociedade sob a forma de um regresso ao passado: é a idéia-força das "renascenças" (Le Goff, 1990, p. 213).

Uma das formas de inovação mais perceptíveis na sociedade contemporânea é a mudança nas maneiras de interagir decorrente, sobretudo, do uso das tecnologias da informação e da comunicação. Sua popularização, embora não escape aos problemas de exclusão social, se estende para comunidades localizadas nos interiores dos países, estados e cidades. Assim, em locais onde direitos básicos como o saneamento, por exemplo, ainda não foram entregues em sua totalidade, inovações trazidas pela tecnologia já se fazem presentes, desafiando as tradições existentes, mas colocando-se também como suas aliadas.

Dar conta do conjunto de conhecimentos produzidos coletivamente foi objeto de fascínio de muitas pessoas ao longo da história, tendo esse desejo se manifestado no desenvolvimento de estudos e na elaboração de produtos e serviços. Um dos exemplos mais célebres advém das contribuições de Paul Otlet e Henri La Fontaine, dois advogados belgas cujos ideais e propósitos revolucionaram as questões relacionadas à organização do conhecimento e ao tratamento documental. Dentre as diversas contribuições dos dois estudiosos, destacam-se a criação do Repertório Bibliográfico Universal, a elaboração da Classificação Decimal Universal (CDU) e a fundação do Instituto Internacional de Bibliografia (Pozzatti; Oliveira; Polonini; Rubim, 2014). Todas essas iniciativas visavam dar acesso ao conhecimento produzido pelo homem, ajudando a preservar suas memórias.

A preservação da memória vai constituindo, de modo concreto ou abstrato, os chamados lugares de memória, que podem se apresentar de maneira oficialmente estruturada ou como uma conjunção de sentimentos e intenções. A diversidade de características dos lugares de memória pode ser observada na definição de Nora:

Os lugares de memória pertencem a dois domínios que a tornam interessante, mas também complexa: simples e ambíguos, naturais e artificiais, imediatamente oferecidos à mais sensível experiência e, ao mesmo tempo, sobressaindo da mais abstrata elaboração. São lugares, com efeito, nos três sentidos da palavra, material simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos. Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual. Mesmo um minuto de silêncio, que parece o exemplo extremo de uma significação simbólica, é ao mesmo tempo o recorte material de uma unidade temporal e serve, periodicamente, para uma chamada concentrada da lembrança. Os três aspectos coexistem sempre (Nora, 1993, p. 21-22).

Os lugares de memória representam parte essencial da identidade dos povos cujas histórias e culturas neles se encerram. Por suas características, tornam-se espaços democráticos, especialmente os lugares de memória simbólicos, os quais, podendo ser representados de modo abstrato, tornam-se menos dependentes de recursos materiais e, por conseguinte, menos suscetíveis ao esquecimento proposital. Em situações de guerra, por exemplo, os espaços de memória em seu sentido simbólico apresentam maiores chances de resistência e sobrevivência às tentativas de apagamento utilizadas para subjugar oponentes no campo de batalha. Essa sobrevivência se dá, muitas vezes, tomando de empréstimo elementos da cultura do grupo dominante ou emulando-os para disfarçar os símbolos reais.

O ciberespaço constitui-se como um dos principais lugares de memória da contemporaneidade e as possibilidades para armazenamento e preservação da memória coletiva advindas de suas aplicações mostram-se inesgotáveis. Esse território é produto das interconexões traçadas entre as tecnologias digitais, incorporadas a computadores e dispositivos móveis. Por trás de cada aparato tecnológico há indivíduos e grupos, portanto, a interconexão entre as máquinas é, sobretudo, uma interconexão entre pessoas. Estas, em determinados lugares do ciberespaço como as redes sociais, por exemplo, constituem perfis pessoais ou profissionais, seus *alter egos* virtuais, os quais interagem entre si.

A interatividade é uma das características inerentes ao ciberespaço. Indivíduos produzem e reproduzem conteúdos, trocam experiências, reafirmam posições e se reúnem em comunidades fazendo circular em alta velocidade as “micro-formas documentárias” (Jeanneret, 2015) produzidas a todo instante. Entre as possibilidades está a de utilização do ciberespaço

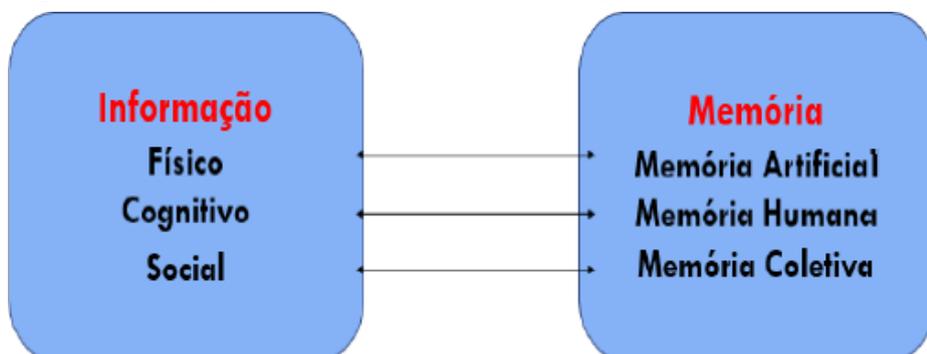
como meio para “[...] a preservação da memória individual, social e coletiva mediante manifestações e ações afirmativas [...] em prol da conservação e registro da informação” (Lazzarin; Azevedo Netto; Sousa, 2015, p. 28).

Nesse sentido, indivíduos e grupos cujas memórias, histórias e culturas são desconhecidas e/ou pouco valorizadas podem encontrar na atividade de mediação cultural desenvolvida no ciberespaço um meio para garantir seu direito à memória e à cidadania. Pensar em cidadania nessa sociedade da informação e do conhecimento conduz, inevitavelmente, a investigações sobre a comunicação e a linguagem digital e seus consequentes impactos na memória coletiva e na identidade cultural (Lazzarin; Azevedo Netto; Sousa, 2015).

Por suas características, a memória coletiva, enquanto produto da atividade social, guarda aproximações, na Ciência da Informação, com o paradigma social da informação de Capurro (Silva; Cavalcante; Nunes, 2018). A última das três visões de mundo elencadas pelo autor, que definiram o percurso da CI, volta sua atenção para os problemas que surgem no centro das interações, entendendo os indivíduos como produtores informacionais e culturais.

As relações entre as diferentes facetas da memória e os paradigmas da Ciência da informação estabelecidos por Capurro podem ser sintetizadas na Figura 3 abaixo.

Figura 3 - Relações conceituais entre informação e memória



Fonte: (Silva; Cavalcante; Nunes, 2018).

Embora cada paradigma se relacione conceitualmente com uma das concepções de memória, tais relações não podem ser tomadas de modo completamente isolado. Os suportes físicos da informação são fundamentais para fixar a memória coletiva, por exemplo; esta, por sua vez, também se intersecciona com a concepção cognitiva da informação, uma vez que parte das memórias geradas em cada mente para constituir o repertório de todos os indivíduos. Tais características mostram a complexidade dos fenômenos informacionais e da memória, os quais, enquanto objetos de estudo, ensejam análises cuidadosas e precisas.

A memória opera calcada no princípio da seleção, aplicado voluntaria ou

involuntariamente. O cérebro humano não consegue transformar todas as vivências em memórias: a intensidade de situações, o contexto dos eventos e a própria consciência sobre eles sedimentarão o que será recuperado adiante. É de maneira também seletiva que construímos memórias artificiais, decidindo o que merece registro e quais momentos serão guardados em suportes analógicos ou digitais. E a memória coletiva constrói suas seleções como produto das relações desiguais que são estabelecidas entre as pessoas.

Por tal característica, o caminho percorrido quando se quer revelar a memória de um povo precisa ser traçado com parcimônia, sabendo-se que a própria investigação será uma operação de seleção, a qual será mais representativa na medida em que der protagonismo àqueles a quem as memórias pertencem.

Até aqui, apresentei ao leitor os principais conceitos que norteiam as ideias de cultura e memória. Os autores e as obras escolhidos fundamentaram diversas trajetórias de pesquisa no Brasil e no mundo, e constituíram, neste estudo, o referencial a partir do qual os aspectos da realidade do povo de Arrojado puderam ser observados, comparados e registrados para que se tornassem conhecidos para além daqueles que integram a própria comunidade.

A seção a seguir apresenta o percurso metodológico trilhado para concretizar os objetivos desta pesquisa, tornando visível o cotidiano do Arrojado e de seus habitantes.

4 CHEGANDO AO ARROJADO: TRILHAS DE UM PERCURSO METODOLÓGICO

Este herói anônimo vem de muito longe. É o murmúrio das sociedades. De todo o tempo, anterior aos textos. Nem os espera. Zomba deles. Mas, nas representações escritas, vai progredindo. Pouco a pouco ocupa o centro de nossas cenas científicas. Os projetores abandonaram os atores donos de nomes próprios e de brasões sociais para voltar-se para o coro dos figurantes amontoados dos lados, e depois fixar-se enfim na multidão do público. Sociologização e antropologização da pesquisa privilegiam o anônimo e o cotidiano onde zooms destacam detalhes metonímicos - partes tomadas pelo todo (Certeau, 1998, p. 57).

A atividade científica é um caminho a ser percorrido com rigor, tomando como base os métodos e procedimentos apropriados para que a pesquisa se realize dentro dos padrões estabelecidos. Desse modo, assegura-se a correção em todas as fases da investigação e a idoneidade do resultado final, aspectos fundamentais para que a sociedade conheça e valorize as aplicações da ciência, algo necessário, sobretudo, em tempos de negacionismo. O fazer científico é semelhante às atividades desenvolvidas pelos detetives, os quais são guiados pelos elementos já conhecidos e pela curiosidade em revelar novos (Köche, 2014).

Quando a investigação incide sobre seres humanos e suas relações, objetos recorrentes nas Ciências Sociais e Humanas, o pesquisador recorre a métodos e técnicas apropriados para lidar adequadamente com a complexidade inerente a esse tipo de investigação. Assim, entra em cena a distância entre o cientista e os sujeitos pesquisados, sabendo-se que ela não será alcançada completamente e nem assim o deve, uma vez que, como afirma Santos, a partir das ideias de Clausewitz, “[...] o objeto é a continuação do sujeito por outros meios. Por isso, todo o conhecimento científico é autoconhecimento” (Santos, 2018, p. 44).

Nesse sentido, apresento, abaixo, as características do processo investigativo desta pesquisa que nortearam todas as suas fases.

4.1 A pesquisa e seus fins

O estudo aqui delineado caracteriza-se, quanto a seus fins, como exploratório, uma vez que buscou aproximações com o objeto alvo da investigação, além de tentar “[...] esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores” (Gil, 2010, p. 27).

Ainda quanto à finalidade, este estudo tem natureza descritiva. O cotidiano da comunidade de Arrojado foi observado, descrito e contextualizado, sendo relacionado às memórias e à cultura produzidas coletivamente. A partir dos hábitos, costumes, crenças e valores compartilhados entre os moradores do Distrito, os fenômenos da cultura e da memória

puderam ter suas características dissecadas e relacionadas (Gil, 2014).

Considerando que a cultura e a memória da população do Arrojado são pouco conhecidas por aqueles que não fazem parte do lugar, descrevê-las abre caminhos para revelar os aspectos do cotidiano local àqueles interessados em conhecê-lo. Essa descrição também permite fixar parte da memória coletiva da localidade, colaborando para a sua preservação.

4.2 A pesquisa e seus meios

Antes de ir à campo, foi necessário que eu me aprofundasse nos conceitos que guiaram a investigação, isto é, cultura e memória. Para tal, realizei uma pesquisa bibliográfica, etapa fundamental em qualquer investigação e que permitiu o contato com as produções já existentes sobre os dois assuntos (Markoni; Lakatos, 2010). Essa pesquisa bibliográfica resultou nas seções sobre cultura e memória, apresentadas ao leitor nas páginas anteriores.

Para concretizar os objetivos da investigação, o procedimento seguinte foi a pesquisa de campo. “O *trabalho de campo* permite a aproximação do pesquisador da realidade sobre a qual formulou uma pergunta, e também visa a estabelecer uma interação com os diferentes ‘atores’ (pessoas com as quais vamos trabalhar) que fazem parte da realidade” (Minayo, 2023, cap. 3). Foi a realidade das pessoas moradoras do distrito de Arrojado que guiou todo o processo investigativo, fornecendo elementos para a descrição de suas práticas e, posteriormente, para a correlação destas com os aspectos culturais e de memória.

O trabalho em campo foi realizado em três momentos: o primeiro deles em dezembro de 2023, utilizado, principalmente, para tomar decisões sobre a amostra da pesquisa. No ano seguinte, 2024, foram feitas duas novas idas ao Arrojado: a primeira delas em janeiro, com duração de duas semanas, e a segunda em maio, com duração de três dias.

4.2.1 Um lugar Arrojado: apresentando o campo de pesquisa

Arrojado é um dos seis distritos pertencentes ao município de Lavras da Mangabeira, juntamente aos distritos de Amaniutuba, Iborepi, Mangabeira, Quitaiús e a própria sede de Lavras (IBGE, 2023). Localizada na mesorregião geográfica do Centro-Sul cearense (Anuário [...], 2024), a origem da cidade está atrelada à busca pelo ouro que deslocou milhares de pessoas até a região, em meados do século XVIII, estabelecendo os primeiros residentes e trazendo desenvolvimento ao lugar nas décadas que se seguiram (Lima, 1998).

Para se deslocar até a sede do município de Lavras, os arrojadenses (gentílico não

oficial, mas que circula no interior da comunidade), até pouco tempo, faziam uso de uma estrada de terra de cerca de 14 quilômetros de extensão. Em 2020, contudo, foi inaugurada uma estrada pavimentada que corta o sítio Patos, caminho que já existia, mas que era pouco frequentado pelos moradores do Arrojado. A nova estrada passou a ser utilizada pelos moradores que, hoje, percorrem cerca de 16 quilômetros para chegar à sede de Lavras, agora sobre o asfalto.

O Arrojado localiza-se próximo a outro município: a cidade de Cedro. O acesso ao município, localizado a cerca de 9 quilômetros de distância, mesmo que através de uma estrada de terra, é mais curto quando comparado ao trajeto até Lavras. Por esse motivo, parte do cotidiano das pessoas do Arrojado sempre esteve atrelada à cidade de Cedro. Exemplo dessa relação é o deslocamento diário dos estudantes arrojadenses para a cidade vizinha com o intuito de frequentar estabelecimentos de ensino de nível médio, técnico e superior. Mesmo pertencendo a Lavras, é em Cedro que os estudantes dão continuidade à sua vida acadêmica, pois no Arrojado são ofertados apenas os níveis infantil e fundamental de educação.

As origens do Arrojado estão diretamente ligadas à passagem da Estrada de Ferro pelo Distrito. Quem conta como tudo começou é a autora Rejane Gonçalves:

Uma localidade com poucas casas e matagal foi o início do que viria a ser o distrito de Arrojado. Inicialmente, Timbaúba, pela existência de três sítios com o mesmo nome: Timbaúba de Pedro Sales, Timbaúba de Manoel Inácio e Timbaúba do Oratório Público do Sagrado Coração de Jesus, à margem da via férrea. Em seguida, recebeu a denominação de Paiano, depois, Arrojado. A passagem da estrada de ferro, no ano de 1917, veio trazer um novo aspecto ao povoado. *No dia 1º de dezembro de 1917, o Presidente do Estado, Dr. João Tomé, inaugura o trecho da ferrovia Cedro-Lavras, situado no quilômetro 488 da Estrada de Ferro de Baturité* (Gonçalves, 2013, p. 147).

Entre as denominações Paiano e Arrojado, o Distrito foi denominado Arrojado Lisboa, homenageando o Engenheiro Arrojado Lisboa, responsável por levar o ramal da estrada de ferro para essas terras (Capelo Filho; Sarmiento, 2010; Lima, 1998).

A origem, desenvolvimento e declínio do lugar estão diretamente associados à Estrada de Ferro de Baturité. Posso dizer que houve um Arrojado antes e outro depois do fim da circulação dos trens. Como o leitor verá adiante, o cotidiano no Distrito, hoje marcado pela tranquilidade, era movimentado pela circulação de passageiros vindos de outras cidades e pela existência de atividades que, atualmente, ou não existem mais ou perderam sua força.

4.3 Um olhar sobre o Arrojado: a abordagem de pesquisa aplicada

O processo de pesquisa foi guiado pela abordagem qualitativa, na qual questões subjetivas e interpretativas foram consideradas para alcançar os objetivos traçados. As

características da pesquisa qualitativa são assim definidas por Prodanov e Freitas:

Na abordagem qualitativa, a pesquisa tem o ambiente como fonte direta dos dados. O pesquisador mantém contato direto com o ambiente e o objeto de estudo em questão, necessitando de um trabalho mais intensivo de campo. Nesse caso, as questões são estudadas no ambiente em que elas se apresentam sem qualquer manipulação intencional do pesquisador. A utilização desse tipo de abordagem difere da abordagem quantitativa pelo fato de não utilizar dados estatísticos como o centro do processo de análise de um problema, não tendo, portanto, a prioridade de numerar ou medir unidades. Os dados coletados nessas pesquisas são descritivos, retratando o maior número possível de elementos existentes na realidade estudada. Preocupa-se muito mais com o processo do que com o produto. Na análise dos dados coletados, não há preocupação em comprovar hipóteses previamente estabelecidas, porém estas não eliminam a existência de um quadro teórico que direcione a coleta, a análise e a interpretação dos dados (Prodanov; Freitas, 2013, p. 70).

Esse tipo de abordagem mostra-se ideal para pesquisas em Ciências Sociais, de modo geral, e também para esta pesquisa, especificamente, em virtude de suas características.

4.4 Uma caminhada etnográfica

Investigações sobre hábitos, costumes, crenças e valores das pessoas exigem do pesquisador sensibilidade no olhar sobre seus investigados, de modo que haja disposição para se colocar ao lado desses indivíduos e não acima deles. Fundamental, pois, é “[...] desarmar-nos dos conceitos e pré-conceitos que ordenam nossas percepções e condutas. [...] Isso quer dizer que não podemos aceitar o conceito de cultura circunscrito à subjetividade do nosso modo particular de ver o mundo.” (Feitosa, 2011, p. 1-2).

Nesse sentido, surge como possibilidade de condução das pesquisas a etnografia. Mais do que um método de pesquisa, ela é entendida como um caminho no qual os indivíduos observados são colocados como protagonistas que conduzem toda a atividade do pesquisador. Neste percurso, o etnógrafo se depara com uma paisagem que é formada por

[...] uma multiplicidade de estruturas conceituais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e inexplícitas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar. E isso é verdade em todos os níveis de atividade do seu trabalho de campo, mesmo o mais rotineiro: entrevistar informantes, observar rituais, deduzir os termos de parentesco, traçar as linhas de propriedade, fazer o censo doméstico... escrever seu diário. Fazer a etnografia é como tentar ler (no sentido de “construir uma leitura de”) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado (Geertz, 1989, p. 7).

Um dos principais meios empreendidos no fazer etnográfico são as observações que o pesquisador realiza em campo (Nunes; Carneiro; Silva, 2019). É observando o grupo eleito

para estudo que o etnógrafo encontra meios para caracterizar os indivíduos que integram essa comunidade no tocante aos seus hábitos, motivações e outros elementos constituintes da organização social. Assim, ele tenta revelar os aspectos que perpassam as relações e que nem sempre são praticados de modo consciente pelas pessoas.

Nessa tarefa, portanto, o pesquisador precisa estar aberto para todas as falas, para todas as posturas, para o menor sinal de interferência no ambiente e nas relações que estuda, estando disposto a colocar todos os sujeitos que investiga em igual importância.

Ao ir a campo, o etnógrafo defronta-se com duas perspectivas diferentes quanto ao modo de cartografar a comunidade estudada. A primeira delas, comum nos primeiros estudos etnográficos desenvolvidos, faz uso de uma abordagem ética, isto é, centrada no próprio pesquisador, que descreve o grupo a partir de seu ponto de vista. A segunda perspectiva vale-se de uma postura êmica do etnógrafo, isto é, uma abordagem na qual as pessoas estudadas são colocadas, efetivamente, como protagonistas. São seus próprios conceitos, falas e interpretações que se impõem ao ponto de vista do pesquisador (David; Rocha; Nóbrega, 2020).

Para os propósitos deste estudo, a abordagem êmica se mostra apropriada, uma vez que todo o processo de desenvolvimento desta pesquisa intenta dar visibilidade às práticas diárias das pessoas do Arrojado, que é o propósito nuclear da perspectiva êmica (David; Green; Santos, 2020). Assim, ao descrever, por exemplo, a igreja católica do distrito de Arrojado, referi-me a ela como “igreja”, pois é esse o termo utilizado pelos moradores da localidade, embora nas comunicações oficiais e registros sobre o Arrojado, conste a palavra “capela”. Foi dentro da perspectiva êmica, também, que as falas das entrevistadas utilizadas neste texto foram transcritas sem qualquer apontamento de que não correspondem à forma culta da linguagem escrita, pois o que se busca aqui é o sentido daquilo que elas expressam, a partir dos próprios termos utilizados no cotidiano e que são marcas próprias da oralidade.

4.5 Os protagonistas da pesquisa e a coleta de dados

A população do distrito de Arrojado é, hoje, constituída, em grande parte, por pessoas idosas. Como os dados mostrarão na próxima seção, os jovens do lugar, em sua maioria, deixam o Distrito para trabalhar e/ou estudar em outras cidades ou estados. O sustento da população local advém, basicamente, da agricultura, de proventos de aposentadoria e de empregos no comércio e no serviço público, além de atividades informais.

Oficialmente, nove ruas compõem o Distrito, sendo elas os espaços em que as relações entre os moradores surgem e se solidificam enquanto residem na localidade. A imagem

da Figura 4 exibe essas ruas vistas de cima.

Figura 4 – Vista de satélite do Arrojado



Fonte: Google (2024).

Os nomes das ruas que compõem o Distrito são: Rua Nelson Lemos, Rua Antônio Gonçalves, Rua Boaventura Gonçalves, Rua Antônio Ventura, Rua Doutor Magela Lima, Rua José Gonçalves, Rua José Pinheiro da Silva, Rua José Caetano e Rua Tomaz de Sales. Para os propósitos desta pesquisa, a Rua Tomaz de Sales não foi considerada, uma vez que é composta por poucas casas e estas encontram-se sem habitantes. Além disso, no sentido de relações entre os moradores, a rua Tomaz de Sales sempre foi, praticamente, uma extensão da Rua Boaventura Gonçalves. Por isso foram tratadas como uma única rua nesta pesquisa.

Para cumprir os objetivos propostos neste estudo, coletei os dados por meio de observações simples e participantes com os moradores do Arrojado, realizadas em dezembro de 2023 e janeiro e maio de 2024. Assim, apliquei a principal técnica utilizada em estudos etnográficos, conforme apontado por Nunes, Carneiro e Silva (2019). Para executar essas observações, estive envolvido nos momentos presentes no cotidiano do Distrito, como novenas de natal e conversas nas calçadas, seja de forma ativa ou apenas como ouvinte.

Guiada pela perspectiva êmica do trabalho etnográfico, a coleta de dados também recorreu a entrevistas semiestruturadas, realizadas com moradoras do Arrojado. Para aplicar essa técnica de coleta de dados, adequada a pesquisas etnográficas, foi criado um instrumento de coleta, isto é, um roteiro, composto por 31 perguntas, divididas nos seguintes tópicos: **cotidiano e espaços** (5 perguntas); **história do Arrojado/linha do trem** (4 perguntas); **festividades** (3 perguntas); **religião** (3 perguntas); **economia** (5 perguntas); **educação** (3

perguntas); **política e cidadania** (2 perguntas); **comunicação** (2 perguntas) e **identidade e futuro** (4 perguntas). O roteiro completo da entrevista, com todas as perguntas aplicadas, pode ser consultado no Apêndice A, localizado ao final do texto.

As entrevistas foram aplicadas a oito mulheres residentes no Distrito, com idade acima de 60 anos. Para cada uma das oito ruas que integraram a coleta de dados, foi escolhida uma mulher, resultando no total de oito participantes das entrevistas. A opção pelas mulheres se deu a partir da verificação, mediante observações iniciais, de que elas integram, em maior número, as atividades culturais e religiosas do lugar. Além disso, a escolha pelo gênero também é baseada em algumas das reflexões de Araújo e Santos (2007), quando apontam a exclusão das mulheres de boa parte das narrativas dos lugares, cujas memórias são, majoritariamente, contadas por homens. Assim, como intento dar voz à população do lugar, cuja exclusão em diversos aspectos é uma de suas marcas, a escolha pelas mulheres busca realizar esse objetivo também na amostra das pessoas entrevistadas.

Os nomes das mulheres entrevistadas foram substituídos por nomes fictícios para preservar seu anonimato. Assim, cada uma das oito entrevistadas recebeu diferentes identificações: Alda Fonseca, Rute Maria, Sônia Moreira, Arlete Silva, Elizabete Viana, Benedita Santos, Carmem Souza e Joana Aquino. Há ainda, a participação de um morador do gênero masculino, que, por sua fala importante em uma das entrevistas, foi incluído em alguns trechos. Essa pessoa está identificada pelo nome de Neto.

Considerando que boa parte da população do Arrojado é constituída por pessoas idosas e que é em suas capacidades de lembrar que se encontram as memórias mais antigas do Distrito, registradas parcialmente neste texto, restringi a aplicação das entrevistas a mulheres com idade superior aos 60 anos de idade. É a partir dessa idade que se constitui a população considerada idosa, de acordo com o Estatuto da Pessoa Idosa (Brasil, 2003).

As entrevistas foram realizadas com um aplicativo de gravação de voz disponível nativamente em um telefone celular da linha *Samsung*, modelo *Galaxy A22*. O formato de saída dos arquivos de áudio é o m4a, que ocupa tamanho considerável de armazenamento.

Após a realização das duas primeiras entrevistas, testei softwares de conversão de áudio em texto que seriam utilizados ao final da coleta dos relatos, na fase de transcrição. Foram testados o programa *EaseText audio To Text Converter*, versão *desktop*; o recurso “transcrever”, disponível no *Microsoft Office Word*, e o *Transcriber Bot*, que foi instalado dentro do aplicativo de mensagens *Telegram*.

À exceção do aplicativo da *Microsoft*, os dois outros transcritores possuem limites para o tamanho do áudio que pode ser enviado para conversão em texto. Como os arquivos

gravados em meu celular eram extensos, decidi realizar as entrevistas seguintes fazendo pausas na gravação, salvando a fala já realizada e iniciando uma nova, resultando em 3 ou 4 áudios por entrevista, com tamanhos individuais menores, mas que não se mostraram suficientes para uso no *EaseText* e no *Transcriber Bot*.

Nesse sentido, decidi utilizar o recurso “transcrever” da *Microsoft*, porém a taxa de erros foi muito alta e seria necessário dedicar muito tempo à correção do texto transcrito.

De volta aos outros dois aplicativos, decidi converter os áudios das entrevistas em tamanhos menores. Assim, foi possível submetê-los à transcrição, pois obedeciam ao tamanho mínimo dos programas disponíveis. O *EaseText*, contudo, apresentou novo limite: na quantidade de arquivos que poderiam ser transcritos em sua versão gratuita. Nesse sentido, decidi testar novamente o *Transcriber Bot*. Enviando os áudios um a um, através da interface de conversas do *Telegram*, o programa gerou os textos com uma taxa de erros bem menor do que o do recurso presente no *Word*. Assim, utilizei o *Transcriber Bot* para transformar todas as entrevistas gravadas em texto. Em alguns momentos o aplicativo demorou para iniciar a transcrição do áudio enviado, sendo necessário realizar novo envio.

Após a realização de todas as transcrições, elas foram enviadas às participantes, para que tivessem ciência do material. Em seguida, passei para a fase de tratamento dos dados, já iniciando o processo que conduziu à sua análise.

4.6 Técnica de análise dos dados

Para analisar os dados coletados nas entrevistas, utilizei a técnica de análise de conteúdo, conforme proposta por Bardin (2011). A autora compara a atitude do pesquisador que utiliza essa técnica a de um *voyeur*, isto é, um observador atraído por aquilo que vê, o que, no caso da análise de conteúdo, é o teor das mensagens veiculadas.

Para aplicar a técnica de Bardin apropriadamente, além de recorrer à obra original da autora, busquei esclarecimentos em duas outras obras, escritas por Franco (2021) e Rodrigues (2021), destinadas a detalhar o passo a passo da aplicação da técnica. Os procedimentos adotados para chegar às categorias conceituais, objetivo da análise, estão descritos abaixo e apoiaram-se nas definições e interpretações dos três autores citados.

Segundo Bardin, são três as etapas da análise de conteúdo: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados. Esse conjunto permite chegar à inferência sobre conhecimentos relacionados à produção e à recepção das mensagens transmitidas. Essas três fases não são realizadas de maneira completamente linear e cada uma possui suas próprias

etapas, cujo percurso nesta pesquisa foi realizado conforme descrevo a seguir.

4.6.1 Pré-análise

O primeiro passo da pré-análise foi a realização da leitura flutuante, momento em que estabeleci o primeiro contato com os dados das entrevistas. Essa leitura aconteceu em diversos momentos, iniciando ainda na transcrição das gravações e se estendendo por todo o processo que transformou os dados no texto que o leitor verá na próxima seção.

A segunda etapa da pré-análise consistiu em construir o *corpus* da pesquisa. Nesse momento, selecionei quais partes das entrevistas serviam aos propósitos deste estudo. Com base no objetivo geral e nos objetivos específicos, apliquei operações de recorte e seleção, o que levou à exclusão de parte considerável das falas das entrevistadas. Assim, das respostas dadas às perguntas feitas, utilizei apenas uma parte para a análise.

Para chegar ao *corpus* da pesquisa, utilizei cinco regras, conforme apontadas por Bardin: exaustividade, decorrente de diversas leituras realizadas; representatividade, levando em conta a posição das participantes dentro do universo da pesquisa; homogeneidade, isto é, seleção dos documentos a partir de critérios precisos de escolha; pertinência, ponderando sobre o potencial de respostas dos dados para a questão de pesquisa; e exclusividade, com a classificação dos elementos em apenas uma categoria.

A terceira etapa da pré-análise consistiu no estabelecimento de seus objetivos, guiado pelo objetivo geral da pesquisa e pelos objetivos específicos. A partir das falas presentes nos dados, um dos objetivos específicos foi modificado, algo já previsto nesse processo.

As etapas seguintes foram as de referência e enumeração de indicadores e preparação do material. Nelas procedi à verificação de índices, isto é, palavras e/ou frases significativas no conteúdo das falas das entrevistadas, levando em conta não só sua recorrência no texto, mas, principalmente, sua pertinência face aos objetivos. As falas foram tabuladas, de maneira a organizá-las e compará-las. Nesse momento, foi realizada uma identificação fictícia para cada uma das participantes, com nomes que já apresentei ao leitor.

Em todo o processo da etapa de pré-análise, ocorreu a preparação do material: transcrição dos textos, correção de palavras não registradas adequadamente no momento da transcrição e “limpeza” dos dados. Esses desdobramentos da pré-análise foram fundamentais para avançar para a etapa seguinte: a exploração do material.

4.6.2 Exploração do material

Com a organização realizada na primeira fase, procedi a uma exploração mais detalhada do *corpus*. Guiado pela pergunta da pesquisa e por seu objetivo geral, busquei os sentidos e os significados presentes nas falas das mulheres entrevistadas, orientado pelos conceitos presentes no referencial teórico. Esta etapa da análise marcou, dessa forma, as atividades de codificação, tratamento e categorização dos dados.

O primeiro passo foi estabelecer unidades de contexto, isto é, frases ou parágrafos contendo trechos significativos das entrevistas e sobre os quais seria realizada a análise de conteúdo. Esse estabelecimento possibilitou chegar às unidades de registro.

As unidades de registro representam a essência das unidades de contexto. Elas são, por exemplo, uma frase para o parágrafo ou uma palavra para a frase. Construídas a partir das comunicações analisadas e do referencial teórico, permitiram chegar aos eixos temáticos.

Os eixos temáticos consistem no agrupamento das unidades de registro a partir das aproximações entre estas. Assim, as unidades estabelecidas para as falas das entrevistadas foram reunidas em seus respectivos eixos temáticos. Esse terceiro movimento demarcou a etapa que culminou nas categorias de análise.

As categorias de análise desta pesquisa foram estabelecidas *a posteriori*, isto é, após o trabalho de tratamento e codificação dos dados. O Quadro 1 apresenta parte desse processo de idas e vindas aos dados e que resultou no estabelecimento das categorias.

Quadro 1 – Movimento de categorização dos dados

Unidade de contexto	Unidade de registro	Eixo temático	Categoria
Participo. Do apostolado. Do grupo de oração também, que... renovação carismática. Chama de amor, é. É muito bom, porque dia primeiro as missas eram só as missas, nera? Não tinha celebração, não tinha ministro da eucaristia, né? Era mais difícil pra gente. Pra esse povo mais velho, já era mais difícil de... Nós não, nós já... tivemos a sorte de ter ministro da eucaristia, que tem três aqui no Arrojado, né, e tinha seu Vicente. Quando seu Vicente faleceu ficaram as meninas, Lêda, a filha dele, e as duas meninas, né, Geralda e Marilene. Aí a gente nunca fica sem uma celebração quando...	Celebração /Missa	Igreja	Lugares
É só minha igreja. A igreja. É a minha igreja, a minha família, meu marido, meus filhos, meus irmãos, meu sogro, só minha família. Me encanta o pessoal, as amizades	Membros da família	Familiares	Pessoas

que eu tenho aqui no Arrojado, quando a gente se encontra na igreja.... O que me encanta mais isso, aqui no Arrojado, é isso. A convivência que a gente tem na igreja.			
Os primeiros que a gente usou foi a carta, né? Através dos correios, né? E depois veio telefone fixo... É, aí depois foi botado orelhão, né? Foi... E hoje tá aí, nós aí, todo mundo com celular, com telefone. Tá, a todo momento a gente consegue se comunicar, né?	Comunicação a distância	Telefone	Objetos

Fonte: Adaptado de Rodrigues (2021).

Assim, após realizar várias idas e vindas aos dados, fazer inúmeras leituras flutuantes e aplicar as orientações dadas por Bardin e interpretadas por Rodrigues e Franco, cheguei, em um primeiro momento, a três categorias iniciais, dadas a partir dos próprios dados: Lugares, Pessoas e Objetos. Em seguida procedi à terceira etapa da análise de conteúdo.

4.6.3 Tratamento dos resultados

A última das etapas da análise de conteúdo consistiu em estabelecer o diálogo entre as categorias de análise, dando forma aos dados coletados e colocando sobre eles minhas impressões, a partir da leitura dos autores apontados no referencial teórico. Foi o momento de interpretação dos dados da pesquisa, que constitui o âmago deste trabalho.

Durante o processo de interpretação, com base na obra de Certeau, o nome da primeira categoria foi alterado de “Lugares” para “**Espaços**”. Esta categoria apresenta os principais espaços do Arrojado que foram citados pelas entrevistadas. Frequentados pelos moradores, seja diariamente ou em ocasiões específicas, são verdadeiros símbolos do lugar.

A segunda das categorias, **Pessoas**, realiza uma cartografia das principais características dos moradores do Arrojado, de acordo com aquilo que foi revelado nas falas das entrevistadas e nas observações empreendidas em campo. Aqui entram questões comuns à maioria dos moradores, como hábitos e valores compartilhados.

A terceira categoria apresenta **Objetos** que ajudam a compreender parte da cultura e da memória das pessoas do Arrojado. Ela abrange objetos pessoais e outros mais genéricos.

Em meio às análises, o leitor irá se deparar com seções descritivas, destinadas a compartilhar parte das observações realizadas nos dias de coleta de dados, narrando a paisagem, o movimento de pessoas e outros elementos do Distrito.

5 PELAS RUAS DO ARROJADO: ENTRE ESPAÇOS, PESSOAS E OBJETOS

Já era perto do meio-dia quando o trem rilhou suas rodas de ferro na última curva antes do distrito, avisando, através da agudez de seu inconfundível apito, que por sobre aqueles trilhos de ferro um futuro de educação e amor ao magistério estava chegando àquelas plagas. Praticamente todos os habitantes do lugar estavam aglomerados nas calçadas da estação. Era dia de festa, música e novidades, ninguém querendo perder um detalhe que fosse daquele dia histórico (Leitão; Monteiro, 2007, p. 46-47).

O Arrojado que encontrei nos dias de pesquisa não é mais o mesmo da época em que o deixei, em 2009, e nem o poderia ser. O tempo age sobre o cotidiano de maneira implacável: não permite retornos que não sejam pelas lembranças, fragmentos e representações dadas pela capacidade de lembrar, ou por registros capturados pelas fotografias.

Muitos daqueles que eu conhecia não estão mais no Distrito, ao passo que vários rostos novos circulam pelas ruas, fazendo com que eu pergunte a algum morador de quem se trata. No Arrojado, todo mundo se conhece. Espaços, outrora vazios, agora se encontram preenchidos por casas que foram construídas, mudando o movimento de pessoas de uma rua para a outra. Casas, antes habitadas, agora se encontram fechadas.

Algumas coisas, no entanto, parecem nunca mudar. O velho costume de sentar-se às calçadas durante a noite para conversar com os vizinhos ainda permanece, permeado, agora, pela presença dos telefones celulares. Costume que entrecruza cultura e memórias.

O ato de registrar os elementos que constituem a memória e a cultura do povo de Arrojado resultou em três seções, apresentadas nas próximas páginas, e que tem como essência as categorias temáticas estabelecidas no trabalho metodológico: Espaços, Pessoas e Objetos.

Para a primeira das categorias, “Espaços”, busquei elencar alguns dos principais espaços que se constituem símbolos do lugar, apontados nas falas das entrevistadas. Assim, o leitor poderá conhecer e reconhecer: a Igreja do Sagrado Coração de Jesus, a Escola de Ensino Infantil e Fundamental Manoel Gonçalves da Silva, o Ceará Parahyba Hotel (atual salão de eventos da igreja), a estação ferroviária do lugar e a fábrica de algodão, que foi demolida.

Escrita a partir da categoria “Pessoas”, a seção seguinte é destinada a caracterizar as pessoas do Arrojado, abordando hábitos, costumes e crenças comuns aos habitantes do Distrito, como a proximidade entre eles, suas religiões e ocupações.

Por fim, a última seção, dedicada à categoria “Objetos”, elenca objetos encontrados nas casas de alguns moradores e que ajudam a contar parte da memória e da cultura locais. Além disso, descreve a influência de outros artefatos no cotidiano do Distrito.

5.1 Espaços do Arrojado: ambientes de trocas

Dezembro, pouco mais de cinco horas da tarde. O motorista estaciona o ônibus na rodoviária, após cerca de oito horas de viagem. As portas se abrem e parte dos passageiros levanta de suas poltronas e retira suas bagagens dos compartimentos, andando pelo corredor do veículo. A cidade, apenas mais uma das paradas para os que continuam sentados, é o ponto de chegada do grupo de pessoas em pé, que caminham lentamente até saltarem do ônibus e pisarem na rodoviária de Cedro, município do interior do Ceará. Há mais bolsas e malas para pegar no compartimento de bagagens e elas são entregues por um funcionário da empresa de ônibus.

Eu encontro um conhecido que realiza fretes em seu carro particular. Cumprimento-o e ele me ajuda a guardar meus pertences em seu veículo. Entramos no carro e percorremos algumas ruas da cidade de Cedro para, alguns minutos depois, a estrada asfaltada dar lugar a uma estrada de terra. Nove quilômetros nos separam do Arrojado, nosso destino, do qual nos aproximamos à medida em que o verde das matas, a cor de terra da estrada e diferentes tons das fachadas das casas espalhadas pelo caminho, preenchem a vista.

A moldura verde da paisagem se abre para anunciar que estamos na Timbaúba, aliás, uma das Timbaúbas. São vários sítios com essa denominação, que varia na parte final, de acordo com as famílias que aqui residem e a eles deram origem: Timbaúba dos Monteiro, dos Carlos, dos Sales, dos Moraes... Já é o Arrojado em seu sentido mais amplo, pois, geograficamente, algumas das Timbaúbas pertencem a ele. O Arrojado, em sentido mais estrito, vem logo após uma ladeira íngreme na qual subimos para, logo em seguida, nos depararmos com as primeiras casas e com a torre de cores claras com o crucifixo em sua ponta.

Janeiro, aproximadamente uma hora da tarde. Estou na sede de Lavras da Mangabeira, vindo pela estrada de asfalto do Cedro, e visualizo a placa que indica a entrada, à direita, para a nova estrada que leva ao Arrojado. O asfalto corta algumas ruas limítrofes de Lavras e logo os tons de verde da paisagem rural passam a ser minha companhia. A viagem, dessa vez, foi feita em um automóvel pessoal desde a sua origem, em Fortaleza. Esse fato abreviou o percurso em, aproximadamente, 3 horas.

A estrada nova, completamente asfaltada, passa ao lado do Boqueirão, ponto turístico local e símbolo da cidade de Lavras da Mangabeira. O Rio Salgado é como uma garganta que corta a imponente Serra do Boqueirão ao meio. Juntos, a permanência das rochas e a liberdade das águas compõem uma paisagem em que natureza, laços com o outro, encantos e lendas locais se entrelaçam. Hoje, porém, não irei adentrar as águas do Boqueirão, mas seguir pela estrada que corta o sítio Patos, onde o Boqueirão fica; na verdade, um dos sítios Patos,

pois, à semelhança da Timbaúba, é constituído por divisões: Patos 1 e Patos 2.

Após algumas curvas, subidas e descidas, mulheres pelo caminho fazendo caminhada no asfalto, avisto ela ao longe: novamente, a torre de tons claros com seu crucifixo na ponta, este não visível por conta da distância. Localizada “lá em cima”, na rua mais alta, sua imagem vai ficando menos difusa à medida em que me aproximo. Quase como se dissesse “O Arrojado está aqui, aproxime-se!”, o prédio indica que estou adentrando meu destino mais uma vez. Se seus fundadores faziam ideia de que ela seria uma das primeiras coisas visíveis quando se entra no Arrojado, não é possível dizer, mas sua localização soa como uma grande saudação de boas-vindas, seja para aqueles que chegam pela primeira vez, seja para os que retornam. Por essa e outras razões, a cultura e a memória do Arrojado estão entrelaçadas a esse espaço: a Igreja do Sagrado Coração de Jesus.

5.1.1 A Igreja do Sagrado Coração de Jesus

Figura 5 – Igreja do Sagrado Coração de Jesus



Fonte: Elaborada pelo autor.

A imagem da Figura 5 captura a igreja católica do Arrojado, inaugurada no ano de 1903, conforme placa afixada na parede de entrada de sua nave. A autora Rejane Monteiro Augusto Gonçalves, na obra intitulada “História eclesiástica de Lavras da Mangabeira”, conta que o terreno para edificação da igreja foi doado por Boaventura Gonçalves e por sua esposa, Ana Teresa de Jesus. Até então, havia no Distrito apenas um oratório, no cômodo de uma das residências, sendo esse o espaço que recebia as missas (Gonçalves, 2013).

Em 2023, foram comemorados os 120 anos de existência da igreja. 20 anos antes, no ano de 2003, foi celebrado, com grande festa, seu centenário, momento de alegria para os católicos do lugar e que se mostrou, também, uma oportunidade para que eles pudessem conhecer um pouco da história do templo que consideram um dos símbolos do Arrojado. Quem relembra a festa dos 100 anos é Arlete Silva, moradora do Distrito:

Teve muita coisa bonita na festa dos cem anos, que a gente até nem... nem conhecia como, por exemplo, assim, ninguém nunca tinha contado a história, “Qual era o primeiro quadro da igreja?”. “Qual foi o primeiro quadro da igreja?”. Hoje a gente sabe. E aquelas... tinha umas coisas antigas guardadas, que eram da igreja, como os paramentos, a gente ia... hoje a gente sabe o que é. Então foi... aquele ano foi, assim, uma descoberta assim de... de... que marcou, foi a festa dos cem anos. [...] Foi dois mil e três (Arlete Silva).

As palavras de Arlete refletem o sentimento de satisfação de alguém que é apresentada à parte da memória do espaço que frequenta e, por consequência, à memória de sua comunidade religiosa. Muitos são os espaços que frequentamos e que se impõem à nossa existência pela condução dos grupos a que pertencemos: a família, a comunidade escolar, os vizinhos, os amigos. Tornamos esses lugares tão familiares, tão nossos, que, muitas vezes, não nos perguntamos sobre suas origens, seu desenvolvimento e sobre aqueles que nos antecederam, pois nosso modo de agir nesses espaços acaba se tornando automático (Boas, 2023). Isso acontece, retomando Durkheim (2007), porque muitos elementos de nossa existência, incluindo a religião e seus templos, mostram-se fatos sociais e, como tais, apresentam-se de fora para dentro, de maneira geral e impositiva. Sendo tomados como elementos naturais da realidade, não há a preocupação em nos convencer da necessidade de sua integração à nossa vida: temos que estar neles porque a comunidade a que pertencemos também está lá.

Nesse pouco mais de um século de existência, muitas foram as transformações presenciadas pela Igreja do Sagrado Coração de Jesus, seja em sua arquitetura interior, na paisagem ao seu redor ou nos costumes religiosos locais. Essas mudanças marcam o caráter impermanente das coisas e refletem as transformações da sociedade em geral, da qual o

Arrojado é parte constituinte, mesmo que situado em uma região longínqua. Tais momentos de transição são mais bem compreendidos quando narrados pelas próprias moradoras do Distrito, como Alda Fonseca, que comenta as transformações no espaço físico da Igreja:

Agora a igreja tava mais bonita porque fizeram uma praça, mas não tem calçamento também, né? É na poeira, né? Mas nem na igreja eu posso ir [...]. Mas por fora eu passei, eu vi, tá muito bonitinho, fizeram aquela pracinha ali né, botaram aqueles negócios pra... corrimão, pra gente subir, porque eu mesmo só subo... não subo em batente, tá entendendo? (Alda Fonseca).

A fala de Alda descreve o ambiente externo da Igreja, no qual foi construída, em 2023, uma praça para acomodar aqueles que esperam pela missa mensal, pelas celebrações de domingo ou pelos outros encontros que acontecem no interior do espaço. Na fala da participante está presente a queixa por não poder frequentar o templo, em virtude de alguns problemas de saúde. Essa impossibilidade vai ao encontro do pensamento de Santos (1996), quando reflete que nem todas as pessoas podem participar de sua cultura da mesma forma e que um dos motivos para isso é, justamente, a idade do indivíduo. É o que acontece com Alda, mesmo com as melhorias de acesso implementadas recentemente no entorno da Igreja. A imagem da Figura 6 mostra a área externa descrita por Alda:

Figura 6 – Área externa da Igreja e sua praça construída



Fonte: Elaborada pelo autor.

Bancos, plantas e uma rampa acessível compõem, agora, a área externa da Igreja,

que também é utilizada como espaço de lazer, sobretudo pelos moradores da Rua Antônio Ventura, onde ela está localizada. A nova praça é aproveitada por crianças de diferentes faixas de idade, que a utilizam para suas brincadeiras, e também pelos adultos, que aproveitam os bancos para conversar, conforme observei em uma das noites de estadia no Distrito.

Nem só de mudanças físicas vive a Igreja e eu testemunho algumas adaptações em suas tradições. As missas mensais, realizadas pelo Padre Joaquim, atual pároco de Lavras da Mangabeira, agora são realizadas no período noturno, uma substituição ao horário anterior de 10 horas da manhã, ao qual os moradores estavam habituados. Sou informado de que o novo horário foi decidido após consulta à comunidade católica do Arrojado.

Pelo calor característico do clima no Distrito, especialmente durante o dia, o novo horário para as missas, 19 horas, segundo percebo, apresenta-se mais convidativo aos fiéis. Tomo emprestadas, aqui, as palavras de Boas, quando diz que “As condições ambientais podem estimular as atividades culturais existentes” (Boas, 2023, p. 97). O novo horário das missas é um estímulo, sobretudo, àqueles que moram nas outras ruas do Arrojado e que, para chegar até a Rua Antônio Ventura, que é elevada em relação às demais, precisam percorrer uma das três ladeiras que conduzem até seu destino. Essa posição geográfica da rua rende a ela nomes como “Lá em cima”, “Alto” e “Alto da Igreja”. Abaixo, na Figura 7, o leitor pode ver uma imagem da ladeira que os moradores mais utilizam para chegar até a Igreja.

Figura 7 – Ladeira percorrida para chegar à Igreja



Fonte: Elaborada pelo autor.

Também presencio, durante minhas observações, os católicos do lugar se adaptando

a outra novidade, pelo menos para aquele ano: a missa de Natal, que costumava ser realizada sempre no dia 25 de dezembro, no ano de 2023 foi celebrada três dias depois, na data de 28 de dezembro. Segundo alguns moradores, foi a primeira vez que a missa não ocorreu no dia de Natal. Percebo que essa mudança na data de realização gerou estranhamento, o que é natural, pois a missa de Natal é uma data marcada por uma série de ritualizações e estas são, por sua natureza, estabelecidas por cada cultura, conforme aponta Feitosa (2011). Logo, os moradores do Arrojado presenciaram uma quebra em algo que já estava estabelecido em sua cultura, mesmo que a missa tenha se realizado ainda dentro do rito de calendário natalino.

É apenas uma vez por mês que a igreja católica do Distrito recebe o padre de Lavras, celebrante da paróquia, para a realização da missa. Nos demais domingos, ela não acontece. Em seu lugar, ocorrem as celebrações da eucaristia, conduzidas por ministros da eucaristia, homens e mulheres moradores do Arrojado e que passaram por formação específica para exercer a atividade. No presente, atuam como ministros da eucaristia no Arrojado: Geralda Ventura, Marilene Ventura e Lêda Pinheiro, continuando um trabalho que já foi exercido, em outras épocas, também por Vicente Conconha (*in memoriam*) e Filhinho.

Joana Aquino, uma das entrevistadas na pesquisa, relembra o tempo em que nem mesmo as celebrações existiam, tornando a missa com o pároco de Lavras o único momento disponível para que os católicos recebessem a eucaristia:

Aí já... pra nós já é diferente, porque de primeiro era só a missa no domingo e pronto, né? De mês em mês. Era de mês em mês que os padres celebravam aqui. Ainda hoje é de mês em mês, mas a celebração a gente tem todos os domingos. Todos os domingos você recebe a eucaristia, que tem a celebração. De primeiro era só de mês em mês. Aí isso daí já melhorou muito pra gente, né? Pra quem é religioso... pra quem é católico melhorou tudo [...]. Era mais difícil pra gente. Pra esse povo mais velho, já era mais difícil de... [...] nós já... tivemos a sorte de ter ministro da eucaristia, que tem três aqui no Arrojado, né, e tinha seu Vicente. Quando seu Vicente faleceu ficaram as meninas, Lêda, a filha dele, e as duas meninas, né, Geralda e Marilene. Aí a gente nunca fica sem uma celebração (Joana Aquino).

Nas palavras de Joana, encontro um reflexo do caráter de desigualdade presente nas esferas da vida cotidiana e por consequência, na cultura, fenômeno observado por autores como Santos (1996) e Thompson (2011) e refletido, aqui, no acesso às missas. Aos católicos arrojadenses do passado, só era possível participar do culto eucarístico uma vez por mês. Aos do presente, essa dificuldade foi amenizada pela presença dos ministros da eucaristia do Distrito, que realizam as celebrações uma vez por semana, nos domingos sem missa.

Apesar da evolução no acesso à prática religiosa, quando comparo o que é oferecido às pessoas do Arrojado em relação a comunidades mais populosas, que contam com missas em todos os domingos e, até mesmo, diariamente, percebo a desigualdade que apontei acima. Esta não é uma crítica à igreja católica do município, mas uma reflexão sobre as relações desiguais que marcam todos os grupos humanos e que, como aponta Thompson (2011) relacionam-se, também, a questões maiores. No caso do Arrojado, seu tamanho, localização, número de habitantes, entre outras características do lugar, fazem com que o Distrito esteja em desvantagem em inúmeros aspectos, assim como acontece com lugares que têm as mesmas características. No caso das missas, é só um exemplo entre tantos.

A história recente da igreja católica do Distrito é marcada pelo surgimento de novas formas de expressão de fé em seu espaço. Refiro-me ao surgimento de grupos de oração, nos quais os católicos podem partilhar suas crenças em encontros que ocorrem durante outros dias da semana. Algumas participantes da pesquisa fazem parte desses grupos e demonstram satisfação com os momentos vividos durante as reuniões, que consideram uma forma de aprofundamento em sua religião. Seus relatos seguem abaixo:

É engraçado, entender a... o mundo, as pessoas, né? Porque, antigamente, as pessoas elas participavam mais, elas eram mais religiosas, eu acho. Que participavam, principalmente, da missa, que é do domingo, é o dia do senhor, que é... que é um dever da gente ir à missa, né? E hoje, eu vejo a participação do povo menor, né? Na igreja. Mas também tem uma vantagem que, antigamente, é... não existia formação de grupos. Hoje existe dentro da igreja, né? Formação de grupos. Eu, por exemplo, faço parte de um grupo [...] do Apostolado da Oração. Já fiz ECC, que é Encontro de Casais com Cristo, né? [...] E assim, o que mudou foi isso. A participação do povo... pouco. Mas hoje tem mais em que você se... se engajar na religião e na igreja, né? Porque tem muita formação de grupos, né? E o povo hoje não querem mais. [...] Aqui no Arrojado tem o Apostolado da Oração, tem o Terço dos Homens, tem o Chama de Amor, que é um grupo carismático. (Sônia Moreira).

Participo. Do apostolado. Do grupo de oração também, que [é da] Renovação Carismática: Chama de Amor, é. É muito bom, porque de primeiro as missas eram só as missas, nera? Não tinha celebração, não tinha ministro da eucaristia, né? Era mais difícil pra gente (Joana Aquino).

Eu [participo do] Apostolado da Oração [...]. Desde quando começou que eu frequento. Só que eu sou safada, né? Eu sou meia... eu sou meia esmorecida pra andar. Às vezes eu vou, às vezes eu não vou (Carmem Souza).

Sônia Moreira percebe uma diminuição geral do envolvimento das pessoas com a religião católica e sua igreja, quando comparado ao passado. Essa percepção vai ao encontro das palavras de Bauman (2005) que, ao dissertar sobre a realidade dos tempos atuais, os quais ele chama de tempos líquidos, aponta para a diminuição da importância, para as pessoas, daquilo que é sagrado. Apesar da ressalva, Sônia aponta, como ponto positivo do presente, a formação dos grupos religiosos, que abrangem diferentes públicos prioritários: Terço dos Homens, para os católicos do gênero masculino; Apostolado da Oração, para as mulheres adultas; Chama de Amor, para as pessoas mais jovens. Joana Aquino avalia positivamente os grupos e retoma a dificuldade de, no passado, a missa ser a única opção de encontro religioso. Já por Carmem, a dificuldade apontada é sobre sua disposição para ir ou não aos encontros.

Os relatos das participantes mostram-se testemunhos das transformações pelas quais passa a cultura em sua trajetória nas sociedades e que pode ser motivada tanto por movimentos internos quanto externos, conforme aponta Santos (1996). A religião, como uma das ramificações da cultura, portanto, não poderia passar intacta a essas transformações, que se refletem no interesse das pessoas pela prática religiosa, a partir de novas formas de organização interna e em tentativas de dar respostas ao surgimento de outras religiões.

Dentre os grupos citados pelas participantes em suas respostas, o Apostolado da Oração é o mais recorrente. É o grupo que quase todas elas frequentam, o que é compreensível, uma vez que a amostra desta pesquisa abrangeu o principal perfil de seus membros: mulheres idosas, conforme constatado em fotografias dos encontros, a exemplo da Figura 8.

Figura 8 – Participantes do Apostolado da Oração



Fonte: Acervo pessoal dos moradores.

Durante os dias de minha observação em campo, as mulheres que integram o Apostolado da Oração estavam se organizando para realizar uma pequena excursão até a cidade de Santana do Cariri, com o intuito de visitar o monumento da Beata Menina Benigna. Além do propósito religioso, a viagem seria um momento de lazer e turismo, com visitas a museus e outros espaços presentes na cidade, localizada na região do Cariri cearense.

Percebo, a partir da observação da viagem realizada pelas integrantes do Apostolado e de falas das participantes desta pesquisa, que a Igreja do Sagrado Coração de Jesus se mostra não só um espaço religioso, mas representa, para as pessoas católicas do Arrojado, um ponto de encontro no qual é possível estreitar laços com amigos, vizinhos e demais moradores. São diversas as suas ramificações na vida dos católicos do Distrito e que vão se transformando com o passar do tempo, construindo com aqueles que frequentam o espaço uma relação marcada pelo afeto, característica que ajuda a compor seu *status* de lugar de memória, conforme defende Nora (1993).

O espaço religioso também se torna, direta e indiretamente, uma oportunidade para atividades de lazer. Dona Benedita, uma das entrevistadas neste estudo, percebe suas idas à igreja, literalmente, como um dos únicos momentos de lazer e diversão dos quais ela dispõe em meio à sua rotina diária, preenchida com atividades domésticas:

A viagem que eu faço da minha casa é pra minha igreja, que eu vou. Eu não saio dessa casa pra canto nenhum, eu passo o dia todinho aqui fazendo minhas lutas, e de noite eu tô cansada, não saio nem de casa. Aí quando as meninas vão pra igreja, aqui, Zilma, que gosta muito da igreja, dona Franciá... vão quase toda noite. E quando elas vão, eu vou também mais elas. É a viagem que eu faço, a diversão que eu vou aqui em casa é pra minha igreja (Benedita Santos).

Chama a atenção o fato de a denominação oficial do templo ser Capela do Sagrado Coração de Jesus, mas os moradores utilizarem a palavra “igreja” para se referir a ela. O vocábulo “capela” surge apenas em materiais de divulgação das festividades católicas do espaço, além de figurar no discurso do pároco local. Percebo, nessa forma de se referir ao templo, uma grandeza atribuída ao espaço pelos católicos do Arrojado. Se, oficialmente, aquele não é o templo principal da paróquia, para eles o é, pois nessa igreja seus filhos e netos foram e são batizados, suas famílias constituídas e seus entes queridos, velados.

Por sua presença no cotidiano das mulheres entrevistadas e na vida dos moradores do Arrojado, em geral, de maioria católica, torna-se tarefa difícil falar da cultura e da memória do Distrito sem mencionar a Igreja, que tem como padroeiro o Sagrado Coração de Jesus. Não por acaso ela foi escolhida como o principal símbolo do local pelas participantes da pesquisa.

Os diferentes motivos para essa escolha podem ser vistos em suas palavras:

É... a nossa igreja, né? Igreja do Sagrado Coração de Jesus. Vixe, [ela é o símbolo] porque... porque além do padroeiro ser o Sagrado Coração de Jesus, eu acredito que o Sagrado Coração de Jesus protege todo mundo do Arrojado. A minha crença (Sônia Moreira).

A igreja. Porque a igreja é onde a gente vai se encontrar com Deus, né? Com Jesus, né? Receber a eucaristia, rezar... É um ponto pra você encontrar... um ponto de quem que se encontra, né? Como um ponto de referência, mas não é, é uma... é a igreja, né? A gente se encontra lá na igreja pra rezar, pra receber a eucaristia... (Joana Aquino).

A igreja, pra mim, ah, a igreja do Arrojado é a cara do Arrojado. E segundo a escola. É, mas primeiro a igreja (Rute Maria).

Nos relatos de Sônia, Joana e Rute estão presentes os processos de simbolização, uma das principais características do fenômeno cultural. Suas falas são um exemplo da valorização simbólica de que trata Thompson (2011), pois há entre as participantes e o símbolo eleito uma relação de estima e afeto. Ao olharem para a Igreja, elas percebem o Sagrado Coração de Jesus, a religião que compartilham e o próprio Arrojado em si. Em Sônia, há a crença de que todas as pessoas do Arrojado, não só os católicos, são protegidos, atribuindo ao Santo também a qualidade de unificador social (Santos, 1996).

Assim, lá do Alto, o prédio da igreja “olha” para todo o Arrojado significando, para aqueles que o encaram, de perto ou das ruas abaixo, mais do que o símbolo da fé católica: é o lugar de suas memórias, guardião de parte da sua identidade e cultura. No alto de sua torre e na forma de sua nave há o encontro dos traços que formam uma cruz. Nas vidas de seus frequentadores, são teias de significados que se entrecruzam, formadas durante as histórias de vida dos filhos católicos do Arrojado: dos que permanecem aos que já se foram; daqueles que retornaram para ficar e dos que voltam de tempos em tempos.

5.1.2 Entre espaços

É manhã de segunda-feira. Um leve frio, provocado pelo movimento do vento, disputa espaço com o calor dos raios do sol e logo é vencido por eles. A calma da rua vai recebendo as primeiras pessoas, algumas retornando às suas casas, vindo de atividades já realizadas nas primeiras horas da manhã, e outras fazendo o movimento contrário. As vozes vindas das casas vizinhas por entre suas meias paredes ainda não se ouvem com a intensidade que, mais tarde, irá se mostrar, conforme as pessoas vão acordando e interagindo umas com as

outras. Características de casas construídas lado a lado.

Separada das casas pelo asfalto, que foi colocado por cima dos paralelepípedos que outrora desenhavam o chão da rua, está uma fileira de árvores de altura mediana, que balançam suas árvores na beira de um barranco. Abaixo das árvores, parte da terra foi coberta com cimento, formando uma espécie de minipraça improvisada. Ao centro, uma pequena capela abriga a imagem de Nossa Senhora das Graças, fruto de uma promessa realizada, conforme me informa Dona Alda Fonseca, que considera aquele um símbolo para a rua Nelson Lemos.

Eu tomo o café da manhã que é, basicamente, café preto e beiju, uma mistura em formato circular preparada a partir da massa de mandioca, semelhante a uma tapioca, porém, na cor amarela. Em seguida, preparo-me para sair com uma das moradoras da rua para entrevistar moradoras de outras ruas. Ela vai me acompanhar até as casas e, em seguida, ir até o posto de saúde, onde o médico atende durante alguns dias da semana.

Descemos o barranco da rua e cruzamos o que sobrou dos trilhos da estrada de ferro, que cortam o Arrojado ao meio. Chegamos ao outro lado e atravessamos toda a rua José Pinheiro da Silva, com prédios e casas recém-construídos. Encontramos parte dos moradores nas calçadas, alguns conversando, outros já se ocupando com as primeiras atividades domésticas do dia. No final do nosso caminho, as cores azul e branco da fachada apontam que chegamos ao local responsável pela educação fundamental da maioria do povo arrojadense.

5.1.3 A Escola de Ensino Infantil e Fundamental Manoel Gonçalves da Silva

Figura 9 – Vista lateral da Escola Manoel Gonçalves da Silva



Fonte: Elaborada pelo autor.

A Escola Manoel Gonçalves da Silva, exibida na Figura 9, marca o início da Rua José Caetano, que é conhecida pelo nome de Pista, pois, anteriormente, havia uma pista de vaquejada localizada mais abaixo, na outra extremidade do logradouro. Assim como a rua da Pista, o prédio da Escola Manoel Gonçalves passou por transformações desde a sua origem. Quem conta sobre essas mudanças ao longo do tempo é a moradora Elizabete Viana:

Hoje é que é uma rua já calçada, tem até pista, né? O asfalto. E tem... muita coisa diferente, que... o colégio aí era só duas classes, hoje são várias, né? Cada classe... agora é um colégio. De primeiro era um grupo. Quando eu comecei a estudar aí era um grupo só de duas salas. Porque não tinha... não... de primeiro não existia nem o nome de colégio, eu acho, que só fora. Só em Lavras, Cedro... eu acho que eram esses lugares que tinham o nome Colégio, né? Mas eu, a partir do... quando ele aumentou, que fizeram várias salas, aí botaram o nome Colégio Manoel Gonçalves (Elizabete Viana).

Elizabete descreve a simplicidade da primeira estrutura da Escola, que era composta apenas por duas salas de aula, além de falar sobre as transformações que o espaço e a rua onde ele está localizado sofreram ao longo do tempo. Esta última recebeu aplicação de asfalto em sua via, algo que causa satisfação à participante, sentimento que vejo na expressão “tem até pista, né?”, para se referir à pavimentação. Quanto à escola, da época de Elizabete para hoje, o espaço responsável pela educação das crianças e jovens do Arrojado passou por ampliações e reformas, de modo a proporcionar melhores condições para os estudantes. A Figura 10, abaixo, mostra alguns dos espaços do interior do estabelecimento na forma como se encontram hoje.

Figura 10 – Interior da Escola Manoel Gonçalves da Silva





Fonte: Elaborada pelo autor.

Conforme mostram as imagens, as condições do prédio na atualidade pouco fazem lembrar as duas salas apontadas por Elizabete. Na imagem de cima, o leitor pode ter a visão de quem passa pelo portão de entrada principal da Escola, que se abre para o corredor que conduz às salas de aula, à sala dos professores e às demais dependências. A imagem de baixo mostra o pavilhão de recreação, frequentado pelos estudantes durante as horas do recreio, nas aulas de educação física e nas cerimônias de colação de grau, que acontecem ao final de cada ano.

A Escola de Ensino Infantil e Fundamental Manoel Gonçalves da Silva carrega o nome de um dos filhos mais ilustres do Arrojado. Nascido no ano de 1885, Manoel Gonçalves foi um dos fundadores do Distrito (Lima, 1998). Por sua importância na vida rural, política, econômica e religiosa do local, foi eternizado no nome do estabelecimento de ensino pelo prefeito João Ludgero Sobreira, quando da sua inauguração, em 29 de fevereiro de 1969 (Biografia [...], [19--]). Essa homenagem pode ser vista na Figura 11, abaixo.

Figura 11 – Frente da Escola com o nome de seu homenageado



Fonte: Elaborada pelo autor.

Ao longo de seus 55 anos, a Escola Manoel Gonçalves foi responsável por formar a base da educação da maior parte da população do Arrojado, dentro das possibilidades de cada época. A princípio, a oferta de turmas se encerrava na quarta série. Com o decorrer dos anos, novas etapas do ensino fundamental foram ofertadas e, hoje, os alunos podem cursar até o 9º ano. Esses estudantes levam consigo o nome da escola para as outras cidades em que dão continuidade aos estudos, especialmente no município de Cedro, destino de, praticamente, todos os alunos do Arrojado que desejam cursar o Ensino Médio.

É ainda em Cedro que muitos dão seguimento aos seus estudos ingressando no ensino superior participando, assim, do movimento de interiorização e popularização das instituições que o ofertam. Estas, em outros tempos, eram espaços frequentados apenas pelos integrantes das camadas mais altas da população, conforme observou Certeau (2005), mas foram se transformando para tentar garantir o ingresso dos filhos da classe trabalhadora.

O título de ex-alunos do Arrojado chama a atenção nos novos estabelecimentos de ensino, conforme relatam as participantes da pesquisa:

A educação de hoje é boa, viu? É tanto que quando as pessoas aqui vão estudar fora, o povo diz: “Veio de onde?” “De Arrojado.” “De Arrojado.” “Eita, pois esses daí são sabidos!” Por quê? Porque o pessoal daqui, elas é... dá um estudo muito elevado mesmo... elas têm aquela... como que diz... o jeito do ensinar mesmo, né? Que eles aprendem... [...] Não aprende quem não quer. Aqui do Arrojado, se a pessoa disser “Eu não aprendi”, porque não quis. Porque aqui tem umas professoras que é de parabéns mesmo! (Elizabeth Viana).

Não, a educação tá evoluída, né? Porque é gavadada [elogiada]... Até em São Paulo é gavadado o estudo. Floriano foi daqui estudar no Baixio, gavaram muito a escola daqui pelo estudo... Floriano! E Floriano já tem um... uns sessenta anos, né? Na época que ele foi, gavaram a escola daqui. Até em São Paulo o povo gava! (Alda Fonseca).

Hoje tá muito elevado. Eu admiro muito a educação do Arrojado, sabe por quê? Porque os meninos estudam aqui e vão pra Cedro. Passam nas... na... nos concursos que tem lá na escola técnica... Lá na... na... profissional, não é? Tem saído muita... muito gente formada estudando aqui no Arrojado. [...] Pois é, admiro muito, eu acho muito... muito importante isso aí (Joana Aquino).

As falas de Elizabeth, Alda e Joana são marcadas pela avaliação positiva diante da educação ofertada na Escola Manoel Gonçalves, a qual é reconhecida nas instituições de ensino das cidades em que os alunos do Arrojado dão continuidade a seus estudos. A admiração das participantes pelos estudantes do Distrito também tem razão de ser, em sentido amplo, no fato

de que as pessoas, em geral, atribuem valor àqueles que estudam, associando-os a indivíduos que possuem cultura, conforme aponta Santos (1996).

Chama a atenção o fato de os alunos do Arrojado, distrito pertencente à cidade de Lavras da Mangabeira, darem continuidade a seus estudos na cidade de Cedro. A princípio, a decisão se dava por conta da distância que, até Cedro, é menor: cerca de 9 quilômetros. Além disso, anteriormente, o acesso às duas cidades era feito por estradas de terra, o que, na época das chuvas, colocava obstáculos como riachos e barragens cheias pelo caminho. Logo, quanto mais curta a distância, melhor. Acontece que, recentemente, foi inaugurado um novo acesso do Arrojado até Lavras, todo asfaltado. Os moradores do Distrito mencionaram a realização de uma reunião para que os alunos de ensino médio passassem a estudar em Lavras, porém eles resistiram e preferiram continuar estudando em Cedro.

De volta à Escola Manoel Gonçalves da Silva, destaco que, nos dias atuais, há professores homens em seu quadro de magistério, apesar de as entrevistadas utilizarem apenas palavras de gênero feminino para se referirem ao corpo docente da Escola. Atribuo essa associação entre magistério e mulheres ao quadro de memória das participantes, que manifesta a época em que elas estudavam, momento em que a profissão de professor era exercida em sua maioria por mulheres, realidade que foi mudando ao longo das décadas.

As professoras do passado comandavam salas de aula em que a palmatória e os castigos constituíam o cotidiano da educação, costumes inimagináveis para a realidade atual. Nessa época, também era comum que mulheres que haviam cursado somente até a quarta série assumissem o posto de professoras, pois, para o cenário de analfabetismo da época, era um nível de educação ao qual muitos sequer chegavam e, por isso, era considerado aceitável para exercer a atividade de ensino. As professoras do Arrojado são lembradas com frequência e de maneira afetuosa, desde o tempo em que o ensino acontecia nas casas, passando pela Escola Isolada, antigo grupo escolar do Arrojado, até chegar na Escola Manoel Gonçalves:

[...] tem dona Jacira, tem Marilene, que foram professoras. Eu digo assim, que ainda nós vemos aqui, né? Eu... eu acho que nenhuma professora dessas que tão ali tenha, assim, a mesma autoridade que... que elas tinham, pra poder dominar um aluno na classe, ensinar, é tudo diferente hoje. Porque hoje... a orientação que elas recebem, hoje, elas tão corretas, dentro das orientações que elas recebem e... E, antigamente, também elas estavam corretas, só que abriu mão de muita coisa [...] (Arlete Silva).

Porque madrinha Jacira era a diretora. Aí, às vezes, a gente brigava, né? A gente brigava e dizia assim: “Lá vem Dona Jacira!”. Aí todo mundo ficava com medo, nera? Ficava com medo dela. Porque de

primeiro tinha castigo. Você fazia alguma coisa, quando você voltava pra... pra sala, tinha palmatória, que eu já... eu cheguei a alcançar isso (Rute Maria).

Era bom demais [risos]. É, mesmo com os castigos, mas era bom. Na época, os castigos... Eu não cheguei a sofrer. Mas tinha a... [bate palma] a palmatória, que era uma... uma coisa de madeira, era uma... tipo uma coisa redonda, assim, de madeira com o cabo. Parecia tipo assim com uma concha. Só que... que era toda retinha, né? Aí tinha o cabo, era de madeira. Aí se o aluno soubesse, tacava a palmatória na mão do aluno [risos]. [...] Mas na época... na época assim... era compreensível, né? Que tinha que... era normal, pros pais, pros professores, era tudo normal. Da época era assim. Hoje tá bom demais, homem! (Sônia Moreira).

As falas acima, na medida em que rememoram as educadoras, permitem um vislumbre da educação em épocas passadas e de como os costumes não são fixos, mas fruto do tempo em que estão situados. Assim, padrões de beleza e regras morais, por exemplo, são alterados com o passar do tempo, mudanças que carregam a marca de inúmeros conflitos, conforme atesta Laraia (2009). Com a educação acontece o mesmo.

Em uma perspectiva atual, a aplicação de castigos, como o uso da palmatória, desperta surpresa para os que não vivenciaram o período, pois são métodos que se chocam com as concepções atuais de ensino. Apesar do sofrimento parcialmente infligido aos estudantes da época, características positivas desse período são apontadas pelas participantes e ajudam a construir sua lembrança afetiva dos anos iniciais de estudo.

Se, hoje, ideias como o *homeschooling* provocam debates acalorados, antes do surgimento das escolas, era em casa que os estudantes do Arrojado eram educados, especificamente, nas residências de suas professoras. Porém, em contraponto ao ensino individual e personalizado do modelo atual de ensino em casa, as condições de aprendizagem daqueles tempos eram outras, permeadas, principalmente, por recursos escassos:

Mas muita gente estudou aqui nesse colégio. Eu não. Eu não estudei não. Eu estudei com dona Jacira na casa dela. Que antigamente não tinha colégio pra gente estudar, não. A professora ensinava em casa. Uma professora pra... pra carta de ABC, cartilha, primeiro ano, segundo ano e terceiro ano. Era uma professora só. Pra todo mundo. E eu acho engraçado que a gente estudava... estudava, não tinha confusão, não tinha briga, não tinha nada. E era tudo junto. [...] Era até meio-dia. [Começava] sete horas. [...] Tinha hora do recreio. A gente ficava brincando, não tinha merenda... nesse tempo não tinha merenda não, não tinha nada! A gente tinha que trazer merenda de casa. [A professora] Era só Dona Jacira mesmo (Joana Aquino).

Jacira Ventura de Souza, frequentemente citada nas entrevistas, foi a primeira diretora da Escola Manoel Gonçalves e professora de muitas pessoas do Arrojado. Durante a coleta de dados, ocorrida em janeiro de 2024, ela ainda estava presente no Distrito, o que justifica as partes em que as entrevistadas se referem a ela no tempo presente. A educadora viveu por 95 anos, tendo falecido em 28 de maio de 2024, meses antes da publicação desta pesquisa. A Figura 12 exibe uma fotografia da primeira diretora da Escola.

Figura 12 – Jacira Ventura de Souza



Fonte: Acervo pessoal dos moradores.

Se, na atualidade, os alunos da Escola Manoel Gonçalves da Silva são bem avaliados pelas participantes da pesquisa, essa percepção se dá, principalmente, por conta do trabalho desenvolvido pelas professoras e professores do presente, a quem elas estendem o sentimento de admiração. Além disso, elas consideram que há inúmeras facilidades para que os alunos frequentem a escola hoje, especialmente, por conta dos recursos financeiros que não se viam no passado. As participantes, contudo, fazem algumas ressalvas no que diz respeito aos alunos e sua relação com os professores no presente:

Nos dias de hoje... [A educação é] Boa demais! Porque tem muito professor bom de fora. Do Cedro, da Mangabeira, não sei da onde, tem tanto professor aí que eu não sei nem quem é. E são muito bons! E a escola é muito boa! (Benedita Santos).

Eu acho assim... Certo que hoje... hoje tem mais facilidade, a educação e tudo... Na nossa época não tinha muito. Mas na educação, na escola,

pra mim... foi muito bom, assim... Porque alunos respeitavam... professores e escola, né? Os professores tinham aquela autoridade, que hoje não pode. Tem certas coisas que não pode, né? Mas era até bom. Apesar que os meus professores... nunca chegou o momento de eles terem que usar de alguma coisa pra me castigar, não! Graças a Deus, não. Mas a gente tinha medo dos professores [risos] (Sônia Moreira).

Porque o pessoal daqui, elas é... dá um estudo muito elevado mesmo... elas tem aquela... como que diz... o jeito do ensinar mesmo, né? Que eles aprendem... A didática mesmo de ensinar (Elizabeth Viana).

As falas das entrevistadas indicam as transformações pelas quais a educação passou, desde que elas foram alunas até os dias atuais. Mesmo localizada em um lugar distante, a Escola Manoel Gonçalves sempre esteve ligada à cultura educacional do Brasil e do mundo e, como tal, modificou seus modos de ensino, aboliu determinados métodos e implementou outros (Santos, 1996). A escola como um todo lidava, antes, com uma realidade mais fixa, em tempos menos líquidos, expressão utilizada por Bauman (2005). Suas preocupações se inseriam em um contexto diferente da atualidade, conforme observou Certeau (2005, p. 137-138): “O papel da escola mudou. Antes, sua disposição arquitetônica era reflexo da centralidade que ela exercia como referência cultural. Ela concorria com a família. Hoje, concorre com o poder cultural disponível nas telas da TV, por exemplo”.

A palmatória e os castigos físicos ficaram para trás e as relações entre alunos e professores, agora com melhor formação e constituídos por mais pessoas do gênero masculino, foram ressignificadas. O ingresso via concurso público tornou-se mais comum, o que motiva a vinda de docentes de outras cidades, conforme observou Benedita. Sônia comenta a força da figura do professor em sala de aula que, segundo ela, não é a mesma de outros tempos. Percebo em seu relato um sentimento de saudade dessa autoridade de outrora, em uma demonstração daquilo que Le Goff (1990) observou ao refletir que nós desejamos que o presente seja espelhado em acontecimentos do passado.

Para além da educação formal, os laços formados pela Escola Manoel Gonçalves da Silva com os moradores do Arrojado também se fazem sentir em datas comemorativas como o Dia das Mães, o Dia dos Pais e outros momentos em que os ritos de calendário se manifestam. Nessas ocasiões, as portas da Escola são abertas para toda a comunidade. As cerimônias de colação de grau de alunos do ensino fundamental também são um momento que é da comunidade como um todo, não apenas dos alunos e de seus familiares:

Eu acho muito boa. Eu vou olhar quando tem festa, algum menino, de fim de ano e tudo, eu vou olhar, né? Mas eu não participo de nada, lá não, só pra ir olhar e pronto (Benedita Santos).

Só no Dia das Mães que tem ali no... no... no colégio tem, né? Botam. Música... tem sorteio, essas coisas têm (Alda Fonseca).

Por todos os motivos apontados acima, não é difícil compreender por que a Escola Manoel Gonçalves foi o segundo local mais apontado pelas entrevistadas como aquele que melhor representa o Arrojado, sendo considerada um de seus maiores símbolos.

5.1.4 Entre espaços

O céu começa a se fechar, indicando que a chuva se aproxima. Eu me pergunto se ela vai esperar que eu saia de onde estou até chegar aonde quero, mas ela se mostra impaciente. Após alguns minutos aliviando o calor intenso daquele quase fim de tarde, ela vai se dissipando. Eu saio da Rua José Caetano, a Pista, onde fica a Escola, e subo em direção à Rua Doutor Magela Lima, que todos no Arrojado chamam de Rua, simplesmente.

Não há quase ninguém à vista na Rua. Eu vou até uma das casas em busca de algumas fotografias antigas do Arrojado. O morador da casa ouve meu chamado e vem até a porta. Cumprimentamo-nos e eu peço a sua ajuda, no que sou conduzido para a casa vizinha, fechada, de onde ele tem a chave. Há algumas poltronas brancas de estilo clássico, posicionadas como se alguém ainda estivesse ali todos os dias. No corredor, encontro os quadros emoldurando as fotografias que eu buscava. Eu as registro com meu telefone celular.

Após agradecer ao morador pela ajuda, eu sigo subindo a Rua, parando para conversar com uma conhecida. Estamos na calçada de sua casa e, em nossos assuntos, surge a percepção de como a Rua está diferente de outros tempos. Antes, era o logradouro mais movimentado do Arrojado, uma espécie de Centro para o lugar. Agora, um sentimento de vazio predomina por sobre as calçadas das casas, outrora tão frequentadas. Além disso, elementos que compunham sua paisagem foram removidos, como alguns canteiros centrais e suas árvores, além de uma capela que abrigava a imagem do Padre Cícero.

Os postes de luz começam a acender e eu decido que é hora de partir. Ando pela metade restante da Rua Doutor Magela Lima e vejo, à direita, em seu centro, o monumento que marca a inauguração da energia elétrica em Arrojado: é a plaquinha de energia, como seus moradores a chamam. Ao seu lado, está o agora salão de eventos da Igreja Católica, ocupando o espaço que, um dia, pertenceu ao Ceará Parahyba Hotel, cujas atividades estão preservadas apenas na memória de quem viveu sua época de funcionamento no Arrojado.

5.1.5 Ceará Parahyba Hotel

Quem hoje visita o Arrojado e se depara com a calma do lugar, pode não imaginar que, em outras épocas, o movimento de pessoas era intenso, graças ao fluxo de passageiros dos trens que paravam na estação ferroviária, da qual falarei adiante. Para caracterizar o cotidiano desse Arrojado de outros tempos, as participantes da pesquisa recorrem, com frequência, a um termo específico (e suas variações), conforme o leitor pode ver abaixo:

*Ai, o Arrojado... era bem **animado**, bem movimentado (Sônia Moreira).*

*Assim, a gente sente muito falta, que a **animação** da rua era... eram os trens, né? Mas não tem mais, acabou-se a **animação**, né? (Carmem Souza).*

Não só nos trechos acima, mas em outros que o leitor poderá conferir ao longo deste estudo, as expressões “animação” ou “Arrojado animado” surgem nos relatos das participantes, associadas à ideia do movimento de máquinas e, sobretudo, de pessoas que passavam pelo Distrito. Como visto nas falas de Sônia e Carmem, um cotidiano que já não existe e cuja ausência deixou sentimentos de saudades em quem o vivenciou.

Para abrigar os passageiros que vinham de outras cidades havia um estabelecimento, também responsável pelo cenário de animação local. Tratava-se do Ceará Parahyba Hotel, nome que indicava os estados conectados pela estação ferroviária do Arrojado, a qual funcionava como um ramal, um ponto de conexão. A fachada do Hotel em sua época de funcionamento pode ser vista na Figura 13.

Figura 13 – Fachada do Ceará Parayba Hotel



Fonte: IBGE ([19--]).

O Hotel tratava-se, na verdade, da casa de Francisca Maria da Conceição, conhecida como Dona Chicô. Por conta do tamanho da residência, que possuía vários quartos, aqueles que não estavam ocupados pelos membros da família passaram a ser disponibilizados para abrigar os passageiros dos trens garantindo, desse modo, uma renda extra para a família. Essas informações constam na biografia de João Gonçalves Primo, filho de dona Chicô, e que foi escrita por Leitão e Monteiro (2007).

Por entre as paredes do Ceará Parahyba Hotel, personagens como Dona Perpétua, uma das donas do espaço, que ao longo dos anos foi administrado por várias pessoas, passavam a constituir parte da memória do Distrito de Arrojado. As entrevistadas desta pesquisa fornecem algumas lembranças dos dias de atividade do Hotel:

E também, era, tinha muito movimento de gente que vinha de fora também, né. Tinha um... tinha o hotel. Tinha gente que descia aqui pra ir pra outro local, que vinha outro trem, como Paraíba, né? Porque era Paraíba e... e Ceará, Fortaleza, né? Era o hotel Parahyba Hotel, ainda, que era Perpétua a dona da pensão. Perpétua e João (Sônia Moreira).

Então tinha... tinha muito passageiro dando volta pela rua, tinha um hotel antigo que é... hoje é o prédio da... da comunidade, da igreja e... e tinha... assim, o pessoal ficava só passeando mesmo na rua, tinha... tinha gente de todos os trens se mudando, assim. Às vezes vinha um de Juazeiro que queria ir pra Paraíba. Aí descia do trem do Juazeiro e subia no trem... que ia pra Paraíba. Ou então vinha de Fortaleza e queria ir pra Paraíba ou pra Juazeiro (Arlete Silva).

Um único estabelecimento, contudo, não dava conta da alta demanda de pessoas em busca de hospedagem. Por isso, além do Ceará Parahyba Hotel, outras casas, de outros moradores do Arrojado, também eram utilizadas com esse intuito. Dessa forma, residentes e transeuntes produziam cenas que, embora não soubessem, marcariam as vidas de várias pessoas, conforme exemplificam as falas das participantes da pesquisa:

Vivi essa época, que aqui tinha muita casa de arranco [abrigo]. O povo não dava pra se arrancar nas casas que tinham, o povo que vinha no trem. Aí se hospedava debaixo dos pés de pau que tinha aqui. Tinha muita casa que arranchava gente. Lá em casa, mesmo, muita gente ia pedir pra fazer comida. Aquelas comidas tão gostosas, só arroz com alho d'água no sal. O feijão, o peixe seco, cozinhado na água grande, que chamava, né? É o que eu sei da infância (Alda Fonseca).

[...] e ali onde é a casa de Zé Filho, tinha de Naninha Dutra que era... era... ela hospedava gente que vinha, pra poder... Vinha, às vezes, do Cedro, da... vinha daqui, aí ia pegar o trem pro... pro... pra Paraíba, o

trem passava pro Crato, aí ficava aqui esperando. Quando o outro vinha pra ir pra Paraíba, aí ficava hospedado lá e aqui o hotel de cá, entendeu? (Arlete Silva).

Os relatos de Alda e Arlete dão uma dimensão da quantidade de pessoas que frequentavam o Arrojado. Na indisponibilidade de vagas nas residências que serviam de hotel, elas buscavam abrigo em espaços improvisados, como abaixo da copa das árvores. Uma situação que encerra um sentido de precariedade, mas, ao mesmo tempo, o de inventividade, tão própria das pessoas do lugar e na qual pode ser visto um exemplo das táticas de praticantes descritas por Certeau (1998, p. 45), as “engenhosidades do fraco”.

Ainda no relato de Alda vejo a conexão de sua memória ao cheiro e ao sabor das comidas que eram preparadas para os hóspedes, com ingredientes e pratos marcados pela simplicidade. O ato de comer não se tratava apenas de um gesto voltado a satisfazer as necessidades fisiológicas das pessoas, mas também de um modo de tornar visíveis a relação delas com essas residências em que se hospedavam, com aquela época específica e com suas condições de acesso a alimentos tão diferentes da atualidade (Certeau; Giard; Mayol, 1997).

Com o declínio das atividades ferroviárias no Arrojado, o Ceará Parahyba Hotel encerrou suas atividades e seu prédio ficou desativado durante muitos anos. Recentemente, contudo, o espaço foi cedido para a Igreja do Sagrado Coração de Jesus que, agora, destina suas instalações para a realização de algumas atividades religiosas e festivas. Na Figura 14 o leitor pode conferir a imagem do prédio na atualidade.

Figura 14 – Salão de eventos da Igreja



Fonte: Elaborada pelo autor.

Uma das principais atividades realizadas onde outrora foi o Ceará Parahyba Hotel é o conhecido mesão, evento que ocorre durante o mês de junho como parte das celebrações da festa do Padroeiro do Arrojado, o Sagrado Coração de Jesus. No mesão, as pessoas se reúnem para consumir comidas e bebidas (não alcoólicas) em prol da arrecadação de recursos para a manutenção das atividades da igreja católica do Distrito.

O mesão é um desses momentos de celebração em que se pode ver o quão próximas as práticas da arte culinária estão dos afetos, do calor humano e da intimidade, conforme observaram Certeau, Giard e Mayol (1997). Como que tivessem visitado o Arrojado e testemunhado esse momento que ocorre uma vez por ano no espaço do antigo hotel, os autores descrevem a dinâmica à mesa na hora das refeições e que pode ser vista, de forma multiplicada, durante o mesão da festa do padroeiro:

A mesa é uma *máquina social* complicada mas também eficaz: ela faz falar ‘vai-se à mesa’ para confessar o que se gostaria de calar, deixar-se ‘cozinhar’ por um vizinho hábil, ceder à algazarra de um instante, a uma baforada de vaidade [...] e ouvir aquilo que alguém jurou, ainda ontem, jamais contar a alguém. [...] Todo mundo pode admirar o rosto avermelhado pelo prazer da boa comida, o brilho dos olhos realçados pela luz das velas. A conversa continua animada: cada um quer ser mais eloquente, amável ou até mordaz [...] (Certeau; Giard; Mayol, 1997, p. 266).

E, assim, durante o mês de junho, o espaço do antigo hotel revive, ainda que temporariamente, o movimento de outras épocas, guardadas as devidas proporções. Os hóspedes de outrora foram substituídos pelos frequentadores da Igreja e por aqueles que visitam o Arrojado no período de festas juninas. Na maior parte do ano, ele se encontra fechado e a virada de um dia para o outro, que antes tinha seu espaço aberto como testemunha, só se repete uma vez por ano, no dia do mesão, em que as atividades duram até depois da meia-noite. Esse movimento de pessoas, incluindo aquelas que partiram do Arrojado e sobre os quais falaremos adiante, traz um pouco de animação para o lugar, conforme percebe Carmem Souza:

Tem vez que tem muito movimento [no Arrojado], mas tem vez que não tem ninguém. É mesmo que não ter, né? [...] Porque... quando o povo vem é só pra animar, né? (Carmem Souza).

O espaço do salão de eventos da igreja encerra, portanto, em suas paredes, passado e presente, lembranças e novas vivências, sendo um símbolo daquilo que Certeau mencionou sobre os dois lados da cultura: “De um lado, ela é aquilo que “permanece”; do outro, aquilo que se inventa” (Certeau, 2005, p. 239).

A animação do Arrojado, que antes se manifestava diariamente, tornou-se uma característica sazonal. Ela vem e vai conforme as festividades do calendário, abrindo alguns

parênteses que cortam o sossego característico do lugar em seus dias atuais. O Ceará Parahyba Hotel, um dos palcos daquele movimento de pessoas na época dos trens, agora vê movimentos pontuais em suas dependências, sob a forma de salão de eventos da Igreja. De sua forma original pouco restou a não ser as lembranças presentes na memória das pessoas e em fotografias emolduradas em corredores de alguma casa ou nas páginas de algum livro.

O aproveitamento do prédio do Ceará Parahyba Hotel deu sobrevida às suas instalações e permitiu que o espaço retornasse ao cotidiano das pessoas do Arrojado, produzindo novas memórias a partir de sua atual forma de funcionamento. Uma transformação que não chegou a outro antigo espaço do Distrito, que é considerado um dos maiores símbolos do Arrojado e que sintetiza, ainda melhor que o Hotel, a ascensão e queda da era das ferrovias: a estação ferroviária do Arrojado, sobre a qual tratarei na subseção a seguir.

5.1.6 Estação ferroviária do Arrojado

Figura 15 – Estação do Arrojado nos dias atuais



Fonte: Elaborada pelo autor.

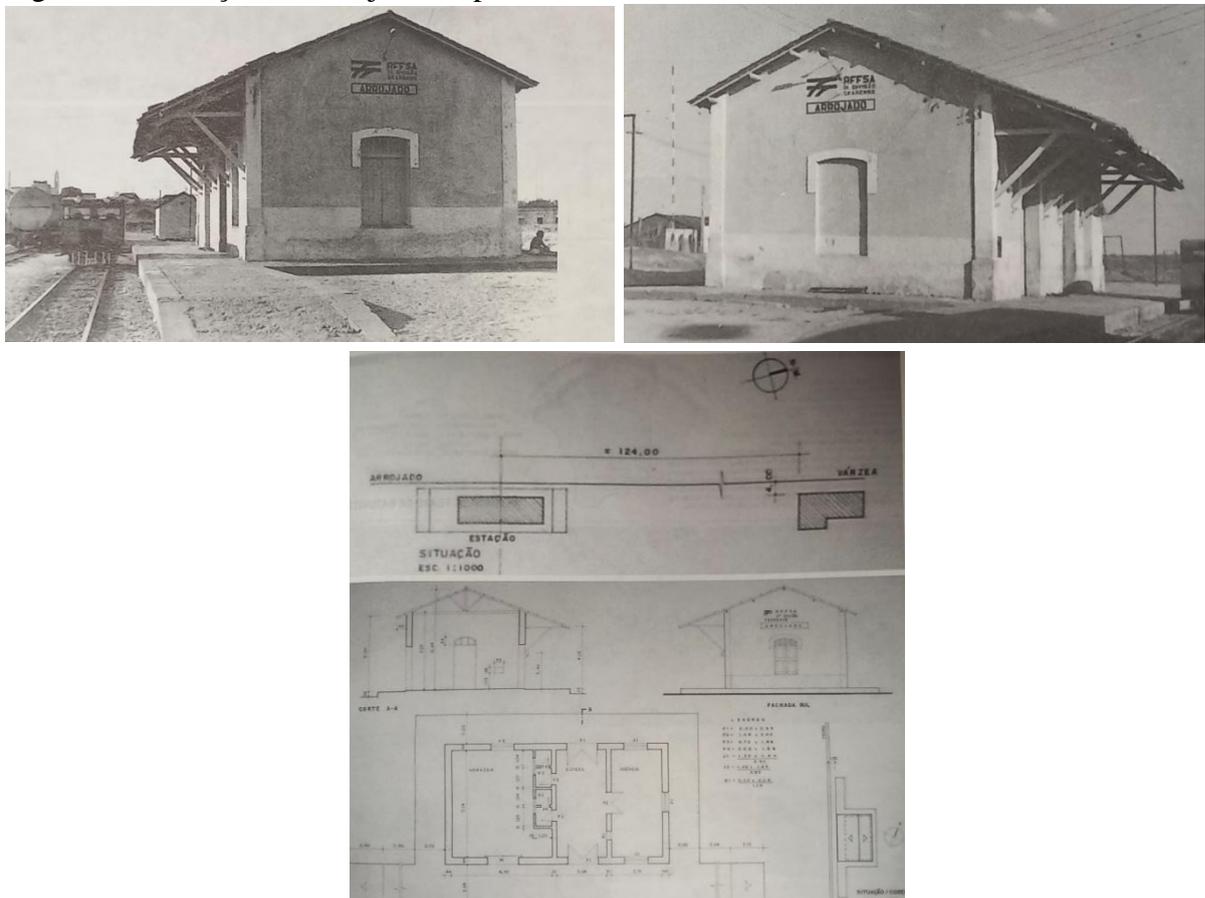
O prédio da Estação ferroviária do Arrojado encontra-se inutilizado, com várias marcas de degradação sobre suas paredes e telhado, e cercado por matos que cobrem o pouco que restou dos trilhos que dividem o Arrojado ao meio, conforme o leitor pode constatar na imagem da Figura 15. Um aspecto de abandono que causa sentimentos de tristeza nos moradores, especialmente, aqueles que presenciaram os tempos áureos em torno da estação:

É muito triste hoje você chegar lá, olhar e ver a estação... desmoronando. Caindo telhado, caindo tudo, um prédio tão bonito, tão bem... bem feito que é... aquelas estruturas daquela estação não é... não tem ferro, é só tijolo. Os trens passavam coisando e nun... nunca nem rachou uma parede (Neto).

A degradação da estação ferroviária do Arrojado, que Neto lamenta em suas palavras, é uma demonstração do esquecimento ao qual o Distrito foi relegado no momento em que os trens de passageiros e, posteriormente, os cargueiros, pararam de circular. Um esquecimento no sentido literal, percebido pelas más condições de preservação do prédio, mas, também, no campo simbólico, com a falta de valorização de um bem que está no cerne da memória e da cultura do Distrito. Não se trata de um esquecimento acontecido por acaso, mas decorrente das relações de poder envolvidas na decisão de preferir a malha ferroviária brasileira em favor das rodovias. São essas mesmas relações de poder que determinam quem deve ser lembrado e quem deve ser esquecido, conforme apontam Araújo e Santos (2007).

Na Figura 16, o leitor pode conferir como era a estação em sua época de funcionamento, incluindo as plantas que projetaram o espaço tão elogiado na fala de Neto.

Figura 16 – Estação do Arrojado no passado



Fonte: Capelo Filho e Sarmiento (2010, p. 139).

As imagens da Figura 16 foram retiradas do livro “Arquitetura ferroviária no Ceará: registro gráfico e iconográfico”. Nele, os autores apresentam as diferentes estações que compunham a rota da ferrovia cearense. No caso do Arrojado (antigo Paiano), sua estação fazia parte da Estrada de Ferro de Baturité que, além do Distrito, cortava o território da cidade de Lavras da Mangabeira em sua sede e também no distrito de Iborepi que, na época, tinha o nome de Riacho Fundo (Capelo Filho; Sarmiento, 2010; Gonçalves, 2013). O prédio foi inaugurado em 31 de dezembro de 1922.

Os tempos áureos do Arrojado ficaram para trás. Diante das portas fechadas e da deterioração de sua estação, os moradores imaginam possibilidades de aproveitamento do espaço. Uma delas é expressa na fala de Arlete Silva, transcrita abaixo:

Aí você vê uma obra daquela... negócio daquele nem doar, assim, pra um... pra uma instituição, não é doado, né? Porque, não entendo por quê. Fica abandonado e as pessoas vêm... muitas pessoas precisando de um abrigo, de uma coisa e não pode se usar, né? (Arlete Silva).

A esperança de Arlete é de que o espaço seja destinado a alguma finalidade, tal como foi feito com a estação ferroviária presente na sede do município de Lavras da Mangabeira. Em um dos meus dias de pesquisa na região, precisei me deslocar até a biblioteca pública municipal de Lavras, e qual não foi minha surpresa após descobrir, entre informações imprecisas da internet e das pessoas da cidade, que a Biblioteca acabara de se mudar, justamente, para um dos espaços da estação do município? Parte do acervo, inclusive, ainda permanecia dentro de caixas vindas do endereço anterior.

Se o desejo de Arlete irá se concretizar um dia, não é possível dizer. No momento, olhar para a estação do Arrojado possibilita aos moradores do local, para além de lamentar seu abandono, vislumbrar cenas de uma época distante, marcada pela passagem dos trens, primeiro os de passageiros e, posteriormente, somente trens de carga. Eram momentos que davam ao Arrojado uma outra rotina, na qual a animação era marca do cotidiano:

A gente tinha que vir de tarde pra... pra ver a passagem do trem. Era... era o nosso lazer. Saía de... tomava banho, se arrumava e vinha pra estação, pra ver o... pra ver o trem passar. Todo dia! Ah, meu filho, isso aí era o nosso divertimento! [risos]. Todo dia a gente tinha que vir. Eita, era bom demais! (Sônia Moreira).

Muito bom no tempo dos trens! Porque era até uma diversão pra nós aqui, [...] a gente fazia as coisas logo pra ir pras passagens do trem! Achava muito bom... ir pras passagens do trem. Cansei de ir! (Benedita Santos).

[...] quando tocava o sino, a gente sabia que já vinha um trem. Aí ia todo mundo pra estação. Aí tinha gente que vendia água, tinha gente que vendia pão de ló, tinha vendido... cocada, né? Então aquilo ali... a gente ficava só vendo os movimentos, né? Pra nós era uma alegria, era o que a gente tinha aqui dentro, no Arrojado, era só isso (Rute Maria).

No espaço da calçada da Estação, sob o apito do trem, ao som do sino e das vozes dos vendedores, na degustação das guloseimas que passavam para as mãos dos viajantes, o tecido da memória do Arrojado ia sendo constituído, emergindo a partir do grupo de moradores que formavam a comunidade de trocas (Nora, 1993). O lazer e a diversão das pessoas giravam em torno dessa rotina que, de tão agradável, fazia-se obrigatória.

Se os trens movimentavam o Arrojado durante a luz do dia, sua presença também se fazia sentir nas madrugadas, onde ele atuava como uma espécie de despertador não programado, interrompendo o sono dos moradores do local. O que poderia causar raiva pelo sono interrompido era, para muitos, a trilha sonora que embalava suas noites:

Esses trens que pararam, cargueiro, parou, acabou com o Arrojado, pronto! É uma tristeza. Porque a gente achava muito bom, né? Essa zoadinha, esse barulho, às vezes, de madrugada, a gente acordava, até estremecer, assim, o chão, quando o cargueiro vinha de madrugada apitando... Era, e a gente acordava, chega estremecia assim o chão, que eles vinham... E tinha um que parecia que dizia assim “Deixa eu acordar o povo do Arrojado!” Buzinava muito! E a gente acordava, né? (Rute Maria).

Na época da circulação dos trens de passageiros, o movimento era responsável não só pela animação do Arrojado no sentido de diversão e lazer, mas também se constituía em um importante fator para a economia local e, conseqüentemente, para o sustento de parte de seus moradores. Além disso, possibilitava o acesso a bens de consumo obtidos apenas por meio de seu transporte das cidades economicamente desenvolvidas até o Arrojado. É o que mostra a fala de Joana Aquino, transcrita a seguir:

Era, o povo ia tudo fazer compra no Juazeiro. Era muito difícil as coisas, né? Hoje você já faz, faz compra aqui em Lavras, Cedro, Iguatu... Tem gente que vai fazer feira em Juazeiro. Quem tem carro vai fazer feira em Juazeiro, no Iguatu... mas nesse tempo a pessoa era mais no trem. E não tinha... era difícil aqui e lá no Juazeiro tinha... fácil de encontrar, né? (Joana Aquino).

Santos (1996) aponta para a importância de se levar em conta o recorte de classe social ao se estudar a cultura. Ele defende que indivíduos pertencentes a um mesmo estrato social experienciam de forma diferenciada hábitos, costumes e valores atribuídos a determinada

classe. Na fala de Joana vemos, justamente, uma dessas variações, com as dificuldades que se apresentavam para um povo que vivia em uma pequena comunidade de base rural.

Em meio a esse cenário, personagens do cotidiano local entraram para a memória coletiva e afetiva de seus moradores, por conta dos produtos alimentícios que produziam e vendiam nessa época. Entre eles temos Dona Adalgiza, residente, em seus últimos anos de vida, na Rua Antônio Gonçalves. De suas mãos surgiam os famosos pães de ló do Arrojado, que faziam sucesso não só entre seus moradores, mas, principalmente, entre os passageiros que por ali passavam com destino à Fortaleza, Crato, Paraíba e demais locais de passagem do trem:

Na época dos trens, Dona Adalgiza vendia os pães de ló. Que quando chegava o trem o povo era tudo gritando por ela. Tudo gritando: [...] “Ei, dona Maria dos pães de ló”. Esses pães de ló eram um sucesso no Arrojado. Ela fazia em casa mesmo e o pessoal, às vezes, já tinha encomenda de passageiro que... que ia pro Juazeiro, que ia pra Fortaleza e voltava, já deixava encomenda... já deixava encomendado que ela entregava. E quando era.. era no trem, aí pronto, era a confusão por tudo gritando “Ei, dona Maria do... do... do... bolo, dos pães de ló”. Era conhecido os pães de ló de Dona Adalgiza (Rute Maria).

Não, comprava... a gente comprava sabe o quê? Que o menino trazia, Macaúba, trazia do Juazeiro... Tinha um empregado do trem que ele trazia Macaúba, a gente comprava e eles que compravam as coisas daqui do Arrojado, pão de ló... O pão de ló, o café, sequilhos que as mulheres faziam, Dona Adalgiza, Zuíla... Fazia sequilho a... era conhecido o pão de ló do Arrojado. Todo mundo vinha pra janela do trem pra comprar ou às vezes descia pra comprar... E aí os trens demoravam mais aqui porque... descia, o povo comprava as coisas, aí... Outros vinham, ficavam aqui... Era assim (Joana Aquino).

A passagem dos trens era, portanto, uma oportunidade em que os moradores do Arrojado colocavam outras pessoas em contato com suas maneiras de fazer (Certeau, 1998), difundindo a cultura local em diversos aspectos, incluindo o gastronômico. Dona Adalgiza é a síntese de muitos outros personagens que remetem à época de ouro do Distrito, em que o trem era o meio de transporte mais utilizado para conectar pessoas, seja no sentido literal, ligando os lugares, seja no sentido simbólico, pois cada carro de passageiro ou de carga transportava cultura, memórias e diferentes modos de enxergar o mundo.

Não é de se estranhar que o fim da circulação dos trens, décadas depois da inauguração da estação, tenha transformado para sempre o cotidiano do Arrojado. Além de não terem mais o meio de transporte ao qual estavam habituados para fazer suas viagens, os moradores perderam, também, uma parte considerável de sua rotina. O fim do movimento dos trens levou consigo o desenvolvimento do Distrito, o movimento de pessoas nas ruas e a

animação que elas traziam, para usar esse termo tão recorrente nas falas das entrevistadas. Olhando para o passado, essas mulheres expressam seu descontentamento:

Ah, eu me senti muito magoada porque aconteceu isso, que acabou os trens. O movimento daqui era gente na estação, cheio de gente olhando a passagem do trem. [...] tudo isso se acabou, né? (Alda Fonseca).

Aqui não tinha como sair, não tinha transporte pra sair pra... pra se divertir quando... assim, em Cedro, em Lavras, não tinha, né? Sempre... ele fez muita falta, porque aí ficou aquele vazio, aquele vazio, como se ali... foi um desprezo, como se fosse assim um... ficou uma tristeza, na verdade, de uma... de uma coisa que era tão divertida, pra não ter nada (Arlete Silva).

Acabou-se, né, a linha do trem. [...] Acabou-se o Arrojado, né? (Carmem Souza).

Eu acho que tanto eu como todo mundo ficou, assim, triste, né? Porque além de ser um transporte que a gente tinha com facilidade pra ir a Lavras, a Cedro, né? E acabou que... assim, a animação do Arrojado [risos]. Uma das animações do Arrojado. [...] Eu andei, bastante! Ia muito pra Lavras, pra Cedro, Iguatu... Quando a gente tinha alguma coisa pra fazer no Iguatu, era de trem que a gente ia. Muito bom. Uma viagem tranquila. Bom demais! É aquela batadeira de barulho de trem, mas... Era bom (Sônia Moreira).

Não alcancei a época dos trens de passageiros, pois nasci, justamente, no ano em que eles pararam de circular, segundo relatos dos moradores, no início da década de 1990. As memórias que tenho dos veículos já são da época dos trens de carga. Quando deixei o Arrojado, aos 18 anos, eles ainda circulavam diariamente, porém, em 2014, quando retornei para passar alguns dias, os veículos quase não mais apareciam na paisagem. Em um desses dias de meu retorno, por coincidência, uma buzina cortou o sossego característico do Distrito, anunciando uma das últimas vezes em que os veículos passariam por ali. Inspirado por um momento que era tão comum em minha infância e adolescência e que, ali, se mostrava raro, escrevi e publiquei um texto nas redes sociais para falar dessas memórias e sentimentos envolvidos ao avistar os veículos. Compartilho, abaixo, esse texto que, na época, foi repostado por vários moradores em seus perfis em uma rede social:

E o que era rotina está prestes a virar lembrança. Não se ouve mais o barulho da máquina que outrora se colocava ao meio do território. A buzina, antes só alarmante, agora motiva moradores e itinerantes a correr, e olhar, e fotografar... “Olha o trem!”, diria a mulher, como quem o visse pela primeira vez. Ela sabe que as poucas aparições da máquina e um princípio de linhas férreas arrancadas e amontoadas anunciam o fim definitivo de uma era. Era que deu nome a um lugar, que deu histórias para a posteridade. Histórias de viajantes que iam e vinham e ficavam nos hotéis, hoje transformados em simples casas; que fizeram a fama dos bolinhos de Dona Adalgiza;

que teimavam com o maquinista sobre a parada exclusiva do trem naquele lugar. Ah, aquele lugar em que a eletricidade só vinha quando a linha era iluminada pelos postes que a cercavam. Ainda cercam. Cercarão por muito tempo? Só o tempo dirá. O mesmo tempo que tirou as crianças que se aventuravam pulando entre o elo dos vagões, alguns até arriscando-se a passar por baixo com a máquina ligada. O tempo é implacável. E aquilo que antes era visto com olhos abertos, talvez só se torne possível ao cerramento deles (Bezerra, 2014).

Olhar para a estação ferroviária do Arrojado, hoje, é olhar para um lugar de memória que merecia maiores cuidados, uma vez que sua existência divide a história do Distrito em um antes e um depois das linhas de ferro. Contemplar os danos em sua estrutura e o aspecto de abandono em seu entorno é ter um exemplo concreto da passagem do tempo e de como a impermanência é uma característica da existência de todas as coisas.

5.1.7 A fábrica de algodão

Se palavras como “movimento” e “animação” são utilizadas como referência ao Arrojado do passado, em contraponto, o olhar das entrevistadas sobre o presente revela um Arrojado “acabado”, segundo elas, expressão que resume as diferenças entre esses dois momentos no tempo. Como exemplos desse Arrojado acabado estão espaços e atividades que deixaram de existir ou que perderam sua força com o avançar das décadas. Um desses espaços foi a usina de beneficiamento de algodão Costa Lima & Mirtil (Leitão; Monteiro, 2007).

Algumas das participantes da pesquisa alcançaram a época de funcionamento da fábrica, ao passo que outras não chegaram a testemunhar suas atividades, creditando seu conhecimento sobre o espaço aos relatos que receberam das pessoas mais velhas. O leitor pode acompanhar parte das falas sobre a fábrica de algodão logo abaixo:

Era uma beneficiadora de Algodão. Ela beneficiava algodão, entendeu? Já saíam aqueles fardos de lã, já pronto, entendeu? Que era a fonte de renda que tinha do Arrojado nessa época, era o algodão, né? Todo mundo aqui era... plantava algodão e vendia. Tinha os compradores de algodão que vendiam e levavam pra... pra usina, né? Então com... com o tempo foi se acabando os compradores, o algodão foi aparecendo doença, né? Como apareceu o bicudo e foram acabando, se acabando, né? Aí foram aparecendo outros meios de... da agricultura, foi plantaçaõ de arroz, de outros tipos de... de atividade que... O algodão, que era fonte de renda maior que tinha no lugar, foi extinta por causa [...] da praga [...] que teve, né? (Neto).

Tinha uma fábrica na rua. Só que não foi do meu tempo. Quando me entendia de gente ela já não tinha mais porque... ela era uma fábrica de algodão. [...] Alcancei só o prédio. Que é onde eram as festas. Mas a [...] usina alcancei não (Joana Aquino).

Neto descreve o funcionamento da beneficiadora de algodão e indica a centralidade das atividades realizadas no espaço para a economia do Distrito de Arrojado. Esse protagonismo foi, aos poucos, sendo substituído por outras atividades econômicas, em decorrência do surgimento da praga do bicudo, que causou dano às plantações. Por sua importância para a economia do Arrojado, o encerramento da fábrica de algodão ressignificou também outros aspectos da vida social dos moradores, em uma relação de causa e efeito que demonstra o quanto condições econômicas estão entrelaçadas às relações que ocorrem no interior de qualquer agrupamento humano, conforme observou Boas (2023).

Diante do declínio da cultura do algodão, o povo do Arrojado adaptou-se a novas formas de lidar com a terra, e a produção de gêneros alimentícios passou a dar o tom das atividades de agricultura do lugar. O trabalho árduo sempre foi uma marca do cotidiano dos homens e mulheres do Distrito, especialmente das primeiras gerações de moradores, habituados à luta no campo desde que eram crianças. Um microcosmo da sociedade capitalista em que vivemos, cuja lógica de funcionamento nos diz que “[...] há sempre alguma coisa a fazer” (Certeau, 1998, p. 294). No caso do Arrojado, essa coisa a fazer sempre esteve ligada à noção de sobrevivência, fosse nos trabalhos domésticos, no campo ou na fábrica de algodão.

Joana Aquino, por sua vez, informa que não presenciou o funcionamento do prédio como fábrica, apenas o momento em que ele foi destinado a uma outra finalidade. Para o primeiro momento da existência do prédio, sua fala apoia-se nas memórias de outras pessoas, em uma demonstração daquilo que Halbwachs reflete quando diz que “Algumas de nossas memórias são emprestadas de outros. Alguns acontecimentos nós não presenciamos, mas confiamos naqueles que presenciaram” (Halbwachs, 1990, p. 54). Ela se refere à antiga fábrica utilizando a palavra usina, uma das denominações dadas pelo povo do Arrojado ao prédio, também chamado de motor velho. Apesar de não ter testemunhado a atividade econômica à qual o espaço era destinado inicialmente, Joana conta que foi contemporânea dos momentos em que o espaço passou a abrigar as festividades do Distrito, como a Festa de São Pedro, a mais tradicional do lugar, e a festa de ano novo. Sobre essas festividades o leitor poderá saber mais adiante, na seção destinada às pessoas do Arrojado e seus costumes.

Elizabeth Viana, em sua fala, fornece uma ideia do novo uso que os moradores do Arrojado destinaram ao espaço da fábrica de algodão:

E tinha, antes, de construir aí em frente, tinha que... tinha usina, né? De um... tinha um negócio de ferro, quem trabalhava era Assis. Assis, é... Moraes, né, que é o Assis. Aí, então é... depois o trem começou... veio a chegar até aqui perto da usina, que hoje ainda tem os tijolos aí

ainda, no chão. [...] Aí depois acabou tudo, né? Parou a... a... é, derrubaram o prédio, que antes ficou pra fazer festa da... do... São Pedro, do São João, Natal, Ano Novo... Era um clube bem grande, um... é... como... chama o clube hoje, né? Mas de primeiro chamava um salão de dança, né? Ele se tornou o salão do Arrojado. Aí depois acabou e nada, agora é rua. (Elizabete Viana).

De acordo com Leitão e Monteiro (2007), o prédio da fábrica foi transformado em clube a partir do momento em que foi adquirido por Manoel Gonçalves da Silva, após o encerramento das atividades fabris.

Citada pelas entrevistadas como um dos locais que serviria para representar o Arrojado, um dos símbolos do Distrito, a imagem da fábrica se tornou de interesse imediato para a pesquisa. Diferentemente dos outros espaços dos quais esta seção trata, seu prédio não está mais de pé, o que impossibilita a captura de sua imagem atualmente. Fui informado de que havia uma fotografia disponível na casa de uma das moradoras antigas do local, Dona Pastora, que se encontra fechada, pois não há mais ninguém morando nela. Desse modo, solicitei a ajuda de seus familiares e atuais responsáveis pela casa para conseguir acesso à imagem. Em meu diário de campo descrevi o momento em que cheguei até a fotografia:

Entramos na casa. Na sala há um jogo de cadeiras antigo, porém bonito, mantido como se alguém ainda morasse ali. No corredor da casa está a foto que tanto procuro [...]. Estava não só ela como algumas fotografias da igreja. A da fábrica não era uma fotografia propriamente, mas uma espécie de desenho de sua fachada, feito por alguém. Eu fotografo tudo o que me interessa e me despeço, agradecendo. Ao sairmos da casa, olhamos para o lugar onde ficava a fábrica e [o morador] me diz, mais ou menos, como ela era, a posição exata em que ficava e o espaço ocupado (Bezerra, 2024, p. 14).

Ouvindo os apontamentos do morador sobre o espaço que a fábrica ocupava, enquanto ele descrevia sua extensão, percebi-me diante de uma demonstração viva da ideia de Certeau sobre a presença nas ausências, sobre lugares que foram e não mais são. Disse o autor:

“Aqui, aqui era uma padaria”; “ali morava a mere Dupuis”. O que impressiona mais, aqui, é o fato de os lugares vividos serem como presenças de ausências,. O que se mostra designa aquilo que não é mais: "aqui vocês vêem, aqui havia...", mas isto não se vê mais. Os demonstrativos dizem do visível suas invisíveis identidades: constitui a própria definição do lugar, com efeito, ser essa série de deslocamentos e de efeitos entre os estratos partilhados que o compõem e jogar com essas espessuras em movimento (Certeau, 1998, p. 189).

Pela descrição feita pelo morador, o prédio da fábrica situava-se no limite das ruas Doutor Magela Lima e José Caetano, ao lado de onde se encontra o prédio da Escola Manoel Gonçalves. Arlete Silva, uma das entrevistadas, dá a sua descrição para a construção:

Então ele... ele era, assim, ele tinha uma frente aqui e era até bonita a

frente, era como se fosse, o Arrojado fosse uma cidade grande. A gente via assim da... a gente olhava assim e via aquele prédio bem grande lá na frente. Aí é... esse não era pra ter deixado acabar. Como tão deixando acabar também a estação que podia ser reaproveitada (Arlete Silva).

A descrição do prédio da fábrica feita por Arlete, aliada à outra realizada pelo morador que me conduziu até a fotografia, ilustram a relação entre o homem e espaço na construção da memória coletiva. Segundo Halbwachs (1990, p. 133): “[...] as imagens espaciais desempenham um papel na memória coletiva. [...] Todavia, o lugar recebeu a marca do grupo e vice-versa. Então, todas as ações do grupo podem se traduzir em termos espaciais, e o lugar ocupado por ele é somente a reunião de todos os termos”.

A imagem da Figura 17 ilustra a fachada da fábrica, conforme representação feita no desenho emoldurado na casa que adentrei.

Figura 17 – Quadro com fachada da fábrica de algodão



Fonte: Acervo pessoal dos moradores.

O registro da Figura 17 trata-se, portanto, não de uma fotografia do prédio em si, mas de um desenho que se apresenta como uma das poucas representações existentes sobre o que foi a fábrica de algodão do Arrojado.

Para as gerações mais recentes, que não alcançaram o período de funcionamento da fábrica, a imagem acima e os relatos das pessoas mais velhas são maneiras de vislumbrarem um dos principais lugares da memória coletiva do Arrojado. A ausência do prédio reflete escolhas recorrentes quando se trata do patrimônio histórico dos lugares: opta-se pela derrubada, pela retirada, geralmente, justificadas por uma suposta falta de utilidade. Junto à escola isolada e a outros lugares que não mais ocupam espaço no Distrito, a usina segue sendo uma lembrança de poucos, com sinais de que pode se perder no tempo.

Até aqui apresentei alguns dos principais espaços que compõem a memória e a cultura do Arrojado. Os espaços são mais do que lugares e, a esse respeito, recorro à definição dada por Certeau, quando diz que:

Existe *espaço* sempre que se toma vetores de direção, quantidades de velocidade e a variável tempo. O espaço é um cruzamento de móveis. É de certo modo animado pelo conjunto dos movimentos que aí se desdobram. Espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais. O espaço estaria para o lugar como a palavra quando falada, isto é, quando é percebida na ambiguidade de uma efetuação, mudada em um termo que depende de múltiplas convenções, colocada como o ato de um presente (ou de um tempo), e modificado pelas transformações devidas a proximidades sucessivas. Diversamente do lugar, não tem portanto nem a univocidade nem a estabilidade de um “próprio”. Em suma *o espaço é um lugar praticado*. Assim a rua geometricamente definida por um urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres. (Certeau, 1998, p. 202).

Com base na definição de Certeau sobre espaços, percebo que a Igreja do Sagrado Coração de Jesus e a Escola Manoel Gonçalves da Silva exercem sua função de espaço desde sua inauguração até os dias atuais, pois nunca deixaram de ser lugares marcados pelo movimento de pessoas em seu interior. Em ambas são vivenciadas, quase que diariamente, as práticas religiosas e acadêmicas, respectivamente, das pessoas do Arrojado.

O Salão de Eventos da Igreja, por sua vez, teve seu sentido de espaço retomado, anos após o encerramento das atividades do Ceará Parahyba Hotel, fato que retirou a noção de espaço do prédio e o transformou apenas em lugar por muitas décadas.

Já no que concerne à estação ferroviária do Distrito e à fábrica de algodão, são espaços apenas do tempo passado, já que não há vivências cotidianas em seu interior: a primeira por esquecimento e a segunda por sua demolição.

Cada um dos espaços do Arrojado, inclusive os que não figuram neste texto, é perpassado pelas relações que os moradores do lugar estabelecem entre si e pelo significado que lhes é atribuído. São as características das pessoas do Distrito que se estendem para dar identidade às suas ruas, monumentos e construções. E é sobre essas características que a seção a seguir se ocupa, apresentando a essência dos moradores do Arrojado ao leitor.

5.2 AS PESSOAS DO ARROJADO: HÁBITOS, COSTUMES E CRENÇAS

Meio da tarde. O calor intenso começa a dar alguns sinais de trégua. O espaço da rua, vazio após a hora do almoço e do cochilo da tarde, vai recebendo algumas pessoas, que aproveitam que o sol está “esfriando”, como costumam dizer, para desfrutar um pouco da brisa da tarde. Levando suas cadeiras em seus braços, algumas de madeira, outras de balanço, os moradores se dirigem a uma espécie de pequena praça improvisada, cuja sombra é garantida pela copa de várias árvores plantadas lado a lado. Ali, durante as próximas horas, trivialidades fazem o caminho de ida e volta dos assuntos presentes nos diálogos.

Início da noite. O momento do jantar termina, enquanto a voz do apresentador de telejornal elenca os acontecimentos do cotidiano. Na calçada já estão postas as cadeiras de madeira e balanço, e novas trivialidades tomam seu curso nas conversas, compondo um cenário emoldurado pelo céu estrelado da noite, que não se vê com tanta clareza nas grandes cidades. Das vozes dos moradores saem “causos” acontecidos entre eles, risadas e, aqui e ali, pequenas teimas sobre como determinado fato aconteceu. Olhando para a cena, algum espectador poderia imaginar ter voltado no tempo e estar presenciando uma época em que as interações face a face não disputavam território com as interações a distância proporcionadas pelos telefones celulares. Ledo engano. Os dispositivos tecnológicos estão presentes nas mãos de um ou outro morador, por entre a tradição das conversas diárias na calçada, adaptando o costume local à realidade dos tempos cotidianos atuais.

Final da noite. Avisto, a uma distância considerável, logo após a estação ferroviária, a praça do Arrojado. Ouço vozes animadas de homens que confraternizam no bar de Barzim, apelido dado a seu dono. Apesar de não estar no mesmo espaço que eles, consigo participar de longe. O vento da noite se responsabiliza por me fazer ouvir, com respeitável precisão, a uma rua de distância, algumas de suas conversas, em uma aproximação não planejada. A cena me faz lembrar e perceber que em um lugar como o Arrojado, tão pequeno do ponto de vista geográfico, a proximidade entre as pessoas chega sem pedir licença e cria, a partir daí, laços e contatos que se estenderão por toda a vida.

5.2.1 *A proximidade entre as pessoas: de suas casas a outros espaços*

A proximidade entre as pessoas do Arrojado começa ainda com cada uma dentro de suas diferentes casas. A maior parte das residências tem as paredes internas dos cômodos erguidas somente até pouco mais da metade da distância entre o chão e o telhado. São as meias

paredes, como chamam seus moradores, e que também são utilizadas como prateleiras improvisadas para armazenar itens, como as garrafas de feijão das colheitas. Essa abertura entre os cômodos das casas, somada ao fato de que as moradias vizinhas dividem, praticamente, a mesma parede lateral, possibilita que as vozes dos vizinhos, o som das músicas que eles escutam e o barulho dos programas de televisão a que assistem, tornem-se compartilhados com quem mora ao lado. Uma característica que, às vezes, gera incômodo. A Figura 18, abaixo, mostra ao leitor um exemplo da proximidade da maioria das casas do lugar.

Figura 18 – Casas da Rua Nelson Lemos



Fonte: Elaborada pelo autor.

Do interior das residências, os laços entre os vizinhos se estendem para suas calçadas, agora em um contato que não decorre unicamente das características arquitetônicas das casas, mas das escolhas dos moradores. Essas escolhas são um exemplo do pensamento de Bauman, quando reflete: “Precisamos de relacionamentos, e de relacionamentos em que possamos servir para alguma coisa, relacionamentos aos quais possamos referir-nos no intuito de definirmos a nós mesmos” (Bauman, 2005, p. 74).

O hábito de conversar com os vizinhos é antigo e se faz presente em alguns momentos do dia, especialmente entre o final da tarde e as primeiras horas da noite, conforme

narrei na abertura desta seção. Esse costume também aparece nas falas das participantes entrevistadas, conforme o leitor pode ver abaixo:

A noite é pra sentar na calçada e dormir na... [risos] e tomar remédio pra ir dormir. [...] Converso com Aldenir, mas aí pronto. Aí eu entro pra dentro, vou dormir (Carmem Souza).

[...] eu, ou vou rezar na igreja ou visitar uma pessoa, senão sentada na calçada, fazendo crochês, olhando quem passa, [...] conversa com um, conversa com outro... (Arlete Silva).

É... fico só na cadeira de balanço mesmo, a tarde todinha nas calçadas, conversando mais Isabel, mais Aldenir, é assim [risos] (Benedita Santos).

As conversas começam com um morador, são continuadas por outros, devolvidas ao primeiro, sofrem interrupções, mudam seu curso, abandonam um assunto para iniciar outro. Assim, entre Carmem, Arlete, Benedita e seus vizinhos é constituída uma rede de oralidades em que não há donos (Certeau, 1998), mas colaboradores que contribuem para esse processo com suas percepções sobre o cotidiano partilhadas com os demais, ensinando, aprendendo e cooperando. Desse modo, os vizinhos e amigos estreitam seus laços sociais.

O costume de conversar nas calçadas condensa, também, outros significados. O hábito se revela um momento de descanso para as pessoas, alcançado após a realização de suas atividades durante o dia, principalmente as tarefas domésticas, caso das mulheres entrevistadas. Elas escolhem, em suas falas, um termo para expressar as ocupações nas quais se envolvem, diariamente, em suas residências, especialmente durante o turno da manhã: a palavra “luta”. Abaixo seguem alguns trechos que mostram o uso dessa palavra:

Aí venho pra casa, vou na igreja e volto a fazer minha luta de casa né. Faço... faço o almoço (Joana Aquino).

De manhã? Não, quando eu me acordo eu vou só fazer a luta da casa. Faço meu café, aí vou lutar em casa, fazer minhas coisas, né? Varrer casa, lutar com galinha e fazer essas coisas assim (Benedita Santos).

E agora eu tô tendo tempo e trabalho. Quando chegar, eu vou fazer a luta de casa, né. Pela manhã porque... de tarde ninguém não aguenta trabalhar (Rute Maria).

Aqui dentro da minha... da minha casa, eu levanto sete e meia, oito horas. Depois eu levanto, vou tomar remédio, que eu sempre tomo remédio. E aí, depois, eu vou tomar café, aí vou cuidar na minha luta do dia a dia, como tu sabe, né? Varrer casa né, lavar louça, fazer essas

coisas que dona de casa faz (Elizabeth Viana).

Ademais, o hábito de sentar nas calçadas para conversar também reflete uma das características do Arrojado: o fato de ser um lugar pacato. Por tal qualidade, não há muitas atividades coletivas em que seja possível se engajar com o outro, especialmente no que se refere a pessoas com idade mais avançada. Considero, portanto, que esse hábito construído pelos moradores do Distrito enquadra-se naquilo que Michel de Certeau (1998) denomina de táticas, uma vez que os arrojadenses fizeram da ausência de acesso ao lazer e ao entretenimento, presentes em grandes centros urbanos, uma oportunidade para organizar as suas próprias “maneiras de fazer”, como também define o autor. Essas maneiras se refletem, aqui, no modo como o morador do Arrojado ocupa e utiliza os espaços das calçadas. Assim, “Sem sair onde tem que viver e que lhe impõe uma lei, ele aí instaura *pluralidade* e criatividade. Por uma arte de intermediação ele tira daí os efeitos imprevistos” (Certeau, 1998, p. 93).

A tranquilidade das calçadas e das ruas na atualidade contrasta com o Arrojado da época dos trens, em que o movimento de passageiros povoava o Distrito, conforme mostrei na seção sobre os espaços do lugar. O fim da circulação do transporte foi, portanto, também responsável pela diminuição das opções de lazer da comunidade, conforme aponta Dona Arlete:

Ah, [o trem] fez muita falta. Porque não tinha, aqui não tinha onde a gente se enterter. Pra... pra se divertir, não tinha. Era só sentar nas calçadas, sentava na casa de uma amiga, aí depois a amiga sentava na calçada da gente, não tinha pra onde a gente ir de jeito nenhum (Arlete Silva).

Vejo o sossego característico do Arrojado como decorrência de dias marcados por uma certa monotonia, a qual os moradores tentam quebrar de diferentes formas: participando de atividades em instituições, como as igrejas do lugar, desenvolvendo trabalhos artesanais ou, simplesmente, engajando-se em momentos de conversas com os vizinhos e amigos. Por outro lado, esse mesmo sossego é percebido por boa parte de seus moradores como algo satisfatório e que provoca sentimentos positivos associados ao Distrito, conforme apontam, logo abaixo, algumas das entrevistadas:

Ai, eu gosto. Assim, tem gente que acha que não... é o sossego. Porque aqui a gente consegue viver, assim, mais numa paz assim... eu acho. Eu vivo, né? Eu não acho, eu vivo. Eu gosto do sossego. Eu, sempre que eu vou pra qualquer canto: “Ai, tomara que já chegue lá em casa. Já chegue lá no Arrojado.” Sempre gostei do Arrojado! Gosto dos encontros que a gente faz no Arrojado (Sônia Moreira).

Graças a Deus o nosso lugarzinho é pequeno, mas é bom. Sossegado

[...] (Elizabeth Viana).

[O que eu mais gosto] É a tranquilidade... Aqui é muito tranquilo (Arlete Silva).

Eu me sinto feliz assim, por uma... um Arrojado ser um pessoal querido, um pessoal que se doa... Quando tem uma pessoa passando por um momento difícil todo mundo reza, todo mundo tá em oração, todo mundo vai pra sua casa, todo mundo é a... é a amizade, uma família, às vezes, você tem uma... uma... crítica, assim, uma coisa pra pessoa... “Não, eu respeito, eu não vou dizer nada não, porque...” Consideração à pessoa né? Consideração, né? Então eu me orgulho por isso, porque um Arrojado... o Arrojado... A pessoa do Arrojado é diferente. Porque você procura ajudar as pessoas (Rute Maria).

Para além do gosto pelo sossego, as falas acima apontam para outra característica das pessoas do Arrojado: a união entre si. Com isso não quero dizer que não haja conflitos, pois estes são naturais em todos os agrupamentos humanos. As discordâncias existem e, às vezes, estendem-se para brigas que causam agitação entre os moradores. A Rua Nelson Lemos, por exemplo, pela recorrência de conflitos ocorridos no passado, foi batizada como “Rua do Cacete”. As contendas são pontuais, contudo, e insuficientes para descaracterizar as trocas diárias estabelecidas entre os moradores, as quais constroem o caráter gregário de suas relações (Feitosa, 2011). Uma das manifestações da união entre os arrojadenses é, por exemplo, a atitude coletiva adotada quando pessoas desconhecidas e sem nenhuma relação com algum residente chegam até o Distrito. Os moradores agem da seguinte maneira:

Quando aparece alguma, algum suspeito, todo mundo faz... é... fica de orelha em pé até a pessoa sair daqui [risos]. Todo mundo tem esse pensamento de preservar pra ninguém bulir aqui, é, todo mundo... aqui todo mundo se protege. Qualquer pessoa diferente já fica passando um pro outro... (Arlete Silva).

[...] assim, tem as vezes em que aparece uma coisinha, uma besteirinha de fora, mas depois o povo já fala, já sai. Entendeu? Aí por isso não tem o que falar não, do Arrojado não (Elizabeth Viana).

Conforme os relatos mostram, nessas situações os moradores do Arrojado aplicam aquilo que Bauman descreve em uma de suas obras: “Ao conhecer um estranho você precisa em primeiro lugar de vigilância, e em segundo e terceiro lugares de vigilância” (Bauman, 2004, p. 110). Uma situação que remete, guardadas as devidas proporções, ao enredo do livro “Os estabelecidos e os outsiders” (Elias; Scotson, 2000). Na obra, fruto de uma pesquisa sociológica, os autores abordam a resistência de um grupo de moradores já estabelecido em uma cidade inglesa quando da construção e crescimento de um novo bairro com moradores

recém-chegados. Estes acabam sendo excluídos pelos que já se encontravam estabelecidos, situação semelhante ao que se percebe no distrito de Arrojado.

A tranquilidade do dia a dia local e a convivência entre os moradores estendem a percepção positiva que eles têm do Arrojado como um todo para os espaços menores, isto é, para as ruas que dividem o povoado. Embora não numerosas, elas passaram, ao longo dos anos, por processos de esvaziamento e povoamento decorrentes, principalmente, da construção de novas casas em lugares onde, antes, não havia nada. A satisfação e o contentamento com a rua em que se mora pode ser visto nas falas das entrevistadas:

É, eu acho [essa rua] boa. Logo quando eu cheguei aqui, não, eu achava ruim. Mas já tem os vizinhos aqui, já tem menino aí, seu Durval, dona Franciá, que são os vizinhos muito bons! Barzim aqui é um vizinho muito bom também! E, graças a Deus, eu acho boa minha rua. Muito boa! (Benedita Santos).

É boa. Essa rua é boa. Essa rua os vizinhos se conversam, não tem, assim... diferenças de vizinho, pra estar assim... é boa essa rua. Boa mesmo. Ela... ela até tá mais movimentada do que a de lá de cima. De transporte. Os transportes tão passando mais por essa rua do que lá por cima. Ela tá bem movimentada agora. Tem hora que você pensa assim, “Vixe Maria, parece uma avenida!” de tanto [risos] vai e vem (Arlete Silva).

As pessoas do Arrojado mostram-se, pelos apontamentos realizados até aqui, indivíduos que constroem seus laços uns com os outros a partir da ocupação e da apropriação dos espaços disponíveis no lugar, por mais simples que eles sejam. Desse modo, eles fazem desses espaços ambientes em que têm, uns juntos dos outros, seus momentos de diversão e descanso. Nessas horas de pausas em suas lutas, observando a vida passar, ruas, calçadas e praças (as oficiais e as improvisadas) são transformadas em símbolos que traduzem a essência de ser e pertencer ao Distrito. Os moradores do Arrojado colocam, desse modo, significado onde antes não havia nada (Feitosa, 2011).

Quem olha para a praça João Gonçalves Primo, inaugurada no ano de 2008 e hoje principal ponto de encontro dos moradores, pode não imaginar que, antes dela, as pessoas do Arrojado já improvisavam suas praças particulares, reunindo-se ao redor de monumentos, tanto os dados pela natureza como os fabricados pelas mãos humanas. Um exemplo é a placa fixada no meio da Rua Doutor Magela Lima quando da inauguração da energia elétrica no Distrito, cuja imagem pode ser vista, a seguir, na Figura 19.

Figura 19 – A plaquinha



Fonte: Elaborada pelo autor.

Rute Maria descreve brevemente os encontros ocorridos entre os moradores de sua geração em torno da plaquinha, forma pela qual as pessoas do Arrojado se referem ao monumento:

É, a plaquinha, a gente ficava sentado ali, porque como não tinha praça, o nosso lugar era lá, né? Às vezes a gente ajeitava... ficava brincando [de] “caiu no poço”, né... (Rute Maria).

Para as crianças, o entorno da plaquinha era o espaço para brincadeiras como “Caiu no Poço”, apontada por Rute, além de outros jogos como “Rouba Bandeira” e “Carimba”, estes praticados por gerações mais recentes. Já os adolescentes aproveitavam a plaquinha para marcar encontros com seus pretendentes amorosos ou mesmo com aqueles com quem já formavam um casal. Alguns desses namorados uniram-se, posteriormente, em matrimônio e constituíram suas famílias, permanecendo juntos até os dias de hoje.

Já na rua Antônio Gonçalves, a proximidade entre as pessoas, por muitos anos, deu-se ao redor de uma árvore cuja sombra dos galhos também servia de abrigo aos moradores da Rua Nelson Lemos, distante daquela apenas por um recuo no chão. Utilizada para diferentes finalidades, tratava-se de um pé de algaroba, cuja copa frondosa e tronco largo sintetizavam o costume local de encontrar o outro para conversar sobre o cotidiano. A Figura 20, que o leitor pode ver abaixo, mostra um desses momentos de encontro, ocorrido no ano de 2007.

Figura 20 – Moradores ao redor do pé de algaroba



Fonte: Elaborada pelo autor.

Por sua presença no cotidiano dos moradores das duas ruas e pela infinidade de histórias vividas ao seu redor, o pé de algaroba tornou-se um símbolo para eles. É o que aponta Sônia Moreira, que fornece alguns detalhes dos encontros aos pés da árvore:

Eu acho assim, porque essa rua... como todo mundo ainda tem o costume de se sentar na calçada, de conversar, tanto à noite como à tarde, eu acho que... [o símbolo seria] O pé de algaroba, que era um ponto até de encontro das pessoas conversarem, né? As pessoas mesmo saíam de suas casas e... e se visse um lá no... no pé de algaroba, já ia pra conversar mesmo, só conversa rotineira mesmo. À noite todo mundo nas suas calçadas. [Lá] Só durante o dia (Sônia Moreira).

O valor atribuído pelas pessoas ao pé de algaroba pode ser visto em um poema escrito por uma das ex-moradoras da Rua Nelson Lemos, Fátima Bezerra, conhecida como Fatinha. Ela descreve como as crianças, adolescentes e adultos faziam uso do entorno da árvore, ilustrando os distintos significados atribuídos pelos moradores. O poema encontra-se a seguir, após a Figura 21, que exhibe a imponência da árvore.

Figura 21 – Pé de algaroba: lugar de encontros



Fonte: Acervo pessoal dos moradores.

O pé de algaroba de dona Adalgiza:
 Quadra poliesportiva - mesmo com as tantas reclamações de sua guardiã;
 Campo de bila - de várias gerações;
 Praça - de grande utilidade à rua Paz & Amor e seus moradores;
 Aconchego - aos casais enamorados e a muitos esquemas.
 Se essa sombra falasse...

(Bezerra, 2018).

A autora do poema atribui a guarda do pé de algaroba a Dona Adalgiza, já conhecida do leitor, que morava a poucos metros da árvore, em uma casa separada por um terreiro e pelo calçamento de paralelepípedos. A proximidade entre sua residência e a árvore fazia com que as vozes das pessoas que lá estavam chegassem até sua casa, causando certo incômodo, pois ela era uma senhora idosa. Sônia Moreira foi testemunha dessa relação um tanto quanto conturbada e dá um pequeno vislumbre das reações de Dona Adalgiza:

Era... todo mundo se juntava, né? Os homens, principalmente, falavam muito alto, conversavam, né? As crianças brincavam também. E o barulho incomodava ela [risos] (Sônia Moreira).

Os usos diários do espaço e a importância a ele atribuída pelos moradores das duas ruas, de diferentes gerações, não foram suficientes para garantir sua permanência. Aquele símbolo dos jogos, das risadas, dos amores e das amizades que traziam um pouco de movimento

para o dia a dia tranquilo do Arrojado, foi derrubado. Os encontros entre as pessoas, contudo, não cessaram, pelo contrário, foram renovados, agora sob os galhos de outras espécies de árvores, plantadas posteriormente no mesmo lugar.

Assim, diariamente, as pessoas do Arrojado respondem à pergunta cuja resposta, segundo Bauman (2005), representa a essência de toda e qualquer identidade “Quem sou eu?”. São pessoas que fizeram da proximidade de suas relações a matéria-prima para constituir, literal ou figurativamente, espaços de convivência e de trocas entre si. São pessoas que gostam de sentar em suas calçadas, que aproveitam a presença de seus vizinhos e que fazem das poucas possibilidades de um lugar pacato, um universo de muitas possibilidades. Em um mundo de identidades cada vez mais instáveis, como mostrei a partir de Hall (2006), a identidade do morador do Arrojado, se não segue imutável, tem, pelo menos, um referencial mais sólido e estável para se apoiar: os vínculos estabelecidos entre seus conterrâneos (Bauman, 2005).

Conforme mostrei nesta seção, as conversas entre os moradores acontecem em diferentes espaços e se constituem em uma das tradições do Arrojado. Também aponte uma das principais características do lugar, que é o seu sossego. Como participantes fundamentais das conversas e principais beneficiados desse sossego estão as pessoas idosas do Distrito. Suas memórias guardam acontecimentos de outros tempos, pessoas que já se foram, espaços demolidos e datas específicas nunca registradas no papel. Por sua importância, a seção a seguir discorrerá sobre a relação entre os idosos do Arrojado e a memória coletiva local.

5.2.2 Os idosos e sua memória

Na atualidade, cerca de um terço da população do Arrojado é constituída por pessoas idosas, segundo informações obtidas junto às agentes de saúde que atuam no Distrito. A rotina pacata, que é marca do cotidiano do lugar, torna-o um ambiente ideal para aqueles que trabalharam durante toda a vida e que, agora, desfrutam do descanso proporcionado pela aposentadoria. É o que mostram as palavras de Arlete Silva:

Aqui é... é um lugar de... de se viver, principalmente pra quem já tá aposentado. Agora se fosse pra... pra conseguir um meio de vida, aqui não. Não tem como. Mas pra aposentado aqui é muito bom (Arlete Silva).

São os idosos os principais guardiões da cultura e da memória coletiva do Arrojado. Diante da limitação na disponibilidade de obras que tratem desses aspectos do Distrito, as lembranças e as histórias que eles contam tornam-se o principal meio para conhecer os costumes

do passado. Os idosos são verdadeiras bibliotecas vivas repletas de narrativas que contam a trajetória dos que viveram ou ainda vivem no lugar. Quando transmitem suas vivências para as gerações mais novas, eles as colocam a par de sua própria história e também despertam sentimentos de admiração, reforçando os vínculos afetivos entre predecessores e sucessores. É o que atestam as palavras das participantes da pesquisa, vistas a seguir:

Não sei quase nada, assim... da história do Arrojado que eu... que eu lembro mais assim, que eles contam... que os mais velhos, né, que contavam, que era que Arrojado era chamado de Paiano, que depois passou a ser Arrojado. Que tinha as pessoas que... que [...] era, tipo, os organizadores, aqui, pra fazer tudo no Arrojado, que era... era... meu bisavô, era tio Antônio Ventura, esses bem mais velhos, né? Assim... eu sei pouco da história do Arrojado. [Aprendi] com minha mãe contando, meu pai, né? Outras na escola... (Sônia Moreira).

Eu gostava de saber muito a vida deles como era rapaz, moça, nera? Como era a vida deles, né? E eu gostava muito. É o que eu sinto muita falta. Sinto falta. Porque eles davam uma atenção muito à gente, né? (Rute Maria).

Aqui nós só temos uma pessoa que se a gente quiser tirar uma dúvida de coisa do passado, procure ele que tira [...]: seu Vicente Roberto. Aí é por isso que eu digo, é a única pessoa que você, hoje, tem aqui pra tirar uma dúvida de coisa de... de cem anos pra trás aí... Porque ele já ouvia dos outros. E ele tem uma memória muito boa, entendeu? É a... é... eu, pra mim, é a única pessoa que... que tira dúvida de coisas do passado aqui, é seu Vicente. Quando a gente tem uma dúvida do... do saber uma coisa, dum ano, “Quê que aconteceu?”, “Que ano foi que aconteceu isso?”... Chegar lá, ele diz: “Foi ano fulano de tal”. Mas isso aí ele não pensa muito pra dizer não! É só “pá e pá” (Neto).

Sônia aponta que o pouco que conhece da história do Arrojado foi aprendido com as histórias que seus pais contavam, o que exemplifica a relação entre a memória coletiva do Distrito e as memórias das pessoas mais velhas. Em complemento, ela destaca que parte dessa história também foi aprendida na Escola Manoel Gonçalves, trazendo para seu relato a contribuição do ambiente escolar para a preservação da cultura do Arrojado.

Rute, por sua vez, destaca o sentimento de satisfação envolvido nos momentos em que conversava com as pessoas idosas sobre os tempos de sua juventude e de seu passado em geral. Essa parte do relato da entrevistada foi extraída da resposta em que ela aponta aquilo que mais sente falta no Arrojado: as pessoas mais velhas que já faleceram. Como indicativo dessa falta que Rute sente, está a atenção que essas pessoas já falecidas prestavam a ela, o que mostra que os momentos de contação de suas histórias eram não só um meio para acessar a memória do Arrojado, mas também uma oportunidade para gerar aproximação entre os envolvidos.

Neto sintetiza em um morador do Arrojado a relação entre os idosos do lugar e a preservação da memória. O homem escolhido é Vicente Roberto de Souza e o leitor pode conhecê-lo na imagem da Figura 22.

Figura 22 – Vicente Roberto de Souza



Fonte: Acervo pessoal dos moradores.

A imagem acima captura, justamente, um dos momentos de partilha das histórias contadas por Vicente Roberto, uma das atividades que ele mais gosta de fazer. Com 103 anos de idade, ele é, hoje, o morador mais idoso do Arrojado. A longevidade não afetou com intensidade sua capacidade de lembrar, conforme atestam as palavras de Neto. Além das histórias que testemunhou enquanto participante, a memória de Vicente Roberto guarda também os relatos de acontecimentos que não presenciou, mas que a ele foram transmitidos por seus contemporâneos e antecessores. Assim, suas falas sobre os momentos vividos no Arrojado são a continuação do movimento de transmissão de memórias de uma geração para outra.

Se, por um lado, a capacidade de lembrar dos idosos causa admiração, por outro levanta uma preocupação a respeito da preservação da memória do Arrojado e da continuidade de suas tradições ao longo do tempo. Uma vez que o conhecimento que os mais idosos carregam não foi transposto, de maneira sistemática, para nenhum suporte, os moradores acreditam que esse saber pode se perder quando da partida dessas pessoas, risco percebido por autores como Alberti (2005). Com isso, as gerações seguintes podem ser prejudicadas. Para as participantes

da pesquisa, algumas dessas memórias já se perderam no presente:

Não tem mais quem fale mais nada de cultura, de nada. Nada, não tem mais nada, não. Acabou. Tudo terminou. Depois que faleceu o que... que falavam mais eram os idosos, né? Que [...] passava pra gente, alguma coisa e tudo. Depois que faleceram... tem não, não tem mais nada. O povo não fala mais nada, não. Tá tudo na memória e pronto. O povo não fala mais nada, não (Rute Maria).

A mocidade de hoje, o jovem de hoje pouco sabe o que é um trem de... de passageiro, né? E como também vinha os trens de carga. Passava muito trem de carga. Vinha da Paraíba, vinha do Juazeiro, trazia mercadoria, né? Desses outros lugares. Tinha muito trem de carga. E hoje o povo... muita gente não sabe o que é o apito de um trem. Não sabe o que é uma máquina no trem, como é que funciona, né? (Joana Aquino).

Para além da ausência de registros escritos a partir das memórias das pessoas mais velhas, Rute presencia, também, uma perda da própria tradição oral, patrimônio que é de todos, mas que vai se desfazendo quando não é repetido de modo permanente entre os responsáveis por sua preservação, conforme indica Alberti (2005). Seu relato é complementado pela fala de Joana, que aponta o desconhecimento dos jovens atuais do Distrito sobre o funcionamento dos trens, meio de transporte responsável pelas transformações ocorridas na história do Arrojado.

Nesse sentido, diante do risco de não ter a identidade do povo do Arrojado preservada, as participantes da pesquisa julgam ser necessário uma espécie de movimento, chamado geral ou outra iniciativa similar que garanta a continuidade do legado deixado pelos predecessores. Seus apontamentos podem ser vistos a seguir:

Assim, pras gerações futuras, vai ser muito pouco. Porque a nossa geração, dos nossos pais, dos nossos avós, até hoje, ainda foi preservada, muita coisa. Assim, o que eu quero dizer... [...] porque a nossa religião, a nossa convivência com [...] com todo mundo da comunidade, ainda tá preservada, mas futuramente, assim, de ajuda... de você ser solidário como... ainda hoje, né, no nosso Arrojado, a gente não pode... ainda... ainda... Mas eu acredito, eu não sei. Pela... pelo que eu vejo da juventude do Arrojado, hoje, que mora aqui no Arrojado, eu não vejo que a nossa geração ainda vai servir de alguma coisa pra eles no futuro, não. Eu vejo, eu vejo. Se não... se não tiver aí um alerta pra gente ver se... não vejo. (Sônia Moreira).

Podia ter mais coisa porque aqui é um lugar que precisa, tem muita criança, nós que somos velhos, nós não liga mais, tá entendendo? Mas tem muita criança que precisava, né? (Alda Fonseca).

Na fala de Sônia está explícita a preocupação com a perda dos aspectos identitários

das pessoas do Arrojado. Ao olhar para a geração de jovens do Distrito, apesar de hesitar, ela acredita que seus contemporâneos não sirvam de exemplo para eles, o que é improvável, pois, como defende Boas (2023, p. 60), “[...] nenhum acontecimento na vida de um povo passa sem deixar seus efeitos nas gerações seguintes”. A preocupação de Sônia, contudo, faz sentido, uma vez que ela testemunha as mudanças que, na atualidade, acontecem com velocidade nunca vista, em todos os aspectos da vida. Seu desconforto também é decorrente do fato de que ela representa uma geração de pessoas que se vê ficando para trás enquanto representantes de sua cultura, fenômeno também observado por Boas e que acontece ao mesmo tempo em que outras pessoas assumem esse papel de novos representantes.

O pensamento de Alda vai ao encontro, uma vez mais, das reflexões de Santos (1996). O autor atesta que nem todos os indivíduos participam de sua cultura da mesma forma e que um desses motivos é a idade da pessoa, conforme foi mostrado na seção sobre os espaços do Arrojado. Alda retoma essa visão, especialmente ao dizer que os idosos não “ligam mais”, expressão associada às preocupações de sua idade, ao tempo já vivido e que, na atualidade, inspira outras prioridades; para as crianças, contudo, ela acredita que seja necessário algum movimento que permita a conservação das tradições culturais do Arrojado.

O temor de Sônia, Alda e de outros moradores do Arrojado é parecido com aquele enfrentado pelos moradores de Javé, personagens do filme *Narradores de Javé*, mencionado no terceiro capítulo. Se a solução encontrada pelos moradores da cidade fictícia foi a escrita de sua origem, na Javé do Centro-Sul cearense, o ato de escrever também é apontado como uma das possibilidades para salvaguardar os elementos de sua cultura, evitando que a barragem do esquecimento soterre os hábitos, as crenças e os costumes compartilhados coletivamente.

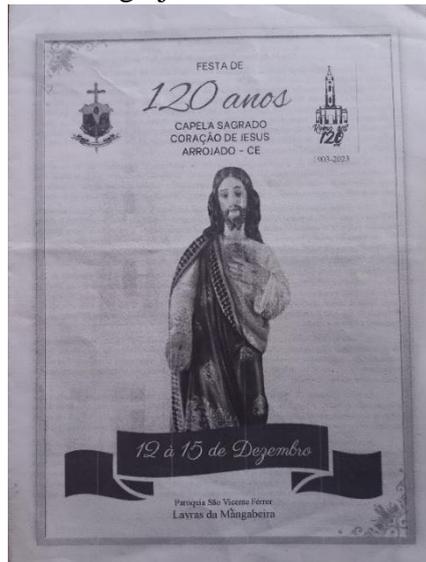
Quando o conhecimento é fixado no papel ou em outro suporte, diminui-se o risco de depender apenas da memória das pessoas e criam-se maiores garantias para a continuidade das tradições. A percepção do ato de escrever como um caminho para preservar a identidade do Arrojado é apontada na fala de Dona Arlete. Sua preocupação, aqui, é com o esquecimento dos hinos católicos que são cantados na Igreja do Sagrado Coração de Jesus:

Porque eu acho que falta... falta... como é que eu quero dizer, assim, falta um despertar de alguém que guarde. Por exemplo, falar de religião de novo. Eu tava falando pra Marilene, assim, “Marilene, mulher, a senhora devia...” (Porque eu não sei todos os cantos de antigamente de cor. Ela sabe.) Aí eu disse: “A senhora devia passar pro papel esses cantos, pra guardar porque [...] quando vier, passar do tempo, não vai ter mais quem se lembre desses cantos. E é... e é aí, se a senhora botasse no papel, ficava preservado”. E existe muitas, assim, coisas que podiam ser guardadas, como a história da escola,

antigamente como era, a educação, o respeito, quem eram os professores, nera? Podia ser, assim, guardado, tipo um caderninho, em algum lugar, alguém devia guardar essas coisas. Porque vai chegar um tempo em que ninguém sabe de nada, porque as pessoas aqui do Arrojado, a maioria, são de idade, a maioria. Aqui nós tamos numa comunidade de idosos. São poucos jovens aqui. Poucos mesmo. É tanto que você veja e não existe nem aglomeração de jovem. Bem diferente. Então, mais diferente vai ficar, porque esses jovens de hoje não sabem de nada do que eu sei. De nada. E eu já tô de idade, porque eu já passo dos sessenta, né? (Arlete Silva).

Arlete considera a necessidade de elaborar obras escritas que contem não só sobre a história do Arrojado em si, mas sobre costumes, aspectos da convivência entre os moradores e outras particularidades. Um exemplo do que pode ser feito já está guardado nas casas de alguns moradores e pode ser visto na imagem a seguir:

Figura 23 – Folheto contendo história da igreja



Fonte: Acervo pessoal dos moradores.

A Figura 23 ilustra um folheto elaborado no ano de 2023 em comemoração aos 120 anos da Igreja do Sagrado Coração de Jesus. O material contém um breve histórico da igreja, um ato de reparação, uma oração e um hino. Foi elaborado a partir das memórias de uma das moradoras do local, Maria Lúcia de Souza, em colaboração com Jadson Sales, seminarista nascido no Distrito, e membros do grupo de oração Chama de Amor. O folheto aponta para uma das soluções possíveis para preservar a cultura e a memória do Arrojado, tornando as informações disponíveis para a posteridade, atendendo ao que Arlete menciona em seu relato.

Na fala de Arlete também está presente a preocupação com a geração atual, que não

dispõe, segundo ela, do mesmo conhecimento sobre a cultura do Arrojado. Por um lado, é natural que a juventude demonstre interesse por outros assuntos, pois cada geração possui suas próprias preocupações, como aponta Halbwachs (1990). Entretanto, o conhecimento sobre o passado e a preservação da cultura são elementos fundamentais para a construção das identidades, de modo que é necessário pensar em meios que possibilitem que as origens não se percam completamente com o tempo. Outra das entrevistadas, contudo, considera que as gerações mais novas dispõem de recursos para preservar a cultura e a memória do Arrojado. Ela aponta que os jovens irão conseguir, se não totalmente, pelo menos atenuar a velocidade do apagamento das coisas que formam a trajetória do Distrito:

Eu acho que as gerações mais novas vão conseguir porque... tem muito... a geração mais nova elas são muito a... assim, atualizada. Eu acho. É. Eu acho que vai ficar na mesma... no mesmo ritmo assim. Não vai cair de uma vez como as outras coisas acabou. Entendeu? (Elizabeth Viana).

A qualidade de “atualizada” que Elizabeth destina aos jovens do presente indica o domínio que eles têm dos recursos tecnológicos e que pode colaborar para a perenidade da cultura do lugar em que vivem, desde que empregados para esse fim. Se os jovens estão cientes ou não dessa responsabilidade, apenas uma investigação mais detalhada poderá responder. O fato é que alguns deles já têm se utilizado das possibilidades da internet e dos dispositivos móveis para mostrar o Arrojado para o mundo. Esses exemplos serão mostrados adiante no estudo, por se encaixarem no debate sobre a presença dos telefones celulares no Arrojado, que o leitor poderá conferir na seção sobre os objetos que ajudam a contar a história do Distrito.

Por ora, cabe a reflexão sobre a importância das pessoas idosas para a guarda da memória local e sobre a necessidade de buscar meios para que suas vivências e relatos, guardados individualmente e transmitidos oralmente, encontrem mecanismos de partilha coletivos de maior alcance. Transpostos para suportes de registro do conhecimento, suas memórias poderiam ser acessadas por todos, contribuindo para o maior compartilhamento dos aspectos da identidade, da cultura e da memória da localidade. Além disso, esse registro possibilitaria um canal que aproximasse ainda mais aqueles que permanecem no Arrojado daqueles que precisaram partir do Distrito para residir em outras cidades. E é sobre esse processo de permanência e partida do lugar que trata a seção a seguir.

5.2.3 Do Arrojado para o mundo: dos filhos que ficam aos que se vão

Rita de Cássia, famosa compositora de letras de forró cantadas por bandas conhecidas no Nordeste, principalmente o grupo Mastruz com Leite, escreveu uma vez a música intitulada “No voo da asa branca”. A letra da canção diz o seguinte:

Peguei o voo da asa branca
 E tive quer partir
 Coração em pedaços
 Fingindo pra não desistir
 A vontade e coragem
 E tudo na contramão
 Deus sabe como deixei
 O meu pequeno sertão

A saudade me invade
 Me fazendo lembrar
 Da minha liberdade
 De todos que eu deixei por lá
 Das vaquejadas e forró
 Eu via o Sol clarear
 Meu cantinho, minha casa
 Minha rede a balançar

Mas, eu vou voltar, sei que vou voltar
 Que eu encontre sorrindo
 Quem ficou a chorar
 [...]

(No voo [...], 1997).

A letra de Rita de Cássia ilustra com precisão o sentimento de saudades das pessoas que partem do Arrojado para outras localidades, geralmente, grandes centros urbanos. Como apontado, anteriormente, por Dona Arlete, o Arrojado é um lugar com poucas possibilidades para ascender socialmente e/ou construir, ainda na juventude, uma carreira que possibilite o sustento da pessoa e de sua família. Por conta disso, partir para outras cidades e, até mesmo, outros estados do Brasil, mostra-se o destino de parte considerável dos jovens do lugar. A saída da casa dos pais ocorre, comumente, após a finalização de uma das etapas da vida acadêmica, seja o ensino médio/técnico ou alguma formação de nível superior. Dona Alda Fonseca descreve o contexto que motiva essas partidas:

Porque os que se formam vão embora, né? Que não tem em que trabalhar e em quê... O que é que tem aqui? Se você bota uma banana pra vender hoje, amanhã tem outro vendendo. Aí o outro vende. Aí o lugar não dá pra todos! Porque o lugar é pequeno e não tem... o povo não tem condições financeiras boas, né? (Alda Fonseca).

Alda reflete sobre as características econômicas do lugar, apontando a dificuldade que iniciativas empreendedoras enfrentam no Distrito. Como a população do Arrojado é pequena, o público a quem determinado produto ou serviço é destinado é, naturalmente,

limitado. Com isso, qualquer concorrência em torno da mesma atividade, torna-se mais sentida ainda. Empreendimentos do passado, como a fábrica e o hotel, não mais existem, conforme mostrei na seção sobre os espaços do Arrojado. Olhando para a realidade econômica atual do Distrito e comparando-a com o passado, Arlete Silva lamenta a ausência desses dois estabelecimentos, os quais poderiam, em caso de funcionamento, colaborar com as ocupações das pessoas que permanecem no Distrito, conforme aponta sua fala:

Eu tenho pena de ter deixado de existir o hotel, tenho dó até de ter terminado isso... E tinha uma fábrica muito grande aqui, que era um... uma... é... descaroadadeira de algodão. Que podia ter sido aproveitada com outro tipo de fábrica. E aí o Arrojado não era tão carente de trabalho, né? Pras pessoas (Arlete Silva).

Hoje, as ocupações das pessoas do Arrojado giram em torno, basicamente, de: aposentadorias, atividades no campo, funções e cargos públicos alcançados por meio da Prefeitura de Lavras da Mangabeira e trabalhos domésticos informais executados pelas mulheres nas casas do próprio Distrito. A essas atividades somam-se uma ou outra iniciativa empreendedora em áreas como artesanato, comércio e prestação de serviços. As participantes da pesquisa fornecem sua visão sobre essas ocupações, entre avaliações positivas e pessimistas:

Não, eu... eu vejo que é tudo bom, né? Eu vejo o povo aí, tudo trabalhando no [...] seu serviço, né? Quem é agricultor vai pra sua roça, quem trabalha por aqui mesmo, no posto e tudo, que tem suas atividades a fazer, né? Aí vamos tudim trabalhar de manhã. E é só isso mesmo (Benedita Santos).

Ai, tão muito fracas. Eu acho. Porque os... as coisas que tinha aqui, que eram mais evoluídas, eram as... as bodegas que chamavam, né? Que hoje o povo chama mercantil. Mas o melhorzinho que tá ainda é o de... da Águida e o de Fabiano, né... Os outros são só... alguma coisinha. Os... não tem mais açougue como tinha antes, né? Que era açougue só pra carne mesmo. Não tem mais, é só [...] nos mercantis mesmo, que vende essas coisas, né? E só lá em Águida. Lá em Fabiano também não vende isso aí. Aí muita coisa acabou aqui, né? Assim, ficou sem... (Elizabeth Viana).

Do povo daqui mais é... é... trabalhar no município, a prefeitura, né? Alguns concursados, outros contratados. E quem não consegue trabalhar... as mulheres, principalmente, trabalham nas casas, né. Pra pra ganhar seu [sustento]. As tarefas domésticas... E também no artesanato já, tem muita gente que já trabalha, né, com artesanato aqui pra ganhar também seu tostão, e assim vai. Já tá aparecendo até é... corte de cabelo, né? Pessoas pra cortar cabelo aqui, né? (Sônia Moreira).

Benedita demonstra um certo conformismo com as atividades disponíveis para as pessoas no Arrojado. Ela avalia o cenário geral de maneira positiva, mas aponta uma certa restrição no conjunto de ocupações dos moradores, expressa na frase “É só isso mesmo”.

Elizabete, por sua vez, atribui uma conotação mais negativa ao cenário econômico local, citando as mercearias que já existiram no Arrojado, as quais eram chamadas de “bodegas”. Em outras épocas eram famosas as bodegas de De Assis, de Chico Dutra, entre outros. Mesmo com a reclamação, ela elogia os mercantis que ainda se mantêm funcionando, sejam os mais antigos, como o de Fabiano, herdado de seu pai, De Assis, sejam os que vieram a se estabelecer recentemente, como o pertencente à moradora Águida.

Sônia, em sua fala, destaca a dependência, de parte das pessoas, dos empregos disponíveis no serviço público municipal. Em seu relato, também surge a iniciativa das mulheres do lugar para conseguir seu sustento e complementar a renda de suas famílias, por meio de trabalhos domésticos e artesanais. Uma restrição que indica que o cenário de oportunidades, para elas, ainda se apoia nos tradicionais papéis de gênero.

Diante dessa situação que atravessa gerações, muitas pessoas decidem partir do Arrojado para buscar realizações profissionais e pessoais em outras cidades. Uma decisão marcada pelo distanciamento de sua família, do seu cotidiano e de sua cultura e que se mostra uma das primeiras grandes rupturas na identidade dessas pessoas. Aquele que deixa o Arrojado passará a ter contato com outra realidade cultural e com as regras e costumes dela decorrentes, já que estará inserido em outro contexto (Santos, 1996). Para muitos dos que partem há uma rede de apoio na cidade destino, formada por familiares que se foram há anos ou décadas, e que recebem em suas casas os membros das gerações seguintes.

Nesse sentido, pequenas comunidades arrojadenses se formam em cidades como São Paulo, Fortaleza e Itajaí (Santa Catarina), as quais têm sido destinos recorrentes para boa parte dos que saem do Distrito. Esses agrupamentos ocorrem tanto do ponto de vista geográfico, com as pessoas morando, inicialmente, no mesmo bairro, como do ponto de vista simbólico, nos encontros para celebrar conquistas, aniversários ou para matar a saudade.

O desenvolvimento de algumas cidades do interior do Ceará e de estados vizinhos possibilitou mais opções para quem se vê obrigado a sair do Arrojado. Assim, também há arrojadenses em Crato, Juazeiro do Norte e, recentemente, em São Miguel (Rio Grande do Norte). Para estes, existe a vantagem da proximidade física com suas raízes, distantes a apenas algumas horas de viagem, privilégio não dado aos citados no parágrafo anterior.

As participantes da pesquisa, todas mães, conhecem bem o sentimento de lidar com a partida de seus filhos. A saudade diária que as acompanha no Arrojado é permeada por

lembranças da época em que todos estavam em casa, dependendo de seus pais. Elas relembram detalhes dessa época com nostalgia, mas apontam o sofrimento e as dificuldades impostas em tempos em que os recursos eram ainda mais limitados, conforme mostram suas falas:

Já trabalhei muito nas casas do povo! Minha vida se criou-se nas casas do povo, trabalhando. [...] Não trabalho hoje, mas já trabalhei muito [...] limpando as casas... Trabalhei, lavei muita roupa pra dar o estudo a meus filhos (Carmem Souza).

Ai meu filho, foi, é sufoco... Fiquei viúva nova, fui criar meus filhos, trabalhei em roça... Tá entendendo? Mas, graças a Deus, deu tudo certo (Alda Fonseca).

Nas memórias de Alda e Carmem vejo um exemplo do que Araújo e Santos apontam ao caracterizarem a capacidade de lembrar do ser humano. As autoras refletem que uma das facetas da memória é a sua conexão “[...] a sentimentos profundos como amor, ódio, humilhação, dor e ressentimento, que surgem independentemente de nossas vontades (Araújo; Santos, 2007, p. 96). Uma verdadeira “bênção ambígua”, como define Bauman (2004). Presente na fala de Carmem está, segundo percebo, um sentimento de resignação com o destino que se impôs cedo a sua realidade, não deixando outra opção que não o trabalho árduo para proporcionar estudos aos seus filhos. Alda, por sua vez, aponta para o sofrimento diante de sua trajetória, marcada pela dificuldade no trabalho e na vida pessoal. Lembranças que deixaram nela marcas profundas, atenuadas por um sentimento de gratidão.

As lembranças das participantes, permeadas de sentimentos ambivalentes e que são demonstrados em seus relatos, remetem à reflexão de Bortolin, quando comenta:

Falando nisso, todos nós temos na memória, às vezes aparentemente esquecidas: vozes, palavras, incontáveis escutanças, que foram ouvidas ou pronunciadas no decorrer da vida. Um dia, como por encanto, elas voltam com uma força emocional e parecem ter mais significado hoje do que no tempo em que foram proferidas (Bortolin, 2020, p. 41)

Em um movimento para retribuir os anos de dedicação e luta de seus pais, os filhos do Arrojado, mesmo a distância, proporcionam aos seus criadores melhores condições de vida, sempre que podem. São responsáveis por realizar melhorias nas casas em que foram criados, reformando-as, além de presentear os pais com algumas de suas primeiras experiências como, por exemplo, viagens de avião, como mostram os trechos a seguir:

Aí depois [...] [a filha] começou a trabalhar muito novinha, né? Aí daí foi pra Fortaleza, foi pra Iguatu, trabalhou aqui. [...] Ela reformou essa casa uma vez e depois tornou a reformar pra ficar desse jeito. Mas só eram três vãos, aqui (Alda Fonseca).

Assim, eu já tive lá, mas a primeira viagem mesmo que eu fui, que eu gostei, foi essa. Que eu fui de avião. [...] Mas foi bom demais, melhor do que isso tem não (Carmem Souza).

Nas falas de Alda e Carmem, vejo os exemplos de como seus filhos lhes proporcionaram melhores condições de vida diante desse contexto de partida e retorno. No caso da primeira, a transformação que ela aponta é no espaço de sua casa que, antes, contava apenas com três cômodos e, hoje, encontra-se ampliada. A reforma foi possível graças ao trabalho, desde muito cedo, de sua filha. Os filhos de Carmem, por sua vez, proporcionaram uma experiência que, para ela, mostrou-se inesquecível: sua primeira viagem de avião, a qual, se não fosse por eles, talvez não houvesse acontecido.

Dos filhos do Arrojado que ficam àqueles que partem para morar em outros lugares, para além dos laços familiares e de amizade, uma coisa os une: a fé de que a vida pode melhorar quando se batalha por isso. Por meio dos estudos e do trabalho, eles buscam superar as adversidades de um lugar com poucas possibilidades de crescimento, em um sistema tão desigual como o capitalismo. A fé que move essas pessoas em seu cotidiano é baseada, principalmente, nas religiões que eles compartilham, em suas crenças de que Deus os ajuda a atravessar os momentos difíceis em busca da realização e da felicidade. E é sobre essa relação das pessoas do lugar com a religião que a próxima seção discorrerá.

5.2.4 Católicos e evangélicos: a importância da religião para os arrojadenses

Eu sigo pela Rua Doutor Magela Lima, percorrendo a leve subida que separa suas extremidades. Cumprimento os poucos moradores à vista e continuo meu caminho pelo asfalto que cobriu os paralelepípedos e deixou a Rua com um aspecto largo. Encontro uma conhecida e sou convidado para entrar em sua casa. O anoitecer se aproxima e vamos para fora da residência, onde vemos um leve movimento de moradores posicionando suas cadeiras para as conversas cotidianas em suas calçadas. Duas crianças aproveitam seus últimos dias de férias, como descobri minutos depois, para andar de patins sobre a rua asfaltada (Bezerra, 2024). Na frente da casa em que estou, há um prédio cujo letreiro afixado em sua fachada chama minha atenção. Nele está escrito “Paz Church Arrojado”, conforme pode ser visto na Figura 24, abaixo.

Figura 24 – Fachada da Igreja da Paz



Fonte: Elaborada pelo autor.

A Figura 24 mostra a localização da Igreja da Paz, a qual, durante a coleta de dados realizada no mês de janeiro de 2024, era o terceiro templo de culto religioso identificado no Arrojado, também com o funcionamento mais recente entre eles. O número, até então, de igrejas presentes em uma localidade tão pequena, causa estranheza para parte dos moradores, incluindo Elizabete Viana, uma das entrevistadas, que comenta:

[...] aqui dentro do Arrojado é muito pequeno, né? Aí já tem três igrejas... né? Que não tem nada a ver (Elizabete Viana).

A quantidade de templos é uma das manifestações da religiosidade dos moradores, uma de suas características mais fortes e que se concretiza em atitudes do cotidiano, estejam as pessoas dentro de suas casas ou nos espaços religiosos que frequentam. A maior parte da população pratica a religião católica, o que se refletiu também na amostra de entrevistadas deste estudo. Para essas mulheres, exercer a religiosidade é conectar-se com Deus e, por meio dessa ligação, criar laços também com o outro que compartilha a mesma fé. Assim, o exercício da prática religiosa mostra-se um meio para demonstrar apoio uns aos outros e para conviver melhor com as diferenças que marcam as relações, conforme mostram as falas abaixo:

Pra mim [...] tem uma importância muito grande. Porque a... o dia a dia da gente... todo dia é um dia diferente. E... a religião, pra mim, ajuda na... na vivência com a minha família, né? É... na... também com a comunidade, nos ajuda muito. Ajuda a gente a entender melhor, né?

A compreender melhor as pessoas, a família. Pra mim é... é de grande ajuda a religião. Eu, hoje, não sei viver sem... sem... ter a minha religião católica (Sônia Moreira).

Ajuda no dia a dia... É uma coisa assim, por exemplo, quando eu tô... eu tive depressão, eles ficam me ligando, dando aquela pressão, [...] me aconselhando, me ajudando a viver, entendeu? Levantar a cabeça, não baixar a cabeça... (Elizabeth Viana).

A fala de Sônia demonstra que ela busca na religião os ensinamentos para lidar com as individualidades daqueles que constituem o seu meio, tanto seus familiares quanto as outras pessoas do Arrojado. Cada ser humano tem sua identidade e esta, ao mesmo tempo que caracteriza aquilo que é semelhante entre os indivíduos, também encerra aquilo que é diferente, o que requer mecanismos para lidar com essas diferenças. Sônia utiliza, portanto, a religiosidade para mediar essa teia de relações entre sua individualidade e a do outro. Essa função da religião, de ajustar as relações humanas, vai ao encontro das reflexões de Geertz:

Deixando de lado o fraseado, uma coisa é certa: a noção de que a religião ajusta as ações humanas a uma ordem cósmica imaginada e projeta imagens da ordem cósmica no plano da experiência humana não é uma novidade. Todavia, ela também não é investigada e, em termos empíricos, sabemos muito pouco sobre como é realizado esse milagre particular. Sabemos apenas que ele é realizado anualmente, semanalmente, diariamente e, para algumas pessoas, até a cada hora, e dispomos de uma enorme literatura etnográfica para demonstrá-lo (Geertz, 1989, p. 67).

Elizabeth Viana, por sua vez, aponta a religião como mecanismo de suporte para enfrentar questões de saúde, no caso citado, a saúde mental. Esse enfrentamento, para ela, é coletivo, uma vez que se realiza, também, por meio da intervenção de seus companheiros de igreja. Questões de saúde mental são complexas e requerem cuidados de profissionais específicos como psicólogos e psiquiatras. A religião pode, sim, complementar esse suporte, mas é preciso cuidado para não tratar do assunto como se sua ocorrência significasse a “ausência de Deus” ou a falha do indivíduo frente a suas obrigações religiosas.

Outros exemplos da recorrência à religião nas tentativas de melhorar o estado mental e de saúde seguem a seguir:

A importância da religião, pra mim, é porque eu me apego muito a Deus e a todo santo do céu e da terra e a todas as santas do céu e da terra, pela cura, pra cuidar da minha família, pra não deixar nada de mal acontecer, dar saúde, a paz e a união pra minha família, tá entendendo? É o que eu sou apegada, é assim (Alda Fonseca).

Me ajuda que, às vezes, eu tô com um momento difícil, eu tô nervosa, tô, agitada e eu... é... quando eu me pego com meus santinhos ou então vou pra igreja, aí eu me sinto aliviada. Mas é só... né? (Rute Maria).

De acordo com Bauman (2005, p. 78) “*O sagrado é, podemos dizer, um reflexo dessa experiência de desamparo. O sagrado é o que transcende os nossos poderes de compreensão, comunicação e ação*”. E é o reflexo do pensamento do autor o que consigo ver no cotidiano de Alda, Rute, e de tantas pessoas que recorrem ao sagrado para pedir proteção para si e para os seus, para se sentirem acolhidas, menos sozinhas e mais reconfortadas diante dos acontecimentos do cotidiano. Quando a razão não é suficiente, quando todos os caminhos para solucionar um problema parecem ter sido percorridos, o caminho do sagrado surge como aquele que pede apenas a disposição para crer.

O sagrado e a religiosidade mostram-se, no Arrojado, uma marca da coletividade, seja para católicos, seja para evangélicos. Uma coletividade que se dá tanto no plano concreto, com a partilha comunitária de seus rituais nos templos religiosos, como no plano abstrato, no caso dos católicos, que recorrem a um número maior de divindades, conforme demonstrado na fala de Alda Fonseca. Para outra das entrevistadas, Arlete Silva, a temática religiosa é, inclusive, um critério para definir a satisfação em suas interações com os outros:

É, a religião, pra mim a religião... falar de religião é falar de Deus, de nosso senhor Jesus Cristo, Nossa Senhora de Fátima, a mãe de Jesus. Então, pra mim, é... é fundamental falar em religião. Pra mim... se você, eu conversar muito com a pessoa e eu não conversar sobre religião, o papo não foi bom. Que... que é natural, pra mim, e que... que... tem que existir esse assunto. Tem que conversar. E a gente tem que trocar ideias sobre... sobre esse assunto. Então eu gosto muito (Arlete Silva).

Arlete aponta elementos de sua fé, baseada na religião católica e que, no Arrojado, tem como espaço de práticas a Igreja do Sagrado Coração de Jesus, já apresentada ao leitor. Durante quase um século, o templo foi o único espaço religioso presente na localidade. Esse cenário veio a se modificar no final da década de 1990, ocasião em que se instalou no Distrito a primeira igreja de denominação evangélica, a Assembleia de Deus.

Localizada no final da rua José Caetano, que os moradores chamam de Pista, a chegada da Assembleia de Deus ao Arrojado marcou o primeiro movimento de saída das pessoas da igreja católica do lugar. O templo ocupa espaço próprio, diferentemente da Igreja da Paz, apresentada ao leitor no início do capítulo, que está abrigada em um prédio em que já funcionaram uma sorveteria, uma locadora de *videogames*, entre outros empreendimentos.

A Figura 25, abaixo, apresenta o prédio da igreja Assembleia de Deus.

Figura 25 – Igreja Assembleia de Deus



Fonte: Elaborada pelo autor.

O estabelecimento das igrejas de denominação evangélica afetou o cenário religioso local, provocando mudanças que são comentadas abaixo pelas entrevistadas:

Teve muito [mudança], que os católicos passou tudo pra crente! É. A mudança que teve foi essa [...]. Devagarzinho, devagarzinho, tá se enchendo. De igreja por todo canto e crente! Que eu não sei como é que uma pessoa é casado, é batizado, crismado, tudo na igreja católica... Aí vai e passa pros crentes, pra que isso? [...] Eu não sou contra não... Eles lá vivem a vida que eles querem, né? O que eles... o que eles querem é ser crente, pois então vá seguir! (Benedita Santos).

O dia a dia religioso do Arrojado tá do mesmo jeito, assim... Porque as pessoas tão mais chegadas. Porque antes... antes eu via que o povo gostava da... da igreja daqui, não sabe? Mas eu acho que devido ter muita gente saindo, indo pra outras coisas, aí a igreja da... do Coração de Jesus tá bem aconch... É... o povo tão bem firme, sabe? Eu vejo assim... [...] É, se aproximaram. Que eu vejo que... acho que tavam se sentindo que tava saindo (Elizabeth Viana).

Percebo um tom extremista na fala de Dona Benedita, denotado, principalmente, pelas palavras “tudo” e de “igreja por todo canto”. Atribuo essa escolha de palavras, ainda que

inconsciente, a dois fatores: primeiro, o número de igrejas presentes no Distrito que, pensando em números absolutos, é pequeno, mas, considerando sua extensão territorial e o baixo número de habitantes, pode causar um impacto maior do que realmente tem; segundo, o estranhamento face à mudança de costumes por parte das pessoas que sempre foram católicas, mas que escolhem seguir por outra religião, adicionando aspectos diferentes a sua identidade.

Ainda na fala de Benedita, noto um esforço para aceitar a migração das pessoas para as igrejas evangélicas, expresso quando quer deixar claro que não se opõe, mesmo com o estranhamento presente no restante de sua fala. Percebo aí uma contradição em sua percepção sobre as mudanças de religião, uma marca de sua “pluralidade incoerente”, expressão utilizada por Certeau (1998) para evocar um dos traços da individualidade humana. Essa contradição de Benedita é natural, uma vez que mudanças exigem esforço tanto de quem as pratica como de quem as testemunha. Hábitos aparentemente sólidos, mas que, de repente, mostram-se volúveis, causam impacto emocional, especialmente em um campo como a religião, em que, mesmo que não se assuma, cada um considera a sua mais correta do que a religião do outro, em virtude do seu modo particular de ver o mundo (Laraia, 2009).

A fala de Elizabete também dá o testemunho do movimento de mudanças de religião das pessoas, porém de maneira que não transparece tanto impacto, tratando o fato de modo mais natural. Em sua concepção, houve uma reação das pessoas católicas do Distrito, no sentido de se tornarem mais praticantes de sua fé, aproximando-se mais de sua igreja, de modo a conter ou dirimir os impactos da saída para outras religiões.

Em nova visita ao Arrojado, realizada em maio de 2024, ao registrar imagens para a pesquisa, deparei-me com um novo espaço para cultos religiosos, também localizado na Rua José Caetano, cuja imagem pode ser vista a seguir, na Figura 26.

Figura 26 – Nova Assembleia de Deus, Ministério Madureira



Fonte: Elaborada pelo autor.

Em conversa com os moradores da Rua da Pista, fui informado de que o templo religioso já estava em funcionamento em janeiro, apesar de não tê-lo identificado à época, quando funcionava em outro espaço. Eles também contaram que uma quarta denominação evangélica, com alguns adeptos no Distrito, realizava seus encontros na casa de uma moradora do Arrojado. Semanas depois, essa nova denominação conseguiu um lugar próprio para suas práticas religiosas, constituindo mais um espaço religioso no Arrojado.

Nesse sentido, o Arrojado agora conta com cinco espaços de culto religioso, superando o número de três, que já causava estranhamento nas participantes da pesquisa. Os quatro locais evangélicos são um reflexo do crescimento das religiões evangélicas em todo o Brasil. Ainda assim, no Distrito e em todo o país o número de católicos continua maior e esse cenário deve permanecer assim, pelo menos, nas próximas décadas (Capomaccio, 2023).

Percebo o quanto a religião é um campo que compõe fortemente a identidade dos moradores do Arrojado. Além do contato com o sagrado, o espectro religioso também está envolto em questões sociais e afetivas. O ingresso em uma comunidade religiosa acontece, na maioria das vezes, antes mesmo que o indivíduo tenha qualquer consciência sobre seu significado, pois a iniciação ocorre ainda na infância, sendo responsabilidade de seu círculo social mais próximo: a família. Estar em uma religião é, portanto, estar em casa, com os pais, com os avós e com os demais familiares, tanto do ponto de vista espiritual, como da memória, conforme demonstram as falas das participantes:

Na hora que eu me acordo, né? Eu sempre tenho minhas orações, quatro horas, eu tenho uma oração, porque minha mãe, ela não... ela rezava o terço, mas ler assim é... é... novenas, assim, ela não... ela não sabia ler, então pronto, eu só via ela rezando. Mas as minhas tias, eu sempre via elas rezando, tinha as novenazinhas. Então, eu tenho ali um livro com um bocado de novenas, né? Aí eu rezo quatro horas... que eu digo que o Espírito Santo me acorda. (Rute Maria).

Agora eu sei ler a Bíblia, eu... sinto vontade de ler a Bíblia, que antes eu não conhecia. Antes, lá em casa, só tinha uma Bíblia, era de papai. E ele dizia assim, “Deixe minha Bíblia aí, senão rasga”. Aí a gente não podia ler [risos]. Aí, mas imagina se a gente ia rasgar uma Bíblia, né? Mas como ele era muito rígido, ele acabava dizendo isso. Mas hoje eu tenho, eu tenho minha Bíblia sempre (Arlete Silva).

Na fala de Rute, há uma amostra da influência da religiosidade de sua mãe, que ela replica em seu cotidiano, demonstrando os aspectos afetivos e de memória envolvidos no sentido religioso atribuído ao seu dia a dia. Presente ainda em seu relato está a influência dos registros escritos sobre as práticas de sua crença. A linguagem escrita condensa os ensinamentos

das grandes religiões e, no caso da religião católica, é comum a produção de livros para acompanhar os ritos, sejam as missas, as celebrações ou as novenas. De certo modo, isso gera uma exclusão por parte daqueles que não sabem ler, o que não significa sua exclusão total do ritual que, como demonstrava a mãe de Rute, aceita diferentes formas de participação.

O relato de Arlete mostra a autoridade de seu pai em relação ao livro sagrado que a ele pertencia e que ele desejava preservar proibindo, dessa forma, que ela o folheasse. A proibição é o retrato das características da figura paterna daqueles tempos, como a rigidez e a maneira coercitiva de educar os filhos. Esse obstáculo no acesso de Arlete à Bíblia, que poderia tê-la feito se desinteressar pelo livro, mostrou-se com efeito contrário. Hoje, ela demonstra satisfação não só por ter uma Bíblia para chamar de sua, mas também por ter se aprofundado, ao longo dos anos, nos ensinamentos que o livro prescreve.

Olhar para as práticas religiosas das pessoas do Arrojado é, portanto, ter um retrato da realidade social do lugar e dos caminhos que conduzem as ligações entre seus moradores, para além da compreensão de suas conexões com o mundo espiritual. Para a maioria dos arrojadenses, não há espiritualidade sem religião e esta é exercida, principalmente, nos templos erguidos ou improvisados no lugar. Desse modo, católicos e evangélicos seguem sua convivência, marcada por diferenças, sim, mas não por grandes embates entre os dois grupos.

Falar sobre a religião das pessoas do Arrojado é falar sobre sua cultura, memória e cotidiano. É um aspecto de sua vida que se estende para outros meios. Um deles são as festividades do Distrito, cujo exemplo maior é a Festa de São Pedro. Esse e outros momentos festivos e culturais do lugar são o assunto da próxima seção.

5.2.5 Pessoas que fazem festas e bingos e dramas...

A localização geográfica do Arrojado, no interior do estado do Ceará, as condições econômicas das pessoas do lugar e o acesso limitado a recursos materiais, apesar das melhorias nas últimas décadas, refletem-se, também, no acesso aos bens culturais. Como acontece com povoados semelhantes, não há salas de cinema, teatros ou outros espaços similares de cultura, entretenimento e lazer. Mas nem por isso os moradores do Distrito deixaram de criar suas próprias formas de expressão cultural, mesmo que algumas delas não ocorram mais como em outros tempos ou que outras tenham deixado de existir.

De tempos remotos aos mais recentes, diversas mobilizações surgiram, mais ou menos espontaneamente, de modo a reunir as pessoas do local em torno de movimentos culturais ou atividades de lazer. Alguns deles estão, hoje, apenas na memória das pessoas mais

velhas, que os protagonizaram quando eram jovens. É o caso dos dramas, conjunto de esquetes de teatro outrora dirigidas e interpretadas pelos próprios moradores. Quem nos fornece detalhes sobre essas apresentações é Sônia Moreira, uma de suas participantes:

Os dramas eram peças. Eram tipo peças de... como um teatrozinho pequeno, né? Aí tinha aquela parte tanto de... de... de canto, como de dança, como também de... de humor, né? Tinha essas partes, assim, era muito bom.[...] Olhe, na época, que eu me lembro, assim, não muito, mas que eu lembro... Sempre Dona Jacira, Terezinha de Dona Jacira, né, Dona Marilene [que organizavam]. Tinha mais alguém, é porque não tenho muita lembrança, mas sempre eram elas que faziam esses dramas. Mas a cada dois meses ou... Sempre tinha um espaço maior pra que acontecesse, mas era bom! Tinha [um número que era] as cores das borboletas [...] Várias cores. E eu era uma borboleta amarela. Da cor amarela. Muito bom. Era. Aí, aí... tinha que dizer, que eu não sei mais do canto, mas dizia [cantando] “A borboleta amarela...” Né? Aí tinha... é que eu não lembro mais do verso (Sônia Moreira).

As apresentações dos dramas refletiam o poder e a criatividade que são marcas da oralidade. Já mencionei aqui a importância da escrita para a preservação da cultura e da memória do povo de Arrojado. Contudo, há que se destacar que a oralidade carrega a marca da pluralidade, permitindo que atualizações sejam feitas em cima das manifestações culturais, uma vantagem que não se vê no escrito, conforme atesta Alberti (2005, p. 23): “Se for gravado ou transposto para o escrito, o oral deixa de ser o que é: contingente por excelência. [...] Ou seja, é melhor ficar na boca do povo, porque dessa forma fica guardado na sua pluralidade”. Um exemplo dessa atualização é o único drama a que assisti no Arrojado, em meados dos anos 2000, e que foi interpretado pelos jovens daquele tempo. Parte das esquetes da época de Sônia foram atualizadas para a linguagem do início do século XXI, abordando o novo cotidiano do Arrojado. Uma possibilidade apoiada no espírito inventivo que permeia a oralidade, pois também havia muito improviso durante a apresentação das esquetes.

Nesse sentido, confirmam-se as reflexões de Alberti sobre os objetos transmitidos pela tradição oral, quando a autora afirma que eles:

[...] não são imutáveis. Canções, ditos populares, rezas, mitos etc. não são, digamos, produtos intactos disponíveis em uma prateleira, os quais podemos escolher. Como sua forma de transmissão é oral, para que se atualizem e se manifestem, precisam do momento, da contingência, que irá influir na sua manifestação, pois é o momento que determina, em grande parte, para que e como algo é narrado.” (Alberti, 2005, p. 17).

Nos dramas também aparecem, uma vez mais, as táticas de Certeau (1998). Na ausência de elementos da cultura que estão disponíveis em tantas sociedades, as pessoas do Arrojado criam os seus próprios, em um movimento de bricolagem, termo também utilizado

pelo autor. Isto é, as pessoas do Distrito faziam com suas próprias mãos o jogo de danças, canto e encenações que exibiam a seus contemporâneos.

Os dramas não mais existem no Arrojado da atualidade, o que Sônia lamenta, pois, para ela, era um dos movimentos responsáveis pela animação do lugar.

Outros momentos de animação mais informais aconteciam nas diferentes ruas do Distrito, mobilizando e reunindo seus respectivos moradores. É o que conta uma das residentes da Rua José Gonçalves, que faz uma comparação entre o presente e o passado no logradouro:

Assim, a diferença que... de primeiro [...] tinha as brincadeiras, a gente fazia quadrilha, a gente ensaiava em frente aqui de casa, a quadrilha quando era o mês de junho, a gente fazia as quadrilhas; quando era no final do ano, tinha amigo secreto, a gente fazia em frente daqui de casa... e a gente sempre tava naquelas brincadeiras, né? A gente sempre brincava, inventava brincadeira. E agora não, agora é todo mundo dentro de casa, com internet, às vezes não dá fé nem do marido, nem dos filhos, nem nada, só na internet... Não dá atenção a ninguém (Rute Maria).

A fala de Rute reflete o caráter presente em cada sistema cultural, que é o fato de ele estar sempre em mudança, conforme atesta Laraia (2009). A época anterior ao surgimento dos telefones celulares era marcada por maior interação face a face entre seus vizinhos, por maiores momentos de exercício da criatividade e da inventividade coletivas. Quando os telefones móveis surgem e se popularizam, ocorrem perdas significativas desses momentos.

Nem tudo são perdas, no entanto, e em outra rua do Arrojado, nos tempos atuais, um momento coletivo de diversão e entretenimento tem animado as noites dos moradores e mostrado que algumas interações face a face ainda mantêm o fôlego. Trata-se de um bingo realizado em uma das casas da rua José Pinheiro da Silva. Cada participante, por meio do pagamento de R\$ 1,00 (um real), concorre ao prêmio da rodada, que consiste no somatório do dinheiro arrecadado de cada jogador. Após o encerramento, com a vitória de um dos jogadores, outra rodada é iniciada mediante novo pagamento por cada participante. O que parece ser um momento de diversão simples, também é uma oportunidade para reforçar os vínculos dos moradores do Distrito, além de contribuir para a satisfação dos que residem na rua, conforme demonstram as palavras de Benedita Santos, transcritas abaixo:

Não, a diferença é que ela [a rua] ficou muito boa. É a rua melhor que tem aqui dentro do Arrojado é essa daqui. É animada! Não falta gente aqui. De noite é cheio de gente aí! Tem noite aqui que não passa nem coisa. É cheio de... de... de carro e moto e tudo no mundo. Porque tem um... um joguinho aqui de Luís, um bingo de Luís, né? [...] É, é aí na casa de Barzim (Benedita Santos).

No que se refere às grandes festividades do Arrojado, a Festa de São Pedro/Festa do Padroeiro é a que mais simboliza a essência do lugar, como apontado por todas as entrevistadas neste estudo. Para o leitor que não pertence ao Arrojado e não conhece a festa, uma explicação se faz necessária: São Pedro não é o padroeiro do Arrojado, conforme vimos na seção sobre a Igreja, mas sim o Sagrado Coração de Jesus. Por que, então, não se realiza a festa do Padroeiro em sua data própria, mas junto com a do santo junino?

Há duas linhas de pensamento para explicar o fato: a primeira delas é a de que o dia do Sagrado Coração de Jesus não é uma data fixa, pois acompanha o calendário lunar, não o solar. Comemorado 40 dias após a quaresma, assim como esta e o carnaval, a data de celebração varia ano a ano, o que comprometeria o planejamento em torno de uma festa que necessita de tempo e recursos para sua realização, além de dificultar seu estabelecimento. Assim, realizar a festa junto ao dia de São Pedro estabelece uma data fixa para a qual as pessoas possam se programar, tanto os organizadores quanto os frequentadores.

A segunda justificativa seria a das condições financeiras previstas para as pessoas no final do mês de junho. Ora, é um período em que, caso o inverno (quadra chuvosa) seja satisfatório, resultará em boas colheitas para os agricultores que iniciaram suas plantações no início do ano, com as primeiras precipitações. Assim, todos teriam mais recursos para gastar na festa, reforçando a arrecadação encabeçada pela igreja católica do lugar.

A festa de São Pedro do Arrojado já foi uma data muito tradicional do lugar em outras épocas, motivando a vinda de pessoas de lugares vizinhos bem como o retorno dos filhos distantes do Arrojado. Esse fluxo de pessoas ocorria já nos dias anteriores a 28 de junho, gerando um movimento responsável por trazer animação ao lugar, mudando a rotina dos moradores. As lembranças desse passado são narradas a seguir:

Antigamente a festa era, assim, de muita... muita frequência de muita gente. A festa, a parte... a parte social, né? A parte dançante, né? Era muita gente, o Arrojado ficava lotado de carro. O pessoal vinha até de ônibus dali do Ouro Branco, né? Vinha... Vinha até de ônibus. Era muito animado. E os filhos que moravam fora aproveitavam pra vir nesse tempo. Já tiravam as férias nesse tempo, já vinham também. Era muito bom, muita gente, muito animada! (Sônia Moreira).

É. Era muito animado o Arrojado, tinha festa de junho, barraquinha azul em cima, barraca vermelha embaixo e daí por diante, era muito bom, mas já acabou [...]. Tinha muito movimento, aqui foi muito movimentado, mas hoje em dia tá acabado (Alda Fonseca).

Era muito boa assim, porque logo no começo da semana, quando era

da festa de São Pedro... Menino, oito dias antes começava a chegar gente aqui, começava barraca... (Benedita Santos).

Antes as festas daqui davam muita renda pro... pra igreja, né? Porque vinha gente de fora, né? Vinha de muito longe. Quando dizia assim: "As festas do Arrojado", aí, aqui, as casas que tinham enchiam de gente pra... Aqueles que não podiam vir de... de transporte, vinham logo antes pra assistir. [...] É, pra ficar aqui, assistir as festas, era assim (Elizabeth Viana).

A arrecadação de recursos para a igreja nessa época movimentava o Arrojado não só no dia da Festa de São Pedro, mas durante todo o mês de junho. Era costume que pessoas do Arrojado se deslocassem até outros lugares para pedir esmola, em suas próprias palavras, de modo a reforçar os recursos financeiros para a festa. Como motivação para a arrecadação, eram comuns disputas internas entre as pessoas do lugar, dividindo-as em grupos que competiam para ver quem mais arrecadava. Rute Maria detalha uma dessas competições:

Era bom demais! Nas festas... As festas... era bom porque tinha o lado vermelho e o lado azul. Era. Era o lado que chamava até encarnado. É, era encarnado, dizia, né? Aí tinha... dividia a... as equipes. E a gente ia tirar é... tirar esmola longe. Eu já fui até pra uma cidadezinha ali de Cajazeiras, mais Auxiliadora e Ana Maria. Nós fomos tirar a esmola lá. Porque a gente, pra ganhar, tinha... pra ver quem era que botava mais dinheiro, né? E a gente saía, a gente saía de madrugada, cantava nas portas, né? E o pessoal abria as portas de madrugada, dava o que eles tinham pra dar, eles davam pra gente, né? E... e era muito bom, a gente saía, tinha o violão, tinha... a gente saía cantando... e agora isso, ninguém não pode mais sair pra nada (Rute Maria).

A Festa de São Pedro e a Festa do Padroeiro do Arrojado seguem como uma tradição local, mas modificada pelo decurso do tempo e pelas transformações na cultura, em seu sentido amplo e estrito. O número de pessoas que frequenta a festividade diminuiu consideravelmente ao longo das décadas e já não se veem mais as barracas e os parques de diversões que vinham ocupar os espaços do Arrojado. Também são perceptíveis mudanças no estilo das músicas tocadas pelas bandas de forró na festa social, reflexo de uma mudança maior, ocorrida no próprio gênero musical, que se distanciou da zabumba, do triângulo e da sanfona, instrumentos precursores do ritmo. Sobre as mudanças, as participantes comentam:

Rapaz, a coisa que eu sinto falta do Arrojado, que existia, era a Festa de São Pedro quando era lá no salão que era muito calma, muito boa, era sanfona, zabumba. E hoje é... é... coisa, zoada demais. E desse tempo não, era uma festa calma, passava a noite todinha numa festa, era bom demais [...] Era um sanfoneiro tocando e um no triângulo e outro no pandeiro. E a gente dançava a noite todinha. Hoje é uma...

um... som em toda altura [risos]. Não tem mais música como tinha antigamente, né? As músicas de Luiz Gonzaga, de Zé Gonzaga, de Dominginhos, tudo essas músicas boas (Joana Aquino).

Gostava muito, era das festas de São Pedro, que tinha muita gente... Era, do padroeiro, porque... tinha muita gente e hoje em dia, meu filho, não tem mais! É pouca gente que vem pras festas! Mas de primeiro era animado as festas de São Pedro aqui [...] Não, hoje em dia tá mais fraco, mas é bom também, né, porque, graças a Deus, tudo é em paz as festas, né? [...] a festa se passa é em paz, graças a Deus. E essa... é assim mesmo. Às vezes, as coisas continuam assim mesmo, porque todos os anos vai diminuindo as coisas. Tu sabe disso, que todos os anos vai diminuindo as coisas (Benedita Santos).

A festa do padroeiro, hoje, é... [...] boa do mesmo jeito. Eu... eu... gosto demais. Acredito que é muita participação. É... né? Na ajuda financeira também pra igreja... Tá ótimo. Agora a festa mesmo da... da... do forró, do São Pedro, ela... ela diminuiu muito (Sônia Moreira).

Hoje ela tá muito assim... muito solta, tem pouca gente. Pela, assim, pela... pela questão de... de festa em todo lugar. Tem festa em todo lugar, aí só vem pro Arrojado mesmo aquelas pessoas que querem porque é a festa tradicional, não querem faltar. Mas, hoje tem menos pessoas, tem é... é... muito menos pessoas na festa. Tem ano que é uma decepção, tem pouca gente. Também, antes, tinha até os sanfoneiros que eram daqui, né? Que era... tinha aquela empolgação e agora já não tem mais (Arlete Silva).

Tem, tem a festa, tem a festa da igreja, tem a festa do forró. Tem um mes... tem um mesão que a gente, né? Que o pessoal vende... foi proibido bebida, né? Pois é, é que era o hotel. É. Mas num... só refrigerante e frango e salgado, essas coisas. Aí quando o pessoal come, aí vão embora e pronto. Tem deles que vão pra quadra dançar. Às vezes vão embora. No meu caso eu venho simhora. Eu venho embora. Porque eu já dancei tanto... Eu já... minhas pernas não aguentam mais dançar (Rute Maria).

As falas das participantes da pesquisa apontam as mudanças ocorridas na Festa de São Pedro ao longo do tempo. O tempo, como defende Laraia (2009, p. 99) “[...] constitui um elemento importante na análise de uma cultura”. O autor elenca as diversas transformações de costumes e hábitos ao longo das épocas. Coisas que eram consideradas estranhas passam a ser encaradas como normais; antigos hábitos são substituídos por novos. É o que a Festa de São Pedro do Arrojado mostra, por exemplo, nas músicas que são tocadas na festa social.

Há entre as participantes da pesquisa um sentimento de lamentação em torno desse passado perdido, indicando quase que um desejo de regresso a esse tempo, de poder vivenciar novamente aquela época, ouvir as músicas que eram tocadas e presenciar todo aquele

movimento de pessoas que passavam pelo Arrojado. Isso ocorre porque, como disse Le Goff (1990, p. 213): “A maior parte das sociedades considera o passado como modelo do presente. [...] Se a ligação ao passado pode admitir novidades e transformações, na maior parte dos casos o sentido da evolução é percebido como decadência ou declínio”.

Se a Festa de São Pedro perdeu sua força ao longo dos anos, outras festividades celebradas no Arrojado deixaram de existir. É o caso da festa de *réveillon*, a “Noite de Ano”, nas palavras dos próprios moradores, que acontecia na quadra social do Distrito, onde ainda ocorre a atual Festa de São Pedro. Além das duas, segundo as entrevistadas, também eram comuns festas menores, realizadas com frequência aos finais de semana:

Que era mais... quando eu vim, aí atrás, era mais animado o Arrojado. Era, era mais animado, tinha festa, né? Tinha forró naquela Quadra velha, todos domingos. Todos domingos a gente brincava aí nessa Quadra. Era animado! Tinha aqueles forrózinhos pra gente brincar todos os domingos. E hoje não tem não (Benedita Santos).

Sei não, porque de primeiro quando tinha um forró era a animação da gente, né? Agora não tem mais, acabou-se [gargalhada]. [...] Nem a Festa de São Pedro [como era antes] nem a Noite de Ano não tem mais, né? Acabou-se a animação (Carmem Souza).

A Quadra apontada por Benedita em sua fala trata-se do Centro Social do Arrojado, que pode ser visto pelo leitor na imagem da Figura 27, abaixo.

Figura 27 – A Quadra do Arrojado



Fonte: Elaborada pelo autor.

Não só Benedita, mas praticamente todos os moradores do Arrojado se referem ao espaço mostrado na Figura 27 como Quadra. Dentro dela, os arrojadenses compartilharam muitos de seus costumes ao longo da história do Distrito, para além das festividades já citadas. Era na Quadra que aconteciam, por exemplo, as comemorações da Escola Manoel Gonçalves antes de o estabelecimento de ensino receber um espaço apropriado para eventos, o pavilhão. Assim, organizados pela Escola, aconteceram cerimônias de colação de grau das turmas de Ensino Fundamental, desfiles como o da Rainha do Estudante, gincanas e premiações.

Outro evento, que era reflexo da criatividade dos jovens do local, atendia pelo nome de Domingo Alegre. Como o nome sugere, acontecia aos domingos e era um momento em que os jovens realizavam apresentações artísticas caracterizados como os cantores de sucesso da época, dublando suas vozes e imitando seus passos de dança. Na década de 1990, por exemplo, artistas como Sandy e Júnior, Daniela Mercury, Michael Jackson, Latino, entre outros, eram incorporados pelos jovens arrojadenses em suas apresentações.

Conforme mencionado por algumas das participantes, outra das tradições festivas do Arrojado era a Noite de Ano, realizada em 31 de dezembro. Uma das marcas dessa festa acontecia durante os minutos que antecediam a virada de um ano para o outro. Tratava-se de uma música cantada por Valdir Souza (*in memoriam*), morador do lugar, que assumia o microfone da festa e conduzia o coro de pessoas presentes ao som da canção “Marcas do que se foi”. Composta, entre outros, por Ruy Maurity e interpretada por vários cantores brasileiros ao longo dos anos, a música cantada na quadra do Arrojado ajudou a constituir um momento marcante na memória coletiva de seus moradores. Abaixo segue a letra da canção:

Marcas Do Que Se Foi

Este ano quero paz no meu coração
 Quem quiser ter um amigo que me dê a mão
 O tempo passa e com ele caminhamos todos juntos sem parar
 Nossos passos pelo chão vão ficar.

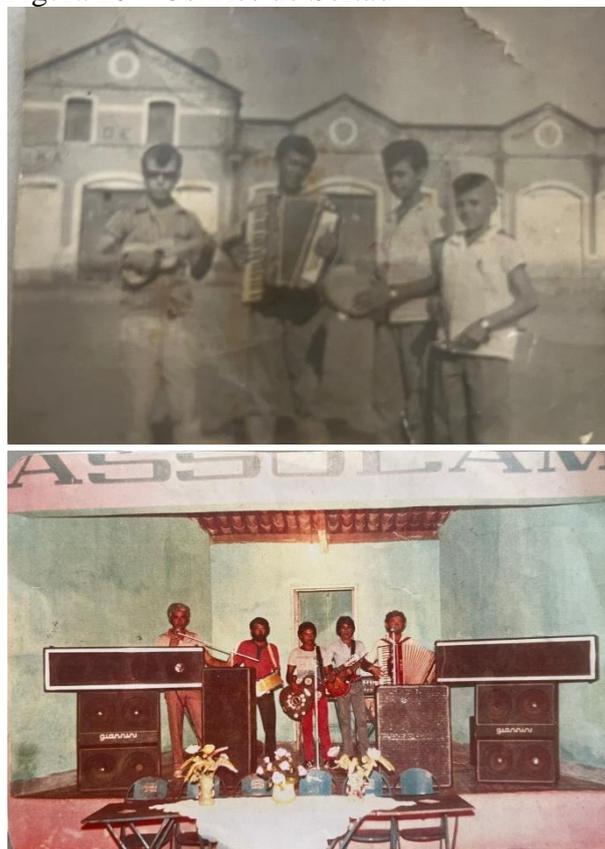
Marcas do que se foi, sonhos que vamos ter
 Como todo dia nasce novo em cada amanhecer
 Marcas do que se foi, sonhos que vamos ter
 Como todo dia nasce novo em cada amanhecer.

(Marcas [...], 1976).

A intimidade de Valdir Souza com o microfone e com a música vinha desde sua juventude. Ele foi um dos integrantes dos Três do Sertão, grupo musical de forró que formou com seus dois irmãos, Válter e Leomar. Além deles, outras pessoas os acompanhavam na formação, como Boaventura Gonçalves, seu primo. Os Três do Sertão tocavam em festas tanto

no próprio Arrojado quanto em localidades vizinhas. Na Figura 28, o leitor pode ver registros do grupo em sua fase de início, com os integrantes ainda adolescentes, e na fase adulta, animando um dos muitos palcos em que tocaram.

Figura 28 – Os Três do Sertão



Fonte: Acervo pessoal dos moradores.

Os ensaios do grupo eram realizados na casa de seu pai, Raimundo Souza, e era mais um motivo de festa para os moradores do Arrojado, que compareciam para dançar e se divertir, conforme atestam as falas das entrevistadas logo abaixo:

Na minha época eu só me lembro de Valdir, Valter, Boaventura... E os primos. E Rosivan, Neguinho, chamado Neguinho. É, Neguinho de Corme, ele era conhecido como Neguinho de Corme. Então eu... os Três do Sertão foi isso daí. Era, os Três do Sertão porque eram os três irmãos, tinha os três irmãos, que é Valter, Valdir e Leomar, mas aí tinha mais... mais pessoas, né? Inclusive, no começo, disse que meu irmão chegou a participar, ele foi logo, meu primo, é... padrinho Filhinho e Chagas, meu irmão... Eles... eles participaram logo no começo, mas na minha época foi só esses aí [...] Aí quando dizia, assim, nós tava assim, a gente ficava ali naquela plaquinha da... da energia né, que foi inaugurada, e quando dizia assim “Os Três do Sertão vão ensaiar.”, ô, a gente saía correndo (Rute Maria).

Era domingo, sábado. Se eles fossem tocar uma festa fora, num sítio, num outro canto, quando eles fossem ensaiar, a gente já aproveitava pra ir participar [risos]... da... das danças, né? (Sônia Moreira).

Acerca dos ensaios dos Três do Sertão, uma das entrevistadas narra uma situação curiosa que acontecia vez ou outra. Em algumas ocasiões a diversão era interrompida porque alguém jogava pimenta no chão, fazendo as pessoas tossirem. Até hoje segue o mistério sobre a autoria da brincadeira:

Eles ensaiavam em casa, eles... quando era... tinha os dias dos ensaios, a gente ia ensaiar, né? Aí a gente ficava dançando e, às vezes, acabava porque tinha um... um engraçadinho que encostava pimenta do reino e essa pimenta fazia a gente tossir. A gente tossia muito, aí tinha que fazer limpeza na... na sala, pra poder a gente dançar de novo, mas a gente, às vezes, a gente tava tão feliz no ensaio... [...]. Usava pimenta. Botava pimenta, aquela pimenta vermelhinha e a gente dançando, aí pisando nas pimentas e ficava... a gente morrendo de tossir. Era, aí dizia assim... [...] Não, ninguém nunca chegou de saber quem foi, não. Aí lá vai, a gente varrer, às vezes passava até um pano, pra poder a gente voltar a dançar. Ou então tio Raimundo Souza não deixava mais, mais dançar, porque ele ficava com raiva porque alguém fez isso... não respeitou a casa dele. Então pronto. Mas a nossa alegria é quando os Três do Sertão iam ensaiar (Sônia Moreira).

Caminhando pelas ruas do Arrojado, em uma das tardes de entrevistas, razoavelmente próximo ao local original em que os Três do Sertão ensaiavam, eu ouço o som de uma sanfona cortando o silêncio da tarde. Trata-se de Seu Cícero, conhecido sanfoneiro local e que também realizava, em tempos mais recentes, alguns forrós improvisados em sua casa, quando morava na Rua Antônio Gonçalves. As noites em que tocava, com vizinhos e familiares compondo sua banda, reunia jovens de todo o Arrojado, no que posso considerar uma versão contemporânea dos ensaios dos Três do Sertão.

Os costumes e características das pessoas do Arrojado tratados nesta seção mostram todas as armas da qual esse povo se valeu, ao longo de sua história, para exercer seu espírito de criatividade. Mesmo residindo em um local em que os bens da indústria cultural são escassos, as pessoas não se acomodaram e desenvolveram suas próprias táticas para exercer seu direito à cultura e à arte. Essa inventividade local também pode ser vista em diversos artefatos presentes nas casas e no cotidiano dos moradores, objetos e itens pessoais que ajudam a contar a trajetória da memória coletiva do Distrito. E é sobre eles que a próxima seção discorrerá.

5.3 Objetos que contam histórias

O telefone celular toca. A mulher pede licença e vai até o objeto, que está sobre uma máquina de costura na cozinha. Ela atende. É sua filha, que mora em São Paulo e liga todos os dias para colocar a conversa em dia e matar as saudades da mãe. A chamada é de vídeo e eu sou colocado na tela para cumprimentá-la. Sua mãe explica que está no meio de uma entrevista e pede para que ela ligue mais tarde. Ao final da nossa conversa, a entrevistada me pede para deixar o telefone pronto para que ela retorne a ligação para sua filha.

A vinheta de abertura surge na TV. O apresentador anuncia as manchetes do jornal para, em seguida, dar seguimento a cada uma das matérias a exibir. São, basicamente, notícias sobre a região do Cariri, especialmente a cidade de Juazeiro do Norte, a maior da região. A parte final do noticiário é gerada a partir da filial da TV em Fortaleza e exibe notícias da capital e de outras cidades do estado. Entre telejornais, missas e novelas, a programação da televisão se incorpora ao cotidiano dos moradores.

O homem toma a chave em suas mãos. O objeto tem a forma semelhante a uma cruz e é inserido na fechadura, onde há um parafuso que, quando encontra a chave, encaixa nela. Ambas, chave e fechadura, vão girando e girando até que uma trava sele a entrada. É o último giro dado na porta do lugar que outrora recebeu tantas pessoas, do Arrojado e de fora dele. O homem guarda a chave da estação para entregá-la a um dos responsáveis pelo espaço. No banco do alpendre ele se sentará ainda, algumas vezes, para confirmar se o trem passará.

Guardados naturalmente, por questões afetivas ou como um modo de se conectar com seus donos originais, não mais presentes, os objetos antigos encontrados nas casas dos moradores do Arrojado também ajudam a revelar elementos de sua cultura, memória e identidade. Alguns ainda se encontram em uso, enquanto outros são mantidos como elemento de decoração. Há aqueles meio escondidos, guardados em cômodos no fundo das casas, ao passo que outros são visíveis logo quando se abre a porta da sala de entrada.

Para além dos objetos que conectam os moradores com tempos passados, há ainda aqueles que se impuseram no cotidiano, como consequência natural do desenvolvimento tecnológico dos tempos atuais. Enquanto não se transformam em objetos de memória pela ação do tempo, eles produzem e guardam memórias. Sua presença modifica hábitos e relações interpessoais, aproximando quem está longe, mas, algumas vezes, distanciando quem está perto. Por isso há quem tente resistir a eles enquanto pode.

5.3.1 O baú que previa o tempo

Uma das perguntas realizadas no momento da coleta de dados foi se as entrevistadas possuíam, em suas residências, algum objeto de uso comum no passado, mas pouco utilizado atualmente. Dentre os objetos citados, chamou a atenção a presença de um baú, utensílio doméstico que, em outros tempos, era usado para guardar objetos como roupas, redes, toalhas ou miudezas presentes nas casas. A história narrada em torno desse baú é permeada por tradições populares e memórias afetivas. A Figura 29 exhibe o objeto:

Figura 29 – O baú que previa o tempo



Fonte: Elaborada pelo autor.

O baú é herança do avô de Neto, marido de uma das entrevistadas, que a acompanhava durante a coleta de dados, ouvindo seus relatos, complementando algumas informações e acrescentando outras. Por sua participação durante a coleta, sua fala foi incluída no conjunto de entrevistas. Neto narra o uso que seu avô fazia do baú, conferindo ao objeto, para além da função de guardar coisas, a utilidade de prever o tempo, de modo a ser informado sobre a aproximação do período chuvoso:

O baú que [...] era adivinhador de chuva quando estralava... Tá bem aqui assim o baú. Ele é mais... é mais do que centenário. É... Muitos

anos. Ele tá... é assim: meu avô tinha aquela preocupação de... de... de ouvir quando ele estralava. Colocava ele vizinho à rede dele, ele estralava... É, aí [...] com aquele estralo, conforme a quantidade, a altura, aí ele dizia pro povo “Olhe, vai chover, o baú estralou muito!” (Neto).

O relato de Neto aponta a crença presente no espírito de seu avô, em uma versão arrojadense dos profetas da chuva, homens conhecidos por antever a vinda da tormenta a partir de alguns sinais dados pela própria natureza. No caso do antepassado de Neto, o meio utilizado para prever a chuva era um objeto construído pelas mãos humanas, o baú, que produzia estalos quando da aproximação do tempo chuvoso. Essa crença era compartilhada com os demais moradores do Arrojado, que a respeitavam. Ele acrescenta:

E era... era uma fé tão grande... e ele tinha aquela preocupação de ouvir... hoje talvez ele possa até fazer isso, mas, é... ninguém tem aquela preocupação de... de... de estar ouvindo, né? Ele... se ele tá estralando ou se não tá, mas ele tá bem aqui. Ele já tem mais de cem anos, entendeu? Por sinal eu fiz até uma poesia que fala nele, fala... entendeu? Mas é... uma das coisas aqui mais velhas que nós temos aqui em casa, é esse baú, que era do meu avô [...]. Quando estralava bastante ele dizia: “Gente, pode plantar, pode, pode plantar sem medo, que vai chover muito”. E era verdade. Ele era uma coisa que era... era demais, demais mesmo. Muita gente ia só perguntar a ele, a meu avô: “[...] o baú tá estralando?”. Aí ele disse: “Deu uns estralinhos. Se chover é coisa pouca”. Mas quando ele estralava bastante, ele: “Pode se preparar que o temporal vai vir aí, é muita chuva mesmo” (Neto).

O baú que previa o tempo indica a presença de um conhecimento de origem popular, baseado na fé e naquilo que os sentidos da pessoa apreendem a partir de seu contato com o mundo ao redor. Cruz e Ribeiro (2004) identificam esse tipo de conhecimento como vulgar ou popular. Embora a palavra “vulgar”, em seu sentido amplo, signifique algo comum, corriqueiro, optarei por não retomá-la, fazendo uso apenas do termo “popular”, por conta do sentido pejorativo também atribuído à primeira palavra.

Para os autores citados, o conhecimento popular é “Construído na vida cotidiana e, muitas vezes, ao acaso, [...], fundamenta-se apenas em experiências vivenciadas ou transmitidas de pessoas para pessoas, fazendo parte das antigas tradições” (Cruz; Ribeiro, 2004, p. 35-36). Essa descrição foi demonstrada na prática durante anos, no Arrojado, tendo o uso do baú sido um dos exemplos de aplicação desse tipo de conhecimento.

O conhecimento popular não se origina a partir do método científico dos laboratórios, de pesquisas de campo e das teorias cuidadosamente elaboradas, mas nem por isso é uma forma de conhecimento que não merece consideração. Ele pode, inclusive, em alguns

casos, ser comprovado cientificamente, após a aplicação de procedimentos próprios do método científico, conforme Cruz e Ribeiro (2004) apontam. A impossibilidade de uma comprovação não significa, contudo, que ele deve ser desprezado, pois integra o conjunto de hábitos e costumes de um povo e, conseqüentemente, sua cultura, fornecendo a eles respostas que permitem a sensação de controle sobre o meio.

Recorrendo a Anderson Egg, Cruz e Ribeiro (2004) apresentam algumas das características do conhecimento popular, elencadas a seguir:

Superficialidade (conforma-se apenas com a aparência); Sensitivo (referente às vivências); Subjetivo (é o próprio sujeito que organiza suas experiências e conhecimentos); Assistemático (a organização da experiência não visa a uma sistematização das idéias); Acrítico (verdadeiros ou não, a pretensão de que esses conhecimentos o sejam, não se manifestam sempre de uma forma crítica). Exemplo: Quando cortamos os cabelos na lua crescente, estes crescem mais rápido do que quando os cortamos em outras luas (Cruz; Ribeiro, 2004, p. 34).

Hoje o baú permanece na casa dos entrevistados muito mais por conta da memória afetiva e por ser uma herança de seus familiares, do que propriamente por sua função mítica empregada outrora. Posicionado em uma espécie de alpendre nos fundos da casa, antes do quintal, seus atuais donos não sabem dizer se ainda são produzidos estalos que indiquem a aproximação das chuvas:

E era verdade, era uma coisa que... Agora ele tinha aquela preocupação de ouvir, a gente hoje já não tem, pra saber se ele continua sendo do mesmo jeito que era, né? Mas aí, esse baú, a gente não sabe se ele estala porque ele tá muito longe da gente. É. É porque [...] era encostado da rede dele. Aqui o baú fica aqui, longe dos quartos, então a gente nem sabe se ele estala ainda ou não (Neto).

A fala de Neto demonstra como costumes, crenças e valores podem ser descontinuados com o passar do tempo. Apesar de não deixar claro o motivo pelo qual não mais verificam se o baú ainda estala, a distância física em relação ao objeto pode indicar o reflexo dos tempos atuais, em que o acesso à informação e o advento da razão fazem com que as pessoas deem pouco valor aos conhecimentos de origem popular, mesmo em um povoado como o Arrojado, em que várias crenças parecidas são compartilhadas e vivenciadas.

5.3.2 Fofão: o boneco da escolinha de Mariinha

É meio da tarde e eu me dirijo até a rua José Caetano, conhecida como Pista, para realizar mais uma entrevista. Cumprimento algumas pessoas pelo caminho e sigo até a casa da próxima entrevistada, conduzido por seu esposo, que encontrei na calçada. Atravessamos juntos

os cômodos da casa e, alguns minutos depois, Elizabete surge. Nossa conversa acontece na cozinha, onde estamos sentados em cadeiras de balanço (Bezerra, 2024).

Por entre as perguntas, mais uma vez a questão sobre o objeto antigo faz surgir uma boa memória do Arrojado. Ao final da entrevista, Elizabete vai até outro cômodo e retorna com o objeto em suas mãos, uma figura bem conhecida e de forma exótica, que é colocado sentado na cadeira em que ela estava: trata-se de um boneco do personagem Fofão, popularizado pela televisão brasileira na década de 1980, sendo um dos integrantes de um programa destinado às crianças. Sua fama foi ressignificada, recentemente, com o uso de sua imagem pelo grupo Carreta Furacão, nome dado a um grupo de homens que circulam em um veículo por cidades brasileiras, vestidos de personagens nos quais ele está incluído. A imagem do brinquedo trazido por Elizabete pode ser vista na Figura 30.

Figura 30 – O boneco Fofão



Fonte: Elaborada pelo autor.

O Fofão do Arrojado é um boneco de pano em que parte da vestimenta original se deteriorou e foi substituída por outra, na tentativa de preservar o brinquedo que, em outras épocas, divertia (e assustava) as crianças do Distrito. O contato entre o brinquedo e as crianças acontecia na escolinha da Legião Brasileira de Assistência (LBA) que, no Arrojado, era conhecida como Escolinha de Mariinha, carregando o nome de sua coordenadora e, também, professora. Elizabete descreve a reação das crianças quando o boneco foi doado à Escolinha:

Doutor Eron trouxe pras crianças brincarem. [...] só que a calça dele já acabou porque também... muitos anos, né? Mas ele ainda tá

perfeitinho ainda. Aí as crianças tiveram medo, porque balança o olho. Né, que balançava o olho, fazia “Tchic, tchic, tchic, tchic...” Então... [...] aí não ficou na escola. [...] eu perguntei a doutor Eron o que que eu fazia, aí doutor Eron disse “Não, se você... se sua filha gostou, dê pra sua filha, senão você procure uma criança que gosta, aí você dá”. [...] Ainda hoje eu tenho aqui guardado. De lembrança da escola (Elizabeth Viana).

O balanço que assustava as crianças trata-se de um movimento que acontece nos olhos do brinquedo quando ele é agitado. Para demonstrar, Elizabeth sacode a cabeça do boneco e aquilo que representa suas pálpebras se movimenta, abrindo e fechando, mesmo segundos após ser colocado em repouso (Bezerra, 2024). Não é de se espantar que as crianças da Escolinha ficassem assustadas com isso, para além da aparência incomum do brinquedo.

A presença do Fofão em uma comunidade tão distante do lugar em que ele se originou mostra a força da televisão enquanto meio de comunicação, sobretudo pelo fato de que, na época da Escolinha de Mariinha, nem todas as pessoas do Arrojado dispunham de aparelhos televisivos em suas casas, decorrência das condições socioeconômicas da época. Essa “[...] máquina racional de produção e administração de afectos [...]”, conforme define Martins (2011, p. 97) deu vida a um boneco que, em um lugar distante, provocou sentimentos de rejeição nas crianças da Escolinha. Algumas delas viram o boneco pela primeira vez na vida, adicionando o desconhecimento de sua figura ao estranhamento com sua aparência.

Sentimentos de medo à parte, a Escolinha de Mariinha se constituiu em um espaço complementar à educação escolar das crianças do Arrojado. Tratava-se, na verdade, de uma creche, ainda que não fosse identificada com esse nome pelos moradores. Funcionando apenas durante o período da tarde, de segunda a sexta-feira, acolhia crianças com idade de até 7 anos, que aproveitavam as brincadeiras, merendas e atividades do lugar. Uma das memórias dessas tardes é revivida por Elizabeth na descrição que segue:

Ai, a lembrança do que... eu achava muito boa, que eu gostava muito de brincar com as crianças, que até servir de cavalinho pras crianças eu ficava [risos]. De quatro pés, pra elas andarem montadas em mim. Isso aí foi uma coisa... foi a coisa que mais eu amei aqui quando eu comecei... trabalhar nessa escolinha da LBA (Elizabeth Viana).

A Escolinha de Mariinha não funcionava em prédio próprio. Elizabeth conta que havia uma proposta para a construção de um local adequado, porém nunca levada adiante. Assim, para funcionar, a Escolinha ocupou diferentes locais dentro do Arrojado:

Era. [...] Já foi no sindicato, já foi naquele lugar onde hoje é o bar de

Barzim, né? [...] Aí depois... terminou, acabou tudo e não fez. [...] Tinha as comidas. Na sexta-feira era o dia do banho das crianças (Elizabeth Viana).

A imagem abaixo captura um momento no interior do prédio do sindicato, no qual pode ser vista a hora do lanche da tarde, uma das preferidas das crianças que frequentavam o espaço. O registro da Figura 31 foi feito em meados da década de 1990.

Figura 31 – As crianças da Escolinha de Mariinha



Fonte: Acervo pessoal dos moradores.

O sindicato ao qual Elizabeth se refere, o mesmo espaço em que as crianças surgem na Figura 31, é o prédio do sindicato dos trabalhadores rurais, localizado ao final da Rua Doutor Magela Lima e utilizado, ao longo de sua existência, por diferentes grupos com distintas finalidades. Uma delas, por exemplo, foi a de sede provisória do grupo Infância Missionária, da igreja católica, por volta do ano de 2004. A imagem do prédio pode ser vista na Figura 32.

Figura 32 – Sindicato, um dos prédios da Escolinha de Mariinha



Fonte: Elaborada pelo autor.

Quase todas as crianças mostradas na Figura 31 não moram mais no Arrojado. Algumas deixaram o lugar para viver em outras cidades ainda na infância; outras viriam a sair do Distrito durante a juventude ou na vida adulta, seja para continuar seus estudos, para trabalhar fora ou para constituir famílias em cidades vizinhas. Esse destino comum à parte dos moradores do lugar foi apresentado ao leitor na seção sobre as pessoas do Arrojado.

Assim como muitos espaços que marcaram a trajetória do Distrito, a Escolinha de Mariinha habita apenas as lembranças daqueles que vivenciaram ou testemunharam sua existência nômade. Seus locais de funcionamento ainda estão erguidos e vestígios de sua época seguem espalhados em algumas casas, como é o caso do boneco do personagem Fofão.

O Fofão da Escolinha da LBA ou Escolinha de Mariinha é, portanto, um símbolo da infância de dezenas de crianças que tiveram suas vivências marcadas por um espaço educacional e recreativo para além do espaço formal da escola. Observar os olhos do boneco piscando enquanto sua dona balança a cabeça do brinquedo é ter um vislumbre do sentimento que as crianças daquela época compartilhavam diante daquela forma exótica, representação inanimada de um personagem que atravessa gerações. É um objeto de memória, uma relíquia, cujo cuidado de preservação tomado por sua guardiã exemplifica a importância de conservar itens que contam histórias coletivas.

5.3.3 As cartas que nós escrevíamos

O morador do Arrojado sabe que, em determinado momento de sua vida, o contato com familiares e amigos deixará de ser diário e presencial, em decorrência da partida eventual das pessoas do lugar para morar em outras cidades. Nesse sentido, estabelecer meios de

comunicação com os que se vão é uma das formas de manter a interação viva e uma tentativa de atenuar a saudade. A comunicação entre quem fica e quem vai é, também, uma forma de proporcionar a este último, a manutenção do contato com suas raízes culturais.

Quem olha para a facilidade proporcionada pelos meios de comunicação atuais pode não saber ou até ter esquecido que, em outros tempos, a comunicação em tempo real só existia se as pessoas estivessem frente a frente. Atualmente, como exemplos de um mundo cujo cotidiano é movido por um sem par de aparatos tecnológicos, conforme observa Martins (2011), é possível conversar de modo síncrono através de chamadas de vídeo e/ou voz por intermédio dos *smartphones*. Eles também dominam nossa comunicação assíncrona, aquela em que a outra pessoa não está *on-line* no mesmo momento em que nós, sendo preciso aguardar sua resposta.

Houve um tempo, contudo, em que a comunicação síncrona a distância era uma impossibilidade e onde a comunicação assíncrona desconhecia a tela de um telefone, mas era íntima da caneta e do papel. Falo da época em que as cartas eram a principal forma da qual as pessoas dispunham para dar continuidade a seu contato com o outro que se encontrava distante. Quem nos dá um vislumbre dessa época são as participantes da pesquisa:

Não, no começo a gente começou [a se comunicar] era só por carta, né? Tinha que escrever carta (Elizabeth Viana).

E assim, era carta também, a gente tinha que escrever. Vixe, demorava pra gente ver a resposta! Quem entregava era Leonir. É, Leonir ia pegar em Lavras e trazia e entregava à gente, né? Às vezes ele... às vezes ele entregava na casa, às vezes ele esperava ver uma pessoa ou então mandava por outra pessoa, entregava aquelas cartas (Rute Maria).

A fala de Elizabeth reflete a única opção de comunicação a distância, acessível à maioria, disponível no período anterior à chegada dos telefones no Arrojado. Rute, por sua vez, destaca o tempo de espera despendido para estabelecer uma comunicação com começo, meio e fim, característica do processo de contato via cartas. Era necessário escrever, colocar em um envelope, entregar para que o responsável o deixasse na sede de Lavras, esperar que o texto chegasse ao seu destino, de modo que o destinatário pudesse ler e responder com uma outra carta. A resposta percorreria o mesmo caminho, em sentido contrário. É um cenário que, para os nascidos na era digital, só é possível vislumbrar através de relatos de quem o viveu.

Rute aponta, em sua fala, o arrojadense Leonir Souza (*in memoriam*), que era a pessoa responsável pela entrega das cartas no Arrojado. Abaixo segue uma imagem do morador.

Figura 33 – Leonir Souza



Fonte: Acervo pessoal dos moradores.

Leonir era irmão de alguns integrantes do grupo Os Três do Sertão. Conforme apontado na fala de Rute, ele buscava as correspondências na sede de Lavras da Mangabeira e as entregava aos destinatários. À época, não havia sede própria dos Correios no Arrojado. Atualmente, no lugar em que antes funcionava a conhecida padaria de Válter, encontra-se a identificação dos Correios, na Rua Doutor Magela Lima. As entregas de correspondências, hoje, são feitas pelo morador Carlinhos.

Além do tempo de espera, outro obstáculo para a comunicação por cartas era a exigência de que seus remetentes e destinatários soubessem ler e escrever criando, dessa forma, uma dificuldade para aqueles não alfabetizados. Contudo, em um lugar como o Arrojado, em que os moradores são tão próximos, tendo como característica geral a união, conforme já apontei, aqueles que não sabiam ler e escrever não deixavam de se comunicar. Eles contavam com a ajuda de amigos e vizinhos alfabetizados, tal qual os personagens do filme Central do Brasil (1998) podiam contar com a personagem Dora (Fernanda Montenegro) para a mesma finalidade, com a diferença de que, no Arrojado, o serviço não era cobrado:

Não tinha [telefone]. Era através de carta, quando tinha quem escrevesse. Quem não sabia pedia a quem sabia pra fazer as cartas pra botar no correio, pra mandar, né? Aí, hoje em dia, tá bom também porque mudou. Hoje em dia é o celular, é o computador, né? (Alda Fonseca).

Atualmente a comunicação escrita acontece, quase que totalmente, por meio dos aparelhos de computador e telefones celulares, apontados por Dona Alda. Ainda é possível, no entanto, visualizar a presença das cartas no cotidiano de outra das entrevistadas. Trata-se de Elizabete, que produz, junto a seu grupo religioso, cartas que são distribuídas em localidades

vizinhas. Diferentemente da comunicação pessoal das cartas de outra época, o propósito, aqui, é religioso, sendo as correspondências escritas com o intuito de compartilhar com outras pessoas a fé que eles professam. O modo de produção dos textos é coletivo e Elizabete participa a distância, de sua casa mesmo no Arrojado, conforme narra:

Escrevo sozinha com elas assim, on-line, sabe? Elas vão lá na casa delas e a gente fica na mesa vendo as... a turma, né? Fica bastante gente lá de Lavras. Os testemunhas de Jeová, a gente fica se vendo, conversa. E a gente não pode trabalhar de uma pessoa só. Tem que trabalhar em grupo. Aí tem que ser de dois a três. Aí, então, eu trabalho com as meninas por isso. À tarde eu não trabalho. Às vezes trabalho assim... é... com as meninas do... como é... do que tava ligando nesse instante pra mim, né? Que eu sou testemunha de Jeová. Aí a gente passa a tarde trabalhando pra Jeová, escrevendo carta. São para as casas das pessoas que, é... a gente... não passa naquela casa, entendeu? Porque você sabe que os testemunhas de Jeová saem de casa em casa. E eu não saio, eu faço carta e levo e solto e... e dou, por exemplo, num... num mercantil... Num canto que eu chego, que eu vejo que dá certo eu vou deixar (Elizabete Viana).

O processo de escrita coletiva de Elizabete e seus colegas assemelha-se à esperança vislumbrada pelo autor Martins (2011), quando aborda os bens e os males das mídias, dos dispositivos tecnológicos e das redes sociais. Apesar de associar tais elementos da nossa modernidade ao mal-estar geral que se observa no mundo, o autor tem a esperança de que esses mesmos instrumentos também possam servir para a construção de uma comunidade compartilhada, sobretudo no que concerne à defesa da democracia. Olhando para o uso da tecnologia feito por Elizabete e seu grupo religioso, enxergo uma aplicação microscópica do ideal defendido por Martins, pois essas pessoas fazem uso do instrumental tecnológico disponível e trabalham juntas para um propósito coletivo.

Percebo, também, na fala de Elizabete, a interseção entre passado e presente, entre os resquícios de um mundo que já foi analógico e o cotidiano que se fez digital (Martins, 2011). As cartas não mais se apresentam como a principal ou única possibilidade de comunicação, mas como uma de suas inúmeras formas e, ainda assim, com uso bem mais restrito do que no passado. Sua utilização tornou-se, nesse caso particular do Arrojado, específica: compartilhar a fé de um grupo religioso e transmitir sua mensagem. Apesar das mudanças, uma característica permanece: a união em prol de uma mesma finalidade.

5.3.4 Televisão: do passado ao presente

Era a primeira televisão adquirida pela família, uma novidade que se inseria em seu cotidiano. O pai, chefe da casa, conectou o aparelho na tomada para que suas filhas pudessem assistir à programação. Na TV, era exibido o Clube do Bolinha, programa transmitido pela Rede Bandeirantes. De repente, o aparelho começa a pegar fogo, para desespero dos presentes. Em um ato instintivo, o pai vai buscar um balde de água para tentar apagar o incêndio, mas é alertado por um vizinho que presenciava a cena: “*Compadre, num joga água não, tira da tomada!*”. Seguindo a orientação do seu compadre, o dono da televisão desiste de jogar água no aparelho, desconectando-o da tomada em vez disso. O incêndio, enfim, cessa.

O acontecimento acima foi narrado por uma das entrevistadas, Elizabete, recordando o primeiro aparelho de televisão que sua família possuiu, momento em que o meio de comunicação começava a se popularizar no Arrojado. A democratização do eletrônico e sua consequente presença em quase todas as moradias mudou hábitos e interferiu nas relações entre as pessoas, como aconteceu em todas as partes do mundo. No caso do Arrojado, para além desse fator, a televisão funcionou, muitas vezes, como uma das únicas opções de entretenimento.

A televisão é um desses objetos que primeiro e melhor ilustram um fenômeno no qual a humanidade mergulhou há várias décadas, constituindo um caminho que se mostra sem retorno, tomando de empréstimo a reflexão de Bauman (2005). Trata-se do fenômeno da globalização, que intensificou o processo de aculturação entre os povos, colocando-os em contato com os símbolos e identidades fabricadas por outros.

Olhar para a trajetória da TV, desde seu surgimento até a democratização em seu acesso, é perceber também a trajetória das mudanças econômicas e sociais ocorridas em todo o mundo. Em uma sociedade capitalista, bens de consumo, como a televisão, surgem e são acessados, inicialmente, por poucas pessoas, aquelas localizadas no topo da pirâmide social. Aos poucos, o meio e a base da pirâmide acessam tais bens, mas somente após o início de uma obsolescência e substituição desses itens por versões mais modernas, já acessíveis aos de cima.

Assim, o acesso ao bem de consumo por parte considerável das pessoas do Arrojado ocorreria apenas anos após a popularização da TV nas casas de pessoas residentes em grandes centros urbanos. E mesmo quando da sua chegada ao Arrojado, onde as condições sociais e econômicas dos moradores não guardavam muitas discrepâncias, também foi possível notar esse movimento de cima para baixo na pirâmide social do lugar, refletindo um destino conectado ao da sociedade maior na qual o Distrito está inserido, mesmo geograficamente distante (Santos, 1996). Antes de chegar à casa de Dona Elizabete e de outras pessoas, o aparelho de TV era um objeto de poucos. É o que nos mostram as memórias dos moradores.

A princípio, a televisão no Arrojado era um bem presente apenas nas casas dos

funcionários da Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima (RFFSA). O surgimento do meio de comunicação no Distrito encontra-se, dessa forma, intrinsecamente ligado às atividades da estação ferroviária, em mais um indicativo de como a história do lugar se confunde com a história da estação e da circulação dos trens. Era uma época sem energia elétrica e, para que a programação da TV pudesse ser assistida, algumas ações eram necessárias. Quem conta sobre esse período é uma das entrevistadas, Rute Maria:

Tinha, algumas pessoas tinham televisão. Às vezes... era, mas não era todo mundo não. [...] Porque de primeiro não tinha luz também, nera? Quem... era, a televisão era dos funcionários que tinham aqueles motores, que ligavam, tinha a hora de ligar o motor, né? Que era a óleo, não sei como era, eu sei que ligava aqueles motores. E tinha a hora de assistir as novelas. Terminava as novelas e tinha que vir aqui desligar aquele motor e pronto. Ficava tudo no escuro. Uma escuridão maior do mundo, que eu só faltava ficar doida. Era um motor só pros funcionários da RFFSA. Aí o motor ficava na estação... (Rute Maria).

Cabe destacar que, como bem da indústria cultural, a televisão está imbricada nas relações de desigualdade social, conforme reflete Santos (1996). A fala de Rute é um reflexo dessas relações, já vivenciadas naquela época e que se estendiam, também, para o acesso a outro bem/direito: a energia elétrica. Em sentido amplo, o Arrojado era um povoado que ainda não tinha direito à energia elétrica presente nas grandes cidades, o que impactava os hábitos e costumes de seus moradores e, portanto, sua cultura. Em sentido estrito, a pouca energia elétrica disponível era limitada e concentrada nas mãos de um grupo seletivo de pessoas.

Rute também aponta a novela como o produto midiático assistido desde os primeiros contatos com a televisão no Arrojado, um dos reflexos do sucesso do gênero desde o surgimento da TV no Brasil até os dias atuais, em que ainda figura como o produto de maior audiência diária da programação televisiva. O impacto das telenovelas no cotidiano e na cultura é de tal modo que inspira estudos e pesquisas, especialmente na América Latina. Martins (2011) elenca alguns dos pesquisadores que situam a telenovela no escopo dos Estudos Culturais, como Guillermo Orozco e Maria Immacolata Lopes, Michelle Mattelart e Mabel Piccini.

Com o passar do tempo, os moradores do Arrojado ganharam um lugar próprio para assistir à programação da TV de forma coletiva. A Rua Doutor Magela Lima foi o local escolhido para esse novo espaço de encontros entre os arrojadenses. Nela, ergueu-se uma coluna de concreto que abrigava, em seu topo, uma televisão. Assim, as pessoas do lugar se reuniam e assistiam, juntas, à programação da TV. Arlete Silva e Rute Maria fornecem detalhes sobre as particularidades desses momentos:

Aí depois, quando apareceu a energia, aí veio uma televisão pro meio da rua, que tinha uma casa no meio da rua, aí botava a televisão, aí todo mundo assistia a televisão ali, aí já melhorou [...]. Não, a gente ficava em pé no meio da rua. Tinha deles que levavam cadeira, quem morava na rua levava cadeira, o banco, ficava sentada, dava um pouquinho a gente pra sentar e tudo. [...] a gente ficava no meio da rua e [...] às vezes, você tava na calçada, dava pra ver e tudo. Às vezes tinha uma briguinha porque fulano não deixava a gente assistir [...] as coisas direito. Era, aí tinha um, às vezes tinha um... discutia um pouquinho, aí [dizia] “Cala a boca!”. Mandava calar a boca tudo, às vezes fazia zoada, às vezes ficava todo mundo caladinho e tudo... Aí pronto, aí depois foi aparecendo nas casas, e pronto, aí melhorou mais, aí agora tá... as coisas tão melhores (Rute Maria).

Só tinha essa TV. Aí era... a gente se reunia lá... E a gente ficava lá assistindo as novelas... a partir de seis horas, aí... mas quando a gente... a gente levava cadeira de casa e ficava, assim, arrodeava, assim. Aí todo mundo ficava em silêncio. Quando existia... passava uma coisa que ninguém tava gostando, aí começavam os comentários. Aí [falavam] “Não minha gente, vamos assistir à novela” [risos]. Agora tinha um horário: de seis às dez da noite. Chegou dez horas da noite, podia estar assistindo o que tivesse, ele tinha que cumprir o horário dele. Era. Quem não ia... quem não queria sentar não levava a cadeira. Porque a cadeira a gente levava de casa. Todo mundo levava de casa a cadeira. Levava e quando terminava a novela, botava a cadeira na cabeça (Arlete Silva).

Entre acordos e atritos, a TV pública foi, por muitos anos, o único meio pelo qual a maioria das pessoas do Arrojado teve contato com esse meio de comunicação. O momento de entretenimento e lazer, pelas falas das entrevistadas, também estava imbuído das relações de poder, uma vez que havia hora demarcada para que a televisão fosse desligada, não importando desejos contrários. As reuniões para ver TV constituíam-se, portanto, para além de um momento de entretenimento dos moradores, um campo de forças travado entre eles; uma prática social marcada por suas imposições e regras (Bourdieu, 2004; Martins, 2011) que se tentava impor a todos, por exemplo, nas tentativas de silenciar aqueles que faziam barulho.

Em tempos mais recentes, quando a televisão já não era mais utilizada e a janelinha que abrigava seu compartimento permanecia fechada, as pessoas continuavam utilizando os arredores do espaço como ponto de encontro, fosse para encontrar pessoas antes de realizar uma viagem ou para permanecer ao seu redor conversando com os amigos e conhecidos. Posteriormente foi construída, ao seu lado, uma outra coluna, com propósitos religiosos, destinada a abrigar uma imagem do Padre Cícero, conforme o leitor pode ver na Figura 34.

Figura 34 – A coluna da TV e seu entorno



Fonte: Acervo pessoal dos moradores.

A coluna da TV e seu entorno constituíam-se, assim, como mais um dos espaços em que os moradores do Arrojado improvisavam sua praça, enquanto esta ainda era apenas uma promessa de seus representantes políticos. Ela soma-se a uma lista de locais já conhecidos do leitor, também marcado pela vivência das conversas entre amigos, das brincadeiras entre as crianças e dos namoros dos adolescentes. Arlete Silva descreve momentos vividos no espaço e lamenta o destino recentemente dado a ele:

Era um lugar de encontro. Até mesmo depois que a televisão saiu, ficou como um lugar de encontro. Uma pessoa dizia “Tu vai... tu vai pra onde?” Vou pra [...] por exemplo: “Nós vamos, hum, pra Lavras.” “Tu vai esperar o carro aonde?” “Ali na coluna da televisão”. Né? Aí nós não temos mais. Eu acho que aquilo ali representa... não era pra ter tirado. Não era bonito, mas podia ter feito ficar bonito, bastava ajeitar um jardinzinho do lado e do outro. Restaurar... não era pra ter tirado não. Aí a rua ficou assim muito aberta, que parece até uma rua... solidão (Arlete Silva).

Esse lugar de memória que ajudou a contar a história do Arrojado e que esteve envolvido em tantas relações de afeto não resistiu às ações do “progresso” que, sob a justificativa de melhoria, muitas vezes, acaba contribuindo para o esquecimento. No ano de 2021, a coluna da TV foi derrubada. Segundo os moradores, a justificativa foi a de que seria necessário removê-la dali para realizar a aplicação do asfalto sobre a rua.

A remoção da coluna causou comoção entre os moradores, tanto os residentes no Arrojado como aqueles que vivem em outras cidades, mas guardam lembranças dos momentos vividos ali. Parte dessa comoção pôde ser acompanhada pela internet, na rede social *Facebook*, em cuja linha do tempo uma moradora de São Paulo, nascida e criada no Arrojado, fez uma postagem em tom de indignação perante o acontecimento. O *post* reuniu diversos comentários: alguns justificando a derrubada da coluna, dizendo ser necessária; outros criticando a ausência

de preservação de um monumento histórico. A Figura 35 exhibe o momento da demolição.

Figura 35 – Retirada da coluna da TV



Fonte: Acervo pessoal dos moradores.

Arlete Silva, uma das entrevistadas, não participou dos comentários postados na rede social, mas seus sentimentos foram comungados com aqueles que se indignaram com a situação. Ela relata sua reação ao se deparar com a cena:

Mas, assim, quando começou a derrubar, eu senti um choque. Eu senti mesmo. Eu disse “Eu não vou querer, não quero ver isso aí não”. Porque ali tava apagando muitas memórias. Que era uma coisinha pequena, simples, não era bonito, mas tinha memória. Mas tinha uma história dali, daquele bichinho. Aí eu: “Nam, eu não quero ver, não [...] Não, não quero nem ver isso aí. Porque isso aí me dói”. Não era pra ter feito isso. Não precisava fazer isso. Vejo tantos lugares aí que passam asfalto no... Tem aqueles canteirinhos, tem um orrô [grande quantidade] de árvore e não foi preciso desmanchar pra passar o asfalto. Tinha três árvores na frente da casa de Dona Maria, já, bem podadazinha. A máquina chegou e levou embora. E um pé de pau-brasil [...] (Arlete Silva).

A retirada da coluna da TV se insere em um quadro de acontecimentos que rompeu a relação dos moradores do Arrojado com parte de sua memória coletiva. Essa relação com o monumento, antes estável, defrontou-se com um acontecimento excepcional, pois “[...] o grupo tomou consciência com mais intensidade daquilo que ele era desde há muito tempo e até este momento, e porque os vínculos que o ligavam ao lugar se tornaram mais claros, no momento em que iam se romper” (Halbwachs, 1990, p. 133). Essa consciência sobre sua memória coletiva pôde ser vista no debate acirrado entre as pessoas do lugar no momento do acontecimento, quando mencionaram outros lugares do Arrojado que também foram demolidos.

Da coluna da TV restam somente poucos registros e a lembrança de um tempo

anterior à chegada da televisão nos domicílios. Os primeiros aparelhos possuíam características bem diferentes dos produzidos atualmente, conforme descreve Dona Alda:

Preto e branco. A primeira televisão que eu possuí era preto e branca, né? Aí juntaram os filhos e deram essa daí, veio de São Paulo pra mim, essa televisão (Alda Fonseca).

Atualmente, a maioria das casas do Arrojado conta com aparelhos de TV. Em algumas delas, a versão analógica e de tubo figura em um cômodo mais escondido da casa, enquanto a versão moderna, inteligente e com design fino é exibida logo na entrada. Dona Elizabete possui os dois modelos do objeto:

Aí hoje já tem televisão diferente, né? Eu tenho essa televisão de tubo grande, ainda, por causa que foi [meu genro] que me deu, que tá ali na... na estante, antiga, mas no meu quarto já é dessas... modelo novo, aí o negócio foi melhorando, tudo... (Elizabete Viana).

No caso de Elizabete, o aparelho antigo é guardado, também, por conta da memória afetiva que ele encerra, uma vez que foi presente de seu genro, já falecido. O objeto fica disposto logo na sala de entrada, junto a uma estante também antiga e, para quem olha, é possível ter um pequeno vislumbre de uma época passada, dominada pelos recursos analógicos.

Quando questionadas sobre o uso que fazem da TV, as entrevistadas respondem que seus aparelhos de televisão são ligados, principalmente, para assistir à programação religiosa, sejam missas ou outros programas relacionados à sua crença. Em um dos relatos, o aparelho surge como companhia diária para uma delas, que mora sozinha. Chama a atenção o fato de algumas não assistirem telenovela, já que são o principal público pretendido pelo formato.

O objeto televisão realiza, dessa maneira, múltiplas funções, para além do entretenimento, realçando, entre outros traços culturais das entrevistadas, a importância dada à religião. É o que elas narram nas falas que seguem:

Mas dia de domingo, olha, a minha televisão, quando eu ligar a primeira vez, só é missa, missa, missa. Enquanto eu acho o canal que tem missa, é só missa. Porque na semana já assisto as outras coisas e no domingo o primeiro... canal, é o que tiver uma missa. Pode ter um forró, pode ter o que tiver, mas tem que ser missa (Alda Fonseca).

Quando tem as coisas na igreja eu vou pra igreja. Quando não tem, eu assisto a uma missa que tem na Rede Vida, sete horas. Eu ligo na televisão e vou assistir à missa. Quando termina a missa, aí eu vou assistir as outras coisas. Às vezes não dá nem pra mim assistir nada, porque como eu me acordo quatro horas, então eu procuro dormir cedo. Vou rezar meu terço e, às vezes, eu pego no sono até rezando,

mas assim... à noite é só isso. Só tem uma igreja pra eu ir (Rute Maria).

A minha companhia é Deus, são os santos anjos do senhor e, pra mim, é muito importante, porque quando eu não tô trabalhando, eu tô rezando, eu tô assistindo uma... um programa de... de religião, né? Não tô assistindo novela, não tô assistindo jornal, só assisto... religião, assim. Missa. Aqueles programas que têm... Cerco de Jericó. Só esses programas de... de... de padre mesmo que eu assisto. Outra coisa eu não gosto não. E me faz companhia. A televisão me faz companhia, porque eu tô sozinha de noite aqui. Tô assistindo televisão, não tô... não tô... ouvindo os padres falarem, celebrar as missas, aqueles programas, né? Aí pra mim é... é a companhia (Joana Aquino).

Quando eu tenho tempo, né? [...] Eu, quando eu tô sem fazer nada, eu... eu... eu uso, mas quando eu tô trabalhando, eu só uso quando eu termino. [...] Só gosto de televisão... missa. Outra coisa eu não gosto. [...] Novela eu não gosto. [...] Jornal eu ainda gosto um pouquinho, mas mais é missa (Carmem Souza).

A fala de Alda enfatiza seu desejo de assistir somente missas aos domingos, uma vez que já assistiu a outros programas de TV durante a semana. Além da ênfase, percebo uma inquietação que ela demonstra enquanto não encontra o canal que satisfará sua vontade. Para os católicos, o domingo é o dia do Senhor, portanto, cria-se uma certa obrigação em corresponder, pelo menos nesse dia, aos preceitos de sua crença.

Rute Maria, por sua vez, destaca que a programação da TV é uma extensão de suas idas à igreja. Ela cita a Rede Vida, canal de TV com conteúdo totalmente voltado para a propagação da fé católica, com transmissões de missas ao vivo, orações do terço e até mesmo entretenimento, com músicas e conversas entre padres e seus convidados. Assim, conectar-se à programação da Rede Vida é uma espécie de simulação de suas práticas religiosas presenciais.

Dando seguimento, Joana Aquino destaca que não consome nenhum outro conteúdo televisivo, apenas aquele voltado à religião. A televisão, em sua fala, adquire quase que características humanas, quase como “alguém” que reside junto a ela. É como se os padres visíveis através da tela estivessem celebrando a missa em sua própria casa.

Compartilhando dos hábitos televisivos de Joana, Carmem é mais enfática ainda ao destacar que só assiste à missa: ela não gosta de novelas, mas abre alguma exceção para os telejornais. Com ela, porém, percebo um uso mais restrito do aparelho de televisão, condicionado ao tempo livre que ela encontra por entre suas ocupações. A prioridade, para Carmem, é o seu trabalho, seus afazeres domésticos, sua luta.

A relação das participantes com a televisão é exemplo do poder que esse meio de comunicação possui. Sobre a força desse dispositivo de imagens e de outros similares a ele,

Martins comenta:

eles aparelham-nos esteticamente, reorganizando a nossa experiência em torno da nossa subjectividade e emotividade, modelam em nós uma sensibilidade artificial, uma sensibilidade que eu disse ser puxada à manivela, uma vez que esses dispositivos tecnológicos funcionam em nós como próteses de produção de emoções, como maquiuetas que produzem e administram afectos (Martins, 2011, p. 81).

As falas das entrevistadas dão uma ideia da forma como esse afeto é administrado pela programação da televisão. Quem assiste se sente próximo ao aparelho, conectado por uma miríade de sensações, emoções e sentimentos. Não à toa é um objeto que ocupou, durante muitos anos, o centro do funcionamento cotidiano das casas e de suas famílias. Atualmente ainda ocupa, de certa forma, mas se vê dividindo espaço com telas menores, portáteis e que possibilitam não só a recepção, mas a criação de conteúdo por qualquer pessoa. Assim, de modo a não perder seu território de domínio cultural, ou ao menos atenuar as perdas já em curso, a televisão tem se integrado, cada vez mais, aos telefones celulares e outros equipamentos de vídeo, conforme também observa Martins (2011).

Os dispositivos móveis ocupam o centro da cultura, remodelando o modo de funcionamento da sociedade em todas as suas esferas. Seus impactos se fazem sentir também no Arrojado, sendo abraçados por alguns moradores e rejeitados por outros. A velocidade com que se impõem no cotidiano dos arrojadenses em nada lembra a época em que as chances de comunicação remota eram escassas. Na próxima seção o leitor poderá percorrer uma linha do tempo dessa comunicação a distância no Arrojado.

5.3.5 Do telégrafo ao telefone celular

Quem hoje testemunha e participa do processo de comunicação por telefones celulares, que acontece de forma rápida e quase que sem fronteiras, pode não imaginar que, em outros tempos, a comunicação a distância e em tempo real era rara, acessível apenas a um pequeno grupo de pessoas, e realizada de forma rudimentar, por meio de instrumentos que possuíam poucas funcionalidades. O primeiro deles a chegar ao Arrojado foi o telégrafo, utilizado pelos maquinistas da estação ferroviária do Distrito.

5.3.5.1 O telégrafo da estação

Estados Unidos, 1837. Samuel Morse e Alfred Vail patenteavam sua versão independente de um meio de comunicação que já possuía outros modelos, desenvolvidos por

inventores de países diferentes. Era o telégrafo, instrumento que viria a possibilitar a comunicação a longa distância e que obteve no modelo fabricado por Morse e Vail a popularização que seus antecessores não viram (Schulz, 2019).

Arrojado, Lavras da Mangabeira, Ceará, mais de um século depois. Os trabalhadores da estação recebem, pelo telégrafo, a informação de que o trem já havia saído da cidade vizinha com destino ao Arrojado. Após a passagem dos veículos pela estação do Distrito, é a vez deles de informar aos colegas da próxima cidade que o trem partiu para lá. Joana Aquino, participante da pesquisa, relembra esses momentos:

Era um negocinho lá na estação, que a gente, às vezes, quando a gente ia pra... pra passagem do trem, a gente ficava ali naquela, na janela da... da estação e a gente via... avisando o trem quando saía de Lavras. Num negocinho “Teco, teco, teco”, aí saía um papelzinho avisando que o trem já tinha saído de Lavras. Aí daqui mandava pro Cedro; aí do Cedro mandava pra Alencar, pra Várzea da Conceição e pro Iguatu. E de Lavras... mandava pra Lavras, Lavras saía mandando pras outras cidades em que o trem parava, né? Era um telegrama. Era... não era falando assim como eu tô conversando com você, não, era digitando, assim... Era, eles recebiam, saía o que é que eles tavam dizendo, né? O horário e tudo de trens. Por exemplo, eu ia passar um telegrama pra uma pessoa, eu dizia as palavras e eles iam digitando ali, aí pra onde fos... Se fosse pra Lavras... Aí saía lá em Lavras, quem era a pessoa, que recebia aquele aviso... Era, isso daí evoluiu muito, o negócio de celular, porque dá notícia de gente demais, né? (Joana Aquino).

O “teco teco” apontado por Joana ilustra o funcionamento do telégrafo, que se baseava em um código de sinais transmitido de um aparelho para outro, registrado em uma fita de papel e, em seguida, lido e interpretado por quem recebia a mensagem. (Schulz, 2019). Essa operação demandava o conhecimento do código e, portanto, um certo grau de especialidade, além de ter seu uso destinado, primordialmente, para a comunicação entre os maquinistas. Um cenário de restrição da comunicação distante do estágio de interação da atualidade, conforme aponta Joana ao utilizar a palavra “evolução” para diferenciar os dois momentos.

O telégrafo era operado pelos funcionários da estação, no Arrojado, para a comunicação de suas atividades profissionais. Conforme introduzido na fala de Joana, em alguns casos, os operadores utilizavam o aparelho para realizar comunicações pessoais dos moradores do Arrojado, prestando a eles um favor. É o que nos mostram, também, os relatos de outras participantes da pesquisa, que o leitor pode acompanhar a seguir:

[...] de primeiro, a gente se comunicava era pela estação, né? Negócio de telegrama, nera? Era difícil as coisas de primeiro! (Benedita Santos).

E existia também [...] telegrama, que era vindo pela RFFSA, pela estação. Uma máquina que recebia os telegramas e... e mandava deixar na pessoa, mas eram poucas palavras com aquela maquininha, ficava “Teco, teco, teco, teco” [risos]. Aí recebia aquele Telegrama e entregava. Era uma maneira de comunicação que eles faziam aqui no dedo. Tinha um botão aqui e ele apertava que fazia “Tum, ta, tum, ta, tum, tum...” aí o... o [operador] de Cedro tava ouvindo... também entendia por aquela... aquela batida do dedo, ele entendia o que o outro tava falando pra ele lá, entendeu? Aí ele lá... ele respondia voltando pro de cá. Era assim, tudo feito no dedo aqui, oh. Era na batida do dedo que o de lá dava o sinal e... e ele se comunicava através de... de sinais. Entendeu? [...] ouvia só a... a batida lá. [...] é como se lá tivesse uma... uma coisa como uma latinha, fazia “Teco, te, teco, te, teco...” Era o telégrafo. Aí quando era, assim, pra Fortaleza, aí quando chegasse em Fortaleza, aí era digitado pra ir entregar. Se fosse de Fortaleza pra cá, pra entregar na casa [...], aí... aí eles digitavam. E pra entregar, né? Era só os agentes que faziam. Era como se fosse um favor. Era de favor (Neto).

Foi Franz Boas quem disse, em uma de suas reflexões, que “Não é excessivo dizer que não há povos cujos costumes se desenvolveram sem influência da cultura estrangeira, que não tenham tomado emprestadas artes e ideias que desenvolveram à sua própria maneira (Boas, 2023, p. 58). E é isso o que percebo quando olho para a presença do telégrafo no cotidiano dos moradores do Arrojado, um dos inúmeros lugares do mundo que também fez uso da invenção estrangeira para conseguir se comunicar a distância.

As mensagens trocadas entre os operadores da estação eram registradas em um papel, o telegrama. Quando endereçadas a algum dos moradores do Distrito, elas eram entregues aos destinatários. Joana Aquino fornece mais detalhes sobre como esse meio de comunicação ajudava os residentes do lugar:

Engraçado, né? Era assim, por exemplo, o meu pai, uma vez ele foi pra Fortaleza e o trem virou em Piquet Carneiro. Aí pra gente saber, ligaram, passaram o [...] telegrama pra estação daqui, pra avisar a família. [...] Um dia desse eu tava me lembrando, menino! Tu pega um celular hoje, acontece uma coisa aqui, tá sabendo no mundo inteiro, né? E desse... desse tempo não. Era telegrama. [...] Era um papelzinho escrito. É... é... eles usavam aquelas máquinas... Ali e ali saía, aí tinha telegrafista aqui no Arrojado, tinha o agente e tinha o telegrafista e tinha o... como é aquele que fazia... Ah meu Deus, agora fugiu da minha memória. Que abria a... a linha pros trens passarem, era quem dava uma bandeirinha pro trem passar. Aí tinha um telegrafista e o agente. Sempre teve gente de fora morando aqui no Arrojado pra trabalhar na estação. É. Sempre teve. Faziam muita amizade com o povo do Arrojado. Hoje ainda tem aquele... menino... João Holanda. Ele

trabalha, ele era maquinista e fez amizade aqui no Arrojado, né? Que hoje está morando aqui no Arrojado (Joana Aquino).

Além de rememorar o funcionamento do telégrafo, Joana retoma sua admiração pela diferença entre a comunicação através do objeto e aquela que hoje é feita com os telefones celulares. Uma diferença pautada não só nas possibilidades de um e outro artefato, mas também na velocidade com que os dispositivos, hoje, são superados por novas versões. O telégrafo demorou anos até ser substituído, ao passo que uma tecnologia originada nos dias atuais se torna obsoleta em questão de meses. Ademais, as funcionalidades de um telefone celular vão muito além da comunicação a distância, que era a única aplicação do telégrafo.

Outro aspecto presente na fala de Joana é o acolhimento das pessoas do Arrojado aos trabalhadores da ferrovia. Ao longo dos anos de funcionamento da estação, muitos desses homens, vindos de outras cidades, estabeleceram vínculos com os moradores, seja formando amizades ou até mesmo constituindo famílias. Joana cita João Holanda, que chegou ao Distrito para trabalhar na estação e, hoje, mora nele com sua família.

Destaco, também, o fato de a estação ferroviária do Arrojado mostrar-se, uma vez mais, o espaço por meio do qual os primeiros dispositivos tecnológicos chegaram ao Distrito, novidades que impactaram hábitos e costumes locais. Além do telégrafo, já narrei a chegada da televisão. Anos mais tarde, seria também a estação a responsável pela presença do primeiro computador a chegar à localidade, que também era utilizado pelos maquinistas.

Nesse sentido, o objeto telégrafo e o espaço em que ele estava instalado permitem a compreensão não só de seus usos práticos e das trocas culturais estabelecidas entre grupos distantes geograficamente, mas também da cadeia de relações estabelecida entre os arrojadenses, dos nascidos no lugar àqueles que construíram suas raízes nele.

Posteriormente, a comunicação a distância do povo do Arrojado seria melhorada com a chegada de um objeto que permitiria ouvir a voz de familiares e amigos que se encontravam longe. Além disso, os moradores teriam um local próprio destinado a essa atividade, não mais dependendo dos equipamentos da estação. Era o telefone fixo que chegava ao Distrito. Primeiro, por meio de um único aparelho operado pelas telefonistas; e anos depois, chegando até as residências e algumas de suas calçadas, com a instalação dos orelhões. Essa trajetória é mostrada ao leitor na seção a seguir.

5.3.5.2 O telefone e seu lugar fixo: do posto telefônico às casas

Estou sentado à mesa com Dona Carmem e conversamos sobre os meios de

comunicação no Arrojado, uma das temáticas do roteiro da entrevista. Entre recordações do passado e comentários sobre o presente, ela aponta para um telefone fixo sobre o armário da cozinha. O objeto parece um pouco anacrônico, face à presença massiva da comunicação móvel que acontece pelos aparelhos de telefone celular. Eu tiro algumas fotos do aparelho ao final da entrevista. Abaixo segue uma das imagens capturadas:

Figura 36 – Telefone fixo



Fonte: Elaborada pelo autor.

O telefone fixo da Figura 36 é um dos poucos aparelhos do tipo restantes no Arrojado, um contraste com a época em que sua presença nas casas era maior. Não foram necessários muitos anos entre sua chegada ao Distrito, sua popularização parcial (para aqueles com condições de pagar pela linha) e sua superação pelos celulares.

A chegada das linhas para as residências, junto à instalação de alguns orelhões, marcou o encerramento de um dos espaços mais utilizados pelos habitantes do Distrito. Era em um prédio da Rua Antônio Ventura, ao lado da Igreja do Sagrado Coração de Jesus, em que estava instalada a única linha de telefone do Arrojado, um espaço conhecido como posto telefônico. O cotidiano desse ambiente é lembrado pelas participantes da pesquisa:

Era, assim, tinha aquele telefone de gancho, aí tinha [...] aquela maquininha, era uma pequenininha assim. Aí ela contava os minutos que a pessoa falou e, quando terminava, dava o... o valor do... do resultado do que ela gastou. Aí a gente... a gente recebia na hora. As pessoas pagavam na hora. Aí a gente ia deixando ali aquele dinheiro. Levava uma vez por mês, entregava no posto da Telemar lá de Lavras. Lá era central e aqui... e aqui era o postinho. Aí depois foi desativado porque também foi chegando o telefone... linha de telefone nas casas, né? Aí desativou o prédio daí (Arlete Silva).

Tinha atendente de telefone, aí a pessoa ligava e pedia pra chamar

alguém. Aí a... a telefonista passava pra mim e eu ia na casa da pessoa pra chamar a pessoa, era isso. [...] Se fosse pertinho, tinha pessoas que já ficavam esperando na chamada, né? [...] que a Teleceará era lá... de trás, no oitão da igreja lá... Aí se viesse aqui na rua, aí não. Desligava e depois... pessoa chegava, voltava a chamar. Era só um telefone. E só com um número e pronto. [...] Tinha, assim, era pelos horários, né? Cada uma trabalhava o seu horário, mas no... no horário de uma, era só uma. Mas tinha três atendentes. Que era manhã, tarde e noite. Todos os dias, até no domingo (Sônia Moreira).

É, de primeiro era um posto que tinha... Um posto que tinha ali perto [da] igreja, detrás da igreja, [...]. Aí ficava a telefonista lá e ficava um senhor, assim, que eram três pessoas: de manhã, de tarde e de noite, que funcionava até dez horas da noite, ficava. Quando vinha a ligação pra gente, aí aquela pessoa vinha, [...] aquele senhor, um rapaz, quem tivesse, né? Vinha chamar a pessoa, dava tantas horas: “Olha fulano, fulano ligou pra você, deu tantos minutos pra você tá lá!” Ó, a gente tinha que correr e subir aquela ladeira pra atender telefone. Nera... era nossa... nossa comunicação esse telefone. Às vezes marcava pra uma hora, às vezes ficava até uma hora esperando. Como eu morava lá embaixo, quando vinha ligação dos meus irmãos, aí dava meia hora, a gente tinha que correr, vir correndo pra atender o telefone (Rute Maria).

Arlete, Sônia e Rute descrevem o funcionamento do posto telefônico. Com três atendentes, que se alternavam entre os turnos do dia, o espaço também contava com uma pessoa mensageira para avisar aos moradores a quem as ligações eram destinadas. A pessoa que ligou e a atendente combinavam um horário para o retorno da ligação e o mensageiro o transmitia ao destinatário. Esse tempo era necessário para que o destinatário recebesse o recado, se arrumasse e, em seguida, subisse a famosa ladeira que conduz à Rua Antônio Ventura, já apresentada ao leitor no capítulo sobre a Igreja do Sagrado Coração de Jesus.

Arlete Silva destaca, ainda, que o espaço destinado ao posto telefônico foi adaptado em um dos prédios pertencentes à igreja católica, em vez de contar com prédio próprio, a exemplo de outros distritos de Lavras da Mangabeira. Segundo ela, isso ocorreu em virtude do pouco tempo para instalação da linha telefônica, cuja disponibilidade foi informada ao representante político do local, Senhor Vicente Conconha, deixando pouca margem de tempo para a construção de um espaço próprio. Apesar de questionamentos quando a isso, o serviço telefônico passou a atender à comunidade, para que a linha não fosse perdida:

Quando avisaram pra ele que tinha um... uma linha pra cá pro Arrojado, não dava mais tempo construir o prédio. Que foi construído em Amaniutuba, foi construído em Mangabeira... Mas quando avisaram pra ele, não dava mais tempo construir. Aí ele, pra não perder a linha, ele botou na... no prédio da igreja. Mas isso aí foi muito

questionado porque devia ter construído, porque devia... todo canto tem, mas servia muito, era o meio de comunicação que a gente tinha, vinha gente de todo... dos sítios, vinha pra fazer ligação pros filhos que moravam fora... (Arlete Silva).

736-2010: esse era o número da linha telefônica do Arrojado. O aparelho de telefone era de um modelo em que se girava um semicírculo para cada dígito componente do número de destino. Posteriormente, o número da linha foi substituído por 536-2010 e, em seguida, por 3536-2010. Aqui já estamos na era em que os telefones fixos, como o da casa de Dona Carmem, se instalavam nas residências de alguns moradores do lugar.

Os demais moradores passariam a contar com os orelhões, também recém-chegados ao Distrito. Ao todo foram oito instalados ao longo das ruas do Arrojado, especificamente, nos seguintes lugares: um no limite da rua Nelson Lemos com a rua Antônio Gonçalves, atendendo aos moradores dos dois logradouros; um no meio da rua Boaventura Gonçalves, conhecida como Baixa Funda, na calçada da casa de Leonir Souza; três aparelhos na Rua Antônio Ventura, todos ao redor do prédio da Igreja; um aparelho na Rua Doutor Magela Lima, em frente à mercearia de Chico Dutra; um na frente da Escola Manoel Gonçalves; um último aparelho no posto de saúde Doutor Edmilson Gonçalves, sendo este o único que permanece. Sua imagem pode ser vista na Figura 37.

Figura 37 – Orelhão do Posto de Saúde



Fonte: Elaborada pelo autor.

Sobre a época de transição do posto telefônico para os telefones fixos e orelhões, as participantes da pesquisa discorrem abaixo:

Depois apareceu esse telefone de orelhão. Os orelhões apareceram [...] Aí ficou bom, melhorou mais (Rute Maria).

Sim, orelhão. Usava lá em cima no posto, né? Tinha só ele lá. Aí depois botaram os orelhões aqui, né? Aí era bom, que tinha um mesmo aqui na quina da calçada e eu falava com minha menina, todo dia, todo dia (Alda Fonseca).

Ninguém tinha nem telefone nesse tempo, né? [...] Ia pro orelhão... ligar ali, nos postos. [...] Antes não tinha nada, né? [...] Ficava difícil pra falar, né, com a família da gente (Carmem Souza).

Nós íamos pra lá quando a gente queria ligar pra São Paulo, saber alguma notícia, né? Tudo, tudo era lá [no posto telefônico]. É, porque só tinha lá, nera? Aí depois foi que veio esses outros orelhões pra cá, veio outro lá pra frente da tua casa, pra acolá... É, já saiu tudo. Não, agora só é celular, bicho (Benedita Santos).

Os primeiros que a gente usou foi a carta, né? Através dos correios, né? E depois veio telefone fixo... É, aí depois foi botado orelhão, né? Foi... E hoje tá aí, nós aí, todo mundo com celular, com telefone. Tá, a todo momento a gente consegue se comunicar, né? (Sônia Moreira).

Porque os orelhões também... depois do posto lá em cima começaram os orelhões, né? Aí ficou aquela... embaixo tinha esses orelhões aí no colégio, né? Tinha ali no... no posto médico, tinha lá em De Assis... ali perto de De Assis, né. Então tinha lá do outro lado da rua aí, ficou tudo, ficou tudo diferente né, mudou mesmo (Elizabete Viana).

Rute e Alda apontam as melhorias advindas da instalação dos orelhões, uma vez que o processo de comunicação se tornou mais acessível. A distância até o posto telefônico e a subida cansativa da ladeira foram substituídas por aparelhos de telefone instalados a poucos metros de distância das casas, facilitando a vida de quem precisava se comunicar com pessoas que estavam longe, principalmente seus familiares.

Benedita e Sônia finalizam suas lembranças contrastando os tempos de outrora com a atualidade, em que os telefones celulares democratizaram como nunca o acesso à comunicação, trazendo facilidades que, naquela época, eram impensáveis. Mudanças que também estão presentes na fala de Elizabete. Os termos utilizados pelas três para descrever essas diferenças entre o ontem e o hoje são marcados por sentimentos de admiração e, até mesmo, uma certa perplexidade, como se o cenário atual estivesse operando algum milagre.

Do tempo dos telefones fixos e orelhões restaram apenas as lembranças e poucos aparelhos ainda instalados em algumas casas. Assim como os orelhões foram retirados, restando apenas um, a maioria das moradias que possuíam linhas fixas encerrou sua utilização. As que mantêm resistem por diferentes motivos: no caso de Carmem, uma recusa parcial ao uso dos aparelhos celulares; já na casa de Elizabete Viana, a linha fixa é utilizada para atender a alguns

pedidos de vendas que ela realiza, pois garante comunicação mais estável do que a realizada por meio dos telefones celulares.

No Arrojado, a cobertura para a rede de dados móveis é quase inexistente, funcionando apenas em pontos específicos do Distrito. Já os serviços de internet sem fio, instalados nas residências, são ofertados com qualidade razoável. Tais limitações não impedem que parte dos moradores participe ativamente do mundo digital; pelo contrário, a presença dos celulares em suas mãos já virou parte de sua realidade, como mostrarei na seção que segue.

5.3.5.3 O mundo na palma da mão: os telefones celulares no Arrojado

É final de tarde e eu estou na casa de Joana Aquino. Em meio à nossa conversa, a notificação do telefone celular dispara. Ela olha de lado para o aparelho, que está em uma cadeira ao seu lado, imaginando que se trate de uma mensagem em um grupo de *WhatsApp*. Após hesitar por alguns segundos, ela toma o telefone em suas mãos para confirmar: é uma mensagem que chega de um dos membros do grupo de oração Chama de Amor, do qual ela faz parte, e que possui um grupo virtual no aplicativo de mensagens.

No Arrojado dos dias atuais, os telefones celulares são parte constituinte do cenário cotidiano. A presença dos aparelhos remodela hábitos, ressignifica costumes e modifica as relações entre as pessoas. Há, porém, moradores que oferecem resistência e se recusam a participar desse território virtual que conecta computadores e pessoas, o ciberespaço (Lévy, 2010, p. 95). É o caso de Dona Carmem, que não possui telefone celular e utiliza o aparelho de vizinhos e familiares para se comunicar com os filhos que moram longe. Abaixo o leitor pode acompanhar parte das percepções da moradora sobre os dispositivos móveis:

Agora não, agora o povo tem essa história de celular, que a maldição do mundo é os celulares. [...] Porque coisa que nem passa o povo conta sem passar, é... é uma maldição esses telefones velhos que o povo usa! [...] Deus me livre. Não quero nem celular nem de graça [...]. Eu lá quero saber lá de telefone, nam... Não tenho nada, nem celular eu não tenho, foram me dar um e eu não quis: “Fica por aí pra vocês que eu não faço empenho!”. [...] Que a pessoa tem... a pessoa tem que saber usar, né? Mas tem gente que não sabe, né? Usa pra coisa errada, que não é pra fazer (Carmem Souza).

Carmem é enfática ao definir os celulares como a “maldição do mundo”. Para ela não há meio termo, e quanto maior sua distância em relação ao aparelho, melhor. O autor Pierre Lévy, ciente dessa visão apocalíptica que muitas pessoas destinam à presença das tecnologias,

pede cautela e afirma que os produtos tecnológicos não são ruins ou bons por si só. Para atribuir qualquer adjetivo a eles, é necessário, antes, verificar as motivações e finalidades das pessoas que os utilizam (Lévy, 2010).

Carmem aponta, a seu modo, a problemática das notícias falsas ou *fake news*, termo popularizado nos últimos anos para representar as mentiras contadas e disseminadas na atualidade, sobretudo no ambiente cibernético. Seja por falta de habilidades para diferenciá-las da verdade, seja com o intuito claro de fabricá-las, muitas pessoas colaboram para a propagação dessas mentiras que, em virtude da velocidade de comunicação na internet, proliferam-se sem controle. Contudo, apesar de sua visão fatalista, Carmem faz uma ressalva, apontando que há a possibilidade de utilização do celular para algo que não seja errado, desde que essa seja a intenção da pessoa, o que vai ao encontro do pensamento de Lévy (2010). Diante de sua antipatia pelo aparelho, ela recorre aos telefones dos vizinhos ou de seu filho, sempre que deseja utilizá-lo com o propósito de realizar chamadas para familiares:

[Quando quero me comunicar] falo no de [meu filho], vou lá pra Claudinha, vou lá pra Têquinha, onde tiver celular eu vou. Eles falam nesse [telefone fixo] aí também, às vezes. Agora que ele não tá prestando, não sei o que foi nele, mas eu gosto. Às vezes [meu outro filho] liga no telefone, eu ouço aqui, aí pronto (Carmem Souza).

A comunicação com os familiares que moram em outras cidades e/ou estados também é um dos principais motivos de uso do telefone celular para outras participantes da pesquisa. Por meio de chamadas de voz ou de vídeo, elas aliviam a saudade daqueles que saíram do Arrojado há muitos anos. Algumas delas também possuem perfis em redes sociais, tais como o *Instagram* e o *Facebook*. Abaixo seguem alguns relatos da experiência das participantes no ambiente virtual:

É, eu uso mais o Instagram... E WhatsApp. Só essas coisas assim. Eu tenho Facebook, também, mas eu não uso muito, não. Eu uso sempre pra me comunicar, né? Com a família. Todo dia com os filhos. Uso pra passar mensagens. Eu gosto de passar mensagens, mas... eu faço mais de áudio, mas faço de vídeo também. Tem momentos que é de vídeo, mas faço mais de áudio (Sônia Moreira).

Celular, tenho. Eu uso mais WhatsApp, assim... pra falar com meus filhos, falar com a... quando eu quero uma pessoa... falar com a pessoa, muito fácil. [...] Não, faço [chamada] de voz. De vídeo é difícil eu fazer. Eu tava... minha irmã em São Paulo, se quiser falar com ela, falava, é só ligar no WhatsApp e falo, que eu converso com ela, pronto. É mais fácil demais! (Joana Aquino).

Eu gosto mais de postar alguma coisa, assim, por exemplo, num aniversário... Eu gosto mais de postar no story porque aí, no outro dia, já [some]... Eu não gosto muito [...] daquele Facebook, assim, notícias, né? Que diz. Eu não posto quase nada ali não. É, eu só guardo, por exemplo, [minha sobrinha] me ensinou um jeito de guardar minhas fotos porque [...] meu celular tá só dizendo assim: “Você não tem mais armazenamento”. Porque eu... eu tirei muita foto do... nesse passeio que eu fui, aí ela me ensinou a guardar no Facebook. Aí eu não sabia, mas aquelas fotos passaram tudinho no Facebook notícias (Arlete Silva).

Eu gosto de postar minhas coisas do Salão do Reino, [...] os eventos que a gente vai no Iguatu ou em Juazeiro, que sempre tem o... de seis em seis meses tem [...] o congresso. Aí a gente vai, é três dias. Aí tem, quando é em Juazeiro, é só um dia que é a... é a celebração é só uma... um dia... a gente vai. É assim (Elizabeth Viana).

Os sentimentos das participantes da pesquisa em torno do telefone celular são dúbios, o que é natural. O aparelho não carrega, por si só, um benefício ou malefício direto, mas é dependente dos usos que as pessoas fazem dele, conforme já mencionei. Por um lado, há o sentimento de admiração das participantes em torno das possibilidades advindas dos *smartphones* e da internet como um todo. Dentre elas, está a comodidade para resolver questões da vida pessoal, como os atendimentos médicos, por exemplo, conforme contam:

Mais pra marcar uma consulta. Pedir um remédio... Por exemplo, tem um mercado no site que eu compro, se eu quiser pedir uma coisa eu ligo, o rapaz manda. Falo com ele, ele manda por uma pessoa que vai daqui. É mais fácil, né? As coisas hoje são mais fáceis. É. Antigamente você tinha que ir. Por exemplo, adoecesse... adoecesse uma pessoa aqui... quando começou no Cedro, tinha um hospital que era... pequeno, né? Mas sempre tinha doutor. Ia uma pessoa doente pra lá, aí pra gente saber de notícias, era um telegrama. Era um telegrama que eles passavam pra gente saber notícia. Não é? Hoje já é mais fácil. Chegou lá, passou no médico, só é “Tchu”. No WhatsApp, num instante você sabe (Joana Aquino).

Outra característica da comunicação pela internet causa espanto e admiração e, por vezes, um tom de reclamação disfarçado por risadas: a questão da privacidade. Para as participantes, os recursos disponíveis na rede mundial de computadores e os dispositivos utilizados para acessá-la contribuem para a diminuição de sua privacidade:

Tu pega um celular hoje, acontece uma coisa aqui, tá sabendo no mundo inteiro, né? (Joana Aquino).

É, hoje em dia é difícil enganar. Não tem mais, não engana mais não. De primeiro você podia mentir, agora não pode mais não, viu? Que

descobre tudo. A internet descobre tudo, sua vida. Se você for se aposentar, você [...] mentir, não tem não, porque vai... desmente a gente, né? Como eu me aposentei, eu era... eu era da baixa renda e agora esse... acabou, ele tá lá, tiraram eu da baixa renda, minha energia agora é cara [risos], eu não tenho mais baixa renda. É fuxiqueiro demais! Você não pode mentir mais não porque [...] as coisas agora falam... é, desmentem você demais (Rute Maria).

Hoje eu digo que o mundo tá furado [risos]. Porque não tem mais nada escondido [risos]. Todo... todo mundo sabe de tudo em todo canto, num é? Então, hoje, tá muito fácil, a gente.... Pede uma linha de internet, põe em casa, aí daqui você fala, passa um recado pra São Paulo, pra Fortaleza, pra onde a pe... pra onde você quiser. Pra onde quiser, pra Lavras, pra ali pro posto, pra... pra [vizinha] aqui, ali em cima, qualquer lugar que você quiser passar o recado, você passa (Arlete Silva).

Assim como aconteceu com o restante do mundo, a presença dos telefones celulares modificou hábitos e costumes dos moradores do Arrojado. Nas conversas nas calçadas, por exemplo, os aparelhos se incorporaram, estabelecendo algumas pausas entre as interações face a face. Outras vezes, aquilo que é visto na tela dos telefones é estendido para o assunto das conversas e, conseqüentemente, as relações entre as pessoas vão sendo ressignificadas. Essas mudanças provocam algumas reclamações como, por exemplo, em relação à atenção excessiva que as pessoas dão ao ambiente da internet, preferindo as interações nele ao contato presencial. Sônia e Rute dão suas percepções sobre essa nova realidade:

Mudou bastante, assim, porque as pessoas, elas tão usando o celular como a prioridade da sua vida. Muita gente, não todo mundo. Mas tem muita gente que tá usando o celular... Eu, na minha casa, eu não, assim... eu não tô sofrendo isso aí. Porque, graças a Deus, a gente ainda continua a mesma família. Não sei até quando, né? Porque do jeito que o mundo vai mudando... as coisas... o pessoal vai mudando, mas a gente continua a mesma família. Tem horário... meus filhos chegam, nós temos os nossos horários de conversar, nós... A gente almoça junto, merenda junto, faz muita coisa junto, mas eu já... no caso de pessoa de... de minha família e tudo, eu já vejo que não tem mais isso. A pessoa só vive pro celular, né? Não tem nem diálogo. Você chega na casa da pessoa, a pessoa nem levanta a vista pra saber quem é a pessoa. Acho que conhece só pela voz. Não quer saber nem... (risos) como é que a pessoa tá. Nem levanta a vista. Tem é... Acontece muito isso. Eu acredito que o celular, pra quem não sabe usar correto, tá atrapalhando muita coisa (Sônia Moreira).

É, é... e às vezes até a televisão fica de lado também, porque o pessoal tem é celular. É porque celular, aí tem celular, assiste tudo, assiste jogo, assiste novela... Escolhe o que você quiser. É desse jeito, num...

tem gente que nem televisão não tem em casa. Num tem... nem televisão num tem casa, por quê? Porque tem celular. Mudou demais, né? Mudou bastante, ninguém agora, sem celular... quando fica faltando a internet, a gente fica doidinho [...] Ninguém não vive mais sem internet, celular... O celular agora tomou tudo, agora... De primeiro eu via gente com o tercinho na mão, rezando o terço na mão, agora não é mais terço, é o celularzinho. Toma o tempo, a gente não conversa mais, não tem mais negócio... cada qual com seu celular. Aqui em casa, pelo menos, a gente fecha as portas e pronto! Ficam com o celular, o outro com celular, o outro com celular, às vezes televisão e tudo. É desse jeito. Não tem mais aquele... diálogo. Tem na hora da comida, a gente tem, às vezes, a gente conversa aqui dentro de casa e tudo... Mas à noite, cada qual vai pro seu lugarzinho [...] (Rute Maria).

Nos relatos de Sônia e Rute está presente a marca deixada pelos telefones celulares nas relações entre as pessoas. Ambas apontam para o impacto que o objeto causa em suas famílias. No caso da família nuclear de Sônia, ela ainda percebe uma convivência equilibrada entre a tecnologia e os hábitos que se constituíram antes de sua chegada, como as conversas entre os familiares, por exemplo. Contudo, noto uma insegurança sobre a permanência desse equilíbrio, expressa na frase “Não sei até quando, né?”, ponderação que vai ao encontro de uma das reflexões de Bauman, ao tratar sobre a fragilidade das relações de parentesco na atualidade, as quais, segundo ele “Não se sentem mais seguras de si mesmas - ao contrário, estão dolorosamente conscientes de como um simples passo em falso pode ser fatal” (Bauman, 2004, p. 48). Também há a queixa sobre a atenção dada por outros parentes, que preterem a presença física da pessoa em nome da presença virtual.

Rute, por sua vez, aponta que sua família já não resistiu tanto à presença do telefone celular, apesar de ainda haver momentos de diálogo em uma ocasião ou outra. O dispositivo, em sua casa, contribui, segundo suas próprias palavras, para que os familiares se isolem nas dependências da residência. Como se estivesse presenciando a realidade na casa de Rute, Bauman reflete sobre os sentimentos envolvidos nesse novo cotidiano:

Não admira que a proximidade virtual tenha ganhado a preferência e seja praticada com maior zelo e espontaneidade do que qualquer outra forma de contigüidade. A solidão por trás da porta fechada de um quarto com um telefone celular à mão pode parecer uma condição menos arriscada e mais segura do que compartilhar o terreno doméstico comum (Bauman, 2004, p. 84).

Nesse terreno da vida íntima compartilhada, a cultura dos ecrãs, isto é, das telas que cada um de nós carrega durante várias horas do dia (Martins, 2011), vai mostrando uma de suas principais facetas: o esfriamento das relações face a face. E os “Lugares em que o sentimento de pertencimento era tradicionalmente investido (trabalho, família, vizinhança) são

indisponíveis [...], de modo que é improvável que façam calar a sede por convívio ou aplaquem o medo da solidão e do abandono” (Bauman, 2005, p. 36-37).

Sônia e Rute estão entre as entrevistadas já habituadas a manusear o telefone celular para diferentes finalidades. Há, porém, entre as participantes da pesquisa, aquelas que assumem que não sabem mexer no aparelho, mesmo que tenham um em casa, fazendo uso apenas do recurso de chamada, recorrendo a um auxílio para desempenhar tal atividade. Outras possuem maior habilidade e utilizam recursos menos simples, como as redes sociais, porém com ressalvas quanto às ferramentas disponíveis. Algumas delas desejam aprender a utilizar os telefones de maneira autônoma, enquanto outras assumem que não tiveram essa vontade:

Porque eu não sei mexer em celular, né? Aí eu tenho o celular, mas é só pra quando as filhas ligam, porque aí eu subo a bolinha azul e atendo [...] Eu tenho celular, mas eu só sei atender quando acende a bolinha azul [gargalhadas]. Que eu subo pra cima. Eu não quis aprender, tá entendendo? Não quis aprender (Alda Fonseca).

Eu não sei usar muito não, eu uso pouco, isso aí, só olho mesmo porque eu não sei usar muito, aí também a gente não pode, sem saber usar, né? Porque às vezes pode se prejudicar [...] Eu uso as coisas sem saber, faz... como dizer? Eu não... não sou bem atualizada pra mexer em telefone. Uso mais WhatsApp e o Facebook. Eu gosto de postar as coisas assim, sabe? Eu gosto muito... com meus filhos eu gosto de vídeo. (Elizabeth Viana).

É, o povo diz “Não, é muito fácil!”. É fácil mesmo, pra quem sabe é muito fácil. Uma coisa pra quem sabe, meu filho, é fácil demais, mas pra quem não sabe, é... é difícil demais! [...] Eu uso celular, mas eu não sei bulir em celular. Eu não aprendi ainda não, mas vou aprender. Se Deus quiser! (Benedita Santos).

Entre as dificuldades e o desejo de aprender, as participantes integram, ainda que de modo incipiente, o ambiente da internet, cuja infinidade de recursos disponíveis para comunicação e interação se impõem. No Arrojado, esses recursos têm sido utilizados por jovens do Distrito para divulgar as histórias e o cotidiano de seu povo. Na rede social *Instagram*, por exemplo, há páginas dedicadas a valorizar o sentimento de pertencimento ao Arrojado, as pessoas que fazem parte do lugar e as suas memórias. É o caso de perfis como @umlugararrojado, @tv_arrojado e @arrojadim_. As duas últimas contas são administradas por jovens da chamada geração Z, residentes no Distrito, o que mostra que há interesse, entre os mais novos, em difundir e perpetuar a identidade coletiva dos arrojadenses. É uma oportunidade para agregar, inclusive, os filhos do Arrojado que moram em outras cidades e estados do Brasil, para os quais partiram em busca de realizações.

5.3.6 Herança de outros tempos e de outras pessoas

Nas casas de todos nós estão presentes objetos que foram integrados aos cômodos, primeiramente, por sua utilidade e pertinência a cada espaço, critérios definidos de acordo com nosso gosto pessoal, mas, principalmente, orientados pela cultura. Assim, acomodamos uma televisão e um sofá na sala de estar, porque convencionou-se ser o lugar da casa destinado às reuniões sociais e ao entretenimento. A geladeira só faz sentido quando está presente na copa ou na cozinha, pois é nesses ambientes que ela se torna útil.

Nossas residências também contam com objetos que não são, necessariamente, úteis à primeira vista, mas que exercem funções decorativas e que traduzem nossas tentativas de harmonizar o interior de cada espaço da casa, de modo a fornecer a quem mora nela a sensação de aconchego e bem-estar. Assim, utilizamos quadros, vasos com plantas, entre outros, para tentar aproximar nossa casa do significado de lar.

Há, ainda, aqueles objetos que não são mais úteis e nem se prestam a um fim decorativo, porém, por comodismo ou pela dificuldade em nos livrarmos deles, deixamos pela casa, até o dia em que decidimos que eles não mais ocuparão espaço.

Sejam úteis, decorativos ou sem função específica, pode haver nos objetos um significado adicional que justifique, para nós, sua presença. Refiro-me à lembrança que eles despertam de pessoas queridas, parentes, amigos e vizinhos, estejam elas em nosso dia a dia ou já distantes. Assim, colecionamos itens que pertenceram a elas ou que nos foram dados de presente, nutrindo por esses objetos um afeto que simboliza o sentimento destinado às pessoas que eles representam. É uma tentativa de manter viva a memória do outro.

Nas casas dos moradores do Arrojado há uma diversidade de objetos que simbolizam a passagem do tempo e das pessoas por suas vidas e que permitem compreender um pouco mais de sua cultura e memória. Joana Aquino, por exemplo, preserva e utiliza uma máquina de costura com um mecanismo acionado pelo pé, que ela manuseia junto a outra máquina, de modelo mais atual. Ambas são instrumentos para seus trabalhos artesanais:

A coisa que eu tenho mais velha aqui é uma máquina de... uma máquina Singer, que é da minha idade. Aquelas máquinas de pé que hoje ninguém vê mais. Máquina de ferro, né? (Joana Aquino).

As máquinas de costura de Joana estão dispostas lado a lado, compondo um cenário que reconhece que o tempo avança, mas que parece tentar suspendê-lo. Os dois objetos, oriundos de diferentes épocas de sua vida, encerram não somente diferenças técnicas, mas de costumes, de estética e da forma como as maneiras de costurar, que são também maneiras de

fazer, foram evoluindo ao longo dos anos. As máquinas fazem aquilo que Halbwachs aponta sobre objetos que continuam circulando em nossos espaços: eles “[...] descortinam a cada instante horizontes sobre as novas direções da moda e do gosto, nos lembram também os costumes e distinções sociais antigas” (Halbwachs, 1990, p. 132).

Em outras casas de moradores do Arrojado, há um objeto que remete ao modo como alimentos à base de milho eram preparados no passado. Trata-se do pilão, utilizado para socar o milho e aproveitá-lo na elaboração de diferentes receitas. Utilizar o pilão demandava esforço físico das pessoas responsáveis pelo seu manuseio, geralmente, as mulheres. Na casa de Carmem Souza, o utensílio é herança de sua sogra, conforme ela aponta:

Só o que eu tenho... o que é? Um pilão velho acolá lá no fundo do quintal [gargalha]. Antigo. [...] Era pra descascar milho, era pra pilar, pra fazer tudo, né? [...] É, hoje em dia é só... mais fácil. [...] Esse pilão é herança de minha sogra. [...] Quando eu cheguei aqui ela tinha um pilão. [...] Deixou aí, tá aí [risadinhas]. Herança boa! (Carmem Souza).

Carmem não utiliza mais o pilão, que segue, entretanto, ocupando espaço no quintal de sua casa e transformou-se em uma espécie de prateleira improvisada. O preparo de alimentos à base de milho, agora, dispensa o esforço físico de outros tempos. Hoje, ela e os demais moradores compram pacotes que trazem o cereal praticamente pronto, a poucos passos para ser consumido. É a facilidade que Carmem aponta em seu relato.

Ainda sobre o preparo de alimentos que utilizam milho, outro objeto surge por entre os cômodos de algumas casas do Arrojado: o moedor de milho. À semelhança do pilão, também demanda certa resistência física para girar sua engrenagem. Rute Maria relembra as dores que sentia quando realizava a tarefa de moer:

Eu tenho muita coisa antiga. Tem um moinho de moer café, tem um ferro que minha mãe sempre usou, botando brasa. Isso aí eu não conseguia fazer. Não, esse moinho não era pra moer café não. Era milho, agora é milho. E eu moí muito nele e ficava com uma dor nas costas (Rute Maria).

Hoje, o moedor de milho pertencente a Rute funciona apenas como objeto de decoração e lembrança. Ele é exibido nas prateleiras da estante da sala de entrada de sua casa junto a outros objetos cuja utilidade se perdeu no tempo. Todos os itens passaram por um processo de conservação, em que foi aplicada a cor dourada, conforme mostram as imagens da Figura 38, logo abaixo.

Figura 38 – Objetos da casa de Rute



Fonte: Elaborada pelo autor.

Nas imagens acima o leitor pode contemplar os objetos que Rute indicou em sua fala, além de outros que também foram conservados. Os itens da parte de cima da Figura 38 são o moedor de milho e o ferro em brasa citados por ela em suas recordações. Os objetos apresentados na parte de baixo correspondem, respectivamente, a uma luminária utilizada pelos trabalhadores dos trens na época de sua circulação, para sinalizar a chegada dos veículos; e a uma ferramenta de ferro utilizada para a fabricação de sapatos.

Não é só em sua sala que Rute guarda objetos do passado: há outros presentes em cômodos mais escondidos. Apesar de não terem mais utilidade, Rute os considera um dos meios para manter viva a memória daqueles a quem pertenceram, no caso, os seus pais. Ela conta que recebe sugestões para que se desfaça dos utensílios, mas resiste a essa ideia, por entender que estaria desagradando os antigos donos. É o que ela conta a seguir:

E tenho muitas coisas, assim, que o meu pai mais minha mãe usava, que quando eles faleceram, tá guardado aqui em casa. Tem o... o tamborzinho dele... dele tirar o leite que levava... levava o leite pra casa e eu tenho esse tambor; tem um pote bem grande ali também. É tanto

que meu esposo e meus filhos dizem: como é que eu fico gastando, guardando besteira, coisa que gente já morreu. Mas não é não. É porque eu não quero desapegar, porque eu acho que se... eu... eu não sei não, desapegar das coisas do meu pai e de minha mãe não [...] Eu, eu acho que se... se eles tiverem vendo, eles vão ficar com raiva porque eu estou desfazendo das coisas dele. E meus... meu filho e minha filha, meu esposo, diz que não, não tem nada a ver com isso. Então eu tenho muita coisa guardada ali (Rute Maria).

A fala de Rute traz, para além da questão da memória, a influência da religião em suas decisões do cotidiano. Ela levanta a hipótese de o espírito de seus pais manifestarem emoções, caso ela opte por se desfazer dos objetos que guarda. Assim, sua relação de apego aos itens perpassa pelos grupos dos quais ela faz parte: o grupo familiar e o religioso. Sobre essa relação de apego que Rute e todos nós mantemos com os objetos, Halbwachs escreveu:

Por que nos apegamos aos objetos? Por que desejamos que não mudem, e continuem a nos fazer companhia? Afastamos toda consideração de comodidade ou de estética. Nosso entorno material leva ao mesmo tempo nossa marca e a dos outros. Nossa casa, nossos móveis e a maneira segundo a qual estão dispostos, o arranjo dos cômodos onde vivemos, lembram-nos nossa família e os amigos que víamos geralmente nesse quadro (Halbwachs, 1990, p. 131).

Indo até outra rua do Arrojado, encontro mais um objeto em que se entrecruzam os laços familiares e espirituais. Na casa de Arlete Silva, parte das memórias se manifesta sob a forma de um pequeno santuário de madeira, que ela guarda em seu quarto junto a outras imagens de santos. O objeto é herança de sua mãe, já falecida, cuja casa encontra-se fechada. Para que o santuário não se deteriorasse, Arlete decidiu levá-lo para sua casa, como conta a seguir:

Tenho. Eu tenho e não é há muito tempo que tá comigo. Mas é uma coisa muito antiga que foi da minha mãe, que é o santuário dela. Santuáriozinho de madeira que é... de antigamente mesmo e... e como ia ficar... pra não ficar lá em casa abandonado, eu trouxe pra conservar. Aí eu tenho esse santuário. Inclusive tem uma Nossa Senhora da Conceição que é ainda de madeira. Ela é trabalhada de madeira (Arlete Silva).

Percebo na escolha por guardar objetos em casa, ainda que sem utilidade, a manifestação dos laços afetivos com os familiares que já se foram. Não são itens acumulados sem critério, pelo contrário, eles demonstram a intenção de perpetuar a imagem daqueles a quem pertenceram, de modo que essas pessoas não sejam esquecidas.

Os objetos que apresentei nesta seção, somados aos espaços do Arrojado e às características de seus moradores, finalizam, nesta pesquisa, a cartografia sobre o lugar, pequeno em tamanho geográfico, mas grandioso em cultura e memória.

6 CONCLUSÃO

A Ciência da Informação tem se interessado, cada vez mais, em desenvolver investigações cujo principal cenário é o meio social no qual os indivíduos interagem uns com os outros. Nesses estudos, o ser humano é colocado como protagonista, sendo o construtor ativo dos significados que atribui aos diferentes aspectos da realidade. Assim, a CI tem atravessado, com recorrência, os muros que encerram agrupamentos humanos em contextos bem estruturados para se interessar sobre o espectro mais amplo das interações: o homem em sua vida cotidiana, que é marca da cultura e da memória que ele acumula.

Nesse sentido, o paradigma social da Ciência da Informação consolida-se a cada nova pesquisa, a cada novo autor que dedica seu tempo e recursos para se familiarizar com a complexidade do homem, característica que se estende para os fenômenos da cultura e da memória. Esses esforços da área resultam em pesquisas como esta, que se ocupou da cartografia de elementos culturais e de memória de um grupo de pessoas localizado em uma comunidade remota e sobre o qual há pouco conhecimento compartilhado sobre seus aspectos identitários, a não ser aqueles que circulam no interior do próprio grupo.

A CI traça, desse modo, uma trajetória que emula o caminho percorrido pelas próprias Ciências Sociais como um todo, especialmente no que diz respeito ao campo de estudos da cultura. Estes, inicialmente, ocupavam-se de questões mais fechadas, buscando explicações das ciências naturais para fenômenos sociais, desconsiderando o contexto ao redor do homem. Posteriormente, seu foco foi ampliado, especialmente à luz de subcampos como a Antropologia e a Etnografia, que reposicionaram os fenômenos culturais a partir do entendimento de uma de suas principais características: a diversidade. Na atualidade, os estudos culturais, conhecidos como as novas humanidades, refletem os interesses dos pesquisadores da cultura em dar voz e vez a grupos relegados à margem da sociedade.

Quando se escolhe contar uma história sobre determinado grupo de pessoas, essa escolha é baseada em operações de seleção e recorte. Durante a história da humanidade, esse recorte foi, frequentemente, realizado visando dar enfoque a determinadas visões de mundo, predominantemente pertencentes a grupos que detinham alguma espécie de poder, incluindo o poder sobre as narrativas. Assim, a história do mundo mais disseminada entre nós é aquela contada pelos europeus; os estados mais utilizados para representar o Brasil mundo afora são aqueles localizados na região Sudeste do país. Cada escolha sobre o que deve ser visto e lembrado implica, necessariamente, escolher o que deve ser esquecido.

Foi motivado por essas questões e enxergando minha comunidade de origem, o

Arrojado, como um dos exemplos de lugares cujas memórias e cultura nunca receberam o devido olhar, que esta pesquisa nasceu, para além da minha ligação pessoal com o lugar. Vi nos estudos sobre cultura e memória uma oportunidade para apresentar os arrojadenses ao mundo, a partir das vivências do presente e do passado narradas por mulheres cujas origens também se encontram no Distrito. Foram suas narrativas, presentes nas entrevistas realizadas, que nortearam o desenrolar deste estudo, somando-se às observações realizadas.

Nesse sentido, retomo o objetivo geral deste estudo, que consistiu em revelar os elementos que fazem parte da cultura e da memória das pessoas do Arrojado, Lavras da Mangabeira (CE) e que ajudam a conhecer sua identidade. O objetivo geral foi atingido por meio do registro desses elementos, apresentados ao leitor ao longo do trabalho, a saber: os espaços ocupados pelos habitantes do Distrito, os costumes e as características compartilhados coletivamente e os objetos presentes em seu cotidiano. Para chegar a esse registro, agora compartilhado com o mundo, três objetivos específicos foram traçados.

O primeiro objetivo específico consistiu em conhecer o cotidiano atual dos moradores do Arrojado. Ele foi atingido por meio das observações simples e participantes realizadas em 2023 e 2024. É um cotidiano marcado, em sua maior parte, pelo sossego, pela atualização de costumes e tradições mediante a utilização de dispositivos tecnológicos, e pelo reflexo de movimentos macroculturais da atualidade que se aplicam ao contexto local, como, por exemplo, o crescimento das igrejas de denominação evangélica.

O segundo objetivo específico traçado consistiu em caracterizar os aspectos identitários comuns aos habitantes do Distrito. Para cumpri-lo, além de refletir sobre os hábitos e costumes locais, foram acrescentadas as percepções das mulheres entrevistadas sobre o povo do qual fazem parte. Um primeiro aspecto fundamental de ser arrojadense é a união entre os habitantes. Ela se manifesta no contato diário que estabelecem um com o outro, na solidariedade que emprestam sempre que alguém precisa e nas orações destinadas àqueles que passam por momentos difíceis. Em meio a possíveis conflitos, manifesta-se outro aspecto da identidade local, que é a consideração, sentimento destinado a alguém em virtude dos laços que essa pessoa possui com outras, atribuídos por vínculos familiares ou de amizade.

Outra marca da identidade das pessoas do Arrojado são as diversas táticas que elas utilizam para responder ao cenário de restrições impostas a uma localidade com poucos recursos. É assim que as pessoas transformam calçadas em espaços de lazer e entretenimento, por exemplo. Elas também dão a espaços coletivos destinados a um determinado fim significados que se estendem para outras áreas da vida. É o caso da Igreja Católica e da Escola Manoel Gonçalves, espaços cujas existências não se destinam apenas a práticas religiosas e

educacionais, respectivamente, mas também se convertem em ambientes de lazer.

O terceiro objetivo específico consistiu em registrar parte da memória coletiva das pessoas da localidade, a partir da identificação de suas memórias individuais. Para atingi-lo, foram coletadas e registradas as memórias narradas pelas mulheres participantes. Suas falas, lembranças e histórias possibilitaram construir uma representação do Arrojado como era no passado, resgatando momentos que, até então, só eram acessados por meio da capacidade de lembrar de cada uma dessas mulheres. Agora, essas vivências do passado encontram-se devidamente registradas, ainda que parcialmente, fornecendo uma visão sobre a memória coletiva das pessoas do Distrito.

A pesquisa apontou para a necessidade de desenvolver iniciativas de preservação da cultura e da memória coletiva do Arrojado, tão destacadas pelas mulheres entrevistadas. Desse modo, novas demolições e esquecimentos da vida cotidiana local podem ser evitados.

Neste texto, pretendi reunir dois grupos de leitores: os primeiros, as próprias pessoas do Arrojado. A elas destinei o registro de parte de suas vivências, de modo que se sintam reconhecidas em cada uma dessas páginas. O segundo grupo é, naturalmente, as pessoas que não conhecem o Arrojado ou que já ouviram o nome do lugar mencionado por um ou outro morador do Distrito, despertando curiosidade. A estas pessoas, espero que os capítulos desta dissertação tenham despertado nelas o desejo de conhecerem mais o nosso lugar.

Destaco que esta não é uma pesquisa histórica destinada a descrever os eventos da história do Arrojado em ordem cronológica, mas um estudo sobre cultura e memória, voltado às relações das pessoas entre si e às percepções que elas têm em relação ao lugar que habitam.

Este estudo também não é exaustivo, o que demandaria maiores tempo e trabalho investigativo para cobrir o maior número possível de elementos que representem a cultura e a memória do Arrojado. Muitos espaços, características das pessoas e objetos pessoais dos moradores ficaram de fora das análises, seja por não terem aparecido durante a coleta dos dados, seja por não se encaixarem, no momento, na narrativa construída a partir dos relatos e vivências dos moradores. Esta não é uma pesquisa definitiva, pelo contrário, pretende ser a primeira de uma série de estudos interessados em registrar novos aspectos da vida do povo de Arrojado.

Nesse sentido, considero que há material para muitas outras pesquisas sobre os espaços, costumes e objetos próprios do Arrojado. Desejo que mais pessoas se interessem em investigar esses e outros elementos que compõem a trajetória daqueles que habitam o Distrito. Desse modo, estarão contribuindo para que as memórias, a cultura e a identidade do Arrojado resistam de maneira mais firme aos efeitos da passagem do tempo, à exclusão a que pequenas localidades como ele são destinadas e ao esquecimento.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. Tradição oral e história oral: proximidades e fronteiras. **Revista História Oral**, [s. l.], v. 8, n. 1, p.11-28, jan./jun. 2005. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/113>. Acesso em: 24 jan. 2022.
- ANUÁRIO do Ceará 2024-2025. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2024. 680 p.
- ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. O que são práticas informacionais? **Informação em Pauta**, Fortaleza, v. 2, n. especial, p. 217-236, nov. 2017. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/informacaoempauta/article/view/20655>. Acesso em: 10 ago. 2023.
- ARAÚJO, Maria Paula Nascimento; SANTOS, Myriam Sepúlveda dos. História, memória, esquecimento: implicações políticas. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, v. 79, p. 95-111, dez. 2007. Acesso em: 15 jan. 2019. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rccs/728>. Acesso em: 9 maio 2023.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011. 288 p.
- BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2004. 190 p.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. 110 p.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007. 210 p.
- BEZERRA, Herbenio de Souza. **Diário de campo**. [S. n.]: Lavras da Mangabeira, 2024. 18 p.
- BEZERRA, Herbenio de Souza. **[E o que era rotina [...]]**. Lavras da Mangabeira, 30 jan. 2014. Facebook: @umlugararrojado. Disponível em: <https://www.facebook.com/umlugararrojado/photos/pb.100067746604795.-2207520000/664018550306468/?type=3>. Acesso em: 15 jul. 2024.
- BEZERRA, Maria de Fátima Souza. **[O pé de algaroba de dona Adalgiza]**. Macapá, 5 jan. 2018. Facebook: umlugararrojado. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=1384621588316405&set=p.1384621588316405>. Acesso em: 10 abr. 2024.
- BIOGRAFIA de Manoel Gonçalves da Silva. [Lavras da Mangabeira]: [s. n.], [19--]. 2 p.
- BOAS, Franz. **Método de pesquisa em antropologia**. São Paulo: Contexto, 2023. *E-book* (144 p.).
- BORKO, H. **Information Science**: what is it? *American Documentation*, [s. l.], Jan. 1968.
- BORTOLIN, Sueli. **Mediação oral da literatura**: a voz dos bibliotecários lendo ou narrando. Orientador: Oswaldo Francisco de Almeida Júnior. 2010. 232 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista Júlio de

Mesquita Filho, Marília, 2010. Disponível em:
<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/103349>. Acesso em: 15 set. 2021.

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo, Editora UNESP, 2004.

BRASIL. **Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003**. Dispõe sobre o Estatuto da Pessoa Idosa e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2003. Disponível em:
https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.741.htm. Acesso em: 20 jul. 2024.

BUCKLAND, Michael Keeble. Information as thing. **Journal of the American Society for Information Science**, [s. l.], v. 45, n. 5, p. 351-360, 1991. Disponível em:
[https://skat.ihmc.us/rid=1KR7VC4CQ-SLX5RG-5T39/BUCKLAND\(1991\)-informationasthing.pdf](https://skat.ihmc.us/rid=1KR7VC4CQ-SLX5RG-5T39/BUCKLAND(1991)-informationasthing.pdf). Acesso em: 1 ago. 2023.

CAPELO FILHO, José; SARMIENTO, Lidia. **Arquitetura ferroviária no Ceará**: registro gráfico e iconográfico. [Fortaleza]: UFC, 2010. 272 p.

CAPOMACCIO, Sandra. Um em cada três adultos no Brasil se identifica como evangélico. **Jornal da USP**, São Paulo, set. 2023. Disponível em: <https://jornal.usp.br/radio-usp/um-em-cada-tres-adultos-no-brasil-se-identifica-como-evangelico/>. Acesso em: 25 maio 2024.

CAPURRO, Rafael. Epistemologia e Ciência da Informação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte: UFMG, 2003. Tema: Informação, conhecimento e transdisciplinaridade. Disponível em: http://www.capurro.de/enancib_p.htm. Acesso em: 20 maio 2022.

CARVALHO, Ana Cristina Guimarães. **Entre lembranças e esquecimentos**: a historicidade de Teresina-PI pelas memórias de idosos. Orientador: Marcelo Eduardo Leite. 2019. 228 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Biblioteconomia) - Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Cariri, Juazeiro do Norte, 2019. Disponível em:
<https://ppgb.ufca.edu.br/entre-lembrancas-e-esquecimentos-a-historicidade-de-teresina-pi-pelas-memorias-de-idosos/>. Acesso em: 29 abr. 2023.

CENTRAL do Brasil. Direção: Walter Salles Júnior. Produção: Martire de Clermont-Tonnerre e Arthur Cohn. Intérprete: Fernanda Montenegro, Marília Pera, Vinicius de Oliveira, Sônia Lira, Othon Bastos, Matheus Nachtergaele. Roteiro: Marcos Bernstein, João Emanuel Carneiro e Walter Salles Júnior. [S. l.]: Le Studio Canal; Riofilme; MACT Productions, 1998. 1 DVD (106 min), son., color.

CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. 5. ed. Campinas: Papyrus, 2008. 243 p.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1: artes de fazer. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998. 352 p.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano**: 2: morar, cozinhar. Petrópolis: Vozes, 1997. 376 p.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador: conversações com Jean

Lebrun. São Paulo: Editora UNESP, 1999. 159 p.

CHARTIER, Roger. Do códice ao monitor: a trajetória do escrito. **Estudos avançados**, São Paulo, v. 8, n. 21, p. 185-199, 1994. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40141994000200012>. Acesso em: 2 set. 2023.

CRUZ, Carla; RIBEIRO, Uirá. **Metodologia científica: teoria e prática**. 2. ed. Rio de Janeiro: Axcel Books, 2004. 324 p.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 1999. 256 p.

DAVID, Priscila Barros; GREEN, Judith L.; SANTOS, Vanessa Ellen Cacau. Contextos de aprendizagem para interações contingentes em fóruns de discussão online: uma investigação à luz da etnografia interacional. *In*: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE INFORMÁTICA NA EDUCAÇÃO (SBIE), 31., 2020, On-line. **Anais [...]**. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2020 . p. 332-341. Disponível em: <https://doi.org/10.5753/cbie.sbie.2020.332>. Acesso em: 10 abr. 2024.

DAVID, Priscila Barros; ROCHA, Carin Cunha; NÓBREGA, Paula Pinheiro da. A etnografia como uma lógica de investigação na Ciência da Informação. *In*: FARIAS, Maria Giovanna Guedes; BENTES PINTO, Virgínia (org.). **Ciência da Informação em contextos**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/54841>. Acesso em: 15 maio 2024.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. 165 p.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000. 228 p.

EWALD, Ariane Patrícia; SOARES, Jorge Coelho. Identidade e subjetividade numa era de incerteza. **Estudos de psicologia**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 23-30, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2007000100003>. Acesso em: 27 jul. 2023.

FEITOSA, Luiz Tadeu. Mídia: espelho da cultura. **Passagens: revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação – UFC**, Fortaleza, v. 2, n. 1, p. 1-16, jun. 2011. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/passagens/article/view/1150>. Acesso em: 03 abr. 2023.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de conteúdo**. 5. ed. Campinas: Autores Associados, 2021. *E-book*.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 3.ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996. 79 p.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989. 323 p.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010. 192 p.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2014. 200 p.

GONÇALVES, Rejane Monteiro Augusto. **História eclesiástica de Lavras da Mangabeira**. Fortaleza: [s. n.], 2013. 271 p.

GONÇALVES PRIMO, João (Joca do Arrojado). **Histórias de um poeta**: poemas populares. Organização e prefácio: Dimas Macedo. Lavras da Mangabeira: Academia Lavrense de Letras, 2015. 52 p.

GOOGLE. **Maps**: place: Arrojado, Lavras da Mangabeira, Ceará. [S. l.]: CNES, c2024. Disponível em: https://www.google.com/maps/place/Arrojado,+Lavras+da+Mangabeira+-+Cear%C3%A1,+63300-000/@-6.6736504,-39.0155974,947a,35y,39.07t/data=!3m1!1e3!4m6!3m5!1s0x7a3a1b750f73731:0x85bb442f96f24846!8m2!3d-6.6649612!4d-39.0147124!16s%2Fg%2F1ymygyvzp?entry=tту&g_ep=EgoyMDI0MDkwMi4xIKXMDSOA SAFQAw%3D%3D. Acesso em: 10 jul. 2024.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2. ed. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1990. 189 p.

HALL, Stewart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&a, 2006. 102 p.

IBGE. **Ceará Parahyba Hotel**: Lavras da Mangabeira, CE. [19--]. 1 fotografia. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=436494>. Acesso em: 15 jul. 2024.

IBGE. História & fotos. *In*: IBGE. **Lavras da Mangabeira**. [S. l.]: IBGE, 2023. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/lavras-da-mangabeira/historico>. Acesso em: 10 jul. 2024.

JEANNERET, Yves. Analisar as redes sociais como dispositivos infocomunicacionais. *In*: TOMAEL, Maria Inês; MARTELETO, Regina Maria. **Informação e redes sociais**: interface de teorias, métodos e objetos. Londrina: Eduel, 2015. p. 11-31. *E-book* (303 p.).

KÖCHE, José Carlos. **Fundamentos de metodologia científica**: teoria da ciência e iniciação à pesquisa. 34. ed. São Paulo: Vozes, 2014. *E-book* (184 p.).

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um Conceito Antropológico. 24. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009. 120 p.

LAVRAS DA MANGABEIRA. Governo municipal. Dados do município. *In*: LAVRAS da Mangabeira. Governo municipal. **Governo municipal Lavras da Mangabeira**. Lavras da Mangabeira: Prefeitura Municipal, 2024. Disponível em: <https://www.lavrasdamangabeira.ce.gov.br/omunicipio.php>. Acesso em 10 jul. 2024.

LAZZARIN, Fabiana Aparecida; AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier de; SOUSA, Marckson Roberto Ferreira. Informação, memória e ciberespaço: considerações preliminares no campo da Ciência da Informação no Brasil. **Transinformação**, Campinas, v. 27, n. 1, p. 21-30, jan./abr. 2015. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/tinf/a/7FpDb9gqzMS36q6P5q8rgtF/?lang=pt>. Acesso em: 25 abr. 2023.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990. 552 p.

LEITÃO, Juarez; MONTEIRO, Túlio. **Sonhos e vitórias**: a história de João Gonçalves Primo. Fortaleza: Premium, 2007. 372 p.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2010. 272 p.

LIMA, Luiza Correia. **Na terra do boqueirão**. Lavras da Mangabeira: [s. n.], 1998. 107 p.

LYONS, Martyn. **Livro**: uma história viva. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2011. 224 p.

MARCAS do que se foi. Intérprete: Os incríveis. Composição: Paulo Sérgio Valle, Ruy Maurity, Tavito. *In*: O essencial de Os incríveis. [S. l.]: Sony Music, 1976. 1 vídeo (ca. 3 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EnvXRkjIvgw>. Acesso em: 27 abr. 2024.

MARKONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010. 297 p.

MARTINS, Moisés de Lemos. **Crise no castelo da cultura**: das estrelas para os ecrãs. Coimbra: Grácio Editor, 2011. 230 p.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2023. *E-book*. (96 p.).

NARRADORES de Javé. Direção de Eliane Café. Rio de Janeiro: RioFilme, 2004. 1 DVD (100 min), son., color.

NEUMAN, Camila. Marcas de grife têm vergonha de seus clientes mais pobres, diz Data Popular. **UOL**, São Paulo, 3 fev. 2014. Economia. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2014/02/03/marcas-de-grife-tem-vergonha-de-clientes-mais-pobres-diz-data-popular.htm>. Acesso em: 29 jun. 2023.

NO VOO da asa branca/Mulher de gado. Intérprete: Mastruz com Leite. Composição: Rita de Cássia. *In*: Mastruz com Leite (ao vivo, v. 1). [Fortaleza]: SomZoom, 1997. 1 vídeo (ca. 3 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YnT8O4aolWA>. Acesso em: 27 jul. 2024.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, dez. 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101>. Acesso em: 1 set. 2023.

NUNES, Jefferson Veras. **Vivência em rede**: uma etnografia das práticas sociais de informação dos usuários de redes sociais na internet. Orientador: Oswaldo Francisco de Almeida Júnior. 2014. 307 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília, Universidade Estadual Paulista, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/110781>. Acesso em: 30 mar. 2023.

NUNES, Jefferson Veras; CARNEIRO, Bárbara Luisa Ferreira; SILVA, Antonio Wagner

Chacon. Etnografia como possibilidade metodológica para a Ciência da Informação. **Biblios**: revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação, [s. l.], n. 77, 2019. Disponível em: <https://biblios.pitt.edu/ojs/index.php/biblios/article/view/498>. Acesso em: 12 maio 2024.

POZZATTI, Valéria Rodrigues de Oliveira; OLIVEIRA, Adriana Aparecida; POLONINI, Janaína Fernandes Guimarães; RUBIM, Rossanna dos Santos Santana. Mundaneum: o trabalho visionário de Paul Otlet e Henri La Fontaine. **Revista ACB**, [s. l.], v. 19, n. 2, p. 202-209, 2014. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/963>. Acesso em: 20 set. 2023.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. *E-book*. (276 p.). Disponível em: <https://www.feevale.br/institucional/editora-feevale/metodologia-do-trabalho-cientifico---2-edicao>. Acesso em: 5 out. 2023.

RODRIGUES, Urel Márcio. **Curso avançado de análise de conteúdo em pesquisas qualitativas**. [S. l.: s. n.], 2021. 25 vídeos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XtF75xtvByY&list=PLYgkP6u8frSDQ2yjhLGGgquqiJXVrDeOx>. Acesso em 30 abr. 2024.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. São Paulo: Cortez, 2018.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é Cultura**. 16. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996. 90 p.

SHANNON, Elwood Claude; WEAVER, Warren. **A teoria matemática da comunicação**. 11. ed. São Paulo: Difel, 1975. 136 p.

SILVA, Ana Pricila Celedonio da; CAVALCANTE, Lidia Eugenia; NUNES, Jefferson Veras. Informação e memória: aproximações teóricas e conceituais. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, Florianópolis, v. 23, n. 52, p. 95-106, maio/ago. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1518-2924.2018v23n52p95>. Acesso em: 10 ago. 2023.

SILVA, Armando Malheiros da. Mediações e mediadores em Ciência da Informação. **Prisma.com**, Porto, n. 9, p. 68-104, 2009. Disponível em: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/prisma.com/article/view/2057>. Acesso em: 25 jul. 2023.

SIMAN, Lana Mara. **A construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Adaptação da obra [de] Christian Laville e Jean Dionne. Belo Horizonte: Editora UFGM, 1999. 344 p.

SCHULZ, Peter. Quem inventou o telégrafo? Esquerda-direita-direita, direita, esquerda-direita... **Jornal da Unicamp**, Campinas, 28 jun. 2019. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/index.php/ju/artigos/peter-schulz/quem-inventou-o-telegrafo-esquerda-direita-direita-direita-esquerda-direita>. Acesso em: 20 jun. 2024.

THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. 493 p.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. 427 p.

UM LUGAR ARROJADO. [**Posts da página**]. [S. l.], 15 jul. 2024. Instagram: Um lugar arrojado @umlugararrojado. Disponível em: <https://www.instagram.com/umlugararrojado/>. Acesso em: 3 ago. 2024.

WEIMER, Karen Sibila Strobel Moreira; OLIVEIRA, Denize Cristina de; ANUNCIACÃO, Luis Flávio Chaves. A comissão nacional da verdade e a construção de memórias sociais. **Revista Psicologia Política**, São Paulo, v. 19, n. 46, p. 435-448, dez. 2019. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2019000300005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 23 set. 2023.

APÊNDICE A - ROTEIRO DA ENTREVISTA

1 Cotidiano e espaços

- 1.1 A senhora morou a vida inteira no Arrojado?
- 1.2 Como é seu dia a dia no Arrojado, hoje?
- 1.3 Sobre essa rua, como era no passado e como é hoje?
- 1.4 Se a senhora pudesse escolher um símbolo para essa rua, qual seria?
- 1.5 Há algum objeto/item em sua casa que era muito comum no passado e hoje em dia é pouco comum?

2 História do Arrojado/Linha do trem

A história do Arrojado é muito ligada à história da estrada de ferro (linha do trem).

- 2.1 A senhora chegou a vivenciar a época em que o trem de passageiros circulava no Arrojado? Como era essa época?
- 2.2 Como a senhora se sentiu quando os trens foram parando de circular?
- 2.3 O que a senhora sabe sobre a história do Arrojado foi aprendido como?
- 2.4 Qual coisa existia no Arrojado e não existe mais e que a senhora sente falta?

3 Festividades

- 3.1 Qual festividade que existe ou já existiu no Arrojado mais lhe marcou?
- 3.2 Como era essa festividade no passado?
- 3.3 E hoje, como é essa festividade?

4 Religião

- 4.1 A senhora é adepta de alguma religião?
- 4.2 Qual a importância da religião para o seu dia a dia?
- 4.3 Quais mudanças a senhora enxerga no dia a dia religioso ao longo da sua vida no Arrojado?

5 Economia

- 5.1 Qual a sua ocupação hoje?
- 5.2 Já exerceu alguma atividade remunerada? Qual?
- 5.3 Quais as lembranças que a senhora tem dessa época?
- 5.4 Qual atividade econômica existia no Arrojado e, hoje, não existe mais? Como era?

5.5 Como a senhora vê as atividades econômicas do Arrojado nos dias de hoje (agricultura, comércio, serviço público etc.)?

6 Educação

6.1 A senhora estudou no Arrojado?

6.2 Como era a educação no Arrojado no passado?

6.3 Como a senhora vê a educação no Arrojado hoje?

7 Política e cidadania

7.1 Como a senhora vê a participação das pessoas do Arrojado na luta por seus direitos e no cumprimento dos seus deveres?

7.2 A senhora participa/já participou de alguma associação, cooperativa, etc.? Como era?

8 Comunicação

8.1 Quais eram os meios de comunicação no Arrojado no passado e como eram usados?

8.2 E hoje, quais são os meios de comunicação e como a senhora usa?

9 Identidade e futuro

9.1 A senhora acha que a cultura e a identidade do Arrojado estão devidamente preservadas para as futuras gerações? Por quê?

9.2 O que mais encanta a senhora no Arrojado?

9.3 Se a senhora pudesse escolher um símbolo para o Arrojado, qual seria? Por quê?

9.4 Ser arrojadense, para a senhora, significa o quê?

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO

Você está sendo convidada para participar da pesquisa intitulada **Cultura e memória do povo de Arrojado - Lavras da Mangabeira, Ceará**. Meu nome é Herbenio de Souza Bezerra, pesquisador responsável, e minhas áreas de atuação são a Biblioteconomia e a Ciência da Informação.

Você não deve participar contra sua vontade. Caso aceite, solicitamos que assine as duas vias deste documento. Uma ficará com você e a outra será guardada pelo pesquisador. Leia atentamente as informações abaixo e faça qualquer pergunta que desejar, para que todos os procedimentos desta pesquisa sejam esclarecidos.

O objetivo desta pesquisa é **revelar os elementos que fazem parte da cultura e da memória das pessoas do Arrojado e que ajudam a conhecer sua identidade**. Buscamos conhecer o cotidiano atual dos moradores do Arrojado; investigar os aspectos identitários comuns aos habitantes do Distrito e registrar parte da memória coletiva das pessoas da localidade, a partir da identificação de suas memórias individuais. A coleta de dados será feita com mulheres idosas (acima de 60 anos, de acordo com o Estatuto da Pessoa Idosa) por meio de gravações em áudio.

Como toda pesquisa que é feita com seres humanos, esta apresenta alguns riscos como, por exemplo, a lembrança de momentos tristes e desagradáveis e a recusa em responder alguma das perguntas feitas. Os riscos são de ordem psicológica e emocional. Por outro lado, destacamos que sua participação contribui para que a cultura, a história e as memórias do Arrojado sejam registradas, ajudando a preservar a identidade dos arrojadenses e fazendo com que o mundo inteiro possa conhecer a comunidade quando o estudo for finalizado e publicado.

Salientamos que os dados coletados nesta pesquisa serão utilizados, exclusivamente, para fins acadêmicos. Seu nome verdadeiro não será mencionado, em momento algum, por questões de ética. No lugar dele, utilizaremos um nome fictício. Somente os envolvidos na pesquisa terão acesso a sua identidade. Você poderá desistir de sua participação a qualquer momento da pesquisa e não sofrerá nenhuma penalidade. Também poderá se recusar a responder qualquer pergunta que cause algum sofrimento ou constrangimento. Sua participação não é remunerada nem lhe trará qualquer despesa.

A pessoa abaixo assinada, _____, _____ anos, RG: _____, declara que é de livre e espontânea vontade que está como participante da pesquisa.

Eu declaro que li cuidadosamente este Termo de Consentimento e que, após sua leitura, tive a oportunidade de fazer perguntas sobre o seu conteúdo, como também sobre a pesquisa, e recebi explicações que responderam por completo minhas dúvidas. E declaro, ainda, estar recebendo uma via assinada deste termo.

Arrojado, Lavras da Mangabeira, ____/____/____.

Nome da participante da pesquisa: _____

Data: _____

Assinatura: _____

Nome do pesquisador :

Data: _____

Assinatura _____

Nome da testemunha (se o voluntário não souber ler):

Data: _____

Assinatura: _____

APÊNDICE C – ARROJADO EM IMAGENS

Rua Nelson Lemos



Pracinha improvisada na Rua Antônio Gonçalves



Antiga palhoça, de Antônio Gonçalves



Parte da Rua Antônio Gonçalves



Estação ferroviária cercada por matagal



Rua José Gonçalves



Casas próximas à Praça João Gonçalves Primo



Trilhos que dividem o Arrojado ao meio



Antigas casas de turma, onde residiam os trabalhadores da estação. Ao lado direito, o cartório.



Cartório do Arrojado



Praça João Gonçalves Primo



Parte da Rua Doutor Magela Lima, vista de cima



Parte da Rua José Caetano



Campo de futebol



Rua Boaventura Gonçalves

